A NEGAÇÃO DA PANDEMIA E OS ANTICORPOS DA CIÊNCIA

DISPUTA POLÍTICA DE DISCURSOS SOBRE A PANDEMIA DA COVID-19

JORGE O. ROMANO (ORG.)

Edur UFRRJ

LE MONDE diplomatique BRASIL

ABEU Associação Brasileira das Editoras Universitárias

A NEGAÇÃO DA PANDEMIA E OS ANTICORPOS DA CIÊNCIA

Disputa política de discursos sobre a pandemia da Covid-19

Jorge O. Romano (Org.)
Ana Carolina Aguiar S. Castilho • Annagesse de Carvalho Feitosa • Caroline Boletta de O. Aguiar • Daniel S. S. Borges • Daniel Macedo L. V. Monteiro • Eduardo Britto Santos • Érika Toth • Juana dos Santos Pereira • Juanita Cuellar Benavídez • Larissa Ferreira • Liza Uema • Myriam Martinez dos Santos • Pâmella Silvestre • Paulo A. A. Balthazar • Paulo Petersen • Renan Alfenas de Mattos • Ricardo Dias da Silva • Thaís P. Bittencourt • Vanessa Barreto

Seropédica
2021

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO

Reitor
Roberto de Souza Rodrigues

Vice-Reitor
César Augusto Da Ros

Pró-Reitora de Pesquisa e Pós-Graduação
Lucia Helena Cunha dos Anjos

Pró-Reitor Adjunto de Pesquisa e Pós-Graduação
João Márcio Mendes Pereira

EDITORA DA UNIVERSIDADE FEDERAL
RURAL DO RIO DE JANEIRO

Conselho Editorial
Yllan de Mattos Oliveira (Coordenador),
Affonso Henrique Vieira da Costa,
Claudia Job Schmitt,
Hailton Pinheiro de Souza Junior,
Maria das Graças Santana Salgado,
Marisa Fernandes Mendes,
Patrícia Reinheimer,
Sérgio Manuel Serra da Cruz.

Coordenação Administrativa
Daniel Corban Rodrigues

Todos os direitos desta edição reservados à Editora da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. É proibida a duplicação ou reprodução deste volume, ou de parte do mesmo, sob quaisquer meios, sem autorização expressa da Editora.

Ficha catalográfica
Elaborada pelo Centro de Documentação Ivan Otero Ribeiro/CPDA/UFRRJ

N384 A negação da pandemia e os anticorpos da ciência: disputa política de discursos sobre a pandemia da COVID-19 / Jorge O. Romano (Org.), Ana Carolina Aguiar S. Castilho... [et al.]. – Seropédica, RJ: EDUR; São Paulo: Le Monde Diplomatique Brasil, 2021.
218 p.

ISBN 978-65-86859-24-9
Formato digital PDF

1. Análise do discurso. 2. Sociologia. 3. Epidemias – Aspectos sociais. 4. COVID-19 (Doença) – Aspectos políticos. 5. Populismo. I. Romano, Jorge O. (Org.). II. Castilho, Ana Carolina Aguiar S....[et al.]. III. Título.

CDD – 614.4
CDU – 616.9(81)

Bibliotecária: Silvia Alves de Andrade CRB-7ª/RJ 5070

EDUR
Editora da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
BR 465, Km 7, Seropédica – RJ - CEP 23.897-000
Telefone: (21) 2681-4711 Site: editora.ufrrj.br E-mail: edur@ufrrj.br

ÍNDICE

Introdução: Para analisar a disputa política de discursos sobre a pandemia..... 6
Por Jorge Osvaldo Romano (org).

1 . O vírus não é democrático: a pandemia da Covid-19 como acontecimento e a disputa de discursos.....14
Por Jorge Osvaldo Romano, Thais P. Bittencourt et al.

2 . "Uma gripezinha": A análise política do discurso negacionista..... 38
Por.Jorge Osvaldo Romano, Liza Uema et al.

3 . "Os anticorpos da solidariedade": Análise política do discurso "científico".....64
Por Jorge Osvaldo Romano, Thais P. Bittencourt et al.

4 . Pandemia, as mídias e a digitalização da política.....119
Por Jorge Osvaldo Romano, Paulo. A. Balthazar et al.

5 . A eternização do presente e o futuro pós-pandemia 155
Por Jorge Osvaldo Romano, Eduardo Britto Santos et al.

6 . Tempo de Pachakuti: o que será do nós e o que será do eles?.....176
Por Jorge Osvaldo Romano, Liza Uema et al.

Conclusão: O acontecimento pandemia de Covid-19 como espelho que amplifica desafios e antecipa futuros 195
Por Jorge Osvaldo Romano, Annagesse de Carvalho Feitosa et al.

Introdução: Para analisar a disputa política de discursos sobre a pandemia

Por: Jorge. O. Romano (org.)

O presente livro é resultado de um dos projetos do Grupo de Pesquisa Discurso, Redes Sociais e Identidades Sócio-políticas (DISCURSO)[1], que, durante os meses de junho a dezembro de 2020, divulgou na série Populismo e Crises do Le Monde Diplomatique Brasil Online a pesquisa realizada sobre a disputa de discursos acerca da pandemia da Covid-19. Tal disputa é analisada através do expresso em falas, decisões políticas, práticas e performances de autoridades e instituições nacionais e internacionais, assim como em mídias tradicionais e redes sociais[2].

Olhando para a pandemia de Covid-19 como um acontecimento[3] que coloca em suspense a hegemonia e cria espaço para a disputa de discursos polí-

1 . Com registro no CNPq, o Grupo de Pesquisa DISCURSO foi constituído em março de 2020 e está vinculado ao Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento Agricultura e Sociedade (CPDA) e ao Curso de Relações Internacionais do DDAS/ICHS da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), e conta com apoio da ActionAid Brasil. DISCURSO é um espaço de estudos, pesquisa e formação que congrega pesquisadores/as, estudantes e profissionais de diversas instituições interessados/as em questões relacionadas à análise do discurso, disputa de narrativas e construção de identidades sociopolíticas no contexto de desenvolvimento de novas formas de poder, de colonização das subjetividades e de construção de novos territórios de ação política a nível nacional e internacional, com as práticas das redes sociais e das novas mídias. Coordenado pelo Prof. Dr. Jorge O. Romano, o grupo é composto pelos/as doutores/as Juanita Cuéllar Benavides, Ricardo Dias e PauloPetersen; os/as doutorandos/as Annagesse de Carvalho Feitosa, Daniel S. S. Borges, Daniel Macedo L. V. Monteiro, Eduardo Britto Santos, Liza Uema, Paulo A. Balthazar, Renan Alfenas de Mattos e Thaís P. Bittencourt; a graduada em Relações Internacionais Caroline Boletta e as graduandas em Relações Internacionais Ana Carolina Aguiar S. Castilho, Érika Toth, Juana dos Santos Pereira , Larissa Ferreira, Myriam Martínez dos Santos, Pâmella Silvestre de Assumpção e Vanessa Barreto. Para mais informações, ver: gpdiscurso.com (página na web); @gpdiscurso (instagram); facebook.com/gpdiscurso (facebook). Contato: gpdiscurso@gmail.com

2 . Todas as publicações podem ser acessadas no endereço eletrônico diplomatique.org.br/especial/populismo-e-crises/

3 . HAN, Byung-Chul. **Psicopolítica**. Belo Horizonte: Ayne, 2018.

ticos a nível nacional e internacional, consideramos que, nessa disputa, se delimitam dois discursos mestres que oscilam e se articulam com diferentes ênfases a partir de dois pólos temáticos: a sustentabilidade da vida e a sustentabilidade de economia. Nesse sentido, os discursos sobre a pandemia seriam discursos políticos.

Por um lado, temos o discurso *negacionista*[4], defendido por algumas autoridades e lideranças econômicas e religiosas, mídias tradicionais e sociais, entre outros, que não reconhece a amplitude e a gravidade da pandemia, que privilegia a mitigação dos impactos da crise econômica e incentiva a não adoção do isolamento social como medida de contenção da Covid-19. E por outro lado, há o discurso *científico*, defendido por médicos sanitaristas e cientistas, com apoio de organismos internacionais, mídias, governadores (no caso brasileiro) e a grande maioria de lideranças de governos estrangeiros, que privilegia o cuidado da vida e do isolamento social como a melhor forma de enfrentar também os efeitos econômicos da crise sanitária global gerada pela pandemia.

O estudo contemplou a análise dos dois discursos mestres, assim como das práticas discursivas de seus principais porta-vozes nacionais e internacionais escolhidos, tendo considerado a identificação dos meios de divulgação e reprodução dos discursos e a sua repercussão pública. Também incluiu mapeamento das principais interpretações sobre os impactos políticos e econômicos futuros da pandemia e as visões sobre o futuro pós-pandêmico. Em termos metodológicos, foi levado a cabo a articulação dos olhares da Teoria do Discurso com a análise de marcos interpretativos (*frame analysis*). Ao longo dos capítulos do livro, explicaremos com mais detalhe as especificidades e o diálogo construído entre essas abordagens.

Com relação à Teoria do Discurso proposta por Ernesto Laclau e Chantal Mouffe[5] e desenvolvida em torno da Escola de Essex em conjunto com inte-

4 . Metodologicamente, ao longo do texto, pusemos em itálico palavras ou significados tanto expressos nas práticas discursivas dos porta-vozes como aquelas que achamos adequadas, em termos de significado, pelo trabalho analítico e que gostaríamos de destacar.

5 . LACLAU, E. e MOUFFE, C. **Hegemony and Socialist Strategy: Towards a Radical Democratic Politics**. London: Verso, 1985.
LACLAU, E. **La Razón Populista**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2007.
MOUFFE, C. **Agonística. Pensar el mundo políticamente.** Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2014.

lectuais e pesquisadores de diversos países, e com a complementação dos estudos de Mendonça[6] e Horwarth[7], cabe destacar que esse aporte teórico nos serve como uma ferramenta de compreensão do social através da construção de ordens discursivas que recupera o poder como elemento central e conformador das relações sociais. A realidade é, dessa forma, percebida por meio de mediações discursivas, sendo o discurso muito mais do que falas ou textos. O discurso é dotado de natureza material, e não ideal, e como um ato comunicacional, compreendendo tudo aquilo que tem significado, como falas, performances, imagens e ações.

Articulando palavras e ações, os atores constroem sentidos que entram em disputa no espaço social visando construir hegemonias. Ao mesmo tempo, se reconhece que o sujeito na pós-modernidade é descentrado, havendo uma pluralidade de posições que este pode vir a ocupar. Esse deslocamento de posições é imposto quando uma situação desestabiliza o seu discurso, criando-se espaço para novas articulações e para o surgimento de novas identidades. Entra-se, assim, no campo das disputas hegemônicas, ou seja: do político, do contingente, do antagônico e do ontológico. Dessa forma, o processo contínuo de construção de hegemonia produz o social, e um discurso hegemônico é um discurso que aglutina e procura construir uma nova unidade de diferenças, ou seja: constrói um novo *nós* em oposição ao *eles*[8].

No que toca à análise de marcos interpretativos (*frame analysis*), recorremos particularmente aos aportes de Snow[9], Lakoff[10] e Galván (2012). Os *frames* ou marcos interpretativos são estruturas mentais que conformam a nossa visão de mundo, o que incorporamos como senso comum. Assim como na

6 . MENDONÇA, Daniel. Como olhar "o político" a partir da teoria do discurso. **Revista Brasileira de Ciência Política**, Brasília, n. 1, p. 153-169, jan-jun, 2009.

7 . HORWARTH, David. La teoría del Discurso. *In*: MARSH, David; STOKER, Gerry (eds.). **Teoría y métodos de la ciencia política**. Madrid: Alianza Editorial, 1997, p.125-142.

8 . HORWARTH, David. Aplicando la Teoría del Discurso: el Método de la Articulación. **Studia Politicæ**, Córdoba, n.5, 2005, p. 37-88.

9 . SNOW, D. et, al. Frame Alignment Processes, Micromobilization, and Movement Participation. **American Sociological Review**, Washington DC, v. 51, n.4, Aug, 1986, pp. 464-481,.

SNOW, D.; BENFORD, R. Ideology, Frame Resonance and Participant Mobilization. *In*: KLANDERMAS, B.; KRISI. H.; TARROW.S.G. (eds.). **From Structure to Action: Comparing Social Movement Research across Cultures**. Greenwich: JAI Press, 1988.

10 . LAKOFF, G. **No pienses en un elefante.** Lenguaje y debate político. Madrid: Editorial Complutense, 2007.

LAKOFF, G. **Puntos de reflexión. Manual del progresista**. Barcelona: Ed. Península, 2008.

Teoria do Discurso, consideram o discurso político como um conjunto articulado de marcos que estrutura as falas e ações significativas, tanto individuais como coletivas e consequentemente orientam o conjunto de nossas práticas. Nesse sentido, mudar os marcos implica em mudar a nossa forma de interpretar o mundo, o nosso senso comum (Lakoff, 2007). Essa mudança de marcos é resultado da luta discursiva que se estabelece nas disputas pela hegemonia, visando, através da inculcação de novas visões de mundo, legitimar e motivar a ação individual e coletiva que reconfigura as identidades dos sujeitos[11].

Apoiando-nos nessas abordagens e instrumentos metodológicos, buscamos analisar o acontecimento pandemia de Covid-19 a partir da prática discursiva de diversos porta-vozes. Reconstruindo o campo discursivo da Covid-19 com os principais discursos mestres em disputa — o *negacionista* e o *científico* — e considerando a disputa política como uma expressão dos processos de construção e reconstrução de hegemonia, tanto no contexto brasileiro como internacional, que são marcados pelo *momento populista*[12].

Conforme apontado, a grande maioria dos estudos deste projeto foram divulgados no Le Monde Diplomatique Brasil Online, e também por meio de apresentações de integrantes do grupo em eventos online e no curso de extensão "Análise de Discurso: populismo digital e mídias sociais" promovido pela UFRRJ, além de outras publicações em revistas e coletâneas. Agora, apresentamos o conjunto desses resultados da pesquisa com a edição destes três livros, o primeiro: *A negação da pandemia e os anticorpos da ciência:*

11 . GALVÁN, I. E. **La lucha por la hegemonía durante el primer gobierno del MAS en Bolivia (2006-2009): un análisis discursivo**. Madrid: Universidad Complutense, tesis de doctorado. 2012. (Doutorado em Ciência Política) – Programa de doctorado Conflicto político y procesos de pacificación, Departamento de Ciencia Política y de la Administración II, Universidad Complutense de Madrid. Madrid, 2012.

12 . A partir das reflexões de Polanyi (2000) sobre o momento que se abre na Europa diante o avanço avassalador da mercantilização no período posterior à primeira guerra mundial, com o contramovimento impulsionado pelo Estado e a sociedade — e que criou condições para o fascismo -, autores como Mouffe (2009) e Rosanvallon (2020) identificam o início do século XXI como a abertura de um momento populista com as frustrações de grande parte da população diante dos resultados da globalização, da hegemonia do capital financeiro e da integração da socialdemocracia na política neoliberal. Nesse sentido, essas insatisfações foram amplificadas com a crise da pandemia da Covid-19. Sobre este assunto, ver:

POLANYI, K. **A Grande Transformação**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora Campus, 2000.

MOUFFE, C. El fin de la política y el desafío del populismo de derecha. *In*: PANIZA, Francisco (org.). **El populismo como espejo de la democracia.** Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2009, p. 71-96.

MOUFFE, C. O momento populista. **Revista Simbiótica**, vol.6, n.1, jan-jun, 2019, pp. 154-158.

ROSANVALLON, P. **El siglo del populismo**. Historia, teoría, crítica. Barcelona: Galaxia Gutenberg, 2020.

Disputa política de discursos sobre a pandemia da Covid-19; o segundo: *O vírus em disputa: Práticas discursivas internacionais e lutas por hegemonia no acontecimento pandemia da Covid-19*; e o terceiro: *Política e Pandemia: Práticas discursivas nacionais e lutas por hegemonia no acontecimento pandemia da Covid-19*. Em geral, os estudos que compõem os diversos capítulos dos livros foram mantidos na sua forma original e sofreram apenas algumas atualizações e ajustes de alguns dados e referências em função de mudanças significativas nos diferentes contextos do desenvolvimento da pandemia e da disputa de discursos.

Ainda que sejam resultado de um trabalho coletivo, os capítulos tiveram responsabilidades diferenciadas entre os/as integrantes do grupo e contaram com a coautoria e o apoio do coordenador, assim como de contribuições de outros/as pesquisadores/as. Dessa forma, essa conjunção de colaborações fica refletida na ordem de autoria dos textos, estando sempre a principal em primeiro lugar seguida dos/das demais coautores/as.

Este primeiro livro *A negação da pandemia e os anticorpos da ciência: Disputa política de discursos sobre a pandemia da Covid-19* se compõe de uma introdução, seis capítulos e uma conclusão. Nesta Introdução situamos, em termos gerais, o objeto a ser pesquisado e a abordagem metodológica empregada, apresentamos as referências sobre o grupo de pesquisa e os materiais produzidos e divulgados do projeto e detalhamos sucintamente o conteúdo de cada parte do livro.

No primeiro capítulo *O vírus não é democrático: a pandemia da Covid-19 como acontecimento e a disputa de discursos,* propomos abordar a pandemia da Covid-19 como um acontecimento. Esse olhar permite destacar os impactos desiguais da pandemia, assim como considerar uma suspensão da hegemonia e as oportunidades de disputa política que essa suspensão abre. Em seguida, aprofundamos o instrumental metodológico da proposta, fundado na análise política dos discursos e na abordagem de marcos interpretativos. Com esse instrumental, procuramos reconstruir sucintamente o campo discursivo, os discursos em debate e os principais porta-vozes dos discursos negacionista e científico.

No segundo capítulo *Uma gripezinha: A análise política do discurso negacionista*, temos como referência a pandemia da Covid-19 como um acontecimento que acentua as desigualdades já existentes, mas que coloca em suspensão a hegemonia, abrindo oportunidades de disputa política entre os discursos *negacionista* e *científico* por meio do auxílio metodológico da análise política dos discursos e da abordagem de marcos interpretativos apresentadas no capítulo anterior, além de aprofundarmos a caracterização do discurso *negacionista*. Partindo de uma identificação sintética de seus principais porta-vozes, a análise traz o diagnóstico que esse discurso faz do problema, o tom predominante de suas práticas discursivas, as demandas e os grupos que se articulam em identidades políticas antagônicas — o *eles* e o *nós* — com os antagonismos em nível nacional ou internacional que se criam ou se reproduzem na disputa e as soluções e propostas para enfrentar e sair da pandemia.

De forma equivalente ao capítulo anterior — onde caracterizamos o discurso *negacionista* a partir de considerar a pandemia como acontecimento, a suspensão da hegemonia com a abertura de oportunidades de disputa política — no capítulo seguinte *Os anticorpos da solidariedade: A análise política do discurso científico*, apresentamos o discurso *científico*. Articulando a análise política dos discursos e a abordagem de marcos interpretativos, começamos também nossa análise com a identificação de seus principais porta-vozes para depois caracterizar o diagnóstico do problema, o tom predominante de suas práticas discursivas, as demandas e os grupos que se articulam em identidades políticas antagônicas — o *eles* e o nós, as soluções e propostas para enfrentar e sair da pandemia e a criação ou reprodução de antagonismos em nível nacional e internacional.

No quarto capítulo *As mídias, a reprodução dos discursos negacionista e científico e a reconfiguração política em curso*, tendo como referência os capítulos anteriores, analisamos agora como a disputa de discursos se produz e reproduz nas mídias tradicionais e sociais. Para tanto, contextualizamos a emergência da pandemia destacando a nova ordem mundial, a guerra cibernética, a estratégia do pandemônio e o *momento populista*. A partir das continuidades e rupturas entre as mídias tradicionais e sociais, identificamos o surgimento de uma digitalização do populismo e caracterizamos a disputa

de discursos negacionista e científico em ambas as mídias, assim como a reconfiguração política que se expressa através de pesquisas de opinião com o realinhamento de identidades políticas.

No quinto capítulo *A eternização do presente e o futuro pós-pandemia*, partindo de uma consideração de eternização do presente com o extenso prolongamento da pandemia e da disputa das vacinas como um indicador de pré-futuro, procuramos recuperar um primeiro conjunto de olhares sobre o porvir. Particularmente, nos atemos àqueles que apontam para a reprodução ou aprofundamento das dominações neoliberais existentes, através do Estado de exceção e a biopolítica digital, passando por soluções reformistas de um novo Estado de bem-estar social ou um socialismo participativo até a recriação do comunismo.

No sexto capítulo, *Tempo de Pachakuti: o que será do "nós" e o que será do "eles"?*, dando continuidade aos olhares sobre o futuro abordados no capítulo anterior, que apontavam para o aprofundamento das dominações existentes ou para a reforma do sistema, trazemos os cenários e propostas que visualizam na suspensão da hegemonia, provocada pela pandemia e seus discursos em disputa, uma oportunidade – ou necessidade – de construção de alternativas emancipadoras. Entre essas alternativas, destacamos a política da natureza e da terra, o bem comum e o cuidado como valores públicos e a re-territorialização dos sistemas alimentares, assim como o olhar de intelectuais feministas, o olhar decolonial dos povos originários e tradicionais do Brasil e o desafio de enfrentar a necropolítica no contexto neoliberal pós-pandêmico. Finalizamos o capítulo refletindo sobre o acontecimento da pandemia a partir do conceito andino de *Pachakuti*, que aponta para esse momento de reviravolta do tempo e do espaço que pode ser catastrófico ou pode significar uma renovação. Assim, destacamos que a disputa hegemônica que estaria em curso pode efetivamente transformar os futuros possíveis em realidade pós-pandemia.

Na conclusão *O acontecimento pandemia Covid-19 como espelho que amplifica desafios e antecipa futuros*, recorremos à analogia do espelho para destacar as desestruturações, crises e reconfigurações que fazem parte da própria reprodução do neoliberalismo, que seria ampliada pela pandemia.

Como exemplos, está o recrudescimento das desigualdades, o aumento da insegurança alimentar e da fome, a reprodução da desigualdade no acesso à educação, a reprodução e a ampliação da depressão, do cansaço, do narcisismo e da luta pela sobrevivência, a expansão do uso das mídias sociais e suas consequências contraditórias e, finalmente, a eternização do presente da pandemia e o futuro como tempo de *Pachakuti* com os sinais divergentes da resolução dessas reconfigurações através do recrudescimento das dominações e/ou de sua redução, até mesmo indicando um avanço rumo às emancipações.

Finalmente, gostaríamos de convidar o/a leitor/a que nos acompanhe também nos outros dois livros que está sendo lançado simultaneamente: *O vírus em disputa: Práticas discursivas internacionais e lutas por hegemonia no acontecimento pandemia da Covid-19* e *Política e Pandemia: Práticas discursivas nacionais e lutas por hegemonia no acontecimento pandemia da Covid-19*, que reúnem as análises específicas das práticas discursivas de lideranças e instituições internacionais (no segundo livro) e nacionais (no terceiro) a partir das quais se reconstroem os dois discursos mestres — negacionista e científico — e a disputa política em torno da pandemia. A partir dessas análises, no final do segundo livro desenvolvemos uma reflexão sobre a geopolítica das vacinas como outra dimensão da suspensão de hegemonia promovida por essa disputa. E no terceiro livro, fazemos uma conclusão geral apontando indícios que surgem a partir de nossas análises tanto do contexto internacional e do contexto brasileiro, como o duplo movimento de politização da pandemia e de *pandemização da política*, a disputa política de discursos e a suspensão da hegemonia e, finalmente, o acontecimento pandemia, a disputa política e o momento populista.

Desejamos uma boa leitura!

1 . O vírus não é democrático: a pandemia da Covid-19 como acontecimento e a disputa de discursos[1]

Jorge Osvaldo Romano, Thais Ponciano Bittencourt, Paulo Augusto André Balthazar, Liza Uema, Eduardo Britto Santos, Annagesse de Carvalho Feitosa, Renan Alfenas de Mattos, Paulo Petersen, Juanita Cuéllar Benavides, Ana Carolina Aguiar Simões Castilho, Caroline Boletta de Oliveira Aguiar, Érika Toth Souza, Larissa Rodrigues Ferreira, Myriam Martinez dos Santos, Vanessa Barroso Barreto[2]

A pandemia da Covid-19 em poucos meses alcançou todo o planeta. Ameaça a saúde e modifica o cotidiano de bilhões de pessoas. As vezes apresentada como "desastre natural", sobre o qual não se teriam responsáveis. Mas será isso? Qual o sentido dessa interpretação? O que oculta? Quando se leva em conta a complexidade da sociedade, não há nada que seja "natural" e desvinculado de práticas e relações derivadas de decisões políticas que articulam humanos e a natureza.

Tentando superar uma interpretação que torna opaca as responsabilidades pelo fenômeno, têm-se construído narrativas desde a redução da pandemia a uma crise sanitária até as que — relembrando Mauss — entendem a pan-

1 . Uma primeira versão deste texto foi divulgada através do Le Monde Diplomatique Brasil online, na série Populismo e Crise: Disponível em: diplomatique.org.br/especial/populismo-e-crises/

2 . Os autores são pesquisadoras e pesquisadores do grupo de pesquisa "Discurso, Redes Sociais e Identidades Sócio-Políticas (DISCURSO)" vinculado ao Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento Agricultura e Sociedade e ao Curso de Relações Internacionais do DDAS/ICHS da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, registrado no CNPq e com apoio de ActionAid Brasil.

demia como um “fato social total”. Isto é, destaca uma dimensão estrutural onde a pandemia impacta o conjunto das relações sociais, alterando as dimensões da vida cotidiana, convulsionando e conturbando atores, instituições e todo universo dos valores (RAMONET, 2020).

A pandemia da Covid-19 como acontecimento

Sem negar a importância e amplitude dos impactos da pandemia, mas colocando menor ênfase no que se entende como estrutural e mais nas descontinuidades processuais do evento, propomos olhar para a pandemia como um acontecimento. O filósofo Han (2020), recuperando Nietzsche, Deleuze e Foucault, destaca que o acontecimento abre uma fissura na certeza dominante (ZOURABICHVILI, 2009). Apesar de imprevisível e repentino como um evento natural, ele se articula ao social e ao político (HAN, 2018). O acontecimento se abre para o não previsto, rompe com regularidades, padronizações e uniformidades envolvidas na capacidade de projetar e gerir o mundo. Han (2018) vê no acontecimento o potencial de romper com a vontade estatística, que para Foucault orienta a gestão biopolítica de corpos e populações, e com a gestão psicopolítica que localiza na manipulação algorítmica dos desejos e da psique individual e coletiva em sociedades conectadas e submetidas à mineração e correlação de dados pelo Big Data (HAN, 2018). Assim, percebe que biopolítica e psicopolítica se apoiam no normal, no recorrente e nas predições para domesticar o futuro e reproduzir mais do mesmo (HAN, 2018), enquanto o acontecimento se relaciona com o singular, o desvio e o imponderável que rompe com a política como gestão e abre as portas para o político como criação coletiva do novo (MOUFFE, 2011: p. 15-16).

Para entender os efeitos da pandemia da Covid-19 como um acontecimento, é importante situar seu contexto de emergência que, assim como outras que marcaram a história da humanidade, carregava potenciais disruptivos. Se no início de junho de 2020 já se somava 6,5 milhões de infectados, sendo 2,2 milhões na Europa e 3 milhões na América, com quase 400 mil mortos

em mais de 188 países[3], apenas 6 meses antes, no dia 17 de novembro de 2019, ocorreu o primeiro caso relatado da Covid-19 em Wuhan, capital da província de Hubei na China. Esses dados localizaram o centro da pandemia na potência econômica que desde 2008 sustenta os níveis de produção e consumo globalizados dentro de um padrão de exploração intensiva de trabalho e dos recursos naturais. Um modelo de exploração que significativa parte da sociedade considera insustentável, numa relação direta com desequilíbrios e interações disruptivas entre sociedade/natureza.

As características da Covid-19 diferem de outros surtos epidemiológicos que não atingiram a proporção pandêmica, ou seja, a capacidade de, assim como a globalização neoliberal, afetar a todos e todas, em todos os lugares e ao mesmo tempo. Uma pandemia que colocou ¼ da população mundial em confinamento (cerca de 1,7 bilhão de pessoas) e expôs contradições de um modelo em crise há pelo menos 12 anos, onde lógicas do *Just in Time,* de otimização de recursos, da automação, terceirização, privatização, mercantilização desregulada, circulação e deslocamentos massivo de pessoas, alimentos, recursos minerais e produtos geraram substratos sociais e ecossistêmicos para a reprodução de eventos disruptivos. Uma disrupção que colapsou o centro e não a periferia desse modelo econômico globalizado

Um evento que expos, por exemplo, o padrão de saúde pública neoliberal — basta focar os dois países de língua anglo-saxã mentores do atual modelo econômico como exemplo: o padrão neoliberal de atual gestão estatal do Reino Unido, em 2018 transferiu para a iniciativa privada contratos de serviços de saúde no valor de 9,2 bilhões de libras, ao mesmo tempo em que reduzia o orçamento da NHS (serviço nacional de saúde pública) em 1 bilhão de libras — esses números se relacionam aos impactos da Covid-19 na Inglaterra, e nos EUA o número de leitos nos hospitais se reduz continuamente desde a gestão Reagan nos anos 1980 com a diminuição de 40% dos leitos hospitalares. A justificativa seria atender objetivos de otimização: melhorar o índice de ocupação dos leitos ao longo do ano, com menos médicos e enfer-

3 . Dados oficiais da OMS em junho de 2020.

meiros, menos custos e mais lucro com a saúde. No mesmo período, quinze das maiores farmacêuticas americanas deixaram de investir no desenvolvimento de antibióticos e antivirais, os medicamentos para doenças cardiovasculares, antidepressivos e aditivos para a potência sexual masculina se mostram mais lucrativos, merecendo mais investimentos (ROBERTS, 2020). Na verdade, depois de trinta anos de privatizações e redução do Estado, todos os países propulsores da globalização neoliberal não estavam preparados para atuar numa emergência de saúde pública como a da Covid-19 (MAZZUCATO; QUAGGIOTO, 2020)

Na dimensão econômica que recepciona a pandemia Covid-19, pode-se dizer que instaura uma crise dentro de outra crise. Já estava em curso uma crise da globalização neoliberal sustentada na financeirização, com ampliação infinita do capital especulativo e fictício, a expansão crescente de crédito e do endividamento de pessoas, organizações e Estados. A economia global já estava em recessão antes da pandemia (ROBERTS, 2020). Ao mesmo tempo em que já se convivia com o fantasma de uma nova crise gerada pelo endividamento corporativo que explodiu após 2008, atingindo hoje desde pequenas empresas até grandes corporações (ROBERTS, 2020). Com o epicentro da pandemia da Covid-19 na China, foi atingido o motor que resgatava a economia global desde 2008: isolamento social e suspensão de atividades econômicas fizeram a China encolher 6,8% no primeiro trimestre de 2020. A China passou a trabalhar com uma previsão de crescimento anual de 2,5%, o que é muito pouco para alavancar a economia global, como fez enquanto teve taxas de crescimento próximas a 10%. Em 2019, a economia Chinesa ainda crescia quase 7% (ROBERTS, 2020).

Por sua vez, as dimensões social e política que hospedam a pandemia não são menos críticas. Hoje, prolifera o descontentamento de trabalhadores e profissionais liberais de uma geração cujos pais sustentavam famílias inteiras e formavam os filhos com seus salários, mas que agora se encontram terceirizados, precarizados ou desempregados e empobrecidos pela globalização neoliberal. Esse descontentamento é capitalizado principalmente por lideranças e movimentos políticos reacionários e até neofascistas que substituem o debate como lugar da política por uma política sem

lugar para o debate e fundada em mitos como os de supremacia etno-racial, patriarcalismo, nacionalismos xenofóbicos ou fundamentalismos religiosos. Após 2008, os 40 anos de *there is no alternative* de Margaret Tatcher e Ronald Reagan produziram um movimento semelhante àquele que gerou o nazismo, quando trabalhadores empobrecidos e humilhados foram convertidos em guerreiros brancos arianos. No Mediterrâneo, diante dos olhos anestesiados da maior parte da população europeia, um holocausto diário é suportado por refugiados da África e do Oriente Médio, enquanto Trump constrói um muro para separar os EUA do resto da América Latina. É nessa globalidade que se hospeda a pandemia da Covid-19, tanto entre esses movimentos reacionários como também entre manifestações e insurgências progressistas que no momento imediatamente anterior ao isolamento forçado se multiplicavam de Santiago a Beirute. E é nesse contexto globalizado que o impacto dessa pandemia enquanto acontecimento também reproduz recortes de extremas desigualdades.

Os impactos desiguais da pandemia como acontecimento

Em recentes estimativas, o PNUD (2020) prevê que com a pandemia, o índice de desenvolvimento humano (medido a partir da combinação dos níveis de vida, saúde e educação) estará descendo pela primeira vez desde que foi concebido, em 1990. Com seus impactos na saúde, educação e renda, a Covid-19 dá lugar a um retrocesso inédito, não apenas desvela as deficiências de cada sociedade, mas aprofunda desigualdades, em expansão em todos os países mesmo antes desse acontecimento. As agências internacionais reconhecem que a Covid-19 está desvelando nitidamente as brechas entre aqueles que têm e os que não têm, dentro dos países e entre eles.[4] As desigualdades internas e externas a cada país envolvem a falta de acesso à água, saneamento e cuidados de higiene básico, saúde e medicamentos, o que facilita a disseminação do vírus e afeta ainda mais os grupos vulnerá-

4 . O relatório "Responsabilidade compartilhada, solidariedade global: respondendo aos impactos socioeconômicos da Covid-19", divulgado em 31 de março de 2020 pela Organização Mundial da Saúde (OMS), sugere uma série de políticas sociais a serem desenvolvidas pelos governos nacionais, assim como ações multilaterais para enfrentar o problema que se tornou global, além de financiamento humanitário para assistência de países e povos de maior vulnerabilidade social e econômica.

veis e já em risco, como as pessoas que dependem da economia informal, trabalhadores com baixos salários, mulheres, jovens, idosos, pessoas com deficiência, refugiados e deslocados, população negra, povos indígenas e demais povos tradicionais.[5]

Cenas da Favela de Paraisópolis, São Paulo
(Foto: Marcos Alonso - @marcosalonso.photo)

A desigualdade é exacerbada pelo cumprimento da principal recomendação sanitária de enfrentamento da Covid-19: o distanciamento social. Para muitos trabalhadores e trabalhadoras de baixa renda, ficar em casa não é uma opção. É um privilégio para classes mais ricas, o que evidencia como essas pessoas não apenas têm maior segurança e estabilidade profissional e de renda, mas também possuem maior capacidade de acessar os sistemas de saúde, além de desfrutarem de condições sanitárias, de alimentação, e moradia que possibilitem um menor índice de adoecimentos. E somando-se a tudo isso, as classes mais ricas adotaram o distanciamento social antes dos mais pobres, o que representou uma vantagem diante do padrão altamente transmissível do Covid-19.

5 . Segundo o Banco Mundial, o vírus poderá levar de 40 a 60 milhões de pessoas à pobreza extrema em 2020. A Organização Internacional do Trabalho estima que a metade da população ativa poderá perder seus empregos e o Programa Mundial de Alimentos prevê que 265 milhões de pessoas sofram uma crise alimentar. Com o fechamento de escolas e as desigualdades na aprendizagem à distância, o PNUD estima que 80% das crianças em idade de receber educação primária dos países com baixo nível de desenvolvimento humano estão sem acesso à educação e mais da metade da população mundial carece de serviços sanitários essenciais (PNUD, 2020).

O vírus não é democrático, muito pelo contrário, está indo direto para as fissuras da nossa sociedade. Para Ashwin Vasan[6], a pandemia expõe as desvantagens estruturais que a população mais pobre enfrenta na geração de renda e no acesso desigual aos serviços de saúde.

A pandemia da Covid-19 expõe e agrava o racismo estrutural e as desigualdades de gênero

A filósofa Djamila Ribeiro[7] lembra que os mais vulneráveis sempre serão mais atingidos e que isso independe de uma pandemia, pois são questões estruturais (RIBEIRO, 2020). A explosão de manifestações antirracistas nos Estados Unidos, no Brasil e no mundo no final de maio e início de junho de 2020 trouxe à tona debates e discussões sobre racismo estrutural e privilégios sedimentados e globalizados[8].

Negras e negros brasileiros, assim como as/os estadunidenses, possuem menos acesso à saúde, educação e trabalho, são as maiores vítimas da violência policial e encarceramento[9], além de estarem sub representados na política e na cultura. Com o avanço da pandemia, é a população negra que compõe o maior número nas estatísticas oficiais de óbitos e contágios nos dois países. Entre as pessoas que faleceram de Covid-19 no Brasil em 2020, 57% eram negras, enquanto brancos representavam 41% do total de mortos[10]. No período de 11 a 26 de abril de 2020, a quantidade de pessoas negras mortas em decorrência da doença quintuplicou. De acordo com o estudo realizado por pesquisadoras da Fiocruz, Abrasco e da Universidade Federal da Bahia, nos EUA, a taxa de letalidade entre a população negra mais que dobra em comparação àquela verificada entre os brancos, e os afro-es-

6 . Ashwin Vasan é médico e professor de saúde pública da Universidade de Columbia.

7 . Djamila Ribeiro é filósofa, acadêmica, escritora e organizadora da Coleção Feminismos Plurais. Premiada pelo Prince Claus Laureate e na lista das 100 mulheres mais influentes e inspiradoras do mundo da BBC, é colunista da Folha de São Paulo e da Revista Elle.

8 . Cabe ressaltar que mais da metade da população brasileira é negra (56%), enquanto nos Estados Unidos representa 13%.

9 . Um dado alarmante é o número de encarcerados infectados no Complexo Penitenciário da Papuda, em Brasília, que representa 5,7% do total de pessoas infectadas em todo o Distrito Federal (MACHADO; LADEIRA, 2020).

10 . CNN BRASIL, 2020

tadunidenses são menos encaminhados para realização de testes quando comparecem ao atendimento com sinais de infecção (GOES; RAMOS; FERREIRA, 2020).

No Brasil, a maior parte de mortes e infecções prevalece nos bairros pobres das grandes cidades, onde a maior parte de residentes são pessoas negras e historicamente marcadas pela ausência ou precariedade no acesso a serviços básicos de saneamento, água potável e equipamentos de saúde, estando mais expostas a fatores de risco.[11]

Na capital paulista, cidade com o maior número de mortes no país, para cada óbito em Moema, bairro nobre na zona sul, existem quatro em Brasilândia, bairro periférico da zona norte, onde metade da população é negra e que conta com o maior número absoluto de óbitos em todo o município. Na cidade do Rio de Janeiro, o bairro de Campo Grande, também com mais da metade de moradores negros, é o campeão em número de óbitos. Em Manaus, a primeira cidade brasileira a registrar colapso do sistema de saúde público, para cada morte entre brancos, mais de 13 pacientes negros falecem em decorrência da doença.[12]

Além disso, como mencionamos anteriormente, esses indicadores apontam que o isolamento social — a principal medida preventiva para a Covid-19 orientada pela OMS — é um desafio para grande parte da população brasileira mais pobre e predominantemente negra, uma vez que ocupa postos de trabalho mais precários e em setores considerados essenciais na pandemia, como o doméstico, de limpeza e alimentação, com destaque para os entregadores via aplicativos, ocupação que cresce de forma vertiginosa nas grandes cidades ao longo dos últimos anos[13].

11 . De acordo com o IBGE, em 2018, verificou-se maior proporção da população preta ou parda residindo em domicílios sem coleta de lixo (12,5%, contra 6% da população branca), sem abastecimento de água por rede geral (17,9%, contra 11,5% da população branca) e sem esgotamento sanitário (42,8%, contra 26,5% da população branca (IBGE, 2018)

12 . Os dados das cidades de São Paulo e Manaus referem-se às datas de 29 e 30 de abril, respectivamente, e os dados da cidade do Rio de Janeiro são referentes à data de 05 de maio de 2020 (AGÊNCIA PÚBLICA, 2020).

13 . Segundo pesquisa realizada pela Associação Brasileira do Setor de Bicicletas Aliança Bike, entre 2018 e 2019, o número de entregadores ciclistas por aplicativo multiplicou-se por 5,4. A maioria desses trabalhadores informais moram na periferia, são negros (71%), homens e jovens (50% tem até 22 anos), com ensino médio completo (53%) e estavam desempregados (59%), trabalhando todos os dias da semana, com jornada diária de 9,2 horas, pedalando diariamente a média de 60 km e com remuneração mensal inferior a um salário mínimo. (ABSBAB, 2020).

Assim como nos grandes centros urbanos, a população negra rural também vem sendo afetada pela pandemia de forma alarmante: 97% dos territórios quilombolas do país estão localizados em municípios cuja população precisa se deslocar para acessar atendimentos básicos de saúde, além da recorrente falta de acesso à água vivenciada por essas comunidades negras. Outro problema enfrentado é a dificuldade de acessar a renda básica emergencial. Até o dia 10 de junho, o levantamento realizado pela Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas — Conaq registrou 65 óbitos e 388 casos confirmados em territórios quilombolas brasileiros.[14]

Esses indicadores nos remetem à histórica desigualdade racial que secularmente persiste nos Estados Unidos, e também no Brasil. A pandemia da Covid-19 certamente exacerba as desigualdades raciais, contudo, é preciso ir além dessa ilustração em números. Nos deparamos então com a necessidade urgente de desvelar o problema estrutural do racismo no Brasil fundado no mito da democracia racial, que consiste na raiz de todas as desigualdades sociais, encravada e erguida pelos sistemas escravocrata e colonial, até hoje persistentes. Nesse sentido, a interpretação das desigualdades raciais no contexto da pandemia precisa ser feita a partir da lógica do racismo estrutural e do debate sobre privilégios que ao longo do tempo vêm determinando os lugares sociais das pessoas de acordo com a raça ou etnia.

Assim como as desigualdades étnica e a racial, a desigualdade de gênero no Brasil necessita ser compreendida à luz dos problemas estruturais estabelecidos pelos sistemas escravocrata, colonialista e patriarcal. A primeira pessoa a morrer de Covid-19 no estado do Rio de Janeiro — que hoje ocupa o segundo lugar no ranking de óbitos e infecções em todo o país, foi Cleonice Gonçalves, mulher negra, trabalhadora doméstica[15], idosa, diabética e infectada no local de trabalho por sua empregadora, moradora do Leblon,

14 . QUILOMBOS SEM COVID19, 2020.

15 . Traçando breve perfil do trabalho doméstico remunerado no Brasil, 95% são mulheres, em sua maioria pobres, com baixa escolaridade, moradoras de áreas periféricas e usuárias de transporte coletivo. Metade delas são as únicas responsáveis pelas famílias. Do total de trabalhadoras, 63% são negras. No início da pandemia, a Federação Nacional das Trabalhadoras Domésticas (Fenatrad) iniciou a Campanha Cuida de Quem te Cuida para pressionar o Ministério Público do Trabalho que impeça os estados de incluírem o serviço doméstico como essencial durante a pandemia. (FENATRAD, 2020).

bairro com o metro quadrado mais caro da capital fluminense que retornava de uma viagem à Itália (UFRGS, 2020). O caso do menino Miguel Otávio, de 5 anos, filho da trabalhadora doméstica Mirtes Renata de Souza[16], é uma das incontáveis tragédias que revelam as desigualdades estruturais no Brasil, impossíveis de serem compreendidas de forma isolada.

Em toda e qualquer situação epidêmica, o trabalho de profissionais da saúde, especialmente agentes comunitários, equipes de enfermagem, de cuidadores e as atividades domésticas são essenciais na prevenção e no tratamento das doenças. Tradicionalmente, esse tipo de trabalho é predominantemente realizado por mulheres e, em geral, é considerado como de menor prestígio ou mesmo invisível e, no caso dos afazeres domésticos não remunerados e sem valoração econômica[17]. O acontecimento da pandemia da Covid-19 não apenas aumenta a demanda por essas atividades como evidencia o quanto essa crise afeta de forma diferente homens e mulheres, negros e negras.

Observando o perfil dos profissionais de saúde no país, diretamente expostos à infecção do vírus e que mesmo antes da pandemia já se submetiam à condições precárias e a sobrecarga de trabalho, as mulheres, sobretudo as negras, seguem ocupando posições subalternas nas equipes: mais da metade do corpo médico é composta por homens e entre estes, 77% são brancos. Entre trabalhadores e trabalhadoras da enfermagem, as mulheres compõem 85% e as mulheres negras representam 53% do total de profissionais (FIOCRUZ, 2020b).

Assim como enfermeiras e domésticas, a demanda por profissionais dos cuidados tem aumentado significativamente no Brasil: entre 2004 e 2017, o número de profissionais cresceu 690%, sendo que entre estes, as mulheres

16 . Sobre esta reflexão, acesse a entrevista com a historiadora e professora da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia Luciana da Cruz Brito (BBC, 2020).

17 . No Brasil, em 2019, as mulheres dedicavam 10,4 horas por semana a mais que os homens aos afazeres domésticos ou aos cuidados de pessoas, especialmente de crianças pequenas. A maior taxa de realização dessas atividades ocorreu entre as mulheres pretas (94,1%, sendo 91,5% entre brancas e 92,3% entre pardas). Independentemente da cor ou raça, a taxa de realização de afazeres domésticos é sempre maior entre as mulheres que as dos homens (IBGE, 2013).

representam 85%.[18] Considerando que as pessoas idosas e com doenças crônicas fazem parte do grupo de risco para a Covid-19, verifica-se que a ampliação dessa demanda tem levado a situações de abusos, como a não dispensa por parte dos empregadores, sobrecarga de trabalho, realização de outras atividades domésticas e exposição à informalidade[19].

Além de acentuar o desequilíbrio na realização das tarefas entre homens e mulheres, o isolamento social ampliou a violência doméstica contra meninas e mulheres. Em 12 estados brasileiros, no período entre os meses de março e abril, houve um aumento de 22,2% nos casos de feminicídio, com 143 mulheres mortas por fatos relacionados à sua condição de mulher. No estado de São Paulo, os casos de feminicídio cresceram 41,4% no mesmo período. O número de mulheres vítimas de homicídio cresceu em 6% e a Central de Atendimento à Mulher – Ligue 180, registrou crescimento de 34% de denúncias comparado ao mesmo período do ano de 2019. Por outro lado, verifica-se uma redução dos registros de lesão corporal dolosa decorrentes de violência doméstica e estupros em delegacias de polícia, o que indica que, com o isolamento, mulheres vítimas de violência têm encontrado maiores dificuldades de efetuar denúncias (FBSP, 20230).

A pandemia da Covid-19 expõe e agrava a desigualdade do Brasil profundo e originário

Estamos agora no que se denomina a terceira fase da pandemia da Covid-19 no Brasil: a interiorização do vírus nas pequenas cidades e regiões rurais do interior do país. A primeira fase teve início nos bairros ricos e de classe média das grandes cidades que importaram o vírus a partir de viagens internacionais, seguido da transmissão comunitária e deslocamento da doença para periferias e bairros mais pobres.

18 . Este crescimento não ocorre de forma igualitária, uma vez que é preciso considerar que a demanda por cuidados também aumentou para as mulheres mais pobres, que formam o grande contingente das trabalhadoras domésticas e que também necessitam de serviços e equipamentos públicos de cuidados para seus filhos e filhas e/ou pessoas doentes, idosas e/ou com deficiência.

19 . Vale lembrar que em julho de 2019, Bolsonaro vetou o Projeto de Lei nº 11, de 2016, que cria e regulamenta as profissões de Cuidador de Pessoa Idosa, Cuidador Infantil, Cuidador de Pessoa com Deficiência e Cuidador de Pessoa com Doença Rara e dá outras providências. Em 11 de dezembro de 2012, quando exercia o mandato de Deputado Federal pelo PP-RJ, o atual presidente da República foi o único parlamentar a votar contrariamente à PEC das Domésticas (PEC 66/2012).

A hierarquia entre regiões de influência das cidades e a estrutura da rede urbana e fluvial explicam a interiorização do vírus. Cidades médias funcionam como polos regionais e atraem a população de municípios menores em busca de infraestrutura de saúde, por exemplo. Pesquisadores também alertam para o risco do fluxo de deslocamento de população das grandes cidades para cidades médias e pequenas do interior, motivada pela crise do desemprego e mesmo a presença de familiares que necessitam de cuidados, como os grupos de risco. Tal mobilidade pode servir como vetor de contaminação, levando a Covid-19 para locais ainda não afetados e que dispõem de menor ou nenhuma infraestrutura, equipamentos e profissionais de saúde para tratamentos de alta complexidade.

Favela do Vietnã, zona sul de São Paulo (Foto: André Lucas/DPA - @andrelucas1991)

A vulnerabilidade das regiões interioranas é calculada pelas características de sua população (idosos, comorbidades preexistentes, inscrição no CadÚnico, por exemplo), da sua economia local, da capacidade de investimento dos municípios e da estrutura do sistema de saúde. Seguindo esses fatores, o interior das regiões Norte e Nordeste se apresentam como mais vulneráveis pois, embora essas regiões tenham baixa densidade populacional, a estrutura e organização do sistema de saúde ainda é ineficiente[20].

20 . Arilson Favareto e outros pesquisadores destacam o índice de vulnerabilidade dos municípios brasileiros (FAVARETO et. al, 2020).

Isso explica a explosão da pandemia na Amazônia e o colapso do sistema de saúde no estado do Amazonas, o maior estado em proporções territoriais do país, mas que só tem disponibilidade de leitos de UTI na capital Manaus. O Amazonas apresenta uma das maiores médias de deslocamento para tratamento de saúde de alta complexidade no país, chegando a 462 km[21].

Segundo grupo de pesquisa encabeçado pelo sociólogo Arilson Favareto, o retrato é ainda mais assustador, uma vez que os locais onde a pandemia tem se manifestado de forma mais concentrada não são os municípios que apresentam maior vulnerabilidade. E isso deve ditar a curva da doença no país, com o avanço da Covid-19 no território nacional em localidades com carências maiores.

A interiorização da circulação do vírus no Brasil também alerta para os impactos da pandemia junto a povos e comunidades tradicionais no país, sobretudo junto aos povos indígenas. A maioria dos casos de Covid-19 registrados entre indígenas ocorre nos estados da Amazônia. No estado do Amazonas, as regiões da calha do Rio Solimões e do Alto Rio Negro são as áreas que concentram o maior número de populações indígenas e também de contaminação (SESAI, 2020). O transporte fluvial irregular tem sido apontado como uma das principais causas da disseminação no interior do estado, assim como os deslocamentos às cidades próximas que já apresentam casos, para compras de gênero alimentícios e combustível.

Os Distritos Sanitários Especiais Indígenas (DSEIs/Sesai) do estado do Pará e Roraima também registram alto número de contaminados e óbitos. Há notícias de que algumas comunidades inteiras saíram de suas aldeias e adentraram para o interior das terras indígenas com a finalidade de melhor se protegerem. No Parque Indígena do Xingu (MT), que sofre pressões como desmatamento, pesca ilegal e grandes plantios de soja em seu entorno, várias aldeias devem cancelar a tradicional cerimônia do Kuarup após a confirmação dos dois primeiros casos da Covid-19.

21 . Dados da "Pesquisa Regiões de Influência das Cidades – informações de deslocamentos para serviços de saúde – Notas Técnicas", (IBGE, 2020).

Logo no início da pandemia, pesquisadores alertavam para a necessidade de ações de prevenção da contaminação junto aos povos originários[22]. O aumento da contaminação nessas populações pode significar mais um genocídio praticado contra os povos indígenas da América Latina. Registros históricos mostram o impacto devastador de doenças infectocontagiosas, como gripe, sarampo, tuberculose e varíola em povos indígenas, que chegaram a dizimar grupos étnicos inteiros.

Para priorizar ações, estudos e pesquisas avançaram na elaboração de índices de vulnerabilidade das Terras Indígenas à Covid-19 (AZEVEDO et al, 2020) considerando variáveis como percentual de idosos e fatores de risco, média de moradores por domicílio, situação de regularização da Terra Indígena e proximidade com municípios com disponibilidade de leito e UTI, por exemplo. A principal estratégia para prevenção seria o controle da entrada e circulação de pessoas contaminadas pela doença em seus territórios, visto que as práticas comunitárias e formas de organização social dos povos indígenas, com o compartilhamento de objetos de uso pessoal e o extremo convívio comunitário em grandes aldeias, dificultam um isolamento social.

No entanto, a variável das invasões e atividades ilícitas praticadas por garimpeiros, grileiros e madeireiros que não fazem home office[23], tornam a situação ainda mais dramática: a boiada está passando, a exemplo do óbito de 5 guerreiros do povo Munduruku da região do Tapajós em apenas um mês, mortes relacionadas à presença de garimpos ilegais naquela região[24]. A pandemia se torna uma cortina de fumaça para o avanço do desmatamento na Amazônia, que registrou um aumento de 51% em relação ao mesmo período no ano anterior, segundo alerta do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (G1, 2020).

22 . Carta "Covid-19 e povos indígenas — a urgente necessidade de ação" redigida por pesquisadores da Fiocruz dirigida ao Conselho Deliberativo da instituição em 15 de abril de 2020 acerca da COVID-19 e povos indígenas no Brasil, anexada ao relatório "Risco de espalhamento da COVID-19 em populações indígenas: considerações preliminares sobre vulnerabilidade geográfica e sociodemográfica", (FIOCRUZ, 2020a).

23 . Comentário de Paulo Moutinho, cientista do IPAM, sobre a redução da fiscalização ambiental durante a pandemia.

24 . Entre as vítimas estão o professor Amâncio Ikon Munduruku e o cacique da aldeia Sai Cinza, Vicente Saw Munduruku, ambas as lideranças importantes na demarcação dos territórios no alto Tapajós.

As organizações indígenas também alertam para a subnotificação dos casos de contaminação e óbitos da Secretaria Especial de Saúde Indígena (Sesai), vinculada ao Ministério da Saúde. Segundo a Sesai, são 85 óbitos de indígenas pela Covid-19 confirmados em todo o país[25] enquanto os dados das organizações indígenas, consolidado pela Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (APIB), indicam 236 óbitos e 93 etnias atingidas[26]. Tal divergência revela a discriminação e a invisibilização da identidade indígena em contexto urbano, já que o atendimento aos que vivem nas cidades é feito fora do sistema de saúde indígena, de modo que as autoridades locais apenas contabilizam os casos de indígenas aldeados, prevalecendo a ideia colonialista de que se mora na cidade, não é mais índio.

No Brasil, os povos indígenas têm maior vulnerabilidade do ponto de vista epidemiológico, mas isso se agrava em função das desvantagens econômicas, sociais e de saúde em relação aos não indígenas, mesmo os que habitam as mesmas localidades. Dessa forma, há uma desigualdade prévia em relação às suas condições de vida e saúde que afeta a esses povos de forma ainda mais incisiva.

O acontecimento, suspensão da hegemonia e disputa política

Alterando a normalidade estabelecida pelas relações de poder dominantes, a pandemia da Covid-19 enquanto acontecimento, expõe e agrava as desigualdades. Ofusca o papel redentor do mercado no imaginário hegemônico. Abre espaços para a importância da solidariedade na sociedade. Ressuscita demandas e expectativas sobre o Estado. Coloca em suspense a hegemonia, criando espaços para a disputa política de discursos em nível nacional e internacional.

Qualquer tipo de ordem social é resultado de práticas hegemônicas. Não existe um fundamento final. Falar de hegemonia significa reconhecer que

25 . As informações são obtidas junto aos 34 Distritos Sanitários Especiais Indígenas (DSEI), última atualização em 10 de junho de 2020, disponibilizada no site da SESAI.

26 . Dados atualizados em 10 de junho de 2020 e disponíveis na plataforma quarentenaindigena.info.

uma ordem social é uma articulação contingente de relações de poder que carece de um fundamento racional último. Assim, toda sociedade é sempre produto de uma série de práticas hegemônicas que criam uma determinada ordem num contexto contingente. As coisas sempre poderiam ter sido diferentes. Uma ordem implica a exclusão de outras possibilidades. Uma ordem é sempre política, não "natural" (MOUFFE, 2014, p. 130-131). Como Mouffe lembra, afirma-se que a ordem estabelecida pela globalização neoliberal é um destino que tem que ser aceito, já que não existiriam mais alternativas. Mas o atual estado de globalização, longe de ser natural, é resultado de uma hegemonia neoliberal e estruturado através de relações de poder específicas. Ele pode ser desafiado e transformado e, para tanto, existem alternativas disponíveis ou que podem vir a ser criadas no processo de disputa. É possível mudar as coisas politicamente quando se pode intervir nas relações de poder para transformá-las (Ibidem).

Cabe lembrar que momentos de crise de modelos hegemônicos propiciam ou criam condições para o surgimento de populismos, que podem ser reacionários ou progressistas, como nos lembra Mouffe (MOUFFE, 2020). O populismo é um modo de articulação política que se manifesta numa situação social na qual as demandas da população tendem a reagrupar-se pelo fato de não terem sido satisfeitas (LACLAU, 2013, p. 111). Mas essa precondição não é suficiente. Só há populismo se existe um conjunto de práticas político-discursivas que constroem um sujeito popular (o povo), a partir da delimitação de uma fronteira interna que divide o espaço social em dois campos antagônicos: o eles (os dominantes, as elites) e o nós (os dominados, o povo). A lógica dessa divisão é estabelecida pela criação de uma cadeia de significados entre uma série de demandas sociais nas quais o momento equivalencial prevalece sobre a natureza diferencial das demandas. Essa cadeia de significados — ou cadeia equivalencial — não é o resultado de uma coincidência puramente fortuita. Ela deve ser consolidada mediante a emergência de um elemento — o significante vazio (MOUFFE, 2020), que outorga coerência à cadeia por significá-la como totalidade (LACLAU, 2009, p. 64). O significado reacionário ou progressista do populismo dependem de

ter a igualdade no centro de suas demandas (BIGLIERI, p. 2017), da maneira como se constrói a oposição eles/nós e da capacidade de mobilização dessas identidades modificando as correlações de força.

Assim, a pandemia da Covid-19 enquanto acontecimento, ao romper com as regularidades, com a ordem das coisas já estabelecidas e aceitas como "o normal", também coloca em suspensão a hegemonia e abre as portas para a disputa política de discursos – muitos deles ativados por articulações populistas – e dessa forma essa ordem já estabelecida perde sua aura de verdade e destino imutáveis, e se revela como aquilo que é: apenas uma entre outras alternativas possíveis de projetar e gerir o mundo.

A análise política dos discursos e os marcos interpretativos da pandemia

Acontecimento, desigualdades, hegemonia, populismo e disputa de discursos: com estes conceitos e referenciais teóricos, propomos uma abordagem da pandemia da Covid-19 que se expressa num trabalho mais amplo[27], que articula metodologicamente os princípios da análise política do discurso e a abordagem de marcos interpretativos.

A análise política do discurso se fundamenta no olhar de Ernesto Laclau e Chantal Mouffe, cientistas políticos que renovaram o pensamento sobre a democracia e o político, para os quais as disputas de narrativas presentes no contexto democrático remetem a uma confrontação entre diferentes práticas e projetos antagônicos. O antagonismo é inerente ao político e revela as posições extremas da sociedade, em que o significado social em alguma medida é sempre contestado e não pode ser completamente estabilizado. As questões políticas sempre envolvem escolhas entre alternativas muitas vezes opostas de sociedade. E as opções diante de situações que extrapolam a normalidade gerencial das políticas públicas e de seus componentes téc-

27 . Nos referimos ao projeto "Discurso, redes sociais e disputa de narrativas relativas à pandemia da Covid-19" levado a cabo pelo Grupo de Pesquisa DISCURSO e cujos resultados estão sendo publicados nos três livros : "A negação da pandemia e os anticorpos da ciência: Disputa política de discursos sobre a pandemia da Covid-19", "O vírus em disputa: Práticas discursivas internacionais e lutas por hegemonia no acontecimento pandemia da Covid-19" e "Política e Pandemia: Práticas discursivas nacionais e lutas por hegemonia no acontecimento pandemia da Covid-19".

nicos e administrativos configuram situações e opções disruptivas como as associadas às pandemias e estão inseridas no campo dos embates e disputas antagônicas (LACLAU, 2014; MOUFFE, 2014).

Ao mesmo tempo, seguindo Stuart Hall, consideramos que no mundo de hoje, há uma pluralidade de posições ocupadas pelos sujeitos. Essas identidades são múltiplas, descentradas, deslocadas e fragmentadas. Isto é, estão em processo de reconstrução e abertas a diferentes articulações, sempre parciais e não definitivas. O discurso político presente nas narrativas em disputa tem a virtude — e o poder — de articular essas identidades múltiplas e contingentes dos sujeitos.

Por sua vez, a análise dos marcos interpretativos (*frame analysis*) desenvolvida por autores como Lakoff (2007), Snow e Benford (1988) e Galván (2012) considera, na mesma perspectiva, o discurso político como um conjunto articulado de marcos de interpretação da realidade que funciona estruturando pensamento, fala e ações individuais e coletivas. Os marcos são estruturas mentais que compõem nossa maneira de ver o mundo. Como resultado, eles formam as metas que estabelecemos, os planos que fazemos, nossa forma de agir e o que conta como resultado, bom ou ruim, de nossas ações. Na política, nossos marcos moldam as políticas públicas e as instituições que criamos para realizar essas políticas. Os marcos de referência não podem ser vistos ou ouvidos. Eles fazem parte do que os cientistas cognitivos chamam de "inconsciente cognitivo", estruturas mentais que não podemos acessar conscientemente, mas das quais tomamos conhecimento por suas consequências: nossos padrões de raciocínio que estruturam o que chamamos de senso comum. Também conhecemos os marcos através da linguagem. Todas as palavras são definidas em relação a marcos conceituais. Quando você ouve uma palavra, seu marco (ou coleção de marcos) é ativado no cérebro. Mudar o marco é mudar a forma como as pessoas veem o mundo. É mudar o que se entende por senso comum (LAKOFF, 2007, p. 4). Assim, a prática discursiva política, que inclui falas, textos, performances e ações significativas dos sujeitos, e os marcos de interpretação da reali-

dade que expressam, são um dos principais meios em que se manifesta a disputa hegemônica, propiciando a articulação das identidades múltiplas dos sujeitos.

É com este instrumental metodológico que no contexto do acontecimento pandemia, procuramos reconstruir o campo discursivo sobre a Covid-19 com os principais discursos em disputa: o "negacionista" e o "científico".

Reconstruindo o campo discursivo, os discursos em debate e os principais porta-vozes

O campo discursivo sobre a pandemia em nível nacional e suas influências internacionais é reconstruído principalmente a partir das práticas discursivas expressas em falas, documentos, performances e decisões de autoridades nacionais e estaduais; de líderes de países estrangeiros chaves no contexto geopolítico; de representantes de instituições nacionais e internacionais relacionadas ao campo da saúde e da economia; de entidades da sociedade civil; de representantes de igrejas, particularmente, católica e evangélicas; em notícias, posicionamentos e depoimentos veiculados pela mídias tradicionais e pelas mídias sociais; e em entrevistas e artigos que conformam o debate intelectual, principalmente sobre o tratamento da pandemia e os impactos sistêmicos futuros.

Nesse campo discursivo, poderiam ser delimitados dois discursos mestres, nos quais oscilam e se articulam com ênfase diferente dois pólos temáticos: a sustentabilidade da vida e a sustentabilidade da economia. Por um lado, temos o discurso "negacionista", defendido por algumas autoridades e lideranças econômicas e religiosas, mídias tradicionais e sociais, que minimiza ou não reconhece a amplitude e importância da pandemia — é uma gripezinha — privilegiando a sustentabilidade da economia, incentivando a volta ao trabalho e o fim das medidas restritivas da quarentena horizontal e de lockdown.

E por outro, o discurso "científico", defendido por médicos sanitaristas com apoio de organismos internacionais, mídias, governadores e muitos governos estrangeiros, que privilegiam o cuidado à saúde e à sustentabilidade da vida,

defendendo o isolamento social com a quarentena horizontal e até lockdown como a melhor forma de garantir a vida e também o êxito futuro em termos de sustentabilidade econômica.

Ambos discursos mestres em disputa — "negacionista" e "científico" — são reconstruídos a partir das práticas discursivas dos diversos atores chave. Essas práticas estão na origem dos discursos, mas também reproduzem ou atualizam os discursos mestres, conformando diversas variantes de acordo com os embates da política de cada contexto específico. Cabe lembrar que as práticas discursivas se desenvolvem no plano ôntico da política – isto é, da diversidade de práticas e instituições do cotidiano, enquanto o discurso que organiza essas práticas se situa no plano ontológico do político, isto é, do processo de instituição ou conformação do social. (MOUFFE, 2011, p.15-16).

Entre os poucos porta-vozes no nível internacional do discurso "negacionista" e suas variantes, identificamos presidentes e primeiros ministros de países como EUA (Trump) e Grã-Bretanha (Johnson antes de ser infectado pela Covid-19), assim como líderes autoritários de países como Bielorrússia (Lukashenko), Tajiquistão (Berdymukhamedov), Tanzânia (Magufuli) e Nicarágua (Ortega). Em nível nacional, encontramos o presidente do Brasil, ministros e membros do segundo escalão, parlamentares do dito "novo centrão", empresários, lideranças do agronegócio, membros das forças armadas, da polícia militar e dos bombeiros (aposentados e na ativa), lideranças de igrejas pentecostais, blogueiros e produtores de *fake news* nas mídias sociais. Desse conjunto de atores em nossa pesquisa, daremos destaque ao presidente dos EUA, e a nível nacional, ao presidente do país e lideranças de igrejas pentecostais, além das mídias sociais.

Entre os diversos porta-vozes do discurso "científico" e suas variantes, no nível internacional, temos a Organização Mundial da Saúde, o Papa, presidentes e primeiros-ministros da Argentina, Nova Zelândia, Rússia, China, Chile, França, Alemanha entre outros. Em nível nacional, encontramos um espectro diverso de porta-vozes: a Fiocruz, os governadores do Nordeste, de São Paulo, Rio de Janeiro, Goiás; o Comitê Científico do Nordeste; ex-ministros da Saúde, o presidente da Câmara dos Deputados, parlamentares,

ex-presidentes da República, empresários, lideranças da Igreja Católica, membros de movimentos sociais, redes, ONGs e de outras entidades da sociedade civil, e os principais veículos da mídia tradicional.[28] Desse conjunto, daremos destaque à Organização Mundial da Saúde, o Papa Francisco e os presidentes e primeiros ministros da Argentina (Fernández), Nova Zelândia (Ardern), Rússia (Putin), China (Xi Jinping), Chile (Piñeira), a Fiocruz, os governadores do estados do Maranhão, São Paulo, Rio de Janeiro e Goiás, o Comitê Científico do Nordeste e o presidente da Câmara de Deputados (Maia), além das mídias tradicionais.

Recapitulando

Como foi apontado no início deste capítulo, convidamos o leitor a olhar a pandemia da Covid-19, que tem colocado um quarto da população mundial frente a medidas de isolamento, como um acontecimento. Através desse olhar, procuramos destacar os impactos desiguais da pandemia, buscando considerar a suspensão da hegemonia e a oportunidade de disputa política que essa suspensão abre. Explicitamos também o instrumental metodológico da pesquisa maior, fundado na análise política dos discursos e na abordagem de marcos interpretativos. Com esse instrumental, procuramos reconstruir sucintamente o campo discursivo e os discursos em debate para finalmente identificar os principais porta-vozes dos discursos negacionista e científico.

Servindo-nos desses elementos como base e referência, nos próximos capítulos abordaremos detalhadamente os discursos *negacionista* (capítulo 2) e *científico* (capítulo 3). Partindo de uma sucinta caracterização dos seus principais porta-vozes, a análise apresentará o diagnóstico que cada discurso traça acerca do problema, o tom predominante de suas práticas discursivas, as demandas e os grupos que se articulam em identidades políticas anta-

28 . Cabe destacar limites na identificação de porta-vozes do discurso "científico" pelas escolhas da mídia, que faz com que lideranças com posicionamentos claros — como vários governadores do Nordeste ou líderes de partidos de esquerda — sejam preteridos ou invisibilizados, não ganhando espaço nos debates veiculados publicamente. É sintomática também a ausência ou presença diluída da voz do "mercado" que em outros contextos é permanentemente acionada.

gônicas — o *eles* e o *nós* — com os antagonismos em nível nacional e/ou internacional que se reproduzem ou se criam na disputa e as propostas para enfrentar e sair da pandemia.

REFERÊNCIAS

ABSBAB. **Pesquisa de Perfil dos Entregadores Ciclistas de Aplicativo.** 2020. Disponível em: aliancabike.org.br/pesquisa-de-perfil-dos-entregadores-ciclistas-de-aplicativo/. Acesso em: 29 jul 2021.

AZEVEDO, Marta et.al. Análise de Vulnerabilidade Demográfica e Infraestrutural das Terras Indígenas à Covid-19. **Caderno de Insumos,** UNICAMP 2020. Disponível em: apublica.org/wp-content/uploads/2020/04/caderno-demografia-indigena.pdf. Acesso em: 29 jul. 2021.

BIGLIERI, P. Populismo y emancipaciones. La política radical hoy. Una aproximación (con variaciones) al pensamiento de Ernesto Laclau. **Revista Mexicana de Ciencias Políticas y Sociales.** Universidad Nacional Autónoma de México Nueva Época, Año LXII, n. 229, enero-abril de 2017, p. 245-262.

CODEÇO C. T. et al. **Risco de espalhamento da Covid-19 em populações indígenas: considerações preliminares sobre vulnerabilidade geográfica e sociodemográfica. 2020. ABRASCO**. Disponível em: abrasco.org.br/site/gtsaudeindigena/wp-content/uploads/sites/12/2020/04/Relat%C3%B3rios-t%C3%A9cnicos-COVID-19_procc-emap-ensp-covid-19-report4_20200419-indigenas.pdf. Acesso em: 30 jul 2020.

COSTA, Fernanda. Morte de trabalhadora doméstica por coronavírus escancara falta de políticas para proteger a classe. **UFRGS Jornal da Universidade**, 2020. Disponível em: ufrgs.br/jornal/morte-de-trabalhadora-domestica-por-coronavirus-escancara-falta-de-politicas-para-proteger-a-classe/. Acesso em: 29 jul. 2021.

COSTA, Camila. Caso Miguel: morte de menino no Recife mostra 'como supremacia branca funciona no Brasil', diz historiadora. **BBC**, 2020 disponível em: bbc.com/portuguese/brasil-52932110. Acesso em: 30 jul. de 2021

ESTATÍSTICAS SOCIAIS. Em média, mulheres dedicam 10,4 horas por semana a mais que os homens aos afazeres domésticos ou ao cuidado de pessoas. **IBGE**, 2013. Disponível em: agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/27877-em-media-mulheres-dedicam-10-4-horas-por-semana-a-mais-que-os-homens-aos-afazeres-domesticos-ou-ao-cuidado-de-pessoas. Acesso em: 30 jul. de 2021

FAVARETO, A.; LOTTA, G.; ANDREOTTI, A. C.; CAVALCANTE, P. F. A expansão da Covid-19 pelo Brasil rural e interiorano e seus desafios. **Estadão**, 2020. Disponível em: politica.estadao.com.br/blogs/gestao-politica-e-sociedade/a-expansao-da-covid-19-pelo-brasil-rural-e-interiorano-e-seus-desafios/. Acesso em: 15 jul. 2021.

FENATRAD. **Cuida de quem te cuida**. Bonde, 2020. Disponível em: cuidadequemtecuida.bonde.org/. Acesso em: 21 jul. de 2021

FENATRAD. **Home**. 2020. Disponível em: fenatrad.org.br/. Acesso em: 21 jul. 2021.

FBSP - FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Violência Doméstica Durante Pandemia de Covid-19 Edição 02**, 2020. Disponível em: forumseguranca.org.br/publicacoes_posts/violencia-domestica-durante-pandemia-de-covid-19-edicao-02/. Acesso em: 30 de jul. 2021

FIOCRUZ. **Risco de espalhamento da COVID-19 em populações indígenas: considerações preliminares sobre vulnerabilidade geográfica e sociodemográfica.** 4º Relatório, 18 abr. 2020a. Disponível em: portal.fiocruz.br/sites/portal.fiocruz.br/files/documentos/relatorios_tecnicos_-_covid-19_procc-emap-ensp-covid-19-report4_20200419-indigenas.pdf. Acesso em 22 jul. 2021.

FIOCRUZ. **Boletim CoVida:** Pandemia Covid-19. 5ª Ed. 18 maio. 2020b. Disponível em: renastonline.ensp.fiocruz.br/recursos/boletim-covida-n-5-saude-trabalhadores-saude-enfrentamento-pandemia-covid-19. Acesso em: 30 de jul. 2021

GALVÁN, I. E. **La lucha por la hegemonía durante el primer gobierno del MAS en Bolivia (2006-2009)**: un análisis discursivo. Madrid: Universidad Complutense, tesis de doctorado. 2012. (Doutorado em Ciência Política) – Programa de doctorado Conflicto político y procesos de pacificación, Departamento de Ciencia Política y de la Administración II, Universidad Complutense de Madrid. Madrid, 2012. Disponível em: eprints.ucm.es/id/eprint/14574/. Acesso em: 07 abr. 2020.

GOES, E. F.; RAMOS, D. O.; FERREIRA, A. J. F. Desigualdades raciais em saúde e a pandemia da Covid-19. **Trabalho, Educação e Saúde**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 3, 2020 Disponível em: scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-77462020000300301. Acesso em: 30 de jul. 2021

G1: Desmatamento na Amazonia cresce 51% nos últimos 11 meses em relação ao período anterior. Disponível em: g1.globo.com/natureza/amazonia/noticia/2021/07/19/desmatamento-na-amazonia-cresce-51percent-nos-ultimos-11-meses-em-relacao-ao-periodo-anterior-aponta-imazon.ghtml; Acesso em: 20 jul. 2020

HALL, S. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A Ed., 8ª ed., 2003.

HAN, B. **Psicopolítica**. Belo Horizonte: Ayne 2018.

HAN, B. La Emergência viral e el mundo de mañana. *In*: AGAMBEN, Giorgio et al. **Sopa de Wuhan.** Pensamiento contemporáneo en tiempos de pandemias. Buenos Aires, Argentina: ASPO, 2020. Disponível em: dialektika.org/wp-content/plugins/algori-pdf-viewer/dist/web/viewer.html?file=https%3A%2F%2Fdialektika.org%2Fwp-content%2Fuploads%2F2020%2F04%2FSopa-de-Wuhan-ASPO.pdf. Acesso em: 29 jul. 2021.

IBGE. **Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil**. 2018. Disponível em: biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101681_informativo.pdf. Acesso em: 29 jul. 2021.

IBGE. **Pesquisa regiões de influência das cidades: informações de deslocamentos para serviços de saúde:** notas técnicas. 2020. p.33. Disponível em: biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2101715. Acesso em: 29 jul. 2021.

LACLAU, E. **A Razão Populista.** São Paulo: Ed. Três Estrelas, 2013

LACLAU, E. Populismo: qué nos dice el nombre?. *In:* PANIZA, F. (org.). **El populismo como espejo de la democracia.** Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2009.

LACLAU, E. **Los fundamentos retóricos de la sociedad.** Buenos Aires: FCE, 2014;

LAKOFF, G. **No pienses en un elefante**. Lenguaje y debate político. Madrid: Editorial Complutense, 2007.

MACHADO, Renato; LADEIRA, Pedro. Papuda chega a mil casos de Covid-19 em meio a desespero de parentes. **Folha de São Paulo**, 07 jun. 2020. Disponível em: www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/06/papuda-chega-a-mil-casos-de-covid-19-em-meio-a-desespero-de-parentes.shtml. Acesso em: 10 jun. 2020.

MAZZUCATO, M; QUAGGIOTO, G. El gran fracaso del gobierno mínimo. **SinPermiso**, 2020. Disponível em: sinpermiso.info/textos/el-gran-fracaso-del-gobierno-minimo. Acesso em: 29 jul. 2021.

MOUFFE, C. **En torno a lo político**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2011.

MOUFFE, C. **Agonística.** Pensar el mundo politicamente. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2014.

MOUFFE, Chantal: Controvérsia sobre o populismo de esquerda. **Le Monde Diplomatique Brasil,** 30 abr. 2020. Disponível em: diplomatique.org.br/controversia-sobre-o-populismo-de-esquerda/. Acesso em: 29 jul. 2021.

MUNIZ, Bianca; FONSECA, Bruno; PINA, Rute. Em duas semanas, número de negros mortos por coronavírus é cinco vezes maior no Brasil. **Agência pública**, 2020

Disponível em: apublica.org/2020/05/em-duas-semanas-numero-de-negros-mortos-por-coronavirus-e-cinco-vezes-maior-no-brasil/. Acesso em: 20 jul. 2021.

PNUD. **Covid-19 and human development:** Assessing the Crisis, Envisioning the Recovery. PNUD, maio. 2020. Disponível em: hdr.undp.org/sites/default/files/covid-19_and_human_development_0.pdf. Acesso em: 31 mai. 2020.

QUILOMBOS SEM COVID19. **Observatório da Covid-19 nos quilombos**. 2020

Disponível em: quilombosemcovid19.org/. Acesso em: 29 jul. 2021.

RAMONET, I. La pandemia y el sistema mundo. **Le Monde Diplomatique em Espanhol**, 25 Abr. 2020. disponível em: mondiplo.com/la-pandemia-y-el-sistema-mundo. Acesso em: 02 ago. 2021.

ROBERTS, M. Confinados. **SinPermiso,** 2020. Disponível em: sinpermiso.info/textos/confinados. Acesso em: 29 jul. 2021.

RIBEIRO, Djamila. Doméstica idosa que morreu no Rio cuidava da patroa contagiada pelo coronavírus. **Folha De S. Paulo**, 19 mar. 2020

Disponível em: www1.folha.uol.com.br/colunas/djamila-ribeiro/2020/03/domestica-idosa-que-morreu-no-rio-cuidava-da-patroa-contagiada-pelo-coronavirus.shtml. Acesso em: 31 mar. 2020

SESAI, **Informe Epidemiológico**. Ministério da Saúde, Secretaria Especial de Saúde Indígena, Brasília, n. 12, jul. 2020.

SNOW, D.; BENFORD, R. Ideology, Frame Resonance and Participant Mobilization. *In*: KLANDERMAS,B.; KRISI. H.; TARROW.S.G. (eds.). **From Structure to Action: Comparing Social Movement Research across Cultures**. Greenwich: JAI Press, 1988.

VIÑAS, Diego; DURAN, Pedro; CARVALHO, Júlia. Morrem 40% mais negros que brancos por coronavírus no Brasil. **CNN BRASIL**, 2020. Disponível em: cnnbrasil.com.br/saude/2020/06/05/negros-morrem-40-mais-que-brancos-por-coronavirus-no-brasil. Acesso em: 04 agos. 2021

ZOURABICHVILI, F. **O vocabulário de Deleuze**. Rio de Janeiro: Relume Dumará Sinergia Ediouro, 2009.

2 . “Uma gripezinha”: A análise política do discurso negacionista[1]

Jorge Osvaldo Romano, Liza Uema, Myriam Martinez dos Santos, Larissa Rodrigues Ferreira, Vanessa Barroso Barreto, Thais Ponciano Bittencourt, Paulo Petersen, Paulo Augusto André Balthazar, Eduardo Britto Santos, Renan Alfenas de Mattos, Annagesse de Carvalho Feitosa, Juanita Cuéllar Benavides, Ana Carolina Aguiar Simões Castilho, Caroline Boletta de Oliveira Aguiar e Érika Toth Souza[2]

Tendo como referência a pandemia da Covid-19 como um acontecimento que acentua desigualdades, mas que coloca em suspensão a hegemonia, abrindo oportunidades de disputa política entre os discursos “negacionista” e “científico”, neste capítulo, através do auxílio metodológico da análise política dos discursos e da abordagem de marcos interpretativos[3] apresentadas no capítulo anterior, aprofundamos a caracterização do discurso “negacionista”. Partindo de uma sucinta identificação dos seus principais porta-vozes, a análise traz o diagnóstico que esse discurso faz do problema, o tom predominante de suas práticas discursivas, as demandas e os grupos que se arti-

1 . Uma primeira versão deste texto foi divulgada através do Le Monde Diplomatique Brasil online, na série Populismo e Crise: Disponível em: diplomatique.org.br/especial/populismo-e-crises/.

2 . Os autores são pesquisadoras e pesquisadores do grupo de pesquisa “Discurso, Redes Sociais e Identidades Sócio-Políticas (DISCURSO)” vinculado ao Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento Agricultura e Sociedade e ao Curso de Relações Internacionais do DDAS/ICHS da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, registrado no CNPq e com apoio de ActionAid Brasil.

3 . A análise política do discurso se fundamenta no olhar de Ernesto Laclau e Chantal Mouffe para os quais as disputas de narrativas presentes no contexto democrático remetem a uma confrontação entre diferentes práticas e projetos antagônicos. O discurso político que conforma as narrativas em disputa tem a virtude e o poder de articular as identidades múltiplas e contingentes dos sujeitos. A análise dos marcos interpretativos (*frame analysis*) desenvolvida por autores como Snow, Benford e Galván considera o discurso político um conjunto articulado de marcos de interpretação da realidade que estrutura o pensamento, fala e ações individuais e coletivas.

culam em identidades políticas antagônicas — o "eles" e o "nós" — com os antagonismos em nível nacional ou internacional que se criam ou se reproduzem na disputa, e as soluções e propostas para enfrentar e sair da pandemia.

Olhar para a pandemia da Covid-19 como um acontecimento (HAN, 2020) — além de destacar o aprofundamento das desigualdades que já vinham sendo potencializadas pelo neoliberalismo — permite identificar as oportunidades que se criam com a suspensão da hegemonia que ela possibilita e que se manifestam na disputa política entre os discursos "negacionista" e "científico". Com efeito, no campo discursivo referente à pandemia da Covid-19 que se conforma a partir das práticas discursivas expressas em falas, documentos, performances e decisões de diversos atores políticos e sociais em nível nacional e internacional, é possível delimitar dois discursos mestres na disputa política: o "negacionista" e o "científico", em que se articulam com ênfase diferente dois pólos temáticos: a *sustentabilidade da vida* e a *sustentabilidade da economia*[4].

(Arte: César Habert Paciornik)

Por um lado, temos o discurso *negacionista*, defendido por algumas autoridades e lideranças econômicas e religiosas, mídias tradicionais e sociais. Este discurso minimiza ou não reconhece a amplitude e importância da pandemia. Privilegiando a *sustentabilidade da economia*, incentiva *a volta ao trabalho* e o *fim das medidas restritivas de quarentena horizontal* e de *lockdown*.

4 . Metodologicamente, ao longo do texto, pusemos em itálico palavras ou significados tanto expressos nas práticas discursivas dos porta-vozes como aquelas que achamos adequadas, em termos de significado, pelo trabalho analítico e que gostaríamos de destacar.

Por outro lado, encontramos o discurso *científico*, defendido por médicos sanitaristas e que conta com o apoio de organismos internacionais, mídias, governadores estaduais e muitos governos estrangeiros. Por sua vez, este discurso privilegia o *cuidado da saúde* e a *sustentabilidade da vida*, defendendo o *isolamento social* com a *quarentena horizontal* e até *lockdown* como *melhor forma de garantir a vida* e, também, o êxito futuro em termos de *sustentabilidade econômica*.

Assim, a seguir, procuraremos caracterizar o discurso *negacionista,* e no próximo capítulo, procuraremos reconstruir e caracterizar o discurso *científico*.

Os principais porta-vozes dos discursos negacionista

Entre os poucos porta-vozes no nível internacional do discurso negacionista e suas variantes, identificamos presidentes e primeiros ministros de países, como EUA (Trump) e Grã-Bretanha (Johnson antes de ser infectado pela Covid-19), assim como líderes autoritários de países como Bielorrússia (Lukashenko), Tajiquistão (Berdymukhamedov), Tanzânia (Magufuli) e Nicarágua (Ortega). Em nível nacional, encontramos o presidente do Brasil, ministros e membros do segundo escalão, parlamentares do dito "novo centrão", empresários, lideranças do agronegócio, membros das forças armadas, da polícia militar e dos bombeiros (aposentados e na ativa), lideranças de igrejas pentecostais e nas mídias sociais blogueiros e produtores de fake-news. Desse conjunto de atores em nossa pesquisa, a nível internacional daremos destaque ao presidente dos EUA e, a nível nacional, ao presidente do Brasil e lideranças de igrejas pentecostais.

DONALD TRUMP (Donald John Trump), homem, branco, 73 anos, nascido em Nova Iorque, empresário de sucesso e com uma vida pública movimentada por participações em programas televisivos, filmes e pela repercussão pela imprensa de seus acordos de divórcios milionários. Em 2016, em meio a uma acirrada corrida presidencial com Hillary Clinton e, contrariando a previsão da maioria dos analistas, Donald Trump foi eleito o 45º presidente dos Estados Unidos da América pelo Partido Republicano, com 290 votos

do total de 538 eleitores no Colégio Eleitoral – apesar de sua opositora ter tido 300.000 votos a mais que ele. Durante uma administração caracterizada por medidas controversas — por exemplo, em termos de migração, comércio e política externa — e amparado num discurso nacionalista-protecionista e com promessas na melhora dos indicadores de emprego, o presidente enfrenta os desafios da pandemia num contexto de tentativa de reeleição presidencial, que deveria ocorrer no segundo semestre de 2020. Apesar da crescente gravidade que tem transformado o país no epicentro da pandemia, Trump tem mantido um tom de otimismo, minimizando o grave quadro epidemiológico, apoiando a abertura econômica e incentivando os seus apoiadores a enfrentar os governadores que defendem o isolamento social. A partir do início do mês de junho de 2020, enfrenta uma grande onda de mobilizações antirracistas e contra a violência policial destinada à população negra estadunidense. É visto por seus críticos como uma liderança extremista inexperiente, que ataca os ideais representativos democráticos, de cooperação internacional e tolerância. Entretanto, por seus apoiadores, o presidente é um líder que colocará os interesses e princípios fundadores da América em primeiro lugar.

JAIR MESSIAS BOLSONARO, 65 anos, homem branco, nascido na cidade paulista de Glicério, foi eleito presidente do Brasil em 2018, com 55,13% dos votos válidos no segundo turno pelo Partido Social Liberal (PSL), do qual se desfiliou em novembro de 2019, estando até o momento sem filiação partidária. Passou para a reserva do Exército no final da década de 1980, cumpriu mandato como vereador do Rio de Janeiro de 1989 a 1991 e sete mandatos como Deputado Federal através de outros nove partidos. A sua campanha eleitoral contou com uma narrativa que articulava posições morais contra a política, a corrupção, o *homossexualismo* e o *esquerdismo* e a favor da redução da maioridade penal, do armamento dos *cidadãos de bem* e de valores *cristãos* da *família*[5], além da exaltação à ditadura militar e tortura-

5 . VARGAS, 2018.

dores[6]. No seu discurso de posse, em 1º de janeiro de 2019, não fez qualquer referência a dois problemas que naquele momento já afetavam duramente o país: o desemprego de mais de 12 milhões de pessoas e o sucateamento do sistema público de saúde, preferindo retomar seu discurso anticomunista de campanha, ao prometer *libertar o país do socialismo*.[7] O primeiro ano de seu governo se caracterizou por um ambiente de instabilidade institucional, com denúncias de corrupção por parte de seu clã familiar, mudanças ministeriais, embates com o Supremo Tribunal Federal e as presidências do Congresso Nacional, sobretudo o ex-presidente da Câmara dos Deputados Rodrigo Maia, e pelo grande número de militares nomeados em cargos de primeiro e segundo escalão no Poder Executivo. Suas práticas discursivas são marcadas pelo acirramento do antagonismo e ameaças às instituições democráticas, hostilização das mídias tradicionais e forte espelhamento com as estratégias de comunicação e posicionamentos ultra-conservadores do ex-presidente dos Estados Unidos Donald Trump. O principal canal de comunicação de Bolsonaro com a sociedade são as redes sociais, especialmente o Twitter, onde desde o início de seu mandato realiza transmissões semanais ao vivo diretamente de seu aparelho celular e que são dirigidas principalmente a seus apoiadores. É sobretudo pelas mídias digitais que Bolsonaro busca mobilizar seus seguidores a aderirem ao seu discurso.

IGREJAS PENTECOSTAIS E NEOPENTECOSTAIS como a Assembleia de Deus Vitória em Cristo, Igreja Universal do Reino de Deus, Igreja Mundial do Poder de Deus e Igreja Internacional da Graça de Deus, contam com um crescimento significativo do número de seguidores no Brasil, tradicionalmente católico. Esse crescimento veio acompanhado de uma maior presença das igrejas nos meios de comunicação — TV, rádio e mídias sociais — e nos espaços de poder governamentais, tanto no nível legislativo como no executivo, principalmente com o atual presidente do país que se declara evangélico. Lideranças dessas igrejas, como os pastores (ou bispos) Silas Mala-

6 . BOLSONARO..., 2018.

7 . BETTO, 2020.

faia, Edir Macedo, R. R. Soares e Valdemiro Santiago têm se transformado em interlocutores privilegiados e até mesmo em tutores do atual presidente. Também se alinham ao presidente nos posicionamentos em relação à pandemia da Covid-19. Essas lideranças, todas contrárias ao isolamento social horizontal e ao fechamento temporário de igrejas, defendem que o vírus é inofensivo, que é mais uma *tática de Satanás e prometem curas milagrosas*[8]. Atacam os grandes grupos de comunicação do país, principalmente a Rede Globo e a Folha de S. Paulo, os governadores, as universidades e os cientistas ou qualquer foco de oposição às medidas negacionistas do governo Bolsonaro, afirmando que induzem a população ao pânico, *não protegendo o pobre, mas agradando a classe média e os ricos*[9].

Discurso negacionista: o diagnóstico e a injustiça[10]

Nas práticas discursivas de porta-vozes do discurso "negacionista", o diagnóstico do problema nega ou minimiza a importância da pandemia como um risco à sustentabilidade da vida, já que *as consequências do tratamento não podem ser mais danosas que a própria doença*[11]. A injustiça desse impacto é projetada sobre a população e regiões mais pobres do país, sendo justificada pelo *castigo do desemprego e da fome*. Práticas discursivas do presidente brasileiro são um exemplo das adaptações do discurso no caminho da negação da pandemia: *fantasia*[12] quando ainda não havia mortes no país; *histeria*[13] quando apareceu a primeira morte; *gripezinha*[14] quando tinha 11

8 . PODER 360, 2020.

9 . Ibidem 8

10 . A análise, acompanha a proposta de marcos interpretativos (frame analysis), particularmente a implementada por Errejón Galván (2012), que sugere a reconstrução de três marcos específicos: o marco do diagnóstico, onde se identifica o problema principal que aflige o país; o marco do prognóstico que apresenta e nomina a proposta geral de solução do problema, traça a fronteira que delimita o "eles" – os outros e articula a identidade do "nós"- do povo; e o marco de motivação, no qual se pretende incentivar a adesão à sua narrativa e a mobilização de seus adeptos e seguidores através da moralização dessa fronteira, a naturalização de um passado histórico e um programa ou lista de ações para solucionar o problema.

11 . PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA, 2020a.

12 . SANCHES, 2020.

13 . BOLSONARO..., 2020a.

14 . CAMAROTTI, 2020.

mortes; *medinho*[15] ao alcançar 202 mortes; *está indo embora*[16] quando se chegou a 1.230 mortes; *não sou coveiro*[17] com 2.588 mortes; *E daí? Lamento, quer que eu faça o quê? Eu sou Messias, mas não faço milagres*[18] quando questionado sobre o crescimento para 5.083 mortes; *chegou no limite, não tem mais conversa*[19] com 6.759 mortes; organização de um churrasco[20] para 3.000 pessoas no Palácio da Alvorada que foi substituído por um passeio de jet-ski no lago Paranoá quando o país atingia 10.627 mortes[21]; *o desemprego, a fome e a miséria serão o futuro daqueles que apoiam a tirania do isolamento total*[22] no dia em que o número de mortes chegava a 15.662; *quem é de direita toma cloroquina, quem é de esquerda tubaína*[23] debochando os críticos à sua campanha de flexibilizar o uso de cloroquina quando o país superou 1.100 óbitos num dia, alcançando o total de 17.971 mortes; *qualquer negócio é Covid*[24], supondo que os governadores estariam alterando dados para aumentar o número de infectados no dia em que 32.568 pessoas haviam morrido em decorrência do vírus. E no dia em que a quantidade de pessoas mortas no Brasil chegou a 34.021, superando a Itália e alcançando recordes diários nos registros, o governo apagou de sua plataforma digital todos os números consolidados sobre o avanço da Covid-19, como o número total de pessoas infectadas, o número de óbitos e a curva de evolução da doença desde que foi registrado o primeiro caso no país, em fevereiro. Sobre este fato, Bolsonaro alegou que a acumulação de dados, além de não indicar que *a maior parcela já não está com a doença, não retratam o momento do país*[25].

15 . UOL, 2020a.

16 . BOLSONARO..., 2020b.

17 . SOARES, 2020a.

18 . 'E DAÍ?..., 2020.

19 . MARQUES, 2020.

20 . UOL, 2020b.

21 . BOLSONARO..., 2020c

22 . NO TWITTER..., 2020.

23 . QUEM..., 2020.

24 . BOLSONARO..., 2020d.

25 . NOVAES, 2020.

No dia 11 de junho, quando o Brasil alcançava o registro de mais de 40 mil óbitos, durante a live realizada semanalmente via Twitter, alegou que poderia haver *uso político dos dados*[26] sobre a pandemia e pediu a seus apoiadores: *se tem um hospital de campanha perto de você, dá um jeito de entrar e filmar. Muita gente está fazendo isso, mais gente tem que fazer para mostrar se os leitos estão ocupados ou não*[27].

O Tom

Em geral, o tom discursivo negacionista é *emocional, apelativo, incisivo* e até *agressivo* em muitos contextos. As práticas discursivas, incluindo as performances, procuram desqualificar as medidas de priorização da saúde. No caso de Trump e Bolsonaro, vemos o *incentivo a aglomerações, como manifestações pró-governo*[28], *contra governadores*[29] *e pela utilização da cloroquina*[30]. O presidente do Brasil não apenas incentiva essas manifestações, mas tem participado presencialmente, *sem proteção de máscaras e cumprimentando apoiadores*, além de *circular pelo comércio da capital federal* com frequência[31]. No dia em que eclodiram as manifestações antirracistas nos EUA, Bolsonaro, durante a realização de uma live, *bebeu um copo de leite*[32], símbolo diretamente ligado aos extremistas brancos "alt-right" estadunidenses[33]. Como fez Trump em 2016, compartilhou no Facebook um vídeo contendo a frase de Benito Mussolini *melhor um dia como leão do que cem anos como ovelha*[34].

26 . BOLSONARO, 2020e.

27 . O GLOBO, 2020a.

28 . JOVEM PAN NEWS, 2020.

29 . MARTINA; RENSHAW; REID, 2020.

30 . AE, 2020.

31 . CASTRO, 2021.

32 . BERTOLACINI, 2020.

33 . Apesar do presidente dizer que estaria cumprindo um desafio de ruralistas, pesquisadores enxergam uma correlação do gesto com movimentos neonazistas – que adotam o copo de leite como símbolo. Para a antropóloga Adriana Dias, que há anos pesquisa o fenômeno do nazismo, há uma referência clara entre o episódio e o neonazismo. "O leite é o tempo todo referência neonazi. Tomar branco, se tornar branco. Ele vai dizer que não é, que é pelo desafio, mas é um jogo de cena, como eles sempre fazem".

34 . BOLSONARO, 2020f.

No caso das igrejas neopentecostais, a performance está nos próprios *cultos* em si, transmitidos através de plataformas online, *Drive-Thru da Oração, jejuns da fé*[35], doações para os mais necessitados e o uso das redes para propagar a palavra de Deus. No dia 5 de junho, um grupo de líderes evangélicos foi ao Palácio do Planalto *orar pelo fim da baderna e do quebra-quebra*[36] provocados pelos protestos antifascistas e antirracistas iniciados no Brasil após a eclosão de manifestações nos EUA.

As soluções e propostas

As soluções que o discurso negacionista destaca para enfrentar e sair da pandemia passam, principalmente, pela primazia da sustentabilidade econômica, adequadas aos contextos específicos de cada país. No caso de Trump, há uma recuperação de um dos significantes vazios[37] de sua campanha eleitoral: *America First* (Primeiro a América) e a construção de um novo *Keep America Great* (Mantenha América Grandiosa). Eles são acionados tanto para enfrentar a *estagnação político-econômica devido ao isolamento social em um momento em que o desemprego estava em queda histórica*[38], como para zelar pelas vidas e também os interesses econômicos, já que os *Estados Unidos detém a tecnologia e o poder necessários para produzir* ou se apropriar de *medicamentos e vacinas*[39]. Tem que fazer o *uso adequado da indústria farmacêutica* e, caso contrário, *comprar a patente* da vacina criada no estrangeiro para primeiro aplicá-la no país. Esses significantes vazios também são acionados na prática discursiva de Trump para enfrentar o *uso político da crise pelos democratas*[40] e *a expansão da relevância chinesa no*

35 . VEJA, 2020.

36 . ORAÇÃO..., 2020.

37 . Na análise política do discurso, a noção de significante vazio refere-se a palavras ou elementos de um discurso político que perdem sua singularidade originária para significar todo o conjunto de demandas e propostas que conformam esse discurso. É uma prática muito recorrente do componente populista dos discursos políticos.

38 . THE WHITE HOUSE, 2020a.

39 . Não só é uma fala frequente de enaltecimento do poder e tecnologia nacionais, mas também faz referência à Lei de Produção de Defesa (tradução própria), a qual dá autoridade ao presidente para trabalhar com o setor privado na garantia dos suprimentos necessários à defesa nacional em casos emergenciais. (FEMA, 2020.).

40 . LIVENOW FROM FOX, 2020.

cenário internacional. Entre as soluções para tratar a Covid-19, se destaca a utilização da *hidroxicloroquina*[41] em um primeiro momento, mas também a *aplicação de injeção de desinfetante* ou *colocar luz solar dentro do corpo*[42].

No caso do presidente do Brasil, as soluções e propostas que suas práticas discursivas negacionistas destacam para enfrentar e sair da pandemia residem no relaxamento do isolamento social horizontal: *Brasil não pode parar*[43], preparar o Brasil para a sua retomada, reorganizar a economia e *mobilizar todos os recursos e energia para tornar o Brasil ainda mais forte após a pandemia*[44]. Assim, a medida a tomar seria o isolamento vertical feito pelas famílias: *devemos sim cada família cuidar dos mais idosos, não pode deixar na conta do Estado. Botar o vovô e a vovó num canto e evitar o contato com eles, e o resto tem que trabalhar*[45]. Porque o que está havendo é uma destruição do emprego no Brasil. *Alguns podem morrer afogados na chuva, quem está na chuva são os mais idosos e aqueles que têm doenças pré-existentes*[46]. Seguindo Trump, a utilização da *hidroxicloroquina*[47] é uma das principais propostas no enfrentamento da doença.

As lideranças pentecostais locais brasileiras, por sua vez, defendem a *força da fé* para curar a Covid-19 e, reforçadas pelo presidente, convocaram o jejum religioso para *ficar livre desse mal*[48]. Defendem a reabertura do comércio e dos templos, assim como soluções controversas, como a imunização *através*

41 . BEHRMANN; SANTUCCI, 2020.

42 . GUARDIAN NEWS, 2020.

43 . BOLSONARO, 2020a.

44 . PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA, 2020b.

45 . SCHUQUEL, 2020.

46 . ESTADÃO CONTEÚDO, 2020.

47 . RECORD NEWS, 2020.

48 . ORAÇÃO..., 2020.

de óleo ungido[49]ou pela *cloroquina de Jesus*[50]. A cura da doença também é assegurada *por meio de sementes*[51] que podem ser compradas por mil reais, *por água consagrada* ou *receita de gargarejo*[52].

O *eles*

Na disputa hegemônica, o discurso negacionista propõe uma construção de identidades políticas antagônicas a partir da articulação de demandas e atributos negativos a grupos opositores num *eles — os inimigos* — que, por contraste, permite articular e conformar politicamente demandas e grupos no *nós* — o *nosso povo.* Nas práticas discursivas do presidente dos Estados Unidos, se articula uma cadeia de significados[53] e elementos negativos, como *anti-Trump, democratas, Obama, entreguistas, mídia corporativa, defensores do isolamento total* que fere a liberdade do povo americano*, globalização, China e o vírus chinês, a OMS* ineficiente que defende os interesses chineses*, a imigração descontrolada, desemprego, ameaça à soberania, terrorismo* e aumento do crime[54].

Nas práticas discursivas do presidente brasileiro, o *eles* é sintetizado no significante vazio *antipatriotas* e no ponto nodal *fecha-tudo*, que articula os defensores do isolamento social que priorizam a sustentabilidade da vida, em particular, algumas poucas autoridades estaduais e municipais que *devem abandonar o conceito de terra arrasada*, a proibição de transportes, o fechamento de comércio e o confinamento em massa. A cadeia de equivalência se expande politicamente para os componentes da nova *direita gerencial reciclada* conformada por ex-aliados ou *traidores* que se constituem numa

49 . G1, 2020.

50 . KERTZMAN, 2020.

51 . ISTOÉ, 2020a

52 . ISTOÉ, 2020b.

53 . Ou *cadeia de equivalências* na análise de Laclau e Mouffe (op.cit.). Na cadeia de equivalências podem se identificar *pontos nodais* que numa prática discursiva assumem a função de fixar parcialmente os sentidos do social, que é aberto, contingente e polissêmico, e se caracterizam como elementos articuladores das diferenças entre o *eles* e o *nós*.

54 . TRUMP, 2020a; TRUMP, 2020b; THE WHITE HOUSE, 2020a; 2020c; 2020e

ameaça real diante do risco de impeachment ou para a sua futura reeleição. Mas no *eles* também se incluem inimigos anteriores à pandemia: os *esquerdistas* e o *PT* — desde a campanha eleitoral até o primeiro ano e meio de governo. Em termos internacionais, o *eles* é articulado pela predominância do alinhamento incondicional com os Estados Unidos. Assim, tanto no plano nacional como internacional, o *eles* negativo articula os *fecha-tudo, antipatriotas, ex-aliados traidores*, como os ex-ministros *Mandetta* e o *desarmamentista Moro* e os governadores *Dória* e *Witzel*[55], os líderes do Congresso *Maia* e *Alcolumbre*, *ministros do STF*, assim como a *China, a imprensa e a mídia tradicional* e os permanentes *inimigos de esquerda* compostos por *governadores do Nordeste* e os *Haddad 13* e *Lula Livre* que criticam o governo.

O *eles* das lideranças das igrejas pentecostais é análogo ao do presidente, mas também identificados como pessoas sem fé, convertidas numa personificação do mal e equiparados ao coronavírus. Assim, nessa cadeia de equivalências, se articulam desde os já tradicionais inimigos, como os vagabundos, baderneiros, corruptos, esquerdistas e comunistas até os novos traidores como governadores politiqueiros — principalmente Dória e Witzel e o ex-ministro Moro e a imprensa parcial, mentirosa e inescrupulosa. Assim, o *eles* são a própria personificação do coronavírus.

55 . Após a instauração de investigações da polícia federal sobre possível corrupção no entorno do governador Witzel e a abertura de processo de impeachment pela Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro, o governador tem dado sinais de amenizar o enfrentamento com o presidente do país, seu antigo aliado.

QUADRO DE CARACTERIZAÇÃO DAS IDENTIDADES ANTAGÔNICAS			
Porta-voz	**“Eles”**	**“Nós”**	**“Antagonismos”**
Donald Trump	Anti-Trump; democratas; Obama; entreguistas; mídia corporativa; defensores do isolamento; globalização; China e o vírus chinês; OMS; anarquistas profissionais; multidões violentas; incendiários, saqueadores, criminosos, grevistas e antifascistas dos protestos antirracistas.	Republicanos; conservadores; nacionalistas; fazendeiros; classe média; economia em crescimento, liberdade e trabalho; mídias sociais de diálogo direto e sem manipulação; protecionismo; manufaturas prejudicadas com acordos internacionais; valorização do indivíduo e da livre iniciativa; democracia; defesa nacional; combate ao autoritarismo e terrorismo no mundo para a proteção do povo americano; milhares e milhares de soldados fortemente armados, forças militares e policiais para resolver a turbulência dos protestos antirraciais.	America First, republicanos, nacionalistas e as mídias sociais sem manipulação vs. Anti-Trump, democratas, entreguistas e a mídia corporativa China e o vírus chinês, a OMS ineficiente que defende os interesses chineses, a globalização que ameaça à soberania, a imigração descontrolada e o terrorismo vs. Keep America Great, protecionismo a manufaturas nacionais prejudicadas por acordos internacionais, valorização do indivíduo e da livre iniciativa, defesa nacional, e combate ao autoritarismo e ao terrorismo no mundo. Anarquistas profissionais, multidões violentas, incendiários, saqueadores, criminosos, grevistas e antifascistas dos protestos antirracistas vs. Milhares e milhares de soldados fortemente armados, forças militares e policiais para resolver a turbulência desses protestos.
Jair Bolsonaro	Antipatriotas; fecha-tudo; ex-aliados (direita gerencial reciclada); esquerdistas; PT; Ex-ministros (Mandetta e Moro), governadores (Doria e Witzel), líderes do Congresso e ministros do STF; China; imprensa e mídia tradicional; governadores do Nordeste.	O Brasil não pode parar; deixe o mito governar, deixe o povo trabalhar; os patriotas que preservam a dignidade desta Nação; empresários e industriais que garantem os empregos; a economia que é vida; a mídia independente; a verdade; a boa ciência; os homens de Deus, os cidadãos do bem.	O Brasil não pode parar, deixa o mito governar, deixa o povo trabalhar vs. Fecha-tudo, antipatriotas Mídia independente, comprometida com a verdade vs. Mídia tradicional que apoia o isolamento social horizontal e propaga o pânico e a histeria Boa ciência comprometida com a verdade e os interesses da nação vs. o consenso científico pautado pelas orientações da OMS.
Igrejas evangélicas	Pessoas sem fé; vagabundos; baderneiros; corruptos; esquerdistas e comunistas; governadores politiqueiros; imprensa parcial, mentirosa e inescrupulosa. “Eles” são a própria personificação do coronavírus.	Defensores da família; os cidadãos de bem; trabalhadores fiéis e verdadeiros; empresários; a preservação de empregos; a honestidade; a esperança, a fé, a solidariedade; o fim do isolamento social para não aumentar a desigualdade social entre o pobre e o rico, abrir tudo porque causa menos danos, os jovens que têm que voltar a trabalhar e que vão a pegar a doença. O nós é sintetizado no coronafé.	Coronafé vs. Coronavírus Um povo pacífico e que tem a marca do verde e amarelo vs. O povo do quebra-quebra e da baderna.

De forma geral, o *eles* do discurso negacionista articula uma cadeia de equivalências (Laclau, 2019) e elementos negativos em torno do ponto nodal representado pela *privação de liberdade*. Os elementos da cadeia — ou demandas na teoria do discurso — são apresentados como consequência do confina-

mento (*lockdown*) que *priva a liberdade* do mercado e do indivíduo de circular, levando à *retração econômica*, desemprego, fome e miséria. A privação de liberdades seria provocada pelo injusto *intervencionismo estatal* que visa promover o isolamento social, pelo *oportunismo político* de opositores e ex-aliados, *agitadores*, *sem moral*, que promovem ataques personalistas e a propagação do pânico, da histeria e da mentira por parte da mídia injusta. Essa privação de liberdade também se traduz em *submissão a interesses que ameaçam a nação*, como a interferência da OMS e o consenso científico baseado nas diretrizes internacionais defendidas pelos antipatriotas.

Cadeia de equivalências do *eles* do discurso negacionista

O nós

Tendo como referência o *eles*, o discurso de Trump procura construir a cadeia de equivalência do *nós* a partir de uma readequação dos significantes vazios de sua campanha eleitoral *American First* e *Keep America Great*, que destacam que os Estados Unidos devem assegurar sua *soberania enquanto a grande potência econômica mundial*, com menor taxa de desemprego da história, buscando priorizar interesses e segurança do povo americano forte e resiliente, que conta com o *auxílio dos maiores especialistas do mundo*. A cadeia do *nós* articula, dessa forma, *republicanos, conservadores, nacionalistas, fazendeiros, classe média, economia em crescimento, liberdade e trabalho, mídias sociais de diálogo direto e sem manipulação, protecionismo, manufaturas* prejudicadas com acordos internacionais, *valorização do indivíduo e da livre iniciativa, democracia, defesa nacional, combate ao autoritarismo e terrorismo no mundo* para a proteção do *povo americano*[56].

As práticas discursivas do presidente brasileiro articulam um *nós* que aglutina *o Brasil não pode parar*[57]*; deixa o mito governar, deixa o povo trabalhar; os patriotas que preservam a dignidade da nação; empresários e industriais que garantem os empregos; a economia que é vida; a mídia independente; a verdade; a boa ciência; os homens de Deus e os cidadãos de bem e armamentistas*.

As práticas discursivas de lideranças de igrejas pentecostais brasileiras seguem acompanhando as do presidente, incluindo nessa cadeia o próprio *presidente, que é o Messias, os defensores da família, os cidadãos de bem, trabalhadores fiéis e verdadeiros, a preservação de empregos, a honestidade, a esperança, a solidariedade, o fim do isolamento social para não aumentar a desigualdade social entre pobres e ricos, abrir tudo porque causa menos danos, os jovens que têm que voltar a trabalhar*. O *nós* é então sintetizado no *coronafé*[58]. Dessa forma, tomando o *eles* como referência, o ponto nodal do *nós* do discurso negacionista é a *defesa da liberdade*, reunindo demandas que valorizam

56 . TRUMP, 2020a; 2020b; THE WHITE HOUSE, 2020a; 2020b; 2020c; 2020d; 2020e

57 . BOLSONARO, 2020a

58 . MACIEL; DIP, RIBEIRO, 2020; GALHARDO, 2020.; MALAFAIA, 2020a; 2020b, 2020c; GOSPEL MINAS, 2020; ISTOÉ, 2020a; 2020b.

a não interferência do Estado na contenção das liberdades econômicas e individuais. Além disso, neste *nós* existem também vários elementos e exigências em torno da *defesa dos interesses nacionais* — contra a ingerência internacional —, governo forte, *lealdade política*, *respeito ao líder nacional*, *patriotismo*, *manutenção de empregos*, *valorização do mercado*, *o valor da fé e da família* e *a honestidade e sinceridade dos meios de comunicação*[59].

Cadeia de equivalências do *nós* do discurso negacionista

59 . GALHARDO, 2020.; MALAFAIA, 2020a; 2020b, 2020c, 2020d; GOSPEL MINAS, 2020; ISTOÉ, 2020a;

A reprodução e criação de antagonismos

A partir da identificação do *eles* e do *nós* na disputa entre os discursos *negacionista* e *científico*, são produzidos e ressignificados antagonismos que expressam projetos políticos e visões de sociedade em luta pela hegemonia.

Na prática discursiva de Trump, os antagonismos nacionais e internacionais se intensificam. Na dimensão nacional, é marcado pela disputa eleitoral e radicaliza a oposição entre *America First, republicanos, nacionalistas e as mídias sociais sem manipulação* vs. *anti-Trump, democratas, entreguistas e a mídia corporativa*. Na dimensão internacional, o antagonismo é reforçado ao colocar *a China e o vírus chinês, a OMS* ineficiente que defende os interesses chineses*, a globalização que ameaça à soberania, a imigração descontrolada e o terrorismo,* em oposição ao *Keep America Great, protecionismo* por conta das manufaturas nacionais prejudicadas por acordos internacionais*, valorização do indivíduo e da livre iniciativa, defesa nacional, e combate ao autoritarismo e ao terrorismo no mundo.* Com os protestos antirracistas em diversas cidades estadunidenses desencadeados a partir da morte de George Floyd — um homem negro que morreu sufocado pelos joelhos de um policial branco em Atlanta no final de maio de 2020 — Trump vem recriando novos antagonismos. Segundo ele, os protestos antirracistas teriam sido tomados por *anarquistas profissionais, multidões violentas, incendiários, saqueadores, criminosos, grevistas e antifascistas*[60]. Na sua prática discursiva, articula esses grupos no antagonismo com os governadores, quando ameaçou usar *milhares e milhares de soldados fortemente armados, forças militares e policiais para resolver rapidamente a turbulência se os governadores do Estados falhassem em agir*[61].

Na prática discursiva negacionista do presidente brasileiro, o antagonismo principal se situa entre o *Brasil não pode parar, deixa o mito governar, deixa o povo trabalhar e os patriotas* em oposição aos que apoiam *a tirania do fecha tudo, os antipatriotas.* Esse antagonismo se reproduz no povo que *quer*

60 . SWASEY, 2020; KELLY, 2020.

61 . NEUMAN, 2020.

trabalhar, os empresários que *mantêm os empregos* vs. os que fecham tudo — governadores, prefeitos, políticos e ex-ministros *traidores que promovem medidas de isolamento social* e que fazem *uso político da pandemia* para se auto promoverem e *ajudam a quebrar a economia*. Também se recria o antagonismo entre a mídia independente, comprometida com a verdade vs. *a mídia tradicional* que apoia o isolamento social horizontal e *propaga o pânico e a histeria.* Ou entre a *boa ciência e os interesses da nação* vs. o *consenso científico* pautado pelas orientações da OMS e do Comitê Científico de Combate ao Coronavírus junto ao Consórcio do Nordeste (PLANALTO, 2020)[62].

As lideranças de igrejas pentecostais ressignificam esse antagonismo como *coronafé* vs. *coronavírus*, em que no coronafé se articulam os *cidadãos de bem*, *a esperança*, e a crença na *força da fé* para curar a doença. De outro lado, o *coronavírus* articula *vagabundos, baderneiros, corruptos, comunistas, petistas*[63], *mídia alarmista* e *governadores* que promovem medidas drásticas de isolamento social. O presidente aparece como o *messias* e as suas práticas discursivas das igrejas pentecostais se reproduzem conforme àquelas articuladas por Bolsonaro. Com os protestos antirracistas iniciados nos EUA e que chegaram às ruas também no Brasil, somados à pauta da defesa da democracia e contra o governo Bolsonaro nas primeiras semanas de junho, o pastor Silas Malafaia, em visita ao presidente juntamente com outras lideranças das igrejas evangélicas[64], acrescentou um novo antagonismo à prática discursiva das igrejas pentecostais: o povo brasileiro, que é *um povo pacífico e que tem a marca do verde e amarelo vs o povo de quebra-quebra e de baderna*[65].

62 . PLANALTO, 2020.

63 . Vale relembrar que algumas lideranças de várias igrejas pentecostais participaram da aliança pragmática com o PT até a conversão a Bolsonaro nas Eleições 2018.

64 . ORAÇÃO..., 2020.

65 . MALAFAIA, 2020a.

Recapitulando a caracterização do discurso "negacionista"

Como mencionávamos no início deste trabalho, olhar para a pandemia da Covid-19 como acontecimento permite destacar a oportunidade que se abre com a suspensão da hegemonia através da disputa entre discursos políticos sobre a própria pandemia: o discurso *negacionista* e o discurso *científico*. Com o auxílio metodológico da análise política do discurso e da abordagem de marcos interpretativos, procuramos reconstruir o discurso negacionista. Esse discurso é defendido por um número relativamente pequeno de autoridades e lideranças econômicas e religiosas, mídias tradicionais e sociais a nível nacional e internacional. Desse conjunto, selecionamos para nossa análise o presidente dos Estados Unidos a nível internacional, e a nível nacional o presidente do Brasil, assim como lideranças de igrejas pentecostais e neopentecostais.

O alinhamento político e discursivo desses porta-vozes é anterior à sua confluência na defesa e na difusão de um discurso negacionista sobre a pandemia. De formas diferentes, com suas práticas discursivas que, lembrando Laclau, compreendem não só falas ou textos escritos, mas também performance e ações públicas que criam significado (LACLAU, 2014), todos esses porta-vozes contribuem para uma articulação de forças e propostas fundamentalistas — e, também, populistas — de direita, a nível nacional e internacional. Essa articulação tem com um dos seus artífices mais dinâmicos o grupo *The Movement* formado por Steve Bannon, ex-estrategista chefe da campanha eleitoral de Trump em 2016 e assessor "informal" de Bolsonaro[66]. A influência da extrema direita populista vem crescendo e paulatinamente ocupa espaços e conta com apoio nos setores empobrecidos e nas classes médias afetadas pela globalização. E se mostra posicionada para aproveitar o descontentamento do povo com o acontecimento da Covid-19 (Ibid, 2014).

Após a breve caracterização dos principais porta-vozes selecionados e seguindo a orientação metodológica dos marcos interpretativos, recupe-

66 . Como já apontamos no capítulo anterior, o grupo, com sede em Bruxelas, procura formar lideranças, promover e articular campanhas de extrema direita na Europa e no mundo, visando conformar uma verdadeira internacional conservadora que promove nacionalismos xenófobos, anti-imigrantes e fundamentalistas.

ramos o diagnóstico que este discurso faz do problema da pandemia da Covid-19. Nesse diagnóstico, prevalece a questão da sustentabilidade econômica sobre a sustentabilidade da vida. Assim, o prognóstico deste discurso reside na necessidade urgente de voltar a ativar a economia. Para isso, se minimiza ou até se negam os efeitos da pandemia sobre a vida da população e, em alguns momentos das práticas discursivas, até o próprio caráter de pandemia. Dessa forma, o discurso concentra seus ataques contra a defesa do isolamento social horizontal e do *lockdown* que está presente no discurso científico antagônico, incentivando a volta imediata ao trabalho e a abertura das atividades comerciais e industriais. Com um tom emocional, apelativo, incisivo e até agressivo em muitos contextos, o discurso negacionista — incluindo suas performances — procura desqualificar as medidas de priorização da sustentabilidade da saúde e da vida.

As soluções e propostas passam por priorizar a sustentabilidade da economia, adequadas aos contextos específicos de cada país. No caso das práticas discursivas do presidente dos Estados Unidos, há uma recuperação de um dos significantes vazios de sua campanha eleitoral: *American First*, e a construção de um novo *Keep America Great*, visando enfrentar o risco de estagnação político-econômica devido ao isolamento social. No caso Brasil, tanto as práticas discursivas do presidente como de lideranças de igrejas pentecostais e neopentecostais encampam o significante vazio *Brasil não pode parar,* ao que se soma a *força de fé* para enfrentar a Covid-19, propiciando a volta ao trabalho, a reabertura do comércio e dos templos religiosos.

Essa defesa da sustentabilidade da economia é um divisor de águas, uma fronteira traçada a partir do *eles* — os que estão propondo uma privação da liberdade e boicotando a recuperação econômica, os *anti-Trump* e *anti-Bolsonaro*, no caso brasileiro, os que apoiam esse *fecha tudo,* semelhante aos *entreguistas* no caso estadunidense — conformando os pontos nodais que articulam em cadeias de equivalências toda uma série de atores e demandas nacionais e internacionais remarcadas como negativas para *o povo,* para o *nós*.

Por sua vez, o *nós* é o poço de virtudes e de demandas positivas que congrega também as identidades dos seus diversos apoiadores e seguidores, articulados em cadeias de equivalência moralmente positivas e historicamente naturalizadas e legitimadas, em torno do significante vazio do povo.

Estas identidades do *eles* e do *nós*, explicitadas nas práticas discursivas negacionistas, apontam para antagonismos em nível nacional ou internacional que se reproduzem ou se criam na disputa. Antagonismos anteriores provenientes das disputas eleitorais ou do cenário geopolítico preexistente, e agora exacerbados com o vírus chinês. Ou antagonismos novos, com as fissuras nos blocos históricos que tinham levado à vitória eleitoral em ambos países dos presidentes citados. Esses novos antagonismos se expressam a partir da assunção diferencial de discursos (com suas práticas) negacionista ou científico de atores que faziam parte do mesmo bloco, como é o caso de diversos governadores em ambos países. Cabe destacar também que tanto no caso do presidente dos Estados Unidos como no do presidente do Brasil, o antagonismo com as mídias tradicionais parece fazer parte de um *modo de fazer política* em que desqualificar as mídias tradicionais e fortalecer mídias digitais parece jogar um papel estrutural. As mídias digitais permitem a construção de fluxos informacionais customizados, proprietários e diretos, articulando uma liderança pessoal com seus diferentes públicos e onde figura do líder se torna um novo significante vazio de cadeias de equivalência produzidas de forma privada por esses fluxos opacos entre múltiplos grupos isolados e desarticulados. Essa estratégia de desmonte das mídias tradicionais se relaciona com outros desmontes das instituições da democracia liberal.

REFERÊNCIAS

AE. Manifestantes pró-Bolsonaro protestam contra governadores em Brasília. **Correio do Povo**. Disponível em: correiodopovo.com.br/not%C3%ADcias/pol%C3%ADtica/manifestantes-pr%C3%B3-bolsonaro-protestam-contra-governadores-em-bras%C3%ADlia-1.452377. Acesso em: 20 jul. 2020.

BEHRMANN, Savannah; SANTUCCI, Jeanine. Trump and Fauci: a timeline of their relationship during COVID. **USA TODAY**, 28 out. 2020. Disponível em: usatoday.com/story/news/politics/2020/10/28/president-donald-trump-anthony-fauci-timeline-relationship-coronavirus-pandemic/3718797001/. Acesso em: 16 maio. 2020.

BERTOLACINI, F. Bolsonaro, Tereza Cristina e Alceu Moreira aderem ao 'Desafio do Leite'. **Canal Rural**, São Paulo, 29 maio. 2020. Disponível em: canalrural.com.br/noticias/pecuaria/leite/bolsonaro-tereza-cristina-e-alceu-moreira-aderem-ao-desafio-do-leite/. Acesso em: 31 maio. 2020.

BETTO, Frei. **O diabo na corte:** leitura crítica do Brasil atual. São Paulo: Cortez, 2020.

BOLSONARO volta a defender o coronel Carlos Brilhante Ustra. **R7**, 23 out 2018. Disponível em: noticias.r7.com/eleicoes-2018/bolsonaro-volta-a-defender-o-coronel-carlos-brilhante-ustra-23102018. Acesso em: 13 abr. 2020.

BOLSONARO lança vídeo com slogan #OBrasilNãoPodeParar. **Poder 360**. 27 mar. 2020a. Disponível em: poder360.com.br/coronavirus/bolsonaro-lanca-video-com-slogan-obrasilnaopodeparar/. Acesso em: 07 abr. 2020.

BOLSONARO afirma que Covid-19 está indo embora em live com líderes religiosos. **IG Último Segundo**, 12 abr. 2020b. Disponível em: ultimosegundo.ig.com.br/politica/2020-04-12/bolsonaro-afirma-que-covid-19-esta-indo-embora-em-live-com-lideres-religiosos.html. Acesso em: 13 abr. 2020.

BOLSONARO anda de jet ski no dia em que país passa de 10 mil mortos por Covid-19. **CNN Brasil**, São Paulo, 9 maio. 2020c. Disponível em: cnnbrasil.com.br/politica/2020/05/10/bolsonaro-anda-de-jet-ski-no-dia-em-que-pais-passa-de-10-mil-mortos-por-covid-19. Acesso em: 16 maio. 2020.

BOLSONARO diz que "qualquer negócio" é considerado covid. **Carta Capital**, 3 jun. 2020d. Disponível em: cartacapital.com.br/politica/bolsonaro-diz-que-qualquer-negocio-e-considerado-covid/ Acesso em: 05 jun. 2020.

BOLSONARO. **Ao acumular dados, além de não indicar que a maior parcela já não está com a doença, não retratam o momento do país. Outras ações estão em curso para melhorar a notificação dos casos e confirmação diagnóstica**. Brasil, 6 jun. 2020e. Twitter: @jairbolsonaro. Disponível em: twitter.com/jairbolsonaro/status/1269241529387888640. Acesso em: 6 jun. 2020.

BOLSONARO, Jair (Jair Messias Bolsonaro). **Em 1 minuto o velho italiano resumiu o que passamos nos dias de hoje**. Brasil, 31 maio. 2020f. Facebook: Jair Messias Bolsonaro. Disponível em: facebook.com/watch/?v=3296933143671017. Acesso em: 31 maio. 2020.

CAMAROTTI, G. Em meio à pandemia de coronavírus, Bolsonaro diz que 'gripezinha' não vai derrubá-lo. **G1**, 20 mar. 2020. Disponível em: g1.globo.com/politica/blog/gerson-camarotti/post/2020/03/20/em-meio-a-pandemia-de-coronavirus-bolsonaro-diz-que-gripezinha-nao-vai-derruba-lo.ghtml. Acesso em: 13 abr. 2020.

CASTRO, J. H. Covid-19: 14 vezes em que Bolsonaro apareceu sem máscara em aglomerações. **A Gazeta**, Colatina, 10 maio. 2021. Disponível em: agazeta.com.br/es/politica/covid-19-14-vezes-em-que-bolsonaro-apareceu-sem-mascara-em-aglomeracoes-0521. Acesso em: 15 maio. 2021.

'E DAÍ? Lamento. Quer que eu faça o quê?', diz Bolsonaro sobre recorde de mortes por coronavírus. **Estadão**, São Paulo, 28 abr. 2020. Disponível em: saude.estadao.com.br/noticias/geral,e-dai-lamento-quer-que-eu-faca-o-que-diz-bolsonaro-sobre-recorde-de-mortes-por-coronavirus,70003286434. Acesso em: 30 abr. 2020.

ESTADÃO CONTEÚDO. Bolsonaro repete que o que está havendo é a destruição de empregos no Brasil. **IstoÉ Dinheiro**. Disponível em: istoedinheiro.com.br/bolsonaro-repete-que-o-que-esta-havendo-e-a-destruicao-de-empregos-no-brasil/. Acesso em: 09 abr. 2020.

FEMA. gov. **Applying the Defense Production Act**. Federal Emergency Management Agency, 13 abr. 2020. Disponível em: fema.gov/news-release/20200727/aplicacion-de-la-ley-de-produccion-de-defensa. Acesso em 17 maio. 2020.

G1. Rio Grande do Sul. Polícia investiga igreja que teria prometido imunizar fiéis do coronavírus em Porto Alegre, **G1. RS**, 02 mar. 2020. Disponível em: g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2020/03/02/policia-investiga-igreja-que-teria-prometido-imunizar-fieis-do-coronavirus-em-porto-alegre.ghtml. Acesso em: 22 abr. 2020.

GALHARDO, Ricardo. Malafaia: 'Vai matar gente de coronavírus? Vai. Mas o caos social mata mais'. **ESTADÃO.** Política, 27 mar. 2020. Disponível em: politica.estadao.com.br/noticias/geral,malafaia-vai-matar-gente-de-coronavirus-vai-mas-o-caos-social-mata-mais,70003249909. Acesso em: 19 abr. 2020

GALVÁN, I. E. **La lucha por la hegemonía durante el primer gobierno del MAS en Bolivia (2006-2009): un análisis discursivo.** Madrid: Universidad Complutense, tesis de doctorado. 2012. (Doutorado em Ciência Política) – Programa de doctorado Conflicto político y procesos de pacificación, Departamento de Ciencia Política y de la Administración II, Universidad Complutense de Madrid. Madrid, 2012.

GOSPEL MINAS. Bispo Edir Macedo sobre o coronavírus: "Essa é a tática de satanás", **Gospel Minas**, 16 mar. 2020. Disponível em: gospelminas.com/bispo-edir-macedo-sobre-o-coronavirus-essa-e-a-tatica-de-satanas/. Acesso em: 04 abr. 2020.

GUARDIAN NEWS. Trump floats dangerous coronavirus treatment ideas as Dr Birx looks on. **Youtube**, 24 abr. 2020. Disponível em: youtube.com/watch?v=BalDN6iGYpE&ab_channel=GuardianNews. Acesso em: 24 mai. 2020.

HAN, Byung-Chul. **La emergencia viral y el mundo de mañana**. El país 22, n. 3 (2020): 2020.

ISTOÉ. Geral. Pastor Valdemiro Santiago vende semente a R$ 1 mil prometendo curar a Covid-19. **Istoé,** 07 maio. 2020a. Disponível em: istoe.com.br/pastor-valdemiro-santiago-vende-semente-a-r-1-mil-prometendo-curar-a-covid-19/. Acesso em: 02 jul. 2020.

ISTOÉ. Geral. Pastor Valdemiro Santiago vende semente a R$ 1 mil prometendo curar a Covid-19, **ISTOÉ**, 07 maio. 2020a. Disponível em: istoe.com.br/pastor-valdemiro-santiago-vende-semente-a-r-1-mil-prometendo-curar-a-covid-19/. Acesso em: 02 jul. 2020.

ISTOÉ. Brasil. Pastor R.R. Soares afirma que "água consagrada" por ele cura Covid-19. **Istoé**, 22 maio. 2020b. Disponível em: istoe.com.br/pastor-r-r-soares-afirma-que-agua-consagrada-por-ele-cura-covid-19/. Acesso em: 02 jul. 2020.

JOVEM PAN NEWS. Brasil tem manifestações a favor de Bolsonaro, contra STF e medidas de restrição. **Youtube**, 15 mar. 2020. Disponível em: youtube.com/watch?v=UiE6GwJ0ToY. Acesso em: 16 mar. 2020.

KELLY, Kim. Anarchism isn't really about chaos and violence. **The Washington Post**, 4 jun. 2020. Disponível em: washingtonpost.com/outlook/2020/06/04/stop-blaming-everything-bad-anarchists/. Acesso em: 20 jul. 2020.

KERTZMAN, Ricardo. Trump e Bolsonaro. Cloroquina de Jesus: o que não é bom para os EUA, é ótimo para o Brasil. **Estado De Minas**, 19 jun. 2020. Disponível em: em.com.br/app/colunistas/ricardo-kertzman/2020/06/19/interna_ricardo_kertzman,1157957/cloroquina-de-jesus-que-nao-e-bom-para-os-eua-e-otimo-para-o-brasil.shtml. Acesso em: 03 jul. 2020.

LACLAU, E. **Los fundamentos retóricos de la sociedad**. Buenos Aires: FCE, 2014

LIVENOW FROM FOX. Full rally: Trump rally in South Carolina ahead of primary. **Youtube**, 28 fev. 2020. Disponível em: youtube.com/watch?v=ScIbOKXT5n4. Acesso em: 4 maio. 2020.

MALAFAIA, Silas. [AO VIVO] - ORAÇÃO EM FAVOR DO BRASIL COM A PRESENÇA DO PRESIDENTE BOLSONARO E LÍDERES EVANGÉLICOS. **Youtube**, 05 jun. 2020a. Disponível em: youtube.com/watch?v=Fhn9-bLRxi0&t=18s. Acesso em: 25 ago. 2020.

MALAFAIA, Silas. **Quarentena politiqueira, sem vergonha! Os pobres estão à mercê de toda porcaria e lixo e ninguém fala nada.** Brasil, 02 abr. 2020b. Twitter: @PastorMalafaia. Disponível em: twitter.com/PastorMalafaia/status/1311670928024182784. Acesso em: 02 abr. 2020.

MALAFAIA. Malafaia diz que não reduzirá cultos ou fechará igrejas por causa do coronavírus. **CNN Brasil**. Nacional, 19 mar. 2020c. Disponível em: cnnbrasil.com.br/nacional/2020/03/19/malafaia-diz-que-nao-reduzira-cultos-ou-fechara-igrejas-por-causa-do-coronavirus. Acesso em: 29 mar. 2020.

MALAFAIA, Silas. **Imperdível! Estão se aproveitando da comoção social para difundir a cultura de morte.** Brasil, 22 ago. 2020d. Twitter: @PastorMalafaia. Disponível em: twitter.com/PastorMalafaia/status/1297307879624630277. Acesso em: 22 ago. 2020.

MARQUES, H. "Chegamos ao limite. Não tem mais conversa", diz Bolsonaro em manifestação. **Veja**, São Paulo, 03 maio. 2020. Disponível em: veja.abril.com.br/brasil/chegamos-ao-limite-nao-tem-mais-conversa-diz-bolsonaro-em-manifestacao/. Acesso em: 16 maio. 2020.

MARTINA, Michael; RENSHAWN, Jarret; REID, Tim. How Trump allies have organized and promoted anti-lockdown protests. **Reuters**, 21 abr. 2020. Disponível em: reuters.com/article/us-health-coronavirus-trump-protests-idUSKCN2233ES. Acesso em: 27 jul. 2021.

NEUMAN, Scott. Governors Push Back On Trumps Threat To Deploy Federal Troops To Quell Unrest. **NPR**, 2 jun. 2020. Disponível em: npr.org/2020/06/02/867565338/governors-push-back-on-trumps-threat-to-deploy-federal-troops-to-quell-unrest. Acesso em 20 jul. 2021.

NO TWITTER, Bolsonaro ataca novamente o isolamento total. **Jornal do Comércio**, Porto Alegre, 16 maio. 2020. Disponível em: jornaldocomercio.com/_conteudo/especiais/coronavirus/2020/05/739170-no-twitter-bolsonaro-ataca-novamente-o-isolamento-total.html Acesso em: 17 maio. 2020.

NOVAES, M. Governo Bolsonaro impõe apagão de dados sobre a covid-19 no Brasil em meio à disparada das mortes. **El País Brasil**, São Paulo, 6 jun. 2020. Disponível em: brasil.elpais.com/brasil/2020-06-06/governo-bolsonaro-impoe-apagao-de-dados-sobre-a-covid-19-no-brasil-em-meio-a-disparada-das-mortes.html#:~:text=Na%20noite%20deste%20s%C3%A1bado%2C%20seguindo,doen%C3%A7a%20em%20todo%20o%20pa%C3%ADs. Acesso em: 6 jun. 2020.

O GLOBO. Bolsonaro sugere a apoiadores que entrem em hospitais para filmar leitos. **Youtube**, 12 jun. 2020. Disponível em: youtube.com/watch?v=hijRwt7BYpU. Acesso em: 13 jun. 2020.

ORAÇÃO contra "baderna" e o "quebra-quebra". **Correio Braziliense**, 06 jun. 2020. Disponível em: correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2020/06/06/interna_politica,861556/oracao-contra-baderna-e-o-quebra-quebra.shtml. Acesso em: 25 ago. 2020.

PLANALTO. Pronunciamento do presidente da República, Jair Bolsonaro (24/03/2020). **Youtube**, 24 mar. 2020. Disponível em: youtube.com/watch?v=Vl_DYb-XaAE. Acesso em: 26 mar. 2020.

PODER 360. Mídia. Edir Macedo diz que coronavírus é 'inofensivo' e 'tática de Satanás', **Poder 360**, 16 mar. 2020. Disponível em: poder360.com.br/midia/edir-macedo-diz-que-coronavirus-e-inofensivo-e-tatica-de-satanas/. Acesso em: 19 abr. 2020.

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. **Discurso do Presidente da República, Jair Bolsonaro, na Cerimônia de Anúncio do Resultado do Estudo Clínico COVID-19 - MCTI - Palácio do Planalto**. Planalto, 19 out. 2020a. Disponível em: gov.br/planalto/pt-br/acompanhe-o-planalto/discursos/2020/discurso-do-presidente-da-republica-jair-bolsonaro-na-cerimonia-de-anuncio-do-resultado-do-estudo-clinico-covid-19-mcti-palacio-do-planalto. Acesso em: 25 out. 2020.

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. **Pronunciamento do Senhor Presidente da República, Jair Bolsonaro, em cadeia de rádio e televisão**. Planalto, 31 mar. 2020b. Disponível em: gov.br/planalto/pt-br/acompanhe-o-planalto/pronunciamentos/pronunciamentos-do-presidente-da-republica/pronunciamento-em-cadeia-de-radio-e-televisao-do-senhor-presidente-da-republica-jair-bolsonaro-1. Acesso em: 04 abr. 2020.

RECORD NEWS. Bolsonaro diz que cloroquina teria salvado vidas perdidas na pandemia. **Youtube**, 24 ago. 2020. Disponível em: youtube.com/watch?v=egAvcPvlEHY. Acesso em: 31 ago. 2020.

SANCHES, M. 'É muito mais fantasia', diz Bolsonaro sobre crise nos mercados causada por epidemia de coronavírus. **BBC News Brasil**, 10 mar. 2020. Disponível em: bbc.com/portuguese/internacional-51823908. Acesso em: 13 abr. 2020.

SCHUQUEL, T. Bolsonaro sobre Covid-19: "Coloca vovô e vovó no canto e é isso". **Metrópolis**, 08 abr. 2020. Disponível em: metropoles.com/brasil/politica-brasil/bolsonaro-sobre-covid-19-coloca-vovo-e-vovo-no-canto-e-e-isso. Acesso em: 09 abr. 2020.

SOARES, I. "Não sou coveiro", diz Bolsonaro ao ser questionado sobre mortes por Covid. **Correio Braziliense**. 20 abr. 2020a. Disponível em: correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2020/04/20/interna_politica,846638/nao-sou-coveiro-diz-bolsonaro-ao-ser-questionado-sobre-mortes-por-c.shtml. Acesso em: 21 abr. 2020.

SOARES, I. Bolsonaro quer um dia de jejum religioso contra coronavírus. Correio **Braziliense**, 02 abr. 2020b. Disponível em: correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2020/04/02/interna_politica,842034/bolsonaro-quer-um-dia-de-jejum-religioso-contra-coronavirus.shtml. Acesso em: 25 ago. 2020.

SNOW, D.; BENFORD, R. Ideology, Frame Resonance and Participant Mobilization. *In*: KLANDERMAS,B.; KRISI. H.; TARROW.S.G. (eds.). **From Structure to Action:** Comparing Social Movement Research across Cultures. Greenwich: JAI Press, 1988.

SWASEY, Benjamin. Trump Pledges To Designate Antifa A 'Terrorist Organization'. **NPR**, 31 maio. 2020. Disponível em: npr.org/2020/05/31/866369727/trump-lays-blame-for-clashes-on-radical-left-anarchists. Acesso em 20 jul. 2021.

THE WHITE HOUSE. **15 Days to Slow the Spread.** Washington, 16 mar. 2020a. Disponível em: trumpwhitehouse.archives.gov/articles/15-days-slow-spread/. Acesso em 21 jul. 2021.

THE WHITE HOUSE. **Coronavirus Guidelines for America**. Washington, 16 mar. 2020b. Disponível em: trumpwhitehouse.archives.gov/briefings-statements/coronavirus-guidelines-america/?utm_source=ods&utm_medium=email&utm_campaign=1600d. Acesso em 21 jul. 2021.

THE WHITE HOUSE. **Opening Up America Again.** Washington, 16 abr. 2020c. Disponível em: trumpwhitehouse.archives.gov/openingamerica/. Acesso em: 21 jul. 2020.

THE WHITE HOUSE. **President Donald J. Trump Is Providing Economic Relief to American Workers, Families, and Businesses Impacted by the Coronavirus**. Washington, 27 mar. 2020d. Disponível em: trumpwhitehouse.archives.gov/briefings-statements/president-donald-j-trump-providing-economic-relief-american-workers-families-businesses-impacted-coronavirus/. Acesso em: 21 jul. 2020.

THE WHITE HOUSE. **Executive Order on An America-First Healthcare Plan**. Washington, 24 set. 2020e. Disponível em: trumpwhitehouse.archives.gov/presidential-actions/executive-order-america-first-healthcare-plan/. Acesso em: 21 jul. 2021.

TRUMP, Donald J. **Americans are the strongest and most resilient people on earth...We will remove or eliminate every obstacle necessary to deliver our people the care that they need, and that they are entitled to. No resource will be spared**. Estados Unidos da América, 13 mar. 2020a. Twitter: @realDonaldTrump. Disponível em: twitter.com/realDonaldTrump/status/1238603402457812992?s=20. Acesso em 15 mai. 2020.

TRUMP, Donald J. **In light of the attack from the Invisible Enemy, as well as the need to protect the jobs of our GREAT American Citizens, I will be signing an Executive Order**

to temporarily suspend immigration into the United States!. Estados Unidos da América, 20 abr 2020b. Twitter: @realDonaldTrump. Disponível em: twitter.com/realDonaldTrump/status/1252418369170501639?s=20. Acesso em: 24 mai. 2020.

URIBE, G.; CARVALHO, D. Quem é de direita toma cloroquina, quem é de esquerda toma Tubaína", diz Bolsonaro. **GZH**, Porto Alegre, 19 maio. 2020. Disponível em: gauchazh.clicrbs.com.br/geral/noticia/2020/05/quem-e-de-direita-toma-cloroquina-quem-e-de-esquerda-toma-tubaina-diz-bolsonaro-ckaeka54n01x101pfh62b4mvg.html. Acesso em: 20 maio. 2020.

UOL. Bolsonaro: governadores que defendem isolamento têm 'medinho' do coronavírus. **Youtube**, 2 abr. 2020a. Disponível em: youtube.com/watch?v=8JsvT0E_KWA. Acesso em: 13 abr. 2020.

UOL. Bolsonaro ironiza e diz que irá convidar milhares de pessoas para churrasco. **Youtube**, 8 maio. 2020b. Disponível em: youtube.com/watch?v=roXX4_RuYRE. Acesso em: 16 maio. 2020.

VARGAS, Alex L.B. O discurso político de Bolsonaro: cidadãos de bem, segurança e moral. *In:* ROMANO, J.O. (Org.) **Paixão e razão:** Os discursos políticos na disputa eleitoral de 2018. São Paulo: Veneta, 2018, p. 90-101.

VEJA. Impacto. Em Manaus, 'drive-thru' de oração dá a bênção até por videoconferência, **Veja**, 10 maio. 2020. Disponível em: veja.abril.com.br/blog/impacto/em-manaus-drive-thru-de-oracao-da-a-bencao-ate-por-videoconferencia/. Acesso em: 02 jul. 2020.

3 . “Os anticorpos da solidariedade”: Análise política do discurso “científico”[1]

Por: Jorge Osvaldo Romano, Thais Ponciano Bittencourt, Renan Alfenas de Mattos, Annagesse de Carvalho Feitosa, Juanita Cuéllar Benavides, Ana Carolina Aguiar Simões Castilho, Caroline Boletta de Oliveira Aguiar, Érika Toth Souza, Vanessa Barroso Barreto, Daniel S. S. Borges, Daniel Macedo Lopes Vasques Monteiro, Lize Uema, Eduardo Britto Santos, Paulo Petersen, Paulo Augusto André Balthazar, Ricardo Dias da Silva, Larissa Rodrigues Ferreira, Myriam Martinez dos Santos[2]

Na suspensão da hegemonia que o acontecimento pandemia da Covid-19 produz[3], além de destacar o aprofundamento das desigualdades que já vinham sendo potencializadas pelo neoliberalismo (como apresentamos no primeiro capítulo deste livro), abre-se espaço para uma disputa política de discursos sobre a pandemia. Com o auxílio metodológico da Teoria do Discurso desenvolvida por Laclau e Mouffe e a Escola de Essex[4], assim como os aportes da abordagem de marcos interpretativos de autores como Lakoff,

1 . Uma primeira versão deste texto foi divulgada através do Le Monde Diplomatique Brasil online, na série Populismo e Crise: Disponível em: diplomatique.org.br/especial/populismo-e-crises/.

2 . Os autores são pesquisadoras e pesquisadores do grupo de pesquisa “Discurso, Redes Sociais e Identidades Sócio-Políticas (DISCURSO)” vinculado ao Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento Agricultura e Sociedade e ao Curso de Relações Internacionais do DDAS/ICHS da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, registrado no CNPq e com apoio de ActionAid Brasil.

3 . Para Han, o acontecimento abre uma fissura na certeza dominante. Apesar de ser tão imprevisível e repentino como um evento natural, ele se articula ao social e ao político. O acontecimento é aquilo que abre as portas para o não previsto, rompe com regularidades, padronizações e uniformidades envolvidas na capacidade de projetar e gerir o mundo (HAN, 2018; 2020).

4 . A análise política do discurso se fundamenta no olhar de Ernesto Laclau e Chantal Mouffe e o grupo de pesquisadores da Escola de Essex, para os quais as disputas de narrativas presentes no contexto democrático remetem a uma confrontação entre diferentes práticas e projetos antagônicos. O discurso político que conforma as narrativas em disputa tem a virtude e o poder de articular as identidades múltiplas e contingentes dos sujeitos (LACLAU; MOUFFE, 2014).

Snow, Benford e Galván[5], a partir das práticas discursivas expressas em falas, documentos, performances e decisões de diversos atores políticos e sociais em nível nacional e internacional, conforma-se um campo discursivo referente à pandemia da Covid-19. Nesse campo, identificamos dois discursos mestres em disputa que articulam com ênfases diferentes dois pólos temáticos: a *sustentabilidade da vida* e a *sustentabilidade da economia*[6].

Por um lado, temos o discurso "negacionista" — apresentado no capítulo dois deste livro— que tem como principais porta-vozes, a nível internacional, o presidente dos Estados Unidos da América e, a nível nacional, o presidente do Brasil, assim como representantes nacionais de igrejas pentecostais e neopentecostais. Com um diagnóstico do problema da *pandemia da Covid-19* no qual prevalece a questão da sustentabilidade econômica sobre a sustentabilidade da vida, tal discurso nega ou minimiza os efeitos da pandemia sobre a vida da população. Como solução principal considera urgente sair do isolamento horizontal e voltar a ativar a economia, permitir a circulação de pessoas e, particularmente, abrir os templos para culto. Identificamos um tom emocional, apelativo, incisivo e até agressivo em muitos contextos nesse discurso negacionista. A defesa da sustentabilidade econômica a todo custo é uma fronteira sobre a qual se constroem identidades antagônicas: o *eles*, a partir de pontos nodais como os *entreguistas,* os *fecha tudo*, que articulam em cadeias de equivalência toda uma série de atores — como os *anti-Trump* e *anti-Bolsonaro* — e demandas internacionais e nacionais marcadas como negativas. No outro pólo, se encontra o *nós*, o *povo* enquanto um significante vazio que em cadeias de equivalências articula virtudes e demandas positivas dos seus diversos apoiadores e seguidores. Assim, as práticas discursivas negacionistas reproduzem antagonismos anteriores provenientes das disputas eleitorais ou do cenário geopolítico preexistente

5 . A análise dos marcos interpretativos (*frame analysis*) desenvolvida por autores como Lakoff, Snow, Benford e Galván considera o discurso político um conjunto articulado de marcos de interpretação da realidade que estrutura o pensamento, fala e ações individuais e coletivas (LAKOFF, 2007; SNOW e BENFORD, 1988; GALVÁN, 2012).

6 . Metodologicamente, ao longo do texto, pusemos em itálico palavras ou significados tanto expressos nas práticas discursivas dos porta-vozes como aquelas que achamos adequadas, em termos de significado, pelo trabalho analítico e que gostaríamos de destacar.

e, agora, exacerbado com o *vírus chinês*. E, também, criam antagonismos novos, com as fissuras nos blocos históricos que nos dois países levaram à vitória eleitoral os atuais presidentes.

Por outro lado, encontramos o discurso *científico*, defendido principalmente por médicos sanitaristas e que conta com o apoio de organismos internacionais, mídias, governadores estaduais e diversos governos estrangeiros. Como veremos a seguir, este discurso privilegia o cuidado da saúde e a sustentabilidade da vida, defendendo o isolamento social com a quarentena horizontal e até *lockdown* como melhor forma de garantir a vida e, também, o êxito futuro em termos de sustentabilidade econômica.

Os principais porta-vozes dos discursos científico

Entre os diversos porta-vozes do discurso científico e suas variantes, no nível internacional encontramos a Organização Mundial da Saúde, o Papa Francisco, presidentes e primeiros ministros da Argentina (Fernández), Nova Zelândia (Ardern), Rússia (Putin), China (Xi Jinping), Chile (Piñera), França (Macrón), Alemanha (Merkel), entre outros. No âmbito nacional, identificamos uma ampla diversidade de porta-vozes: a Fundação Oswaldo Cruz, governadores do Maranhão (Dino), São Paulo (Doria), Rio de Janeiro (Witzel), Goiás (Caiado); Comitê Científico de Combate ao Coronavírus vinculado ao Consórcio Nordeste; ex-ministro da Saúde (Mandetta), presidente da Câmara (Maia)[7], parlamentares, ex-presidentes da Nação, empresários, lideranças da Igreja Católica, membros de movimentos sociais, redes, ONG's e de outras entidades da sociedade civil e principais veículos da mídia tradicional[8]. Desse conjunto de atores, em nossa pesquisa recuperamos a Organização Mundial da Saúde, o Papa e presidentes e primeiros ministros de Argentina (Fernández), Nova Zelândia (Ardern), Rússia (Putin), China (Xi Jinping), Chile

7 . Em inícios de 2021 finalizou o mandato de presidente da Câmara de Rodrigo Maia

8 . Cabe destacar limites na identificação de porta-vozes do discurso *científico*, pelas escolhas da mídia, que faz com que lideranças com posicionamentos claros — como vários governadores do Nordeste ou líderes de partidos de esquerda — sejam preteridos ou invisibilizados, não ganhando espaço nos debates veiculados publicamente. É sintomática também a ausência ou presença diluída da voz do "mercado" que em outros contextos é permanentemente acionada.

(Piñera), a Fundação Oswaldo Cruz, governadores de Maranhão, São Paulo, Rio de Janeiro e Goiás, Comitê Científico do Nordeste e o presidente da Câmara de Deputados além de mídias tradicionais.

A ***ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE***, fundada em 1948, é uma agência vinculada à Organização das Nações Unidas responsável pela promoção da saúde à nível mundial. De acordo com a Constituição da OMS, *a saúde é um estado de completo bem-estar físico, mental e social, e constitui um dos direitos fundamentais de todo o ser humano* (OMS/WHO, 1946). Isto, de fato, está refletido no discurso da Organização frente à crise desencadeada pela pandemia da Covid-19. A OMS elabora as diretrizes de saúde a serem seguidas pelos países membros da ONU, provê dados diários sobre os números da Covid-19 mundialmente, tem incentivado e subsidiado pesquisas para o combate ao vírus e prestado assistência de diversas maneiras em conjunto com outras organizações internacionais e filantrópicas, mostrando especial preocupação com as populações socioeconomicamente mais vulneráveis. A OMS tradicionalmente evoca um imaginário de credibilidade e confiabilidade, contudo, devido aos discursos recentes de autoridades nacionais é possível que a OMS tenha passado a ser vista por parte da população — particularmente os que assumem o discurso negacionista — como uma organização que oculta fatos e é partidária.

O argentino Jorge Mario Bergoglio, o ***PAPA FRANCISCO***, é o líder da Igreja Católica, Chefe de Estado da Cidade Estado do Vaticano e o primeiro papa latino-americano. Possui uma abordagem menos formal que a de papas anteriores, sendo conhecido por sua simplicidade e visto como um religioso de *mente aberta*. Se destaca por sua postura humilde, pelas habilidades de comunicação e posicionamento claro, pela preocupação com os pobres e seu compromisso com a igualdade entre todos os indivíduos. Além de usar sua visibilidade internacional para clamar soluções pacíficas para conflitos históricos, tem um compromisso com o diálogo inter-religioso, como recentemente demonstrado na conferência proposta pelo Alto Comitê para a Fraternidade Humana, onde líderes de diversas religiões oraram para pedir o fim da pandemia da Covid-19. O Papa Francisco afirma que *cuidar das pessoas*

é mais importante que a economia[9] e destaca como essencial refletir sobre o mundo pós-pandemia como *uma oportunidade para preparar o amanhã de todos*, através da *remoção das desigualdades*[10]. Assim, se coloca à favor das recomendações das instituições de saúde e orienta a igreja católica a seguir esta posição, pede a cooperação da comunidade científica para a descoberta de uma vacina que seja disponibilizada globalmente e crê que a Covid-19 possa ser *derrotada em primeiro lugar com os anticorpos da solidariedade*[11].

ALBERTO ÁNGEL FERNÁNDEZ, advogado e professor universitário, ex-chefe de gabinete de Nestor Kirchner, em dezembro de 2019 assumiu a presidência da Argentina. Foi eleito em aliança com sua ex-desafeta no peronismo, Cristina Kirchner, derrotando o então presidente, Mauricio Macri, que representava a continuidade de um governo neoliberal. Nesse pleito, Fernández perdeu na capital Buenos Aires e em províncias importantes do país. Em frágil condição política, assumiu a presidência enfrentando também uma profunda crise econômica, com 40% da população em situação de pobreza e altíssima inflação. Para ele, as soluções de enfrentamento da profunda crise argentina passam por evitar medidas de austeridade em momentos de recessão e, por outro lado, fortalecer o Estado, as políticas econômicas e sociais e a pesquisa pública, pois seu governo devia *estar composto de cientistas, não de CEOs*[12] (em alusão ao governo neoliberal precedente). Tais elementos, presentes em seu discurso ainda antes da pandemia, serão acionados para o enfrentamento à crise. Fernández foi um dos primeiros mandatários a decretar o *lockdown,* seguindo as recomendações dos cientistas e da OMS. Ele está assumindo um papel de protagonismo em nível regional,

9 . JORNALISMO TV CULTURA, 2020.

10 . BECK, 2020.

11 . ERPEN, 2020.

12 . CASA ROSADA, 2020a

especialmente no Grupo de Puebla[13]. No contexto da pandemia, também está renegociando a dívida externa com fundos internacionais e outros credores privados.

JACINDA KATE LAURELL ARDERN é a terceira mulher eleita primeira-ministra na Nova Zelândia. Em 2017, com apenas 37 anos, representando o Partido Trabalhista (*Labour Party*), tornou-se uma das lideranças mais jovens a comandar o país. Jacinda é proveniente de uma família de mórmons, no entanto, declara-se atualmente como agnóstica. Sua atuação na política foi precoce, tornou-se ativa no Partido Trabalhista aos 17 anos. Em sua eleição como primeira-ministra, necessitou fazer uma coalizão com o Partido Verde (*Green Party*) e com o *New Zealand First* (um partido nacionalista de centro). Tornou-se uma liderança popular mundialmente conhecida em razão do nascimento de sua filha durante seu mandato e por tê-la levado à Cúpula da Assembleia Geral da ONU. Atuante em diversas questões progressistas, Jacinda destacou-se pela empatia e apoio à comunidade muçulmana em seu país, após o atentado a duas mesquitas que resultou na morte de 51 pessoas. Atualmente, destaca-se como a líder mundial que combateu fortemente o Covid-19 em seu país, através de orientações sugeridas por órgãos científicos internacionais, implementando medidas rígidas de isolamento social, o fechamento de fronteiras, a conscientização da população e a fiscalização de infratores[14].

VLADIMIR PUTIN (Vladimir Vladimirovitch Putin), advogado, ex-agente da KGB e, posteriormente, chefe da FSB (a mais importante das agências que sucederam a KGB na Rússia pós-soviética). Em 1999, foi nomeado Primeiro-Ministro pelo então Presidente Bóris Yeltsin. Eleito presidente em 2000, permaneceu no cargo até 2008, quando foi sucedido por Dmitri Medvedev,

13 . O Grupo de Puebla é formado por cerca de 40 líderes políticos do campo progressista, de 13 países da América Latina. De acordo com sua declaração de fundação, o objetivo do "Grupo Progressista Latino-Americano" é servir como um "espaço de reflexão e intercâmbio político", para "analisar desafios comuns e desenhar iniciativas conjuntas, em busca do desenvolvimento integral de nossos povos". Seria uma nova aliança para uma nova agenda progressista, diante do avanço de uma "nova onda de governos neoliberais" na região. O nome se refere à cidade de Puebla, no México, onde o Grupo teve seu primeiro encontro em julho de 2009. O quinto encontro ocorreu em maio de 2020 de forma virtual, já no contexto da pandemia, com o tema: "A união é a mudança: paz, economia e pandemia".

14 . TREVETT, 2009; KHAN, 2018; MURPHY, 2020.

que o nomeou Primeiro-Ministro. Em 2012, foi mais uma vez reeleito e se mantém no poder atualmente. No imaginário nacional de seus apoiadores, a figura de Putin está associada com a do líder que, após o período tão conturbado de Yeltsin, recuperou a economia e o conceito de *gosudartvennost*[15]. Sua popularidade é em grande medida fruto do alto crescimento econômico, mas também pelo seu papel de *governante forte e capaz de solucionar os problemas* que tem contribuído na reconstrução da identidade nacional russa[16]. Em meio à pandemia e às vésperas de um pleito que possibilitará a Putin se manter no poder até 2036, é justamente essa ideia de eficiência e estabilidade que procurou ser reforçada. Em seus pronunciamentos, o presidente enfatiza que sua prioridade é a vida, a saúde e a segurança da população e tem advogado fortemente pela cooperação no cenário internacional. Em geral é lido pelo Ocidente e pela oposição nacional como um líder autoritário de um governo pouco transparente.

XI JINPING *(Xí Jìn Píng),* desde 2012 é o sétimo presidente da República Popular da China, secretário-geral do Partido Comunista da China e presidente da Comissão Militar Central. É considerado um dos líderes mais poderosos que o país já teve e, com seu lema *sonho chinês,* apresentou planos e reformas que objetivavam construir uma liderança global da China. Devido às circunstâncias atuais, Xi Jinping traz de imediato ao imaginário social *o presidente do país de origem do novo coronavírus*. Além disso, devido à crescente polarização do cenário político, Xi Jinping é visto tanto como liderança de uma das maiores potências da economia internacional, quanto como o líder de um país comunista estatista e, assim, algo a ser evitado. Apesar de inicialmente apresentar um discurso mais relativista — mesmo não negando a gravidade da situação — se posiciona fortemente no plano internacional

15 . O significado é estadismo, configuração estatal forte.

16 . SEGRILLO, 2016.

no combate à Covid-19, defendendo que a solução para a pandemia se encontra em ações multilaterais e na adoção das medidas de segurança propostas pela Organização Mundial da Saúde[17].

SEBASTIÁN PIÑERA (Miguel Juan Sebastián Piñera Echenique), 70 anos, nascido em Santiago, católico, eleito por uma coalizão de partidos de direita, exerce o segundo mandato (2018 – 2022) como presidente do Chile. É formado em engenharia comercial com mestrado e doutorado em economia pela Universidade de Harvard. Como sócio da companhia aérea LAN e sendo um dos responsáveis por introduzir no Chile os cartões de crédito por meio da Bancard durante o governo de Pinochet, Piñera é hoje uma das pessoas mais ricas do Chile, com um patrimônio — conformado por inúmeros investimentos, sociedades e bens imóveis — de aproximadamente U$2,8 bilhões de dólares. É um político conservador e embora não defenda diretamente a ditadura de Pinochet instaurada em 1973, é um entusiasta do modelo econômico do regime, cuja assessoria foi provida pelo economista Milton Friedman e seus *Chicago Boys*. Piñera tem enfrentado desde o final do ano de 2019 uma série de protestos cujas pautas se avolumaram rapidamente e levaram o legislativo a marcar um plebiscito para redação de uma nova constituição. Tem tentado conter sua queda de popularidade com concessões às diversas demandas da oposição — como uma maior complementação nas aposentadorias — ao mesmo tempo em que lida com os impactos da pandemia da Covid-19 e monitora uma possível nova onda de protestos[18].

A ***FIOCRUZ*** é uma instituição que atua na promoção da saúde e desenvolvimento social e na geração de conhecimento científico e tecnológico. Sua fundação remete ao começo do século XX, com a criação do Instituto Soroterápico Federal, na Fazenda de Manguinhos, Zona Norte do Rio de Janeiro, em 1900, para fabricação de soros e vacinas contra a peste bubônica. Em sua longa trajetória, a instituição teve atuação fundamental para o desenvol-

17 . XINHUA, 2021; XI, 2021.

18 . FORBES, 2021; BIBLIOTECA DEL CONGRESO NACIONAL DE CHILE, 1998; CONTRALORÍA GENERAL DE LA REPÚBLICA DE CHILE, 2020; BIBLIOTECA NACIONAL DEL CHILE, 2020.

vimento da saúde pública no país[19]. Vinculada ao Ministério da Saúde, sua atuação tem sido de fundamental importância no combate à Covid-19. A Fundação lidera no Brasil o estudo clínico "Solidariedade", iniciativa de cooperação global, coordenada pela OMS para a busca de tratamentos seguros e eficazes contra a Covid-19[20]. Ela também passou a integrar uma coalizão internacional para enfrentar a pandemia, que envolve mais de 70 cientistas e instituições de 30 países, denominada Coalizão de Pesquisa Clínica de Covid-19, com o objetivo de acelerar as pesquisas, compartilhar dados e promover acesso equitativo aos medicamentos, tratamentos e vacinas que forem desenvolvidos. Foi lançado pela Fundação o Observatório Covid-19 Fiocruz, com o objetivo de produzir informações para ação e também a campanha "*Se liga no Corona!*"[21], que visa difundir informações confiáveis de acordo com o contexto das periferias. A atuação da Fiocruz é questionada por setores governamentais próximos à presidência e porta-vozes do discurso negacionista.

FLÁVIO DINO (de Castro e Costa), advogado, professor de Direito na UFMA, ex-juiz federal (1994-2006), ex-deputado federal (2007-2010) é o atual Governador do Maranhão, substituindo o grupo da família Sarney que dominava o cenário político estadual há mais de 50 anos. Na construção do seu perfil procura-se destacar como alguém engajado, pacificador e empreendedor de políticas públicas estruturantes. Com uma postura destemida, polida, porém mordaz e enérgica, intervém e se posiciona na esfera pública em defesa da democracia, projetando-se em oposição aos atos do presidente e seus aliados. Esta oposição também está presente no combate à Covid-19, com falas marcantes sobre a importância da vida humana e a atenção à ciência, defende o distanciamento social como uma das medidas mais eficazes. As críticas ao presidente proferidas ao público em geral, lhe renderam a alcunha

19 . FIOCRUZ, 2020.

20 . DIAS, 2020a.

21 . GOMES, 2020.

de *Governador Comunista*[22]. Embora enfrente uma pequena oposição institucional no âmbito estadual, pois conta com uma base plural, Flávio Dino comumente é alvo de críticas em especial nas redes sociais.

JOÃO DORIA (João Agripino da Costa Doria Júnior) é atual governador de São Paulo, eleito em 2018 pelo PSDB. Construiu uma carreira como empresário e apresentador de programas televisivos trabalhando também em cargos públicos como Secretário Municipal de Turismo de São Paulo, Presidente da Embratur e prefeito da cidade de São Paulo eleito em 2016, deixando o cargo para disputar as eleições governamentais. Foi criador e presidente do Lide – Grupo de Líderes Empresariais, que reúne mais de 1.600 empresas que representavam cerca de metade do PIB privado do Brasil em 2016. Doria buscou construir uma imagem do empresário de sucesso que governaria o Estado assim como governou suas empresas, sempre tentando se colocar como um *outsider* da política: *Eu sou gestor. Não tenho nada contra políticos. Mas eu não sou um*[23]. Porém, seu perfil também traz de imediato outras características ao imaginário social: Foi chamado de *marqueteiro*[24] por seus opositores, ao se vestir de gari, de jardineiro e de funcionário de zeladoria, para divulgar suas políticas quando era prefeito de São Paulo; tendo em vista o episódio da distribuição de *farinata*[25], e de *memes* populares que mostravam sua expressão de ojeriza ao consumir pastéis e um *pingado*[26], surge a imagem de aversão aos mais pobres e de *almofadinha*[27] ; além disso, a forma autoritária como a PM agiu com o seu apoio na expulsão de moradores de rua e no massacre de Paraisópolis durante um baile funk contribuíram para passar a imagem de defensor de uma política dura de segurança pública, o que para parte da sociedade expressou *desrespeito aos direitos humanos*[28].

22 . LIRIO, 2019.

23 . TAVARES; RIBEIRO, 2017.

24 . BRASIL 247, 2019.

25 . BETIM, 2017.

26 . REVISTA FÓRUM, 2016.

27 . O GLOBO, 2017.

28 . OLIVEIRA, 2019.

Depois de apoiar o então candidato à presidência, Jair Bolsonaro, nas eleições de 2018 no que ficou conhecido como *BolsoDoria*, o governador passa, a partir da crise da Covid-19, a colocá-lo como seu principal antagonista. Logo, entre os apoiadores do presidente, Doria é visto como um traidor.

WILSON JOSÉ WITZEL, nascido em Jundiaí, SP, foi governador do estado do Rio de Janeiro, eleito em 2018 pelo Partido Social Cristão (PSC) e afastado do cargo definitivamente em abril de 2021. Foi fuzileiro naval, defensor público, professor de direito e juiz federal, deixando este último cargo logo antes de vencer a primeira e única eleição para um cargo público que disputou. O governador foi eleito com um discurso contra a corrupção e a favor de uma política dura em relação à segurança pública. O apoio do atual presidente alavancou a candidatura de Witzel. A quebra da placa comemorativa em homenagem à vereadora assassinada Marielle Franco por correligionários bolsonaristas, num palanque ao lado do então candidato a governador (ALVES, 2019), ilustra a aliança entre este e o presidente nos momentos de campanha. O perfil de Witzel traz de imediato ao imaginário social a sua dureza no combate ao crime, sem compromisso com os direitos humanos (CATRACA LIVRE, 2019; O POVO ONLINE, 2018). Após o rompimento explícito com o presidente no segundo semestre de 2019, o governador passa a ter a imagem de traidor entre parte do eleitorado que os dois compartilhavam. Tal imagem se acentua durante a crise da Covid-19, quando os dois adotam discursos antagônicos sobre as soluções para o problema — o governador saiu em defesa do isolamento social. Em finais de maio de 2020, após denúncias de corrupção sobre a pasta da Saúde de seu governo, além da abertura do processo de impeachment pela Assembleia Legislativa, o governador procurou se reaproximar do presidente, tendo evitado realizar críticas a Bolsonaro por um tempo. Tal reaproximação não surtiu efeito, e, posteriormente, Witzel sofreu impeachment, ficando ainda inelegível por cinco anos (BARREIRA; SATRIANO, 2021).

Com ***RONALDO RAMOS CAIADO***, nascido em Anápolis, GO, é o atual governador de Goiás, ex-senador e deputado federal por cinco legislaturas pelo Partido da Frente Liberal (PFL), atual Democratas (DEM). Emergiu como liderança política à frente da União Democrática Ruralista (UDR) durante as dis-

cussões da Assembleia Nacional Constituinte e concorreu sem sucesso às eleições presidenciais de 1989. Ao lado de sua atuação marcadamente lembrada pela defesa dos interesses do patronato rural, Caiado também construiu sua reputação em torno de uma longeva trajetória profissional na medicina e como professor/pesquisador universitário. A despeito do alinhamento discursivo e do apoio mútuo oficializado entre Jair Bolsonaro e Ronaldo Caiado no segundo turno das eleições de 2018, os dois rompem relações publicamente logo nas primeiras semanas de pandemia em 2020, quando o governador goiano posiciona a *luta pela vida acima de tudo*[29], defendendo o isolamento social horizontal e ações com base em evidências científicas e, por outro lado, rechaçando a politização da pandemia, a promoção do ódio e a disseminação de *fake news*. Suas *atitudes enérgicas*[30] no combate à Covid-19 entraram em rota de colisão com as bases bolsonaristas, contribuindo para uma desidratação do apoio político que parece ter forçado Caiado a recuar em várias de suas medidas, incluindo o curto afastamento *de facto* perante o governo federal.

O ***COMITÊ CIENTÍFICO DE COMBATE AO CORONAVÍRUS*** (CCCC) foi criado no âmbito do Consórcio Nordeste, composto pelos estados MA, PI, CE, RN, PB, PE, AL, SE, e BA, com vistas a assessorar os seus respectivos governadores nas ações concernentes à pandemia. O Comitê é coordenado pelo professor e neurocientista Miguel Nicolelis e pelo ex-ministro de Ciência e Tecnologia, Sergio Machado Rezende (COMITÊ CIENTÍFICO DE COMBATE AO CORONAVÍRUS, 2020). O Comitê emite boletins periodicamente nos quais, entre outras informações, difundem as propostas elaboradas visando mitigar os impactos negativos da pandemia. Algumas orientações versam sobre: distanciamento social; medidas para diminuir a importação do coronavírus; articulação entre as secretarias estaduais e municipais de saúde; implementação de tecnologias digitais de monitoramento; intensificação da articulação entre os grupos de pesquisa do NE em diversas áreas; a criação e atuação de subcomitês temáticos; a disponibilidade do aplicativo "Moni-

29 . CAIADO, 2021.

30 . Ibidem 29

tora Covid-19", com vistas a mapear os focos críticos nos estados para que sejam direcionados os insumos e as "brigadas emergenciais de saúde"; a combinação entre políticas de saúde, econômicas e sociais; recomendações sobre o protocolo de tratamento, entre outras[31]. Vale destacar que o Comitê conta com uma ampla rede de apoio envolvendo diversas instituições, mobilizadas em razão do combate ao Covid-19 na região.

RODRIGO MAIA (Rodrigo Felinto Ibarra Epitácio Maia) pode ser considerado um típico representante da tradicional família da política brasileira — filho e primo de políticos, casado com a enteada do político Moreira Franco, este que é pai de bisnetos de Getúlio Vargas. Aos 28 anos de idade foi eleito deputado federal e cumpre atualmente o sexto mandato pelo DEM do Rio de Janeiro. Foi o presidente eleito da Câmara dos Deputados desde a renúncia, seguida da cassação, de Eduardo Cunha, conduzindo a Casa legislativa praticamente desde o impedimento da Presidenta Dilma Rousseff, num período de grande instabilidade. Por sua trajetória é visto pelo público em geral como um típico representante da política tradicional, a chamada *velha política*. Maia compõe a base aliada do atual governo desde seu início, tendo sido ator fundamental para pautar e seguir em defesa das medidas econômicas ultra neoliberais do Ministério da Economia no Parlamento. Por outro lado, Maia também é visto como um defensor das instituições, do establishment e da ordem democrática vigente. E, diante do que considera uma gestão *atrapalhada e desorganizada do governo federal e sua base no Congresso*[32], é considerado como um moderado e, muitas vezes, um freio necessário. Se reconhecendo como importante liderança do país a partir do Congresso Nacional, o discurso de Maia tem repetidamente pedido *diálogo, seriedade, união e harmonia entre os poderes da República*[33] para o enfrentamento da Covid-19, colocando o Congresso de prontidão para as medidas que se fizerem necessárias e urgentes *para minimizar o impacto da pandemia na vida e no emprego dos brasileiros*[34].

31 . COMITÊ CIENTÍFICO DO CONSÓRCIO NORDESTE: BOLETIM 01, 2020b; BOLETIM 02, 2020c; BOLETIM 03, 2020d; BOLETIM 04, 2020e; BOLETIM 05, 2020f; BOLETIM 06, 2020g; BOLETIM 07, 2020h; BOLETIM 08, 2020i.

32 . GLOBONEWS, 2020.

33 . MAIA, 2020a.

34 . MAIA, 2020b.

Discurso científico: o diagnóstico e a injustiça[35]

Na prática discursiva dos porta-vozes do discurso científico no plano internacional, o diagnóstico do problema aponta a pandemia da Covid-19 como uma *ameaça à vida, saúde e segurança da população*[36]. É um *risco para a economia global*, um problema maior do que foi a crise de 2008.[37] Além de ser uma emergência global de saúde, ela agrava problemas de cunho socioeconômicos pré-existentes, tais como a fragilidade dos sistemas de saúde e do modelo econômico, a desigualdade entre os países desenvolvidos e os em desenvolvimento, e a desigualdade socioeconômica interna que dificulta o acesso à saúde e higiene básica, o que propicia a disseminação do vírus entre os menos favorecidos economicamente. Neste contexto, o problema se potencializa mais quando a questão da economia vem antes da preservação da vida, o que leva ao desrespeito às medidas de prevenção. A *cultura do descarte*[38] adotada no mundo das finanças, a *desarmonia, o egoísmo*[39] levam ao desrespeito às orientações da OMS p*or ganância*[40]. Para alguns a pandemia assumiria o caráter de *guerra total global que ameaça à vida e à economia*[41].

Tal diagnóstico, de uma situação de dificuldade sem precedentes, dramática e global, destaca como injustiças a desigualdade econômica, social e de gênero; com maior vulnerabilidade de determinados países e populações; que aumentam o risco de morte; que sofrem com a falta de acesso à saúde, à renda básica, à saneamento, à água, à medicamentos e alimentos.

35 . A análise acompanha a proposta de marcos interpretativos (*frame analysis*), particularmente a implementada por Errejón Galván (2012), que sugere a reconstrução de três marcos específicos: o marco do diagnóstico, onde se identifica o problema principal que aflige o país; o marco do prognóstico que apresenta e nomina a proposta geral de solução do problema, traça a fronteira que delimita o *eles* — os outros e articula a identidade do *nós* — do povo; e o marco de motivação, no qual se pretende incentivar a adesão à sua narrativa e a mobilização de seus adeptos e seguidores através da moralização dessa fronteira, a naturalização de um passado histórico e um programa ou lista de ações para solucionar o problema (GALVÁN, 2012).

36 . KREMLIN, 2020a

37 . KREMLIN, 2020b

38 . PAPA..., 2020

39 . VEJA, 2020

40 . FRANCISCO, 2020a.

41 . XINHUA, 2020.

No plano pessoal, se destaca a *solidão causada pelo vírus*[42], o *egoísmo* e os *interesses pessoais*[43] sobressaindo-se durante a pandemia, onde deveria haver união. Em termos gerais, as injustiças são a rápida disseminação do vírus, a falta de responsabilidade global, as demissões em larga escala em países em desenvolvimento e os grupos vulneráveis que sofrerão o desemprego e a fome.

No plano nacional, o diagnóstico do problema nas práticas discursivas dos porta-vozes do discurso científico reforça que é uma *crise planetária,* uma grande crise sanitária e humanitária, multidimensional, que coloca em xeque o modelo civilizatório. O país, particularmente, apresenta um cenário de grandes dificuldades pela extrema desigualdade social que implica condições de vida sem saneamento, sem água, o que torna as medidas de higienização muito difíceis de serem implementadas. A desigualdade afeta também o isolamento já que é muito mais difícil para as populações carentes, sem recursos suficientes para o seu sustento, cumprir as recomendações de *lockdown*. A população brasileira sofre *pelas crises social e econômica*, mas também pelo *tumulto político*[44] que é reproduzido. Junto ao risco de sustentabilidade da vida, se manifestam os *impactos da crise internacional*, um *tsunami* sobre a economia brasileira, *ainda em crise*[45]. Além do coronavírus, existe o problema representado pelo posicionamento do presidente. Ao invés do presidente *estar no Palácio coordenando um gabinete de crise para dar respostas e soluções para o país*, ele *prejudica a necessidade do isolamento social e estimula um falso conflito entre saúde e economia*[46]. O presidente *desencoraja o isolamento social*; *ignora e desautoriza o seu* (ex) *ministro da Saúde e os técnicos do ministério*; *estimula as pessoas a saírem às ruas e convoca manifestações que atentam contra as instituições e a saúde da população*; *minimiza a doença*; *divulga fake news* sobre o tema; *promove*

42 . VATICANO, 2020.

43 . ESTADÃO, 2020.

44 . CARTA CAPITAL, 2020.

45 . GLOBONEWS, 2020.

46 . MAIA, 2020c.

o ódio atacando profissionais de saúde, políticos e a imprensa; *limita a ajuda econômica para estados, pessoas e empresas*; *enxerga os governadores e prefeitos como inimigos*[47]. Nesse diagnóstico, o próprio presidente assume, assim, o papel de um dos problemas principais no contexto da pandemia: no Brasil, estariamos *lutando contra o coronavírus e contra o Bolsonarovírus*[48]. É o vírus do extremismo, cujo pior efeito *é ignorar a ciência e negar a realidade*[49].

Tal diagnóstico aponta como principais injustiças *as terríveis perdas de vidas humanas*, *as histórias, sonhos, e expectativas frustradas que estão por trás dos números*[50]; o impacto da crise na *vida dos mais vulneráveis com mortes, desemprego, falências, miséria e fome* (PORTAL VERMELHO, 2020a).

Tom

As práticas discursivas articulam o tom técnico – através do embasamento em relatórios da Organização Mundial da Saúde e da Fiocruz e em recomendações de médicos e pesquisadores especialistas – com um componente emocional. Por exemplo, no caso de Putin, comparando o *país a uma grande família*[51]. Ou emocional e moral, quando, no plano nacional, o presidente da Câmara dos Deputados, para mobilizar em suas redes sociais, aciona como recurso simbólico a preocupação em torno da vida e da saúde: *o momento é de preservar vidas*, mais grave que o impacto na economia é um país doente, com pessoas morrendo[52]. O tom emocional assume em alguns momentos, um sentido positivo, quando se trata da *necessidade de termos fé, esperança, solidariedade autêntica, união, respeito ao próximo, comunhão de sentimentos, proximidade emocional e uma noção de destino em comum*[53]. Mas também a emoção assume um sentido negativo moralmente, do medo, da

47 . MAIA, 2020d.

48 . UOL, 2020.

49 . MAIA, 2020e.

50 . MAIA, 2021.

51 . KREMLIN, 2020c.

52 . ARBEX, 2020.

53 . CARTA CAPITAL, 2020.

culpa: *Aqueles que incentivam a vida normal, que pressionam o prefeito da capital, que me pressionam para que possamos agir contra os nossos princípios, a eles eu pergunto: vocês estão preparados para assinar os atestados de óbitos? Vocês estão preparados para carregar os caixões com as vítimas do coronavírus? Vocês, que defendem a abertura, aglomerações, que minimizam a crise, vão enterrar as vítimas?*[54] *Carregue na sua consciência que aquele idoso, aquela pessoa que morrer, você terá ajudado a matá-la*[55].

Soluções e propostas

No discurso científico as soluções e propostas para enfrentar e sair da pandemia se complementam, porém com acentos diversificados segundo o porta-voz. No plano internacional, no caso da OMS, a contaminação deve ser evitada por meio de medidas de prevenção da contaminação: isolamento social, lavagem frequente das mãos, uso de máscaras. Para enfrentar a pandemia, os governos devem tomar medidas de isolamento social da população, fornecimento de meios para que a população possa ficar em isolamento. A elaboração de uma vacina é essencial para sair da pandemia (UNITED NATIONS, 2020).

Performance: O secretário-geral da ONU, António Guterres (foto), lança o relatório elaborado pela OMS: "Responsabilidade compartilhada, solidariedade global: respondendo aos impactos socioeconômicos da Covid-19" (Foto: U.S Mission photo by Eric Bridiers).

54 . GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO, 2020.

55 . BARREIRA, 2020.

Para o Papa Francisco, é necessário o *contágio da esperança*[56] para derrotar a Covid-19. É primordial *seguir as orientações de prevenção da OMS e dos órgãos de saúde*, como *respeitar o isolamento social*[57]. Considera a *solidariedade internacional* determinante, além da *fé, esperança de um mundo melhor*, *remoção das desigualdades*, *visão de conjunto* (ESTADO DE MINAS, 2020) – sem descartar ninguém, principalmente os mais pobres — e a confiança em um amanhã melhor. *É diante do sofrimento que se mede o verdadeiro desenvolvimento dos povos*[58], esse é o tempo de *reajustar a rota da vida rumo ao Senhor*[59].

As principais medidas propostas por Putin têm girado em torno da *cooperação internacional* tanto na economia, quanto na área de pesquisas para produção de vacinas e medicamentos. Tem se reforçado a importância de *ajudar países que sofrem com a falta de recursos* para lidar com a pandemia, com a criação de um *fundo especial*, a *suspensão de sanções* e a criação de *corredores verdes para suprimentos*.[60] No âmbito nacional, têm defendido a *priorização da vida, saúde e segurança da população*, com adoção de medidas que permitam *garantir a renda e o emprego*[61] a partir de uma estratégia de longo prazo, onde deve-se considerar a nova realidade gerada pela Covid-19.

56 . FRACCALVIERI, 2020.

57 . DW, 2020.

58 . FRANCISCANOS, 2020.

59 . FRANCISCO, 2020b.

60 . KREMLIN, 2020b

61 . KREMLIN, 2020a

Performance: O presidente Putin (foto) é conhecido por seu estilo de se fazer presente pessoalmente em todas as situações. Em março, ele visitou hospital de Moscou para pacientes com Covid-19, usando um traje de proteção completo e máscara de gás. Na ocasião, agradeceu aos profissionais de saúde e ressaltou que o país tem tradição em medicina (Foto: Presidência da Rússia).

Para o presidente chinês Xi-Jinping, para vencer a guerra contra a Covid-*19* é necessária *uma ampla articulação e cooperação internacional.* Entre suas propostas têm-se *o envio de médicos e assistência material, aumento de oferta de ingredientes farmacêuticos, fortalecimento de relações bilaterais, elaboração de um plano de ação a ser realizado em reunião com ministros da saúde do G20, aumento do suporte dado a OMS e demais organizações internacionais, e a implementação de políticas fiscais e monetárias.*[62] Em termos nacionais, depois de um momento inicial de relativização da importância da Covid-19 e uma vez reconhecido esta como pandemia, propõe um plano com ações econômicas e sanitárias. Por um lado, se estabeleceram medidas para garantir a sustentabilidade da economia com a *continuidade ou a volta ao trabalho* a partir de e*stratégias diferentes para cada região baseada no risco sanitário*, a *retomada da agricultura*, *desobstrução do trânsito de pessoas e mercadorias*, *a continuação do comércio exterior, a garantia aos investimentos e a preocupação com as pequenas e médias empresas, pedindo a melhoria da macro regulação, diminuindo impostos e taxas*[63]. Também são abordadas a necessidade de *manter a estabilidade empregatícia e a garantia de meios de subsistência básicos*[64] para a população. Pelo lado da sustentabilidade

62 . XINHUA, 2020.

63 . CHINA, 2020a

64 . Ibidem 62.

da vida, entre as medidas de combate à Covid-19, encontramos o *incentivo a pesquisas*, implantação de *ações coordenadas de recursos médicos*, a *estreita cooperação com a Organização Mundial da Saúde e a cooperação internacional* com outros países para *desenvolvimento de vacinas e medicamentos* e o *compartilhamento de sua experiência no controle de epidemias*[65].

Performance: Xi Jinping (foto) visita o hospital Huoshenshan, em Wuhan, no dia 10 de março de 2020. Como característico do seu discurso, pediu confiança na batalha contra o coronavírus (Foto: Governo Chinês).

Sebastián Piñera, presidente do Chile, iniciou o enfrentamento à pandemia concentrando seus esforços para tentar mitigar os prejuízos econômicos e a crise social que se impõe tão logo se difunde o contágio da Covid-19. Para Piñera não há contradição entre a proteção à saúde e a vida da população e a proteção a seus empregos. O desafio sanitário, ou crise sanitária aludidos pelo presidente se juntam a um clima de forte contestação política e desconfianças com o governo desde o final do ano de 2019 e em meio aos preparativos para um plebiscito de uma nova constituição. Nesse contexto, frequentemente apela a noções de *unidade* e *responsabilidade*, procurando diminuir a tensão política que ronda seu governo[66]. Iniciou implementando medidas de isolamento social seletivo e seguindo orientações de cientistas e especialistas da OMS, ao mesmo tempo em que se viu obrigado a sus-

65 . CHINA, 2020b.

66 . LA TERCERA, 2020.

pender aulas da educação básica e aumentar a compensação do Estado em aposentadorias e salários. Apesar de manifestar frequentemente a preocupação em garantir insumos para os hospitais do país, suas falas sempre realçam as preocupações com as consequências da crise econômica que a pandemia tende a aprofundar.

Para o combate à pandemia, Jacinda Ardern estabeleceu a mais *rigorosa quarentena* no mundo. Os valores científicos foram levados em consideração, principalmente quando relacionados ao isolamento social. A primeira-ministra enfatiza o "*seja forte, fique em casa e seja gentil*" (*stay strong, stay home and be kind*). As rigorosas medidas são acompanhadas de autoridade, mas também reforçando os valores de *empatia* e *gentileza*. Dessa forma, ela constrói um discurso em que ser neozelandês é ser *gentil* e *respeitar as medidas de isolamento*. Além disso, foram estabelecidas medidas de auxílio econômico às empresas e o apoio à manutenção dos empregos. As medidas do governo são pautadas na ciência, não somente no campo da saúde pública do combate diretamente ao vírus, mas na parte econômica, social e psicológica, com preocupações, por exemplo, que relacionam o momento de isolamento com o crescimento de crises de ansiedade[67].

Performance: Jacinda Ardens (foto) em suas atualizações diárias sobre as medidas tomadas pelo governo no combate à Covid-19. A comunicação diária sobre os rumos do país após a pandemia é informada pela primeira-ministra nas redes oficiais, mas também em suas redes sociais (Foto: Reprodução/Instagram).

67 . NEW ZEALAND LABOUR, 2020a; ZIEL, 2020; GRAHAM-MCLAY, 2020.

Para o presidente Fernández da Argentina, o país vive *o problema de saúde mais grave* que já teve *em toda a vida democrática.* Estaria *lutando contra um inimigo invisível*[68] e tendo também que enfrentar com determinação uma questão muito presente na realidade argentina, a *especulação de preços*: *a paciência com os especuladores acabou*[69]. Entende que *o mais importante é tentar preservar a saúde das pessoas*[70]. Reafirma que quando se *governa,* há momentos *em que se precisa enfrentar dilemas* sendo preciso escolher: *eu escolhi cuidar da saúde e da vida dos argentinos*[71]. É preferível que as fábricas *estejam vazias porque seus trabalhadores estão em quarentena* e não porque *possam ter se contagiado* ao irem a trabalhar, *adoecido ou morrido*. Assim, com a quarentena *o que estamos ganhando é saúde e vidas*[72]. A Argentina decretou medidas de isolamento social, preventivo e obrigatório, que estão se flexibilizando em territórios que não têm casos de contágio. As medidas adotadas buscavam garantir que o sistema de saúde pudesse responder à demanda e diminuir o ritmo de propagação do vírus. Mas junto a isso, o governo tem destinado um pacote de ajudas para a população e para as empresas. Se reafirma que a forma de lidar com a crise requer, também, um *Estado forte e presente*. Com esses apoios se espera que *no dia seguinte*, quando *todo esse pesadelo termine, as empresas estejam de pé* para receber *seus trabalhadores* e o *Estado estará lá ajudando-os*[73]. Reforçando a visão do Papa Francisco, se apela à *solidariedade* entendendo a quarentena como uma ação coletiva que permite *cuidar de nós mesmos e cuidar do outro*: *aqui ninguém se salva sozinho*[74]. A solução à crise passa, também, pela necessidade de repensar a ordem global, isto é, *mudar um sistema capitalista* que se preocupa muito mais *com o financeiro do que com o produtivo,* que concentra renda *entre poucos e distribui a pobreza entre milhões*[75].

68 . EL DISCURSO..., 2020.

69 . CASA ROSADA, 2020b.

70 . Ibidem 66.

71 . FERNÁNDEZ...., 2020.

72 . GUTIÉRREZ, 2020.

73 . CASA ROSADA, 2020c.

74 . CASA ROSADA, 2020b.

75 . Ibidem 74.

No Brasil, as práticas discursivas da Fiocruz colocam a própria instituição — com seu compromisso de 120 anos de *desenvolver ciência em defesa da vida* — como parte *da* solução do problema[76]. Reivindicam a ciência em todas as áreas do conhecimento para dar as respostas e informar políticas públicas para proteger a sociedade, destacando o papel das ciências sociais nas emergências sanitárias. Também apontam a *defesa e importância do Sistema Único de Saúde* — SUS, enquanto *patrimônio da sociedade brasileira* e um *legado da Constituição Cidadã de 1988*, que necessita que seja *fortalecido*[77]. O *isolamento* é a *melhor medida disponível* para *frear a disseminação* da doença e é o que pode *evitar um longo período de falta de leitos, médicos e equipamentos*. Mas essas medidas restritivas *devem vir acompanhadas de apoio às populações vulneráveis* — como as que *dependem do trabalho informal ou precário* — para que possam cumprir o isolamento, bem como *suporte a pequenas empresas que geram empregos* ante o impacto da pandemia[78]. *Tem que ser um esforço de todos, regras claras e a colaboração do setor privado, dos empresários e do setor público. Aí entra a política com P maiúsculo*[79]. *Destaca-se como p*erformance a comemoração dos 120 anos da instituição no último mês de maio, em meio ao maior desafio sanitário, econômico, social, humanitário e político do século 21. Na ocasião, a fachada do notável castelo Mourisco foi coberta por uma faixa escrita "Fiocruz em defesa da vida", e o busto de seu patrono, o cientista Oswaldo Cruz, vestido de máscara de proteção.

O Comitê Científico de Combate ao Coronavírus (CCCC) apresenta como principal preocupação mitigar os impactos negativos causados pelo *inimigo invisível e pouco conhecido* em diversas esferas, no Nordeste. Para o Comitê, a solução do problema se dará por meio da associação das ações dos gestores estaduais e municipais do Nordeste, com vistas ao combate da pandemia, às orientações baseadas na ciência. Para mitigar os impactos causados pelo *inimigo invisível, os* gestores necessitam lançar mão dos

76 . DIAS, 2020b.

77 . Ibidem 76

78 . GOMES, 2020

79 . Ibidem 78.

conhecimentos dos cientistas, pesquisadores, e médicos do Nordeste, de outras regiões do país e do exterior, que atuam, além de tudo, contra a desinformação. Entre as recomendações do CCCC com o objetivo de reduzir a cadeia de contágio do novo coronavírus, assim como reduzir os casos de dengue e Chikungunya na região nordeste e no restante do país, além de mitigar os impactos da crise econômica gerada pela pandemia estão ações como: a *manutenção do isolamento social*; a *utilização de tecnologia de monitoramento*; ações com vistas ao *apoio material e financeiro aos mais vulneráveis e àqueles que não possam exercer suas atividades*; e, entre outras, o *protocolo seguro de tratamento*, excluindo a hidroxicloroquina e a cloroquina[80].

O presidente da Câmara dos Deputados destaca a preocupação do Parlamento com a vida e os empregos dos brasileiros: *não se tem medido esforços* para que *possamos passar pelo coronavírus sem maiores danos*[81]. Para isso, se reforça *a importância de seguirmos as orientações dos órgãos de saúde e da OMS para sairmos o quanto antes dessa crise*[82]. Mas também de medidas que visam garantir *recursos para a saúde pública, estados e municípios*[83], e para setores econômicos e da população que estariam em situação mais vulnerável, como o *auxílio emergencial*[84].

Os governadores de São Paulo, Rio de Janeiro e Goiás procuram buscar o equilíbrio *entre salvar vidas e manter a economia*, *as duas coisas andam juntas*[85]. Para isso, têm contado com o apoio de economistas e especialistas na área *que foram unânimes ao dizer que a quarentena, ao salvar vidas e preservar a saúde dos nossos trabalhadores, também será fundamental para a recuperação econômica*[86]

80 . COMITÊ CIENTÍFICO DO CONSÓRCIO NORDESTE, 2020: BOLETIM 01; BOLETIM 02; BOLETIM 03; BOLETIM 04; BOLETIM 05; BOLETIM 06; BOLETIM 07; BOLETIM 08.

81 . MAIA, 2020f.

82 . MAIA, 2020g.

83 . MAIA, 2020h.

84 . MAIA, 2020i.

85 . DORIA, 2020a.

86 . DORIA, 2020b.

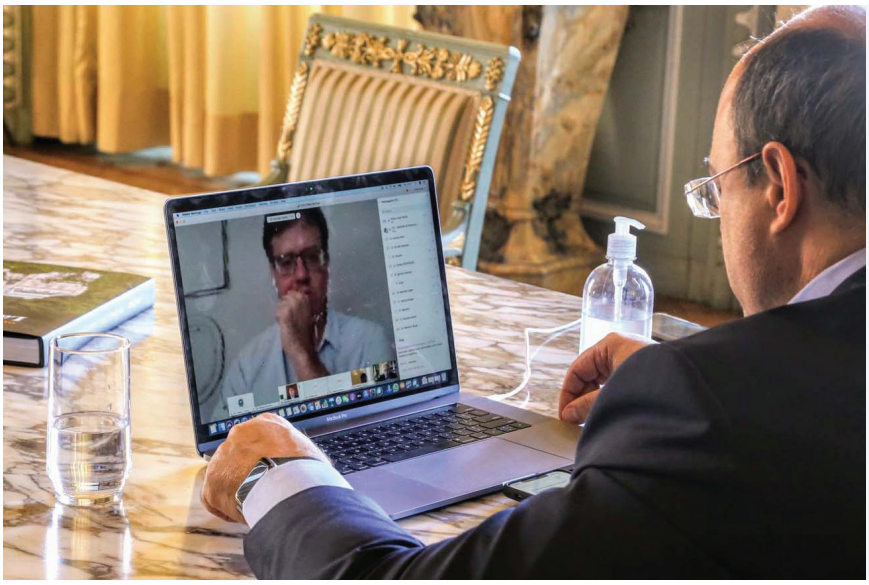
Performance: Em coletiva realizada no dia 4 de maio de 2020, Doria entregou um buquê de flores à uma enfermeira e à uma jornalista, como homenagem aos profissionais de saúde e da imprensa, logo após essas categorias serem hostilizadas por bolsonaristas em Brasília (Foto: Governo do Estado de São Paulo)

Ambos governadores do sudeste implementaram ações praticamente iguais para combater a Covid-19. São elas: decretar medidas de isolamento social para serviços não essenciais, bem como utilizar tecnologias que possibilitem comunicação à distância para atenuar os problemas; aumentar o número de leitos disponíveis no SUS por meio da construção de hospitais de campanha com o apoio da iniciativa privada; contratar profissionais de saúde; doar cestas básicas para os mais necessitados; decretar o auxílio-merenda para estudantes carentes da rede pública; renegociar dívidas dos estados com a União; promover outras parcerias com a iniciativa privada; disponibilização de créditos para pequenas e micro empresas; valorização das Forças Armadas no combate à pandemia. Além disso, acreditam que o presidente tem a obrigação de *apresentar soluções econômicas para os estados*[87]. Nessa mesma linha, o governador de Goiás vem adotando medidas de contenção da pandemia e ampliação da infraestrutura em saúde, eventualmente se opondo a algumas lideranças empresariais de seu estado *que estariam fazendo roleta russa com a cabeça dos outros ao negligenciar o alcance do problema*[88]. Como performance, destaca-se o ato pró-Bolsonaro no qual o governador Caiado é vaiado após discursar

87 . WITZEL, 2020.

88 . BRASIL, 2020.

em favor do isolamento social e da conscientização das pessoas para a gravidade da pandemia. Em sua conta pessoal no Twitter, o goiano afirma que é sua obrigação como governador e médico zelar pela saúde do povo.[89] A partir de junho, entretanto, esses três governadores começaram a flexibilizar as medidas de isolamento social em seus estados. João Dória, o governador mais atacado pelas carreatas bolsonaristas, que tiveram São Paulo como um dos focos, foi o primeiro a apresentar um plano para flexibilização, ainda no final de maio de 2020, o que gerou muitas críticas de especialistas médicos por causa dos números ainda crescentes de contágio e mortes pela Covid-19. No caso de Wilson Witzel, as medidas acompanham uma mudança de tom em relação ao presidente Jair Bolsonaro, um processo de impeachment aberto e denúncias de corrupção. Em Goiás, Caiado também se reaproxima do presidente e cede às pressões de prefeitos e da iniciativa privada para afrouxar consideravelmente as regras de isolamento social.



Performance: Governador Witzel gravou vídeos de sua residência, no Palácio Laranjeiras, para explicitar o resultado positivo de seu teste para Covid-19, comentar sobre seus sintomas e mostrar que se mantinha em isolamento social. As imagens procuram mostrar que, mesmo na crise, Witzel continuou trabalhando à distância, por videoconferência (Foto: Carlos Magno).

Para o governador do Maranhão, primeiro estado brasileiro a adotar o *lockdown*, só será possível vencer essa pandemia quando todas as agendas[90]

89 . CAIADO, 2020; CAIADO, 2021.

90 . CARTA CAPITAL, 2020.

(de todos os gestores — estaduais e o federal) *estiverem alinhadas*[91] com essa finalidade, tendo como prioridade o enfrentamento ao coronavírus. Para que isso seja possível, se necessitaria de um líder nacional capaz de *unir a população*[92], cuidar da gestão pública e administrativa, que *considere os interesses de toda a população*[93] antes dos próprios. Um líder que se *sensibiliza com as mazelas que afetam o seu povo*[94]. Aponta como preponderante, para vencer esse momento de instabilidade no país, agravado em razão do Covid-19, a defesa da democracia e do Estado Democrático de Direito, a partir da atuação de uma Frente Ampla que engloba *todos aqueles que defendem a normalidade democrática no Brasil, o direito dos mais pobres,* e também as ações do que chama de Núcleo do bom senso, integrado pelo Judiciário, pelo Ministério Público, pelo *Congresso, pelos governadores, pelos prefeitos*[95], entre outros. Ele incluiu nesse núcleo também Mandetta, então ministro da saúde. Para Dino, *temos que manter esse núcleo de bom senso aglutinado e em sintonia com os profissionais de saúde, que têm os conhecimentos técnicos e são os líderes disso tudo. É o que tem dado certo e salvado o Brasil*[96].

O eles

No discurso científico a construção de identidades políticas antagônicas aponta também para um *eles* que articula elementos negativos em oposição a um *nós* que condensa grupos e atributos positivos. No plano internacional, nas práticas discursivas da OMS a construção de antagonismos é evitada, visto que a organização produz uma chamada para ação de todos os governos e empresas para que prezem pela solidariedade global nesse momento. Contudo, é possível perceber confrontos nos momentos em que se responde às críticas feitas a seus posicionamentos e suas recomen-

91 . Ibidem 90.

92 . Ibidem 90.

93 . Ibidem, 90.

94 . Ibidem, 90.

95 . PORTAL VERMELHO, 2020.

96 . BETIM, 2020.

dações. Por exemplo, na resposta à fala do presidente dos EUA sobre a Covid-19 como *vírus chinês* criado em laboratório nesse país; ou na resposta ao presidente do Brasil quando este utilizou um discurso do diretor da OMS fora de contexto.

Para lideranças da Igreja Católica, o significante vazio do *eles* seria a *pandemia da irresponsabilidade* a partir do qual se constrói uma cadeia de equivalências conformada por: *governantes, empresários e economistas preocupados apenas com a economia; governantes que valorizam seus interesses pessoais, sem pensar no bem comum; a política genocida; a mídia que apavora; o charlatanismo dos falsos profetas* – como alguns *pastores* que *prometem falsas curas* e se aproveitam da fé das pessoas em cenários caóticos; *os grupos negacionistas que minimizam a Covid-19, desrespeitam e desacreditam as medidas orientadas pela OMS; a 'cultura do descarte'* adotada *no mundo das finanças; a desarmonia e o egoísmo*[97].

Nas práticas discursivas de Putin, o ponto nodal do *eles* com forte conteúdo moral negativo seria *cada um por si* como *resposta à crise*[98]. A partir dele se articulam: a adoção de *políticas unilaterais, o liberalismo, o isolacionismo, a situação desafiadora*[99] que se desenrola pela forma com a qual os governos europeus e americanos lidam com a crise, *a manutenção de sanções econômicas, os que desacreditam a OMS*[100].

No caso das práticas discursivas de Xi-Jinping os pontos nodais do *eles* são a *democracia liberal* e a *falta de cooperação internacional*, a partir dos quais se constrói uma cadeia de equivalências conformada por: *individualismo, os Estados Unidos, entraves ao fluxo comercial, não colaboração com organizações internacionais, xenofobia, sociedades desestabilizadas que propiciam o aumento do desemprego, governos que não compartilham pesquisas a nível internacional, e sociedades que demonstram pouca preocupação com empresas nacionais*[101].

97 . PAPA..., 2020.

98 . KREMLIN, 2020b.

99 . KREMLIN, 2020c.

100 . KREMLIN, 2020d.

101 . XINHUA, 2021; XI, 2021

No caso chileno, para Sebastián Piñera os pontos nodais de oposição na prática discursiva *eles* se articulam especialmente em torno dos *irresponsáveis*, os quais segundo o presidente não atuam de acordo com o enfrentamento à pandemia. Embora não nomeie frequentemente adversários em seus pronunciamentos, estes seriam *os que não respeitam a quarentena*, *os violentos*, *os que denunciam os problemas* (enquanto o governo e o próprio Piñera *tratariam de resolvê-los*), *os encapuzados*, *os "obstrucionistas"*, *a esquerda extremista*[102].

No discurso político de Jacinda Ardern a construção do *eles* não aparece a todo momento de forma explícita. Até mesmo a oposição política ao seu governo não é contrária às medidas tomadas pela alternativa científica. Vale destacar que sua gestão procura ser baseada sempre na *empatia* e em prol de uma *coletividade* maior. No entanto, no discurso da primeira-ministra podemos observar alguns momentos em que se estabelece a fronteira do *outro*. O ponto nodal que articula o discurso é estabelecido pelo valor da *individualidade*. Dessa forma é organizada uma cadeia de equivalência através deste ponto. Ela atribui a esse valor: aquelas *pessoas que vão trabalhar em serviços não essenciais* e acabam colocando a vida dos trabalhadores essenciais em risco; *aquelas que não obedecem às restrições de isolamento social* e *aqueles estrangeiros que não seguem as determinações do governo neozelandês*, sendo ameaçados de serem deportados. No tocante, seriam os *negligentes*, os *individualistas* e os *egoístas*. Obviamente, se resume a todas aquelas pessoas que não seguem a cartilha do governo embasada na ciência[103].

No início da pandemia, o presidente Fernández conseguiu construir um consenso em torno das medidas adotadas de isolamento social, preventivo e obrigatório. Ele afirmava que a *melhor Argentina é a que discute como fazê-lo,* mas não discute o que fazer, já que todos concordavam que se devia evitar o contágio com a propagação do vírus. Haveria diferenças que levavam a discutir *se a quarentena deveria durar mais alguns dias, menos dias,* mas

102 . DCZ (EFE AFP), 2020; LA TERCERA, 2020

103 . ARDERN, 2020.

todos aparentemente, a apoiavam[104]. As medidas do governo começaram a dar certo, fazendo de Argentina fosse um dos países com mais controle da contaminação e com menos número de mortes proporcionalmente. A popularidade do presidente aumentou, o que levou a setores da oposição a sentirem-se ameaçados. Ao mesmo tempo, setores financeiros, empresariais e profissionais liberais viram afetados seus interesses econômicos com a extensão do isolamento e com medidas adotadas durante a pandemia, como a intervenção estatal na empresa agroexportadora Vicentin. As práticas discursivas do presidente passam a identificar no *eles* alguns *empresários miseráveis* que *demitem na crise*[105] e figuras do núcleo duro da oposição no governo anterior, como o ex-presidente Macri e a ex-ministra de seguridade, Bulrich que defendem a saída logo do isolamento horizontal. Mas também na crítica identificam *lideranças de direita* — como Aznar, Zedillo e Uribe — signatários junto com Macri do documento publicado pela Fundação Internacional para a Liberdade (FIL) presidida por Mario Vargas Llosa, onde são criticados os governos — particularmente o argentino — que teriam restringido as liberdades. Também fazem parte *líderes como o do Brasil*, país com mais de 200 milhões de habitantes, *com fronteiras com quase todos os países da América do Sul* e cujo presidente *faz chacota, abraçando e indo às ruas* a *tirar selfies cercado por pesso*as negando a importância da pandemia (EL AGORA DIGITAL, 2020).

Na construção política do *eles* no plano nacional, confluem em geral as práticas discursivas do presidente da Câmara dos Deputados, dos governadores de São Paulo, do Rio de Janeiro e até do Maranhão. Os pontos nodais seriam *irresponsabilidade, promoção do ódio* e o *fazer política*. A cadeia de equivalências articula: a *falta de senso de humanidade*, os que *estimulam o falso conflito entre saúde e economia,* os que *enxergam a questão da crise da Covid-19 como política visando as Eleições de 2022, populistas, o presidente da República, seus filhos, o gabinete de fake news, golpistas,* os que *atentam contra a Constituição, os semeadores do caos, cavaleiros do apocalipse que querem o*

104 . FERNANDEZ, 2020a; 2020 b

105 . EL PRESIDENTE..., 2020.

desespero para poder semear as suas teses autoritárias e fascistas, manifestantes de carreatas, milicianos ideológicos, aliados da doença, os que *ameaçam à imprensa*, os que *atacam a especialistas em saúde pública*, os que *ignoram a ciência e negam a realidade*, os *insensatos*, a *indiferença*. No que concerne ao Comitê Científico do Combate ao Coronavírus (CCCC) o ponto nodal do *eles* é articulado pelos *impactos negativos (na saúde, sociedade e economia) causados pelo novo coronavírus, um inimigo invisível e pouco conhecido*[106]. Sinteticamente, no discurso *científico*, a construção de identidades políticas antagônicas delimita um *eles* que articula elementos negativos que provocam ou reforçam a injustiça. O ponto nodal — tanto a nível internacional como nacional — é constituído pela crítica moral ao *individualismo*, forma uma cadeia de equivalências composta por *grupos negacionistas que minimizam a Covid-19* e desacreditam as medidas orientadas pela OMS; que *não respeitam quarentenas*; irresponsáveis que estimulam um *falso conflito entre saúde e economia*. Também o *liberalismo* — no caso da prática discursiva do presidente chinês, mais especificamente o liberalismo ocidental — com sua ênfase no *individualismo egoísta*; os que *demitiram na crise*, gerando maior desemprego; aqueles que adotam políticas isolacionistas, não colaborando internacionalmente, mantendo sanções econômicas e a cobrança de dívidas. Do mesmo modo, fazem parte da cadeia de equivalências os elementos que usam a pandemia para fazer política e, portanto, promovem *ataques à imprensa*, espalham *fake news* e xenofobia, *promovem o ódio* e hostilizam cientistas e especialistas em saúde pública. Sendo assim, também estão incluídos *aqueles que mantêm os interesses pessoais acima do bem comum* e adotam a cultura do descarte.

106 . Ibidem 22,29,31 33, 48, 80, 85, 87,89,90.

Cadeia de equivalências do *eles* do discurso científico

O *nós*

Tendo como referência o *eles*, as práticas discursivas dos porta-vozes do discurso científico procuram construir o *nós*, articulando em torno de pontos nodais e significantes vazios uma cadeia de equivalências de demandas e grupos positivos. No plano internacional, o ponto nodal das práticas discursivas da OMS é *solidariedade global, responsabilidade dividida*. A cadeia de equivalências articula *a resposta multilateral para uma emergência global*, *toda a humanidade* já que o *vírus não vê a cor da pele e nem classe social*, *todas as vidas importam*[107]. Para a Igreja Católica, a *solidariedade global, a*

107 . UNITED NATIONS, 2020

fraternidade da comunidade humana e a oração apontam para a saída. Assim, o *nós* é construído numa cadeia de equivalências pela figura *do Papa, bispos, padres e fiéis*; a *OMS*; a *imprensa que arrisca a própria saúde para informar a população e entregar a verdade*, não a que gera pânico; *pessoas e empresas defensoras do isolamento social* e de todas as medidas de prevenção; os que *reconhecem a vulnerabilidade física, cultural e política diante da pandemia*; os que *alertam para o perigo do vírus da indiferença egoísta*; os que *promovem valores como a esperança, fé, união, responsabilidade, caridade e solidariedade*. As demandas principais que estão associadas ao *nós* são as de *preservar a vida, resguardar a saúde, a reconstrução de um mundo melhor pós-pandemia, com mais união, menos desigualdades e sem poluir e depredar o planeta*[108].

Nas práticas discursivas de Putin, o ponto nodal do *nós* é o *povo russo* ao qual se articulam na cadeia de equivalência, *grande família*, valores como *união, solidariedade e resiliência*.[109] As principais demandas identificadas no contexto da pandemia que também fazem parte da cadeia são: *isolamento social sem maiores riscos; tudo sob controle devido a proatividade e adoção rápida de medidas de contenção da pandemia; disciplina; vontade de apoiar ao outro*[110]*; priorizar a vida, a saúde e a segurança da população; manutenção dos empregos e da renda*[111]*; valorização da cooperação internacional*[112].

No caso de China, as práticas discursivas de Xi-Jinping constroem o *nós* a partir de pontos nodais como *humanidade como unidade,* e o *sistema de socialismo com características chinesas*[113]. A cadeia de equivalência articula: *empresários comprometidos com a agenda de desenvolvimento nacional, a cooperação internacional com demais países e especialmente com Organização Mundial da Saúde (OMS), os governantes regionais que não baixam a*

108 . FRANCISCO, Papa 2020 a, 2020b, 2020c, 2020d.

109 . KREMLIN, 2020c.

110 . Ibidem 109.

111 . KREMLIN, 2020a.

112 . KREMLIN, 2020b.

113 . CHINA, 2020a

guarda para o controle da disseminação do vírus, a facilitação do comércio internacional, a garantia de emprego, o cumprimento de metas, a estabilidade social, a preocupação com as empresas nacionais, o compartilhamento de pesquisas no plano internacional, respeito, o futuro compartilhado da humanidade, a China *guiada por uma visão de comunidade*[114].

Jacinda Ardern ao construir o *nós*, obtém o ponto nodal de seu discurso a *empatia*, caracterizando principalmente a atuação do conjunto majoritário da própria população neozelandesa, que junto com o governo obteve bons resultados. Assim configura-se uma cadeia de equivalências que articula valores como o *companheirismo*, ao defender que ninguém deve ser abandonado, em conjunto com a *responsabilidade*, a *gentileza* e a *gratidão* em relação às pessoas que respeitam os parâmetros científicos e aos trabalhadores de serviços essenciais. Articula também atos como o *ficamos em casa para salvar vidas* e o *evitamos o contato uns com os outros*. Além disso, o *nós* é construído também por aqueles que seguiram as *determinações científicas*, sejam dos conselhos de saúde, sejam das estatísticas com a finalidade de *achatar a curva* e *evitar novas transmissões*. Jacinda não opõe o diálogo da saúde com as questões econômicas, coloca seu governo preocupado em *manter os empregos* e *ajudar as empresas*, estabelecendo que o foco na saúde se torna, também, uma estratégia para a economia[115].

Para Sebastián Piñera, o *nós*, entendido como diferenciação discursiva entre seus adversários no campo político, procura construir uma ideia de grande maioria em relação a seus adversários. Em torno da ideia de *compatriotas* ou *os chilenos*, procura construir uma cadeia de equivalências sob o signo da colaboração, nomeando o *governo* (ele incluído), *a imensa maioria dos chilenos*, *a sociedade civil, os responsáveis*[116].

114 . XI JINPING, 2020.

115 . NEW ZEALAND LABOUR, 2020b; ARDERN, 2020.

116 . DCZ (EFE AFP), 2020; LA TERCERA, 2020

No caso do presidente Fernández, o *nós* é conformado para além dos seus apoiadores, é *o povo* que entendeu o perigo e a importância do isolamento social. Há um acordo *construído pelos argentinos: cuidar de todos, de todas e de "todes"*[117].

Performance: O presidente Alberto Fernández construiu uma rede de 12 hospitais modulares de emergência em pouco mais de 20 dias: "Nossa prioridade é fortalecer o sistema público de saúde para cuidar de todos os argentinos ante a pandemia do Coronavírus". Na foto, visita o hospital Cuenca Alta, na cidade de Buenos Aires (Foto: Governo da Argentina).

Em termos de lideranças se incluem *membros da oposição que administram a crise* enquanto *governadores ou prefeitos*, e que apoiam as medidas do presidente; também a *comunidade científica*, *os médicos, os infectologistas, os epidemiologistas*. Faz parte do *nós* o Papa Francisco: o presidente tem mostrado um alinhamento ideológico com as falas do Papa – sobre *solidariedade* e a crítica à *cultura do descarte* dos que *sobram*, o que de alguma forma dá uma legitimidade moral às suas decisões. Finalmente se inclui o *Grupo de Puebla*, como um importante *espaço para a construção* de um contraponto frente a *visões que defendem a liberdade econômica* como *mais importante do que a saúde*[118].

No Brasil, as práticas discursivas dos principais porta-vozes do discurso científico confluem na construção das cadeias de equivalência do *nós*, ainda

117 . FERNÁNDEZ, 2020a.

118 . FERNÁNDEZ, 2020b.

que com algumas diferenças nos pontos nodais. Enquanto os governadores de São Paulo e do Rio de Janeiro, e o presidente da Câmara têm em comum *salvar a vida e proteger empregos,* Maia destaca também *o Brasil precisa, a Câmara aprova*[119].

Performance: Durante a pandemia, o presidente da Câmara mantém presença física no plenário, conduzindo sozinho as sessões plenárias virtuais: "O Congresso só foi fechado na ditadura e não vai fechar mais". Dá uma resposta aos extremistas que pedem o fechamento do Congresso e sua saída (Foto: Edilson Rodrigues/Agência Senado).

A cadeia de equivalências articula *o Estado democrático de direito*; *a democracia; os brasileiros que querem paz; gestão eficiente; governar com equilíbrio, sensatez e diálogo; seriedade; agir de forma não-ideológica; solidariedade; saúde e economia inseparáveis; isolamento social; embasamento científico e técnico; a Organização Mundial da Saúde; a maioria absoluta de médicos e cientistas; brasileiros que estão respeitando a quarentena; união entre iniciativa privada e poder público; aumento do investimento em saúde; #fiqueemcasa; um Brasil unido; governadores; prefeitos; o ministro Guedes; o vice-presidente Mourão; ex-ministros Mandetta e Moro; o STF; a polícia militar; a polícia civil; o corpo de bombeiros; a imprensa; e o Papa Francisco.* No caso do governador de Maranhão, o ponto nodal é o *núcleo do bom senso* que articula *o Judiciário, o Ministério Público, o Congresso, governadores, prefeitos, ex-ministros como Mandetta, como* também atributos como *solidarie-*

119 . DORIA 2020a; WITZEL 2020; MAIA 2020f.

dade, responsabilidade e senso de humanidade[120]. Nas práticas discursivas do Comitê Científico de Combate ao Coronavírus (CCCC), expressas principalmente nos boletins, a cadeia de equivalência do "nós" está articulado entre *os representantes dos nove estados do Nordeste, o Consórcio Nordeste, à ciência, representada pelas orientações do Comitê, Subcomitês, e colaboradores, para vencer a desinformação e a falta de articulação das ações com vistas a combater o coronavírus e mitigar os seus impactos*[121].

Em suma, tomando como referência o sentido político de *eles*, as práticas discursivas dos porta-vozes do discurso científico buscam construir o *nós* em uma oposição binária de significados, articulando em torno de um ponto nodal uma cadeia de equivalências de demandas sociopolíticas, identidades e conteúdo moral positivo. O ponto principal dessas práticas discursivas é a *solidariedade*. A cadeia de equivalências articula a necessidade de uma resposta *multilateral* e de *cooperação internacional* para enfrentar a emergência global, considerando a humanidade como uma unidade e a necessidade de uma *vacina para todos*. Diante da pandemia, reivindicam a liderança do combate à crise por um *Estado ativo e responsável;* valorizam o *cuidado de "cada um e todos"*; destacam o papel da *imprensa confiável, que arrisca a própria saúde* para informar a população; e também dos *defensores do isolamento social*. Nessa toada, priorizam a *preservação da vida*, a saúde e a segurança da população ao mesmo tempo em que buscam *preservar empregos* e dar assistência às empresas. E, além disso, também integra a cadeia de equivalências aqueles que têm *responsabilidade*, agem com empatia, *respeitam as recomendações científicas* e *apoiam os profissionais da saúde e cientistas*.

120 . PORTAL VERMELHO, 2020b; CARTA CAPITAL, 2020; MÍDIA NINJA, 2020.

121 . Ibidem 22,29,31 33, 34, 48, 80, 82, 85, 87,89,90.

Cadeia de equivalências do *nós* do discurso científico

A reprodução e criação de antagonismos

Na disputa entre os discursos negacionista e científico que é promovida pelas práticas discursivas dos principais porta-vozes, seja no nível internacional como no nacional, se reproduzem antagonismos pré-existentes como também novos são criados. Estes antagonismos reproduzidos e criados nos (e com) os discursos expressam as disputas políticas que se abrem em termos de hegemonia ante o acontecimento pandemia da Covid-19, e o rompimento da normalidade que tinha sido estabelecida pelas relações de poder dominantes.

Nas práticas discursivas de lideranças da igreja católica o antagonismo que se reforça é entre o povo católico, os movimentos de pobres e excluídos, e os governantes responsáveis preocupados com a justiça social, a sustentabilidade ambiental e a preservação da vida *vs*. os governantes, empresários e elites preocupados apenas com a esfera econômica e o lucro, defensores da *cultura do descarte*, cultores do egoísmo, a segregação, a histeria, a desigualdade social e de preconceitos, em especial, aos migrantes mais vulneráveis.

No caso da Rússia, a pandemia parece reforçar antagonismos antigos. Considerando que, o antagonismo que mais se destaca a nível nacional é pautado por uma questão de identidade (um debate em torno do ocidentalismo, eslavofilismo ou eurasianismo) que, por sua vez, reflete um antagonismo externo. Em meio à crise da Covid-19, as falas de Putin têm comparado a situação desafiadora dos países europeus e dos EUA com a da Rússia, onde tudo está sob controle, mas reconhece o potencial de alto risco (KREMLIN, 2020a). Em contrapartida, opositores nacionais e internacionais questionam os dados oficiais — a princípio, o número de casos de coronavírus e a taxa de mortalidade — e criticam uma abertura precoce (BROWN; MALPAS, 2020). Por outro lado, o presidente russo ressalta que hoje em dia o país é o que mais faz testes em todo o mundo e que a experiência estrangeira mostrou que o fracasso em fazer os preparativos necessários, bem como um sistema de saúde sobrecarregado, foram as principais causas de uma alta taxa de mortalidade. Contudo, as medidas tomadas com antecedência teriam permitido salvar milhares de vidas. Putin afirma que, por conta dessas medidas, o país poderia seguir para o próximo estágio de combate ao coronavírus e dar início a uma suspensão gradual das restrições. Putin enfatiza que sua posição não mudou, a principal prioridade é a vida, a saúde e a segurança das pessoas. Mas considerando a extensão territorial do país e as diferenças na situação epidemiológica entre as regiões, não se deve seguir um padrão geral, já que certas ações podem produzir riscos injustificados para as pessoas, enquanto em outras regiões podem levar a restrições injustificadas para indivíduos e empresas. Portanto, as regiões devem ter autonomia para elaborar seus respectivos planos, com base nas recomendações

do governo, do *Rospotrebnadzor*[122] e do grupo de trabalho do Conselho de Estado, mas de forma que a palavra final seja dos médicos e especialistas. (KREMLIN, 2020e)

Na prática discursiva de Xi-Jinping não é apresentado explicitamente antagonismos no plano interno, salvo menções como a de *melhorar a ineficácia da mídia,* o que nos leva a fazer um paralelo ante performances relatadas por jornais, como as reportagens do *South China Morning Post*[123] denunciando o desaparecimento de alguns jornalistas chineses que criticaram a ineficácia das medidas do governo, e/ou a demora na tomada de ações para o controle da epidemia. Também podemos citar o caso do médico Li Wenliang, repreendido no dia 3 de janeiro de 2020 por supostamente estar espalhando boatos. No plano internacional, os antagonismos existentes entre China e Estados Unidos foram reforçados durante a pandemia da Covid-19. Donald Trump denominou o novo coronavírus de *vírus chinês*. As acusações não pararam por aí: o governo norte-americano chegou a alegar que hacker chineses tentaram roubar dados de vacinas e tratamentos para a Covid-19[124], e que o país asiático havia encoberto o surto da doença propositalmente, acusações respondidas pela embaixada chinesa em Washington como falsas[125]. O conflito em torno da Covid-19 acrescenta um novo elemento à nova *guerra fria* que teve seu início com a guerra comercial em 2018, e o acréscimo da dimensão tecnológica com a disputa pelo domínio da tecnologia 5G. No mais, ainda nesse cenário é possível identificar novos antagonismos, como no caso do Brasil que também realizou acusações à China, exemplo clássico foi a fala do ex-ministro da educação, Abraham Weintraub, de que a Covid-19 seria um *plano de dominação mundial* (CILO, 2020). Em coletiva de imprensa do dia 7 de abril, o porta-voz Zhao Lijian's, quando indagado sobre essa acusação

122 . Rospotrebnadzor é o Serviço Federal Russo de Vigilância sobre Proteção dos Direitos do Consumidor e Bem-Estar Humano, uma agência federal que trabalha para fornecer supervisão e controle do bem-estar e dos direitos do consumidor e proteção dos cidadãos da Federação Russa (POPOVA, 2021).

123 . LEW, 2020.

124 . SATTER, 2020.

125 . Recentemente os dois países têm trocado ameaças devido a atitude dos EUA de aprovar no congresso o "Projeto de Lei de Política de Direitos Humanos Uigur 2020", que objetiva punir violações de direitos humanos praticadas por autoridades chinesas contra muçulmanos Uigures em Xinjiang.

reforçou o discurso do *vírus como inimigo de todos* e se opôs aos estigmas (FOREIGN..., 2020). E ainda, recentemente o conflito econômico entre China e Austrália se agravou após essa solicitar abertura de uma investigação internacional independente sobre as origens do novo coronavírus. Anteriormente, a Austrália havia imposto restrições ao retorno de estudantes chineses ao país. Em resposta ao que classificou como ataques racistas, a China aplicou medidas econômicas contra a carne bovina e a cevada australiana[126].

O presidente do Chile, em suas práticas discursivas, procura estabelecer em torno de si e do governo a ideia de uma amplitude de apoios, caracterizada pela utilização de termos mais gerais dentro da cadeia de equivalências do *nós*, passando uma sensação de unidade e ponderação, relegando ao campo opositor uma caracterização mais pormenorizada e, portanto, mais circunscrita. O fato é que Piñera não possui atualmente condições políticas de estabelecer para si muitos antagonismos, a oposição é grande e sua aprovação popular é muito baixa e, embora tenha conseguido se manter no cargo de presidente, tem sido obrigado a fazer cada vez mais concessões e atender demandas populares devido à pandemia.

Em suas práticas discursivas, o presidente da Argentina procura superar os velhos antagonismos que marcaram o país por mais de setenta anos entre peronistas *vs.* anti-peronistas, polarização que se amplificou e intensificou com outros componentes (vinculados tanto a posicionamentos a respeito do regime militar como às políticas neoliberais) e denominada nos últimos anos como a *fenda* (*grieta*). Como apontado anteriormente, tinha conseguido com suas atitudes e medidas um crescente apoio de até quem não tinha votado nele na eleição do ano passado. De toda forma, os porta-vozes do *eles* — e seus seguidores nas mídias e nos *panelaços* — estão tentando ressignificar os antagonismos entre: o governo corrupto, que interfere nos processos judiciais, com sua visão estatista e seus seguidores *planeros* (beneficiários de planos assistencialistas) e que estão levando a economia

126 . Os antagonismos entre a China e demais atores, como Estados Unidos e Brasil, serão abordados de forma mais ampla no capítulo 3, específico sobre China, no segundo livro fruto de nossa pesquisa "O vírus em disputa: Práticas discursivas internacionais e lutas por hegemonia no acontecimento pandemia da Covid-19".

ao caos *vs.* a oposição, que defende a justiça e a moralização da política, o mercado, a meritocracia, a abertura ao mundo global e a volta ao trabalho e à normalidade.

As práticas discursivas expressas por lideranças como o presidente da Câmara dos Deputados e de governadores como os de São Paulo e Rio de Janeiro, apontam para a criação de um novo antagonismo que emerge no contexto da Covid-19. Este antagonismo está dividindo a anterior ampla coalizão de direita que permitiu o triunfo eleitoral do atual presidente. Assim, esse novo antagonismo se daria entre uma *direita gerencial reciclada* vs. a *extrema direita populista*. A *direita gerencial reciclada* estaria conformada, entre outros, por essas lideranças (presidente da Câmara, governadores de São Paulo e do Rio de Janeiro); o presidente do Senado; o governador de Goiás[127]; o ex-ministro da Saúde Mandetta; o prefeito de São Paulo; representantes de partidos políticos desse "novo centrão" como o PSD, o PSDB, o MDB entre outros[128]; lideranças do agronegócio com interesses no mercado chinês; industriais; parte das elites financeiras; o ex-ministro Moro e setores do lava-jato; o MBL; setores da classe média antipetista e apoiadores da luta contra a corrupção. Teriam uma ampla repercussão na mídia tradicional, procuram ecoar-se como alternativa real de poder político ante o STF e ante membros do governo como o ministro Guedes, o vice-presidente Mourão, assim como na hierarquia das forças armadas. Com o surgimento dessa *direita gerencial reciclada* se reconfigura no pólo oposto, uma *extrema direita populista* (isto é, a direita se radicaliza em extrema direita). Ela congrega o presidente e seu núcleo familiar e ideológico, misturando parlamentares das bancadas da bala, da bíblia e do boi; flertando com o *velho centrão*[129], com apoio de alguns governadores (como os de Minas Gerais e

127 . Como já foi apontado anteriormente, depois de um enfrentamento maior, os governadores de Rio de Janeiro, São Paulo e Goiás, não só estão adotando medidas de flexibilização do isolamento, mas também de diversas formas, vem procurando retomar o diálogo com o governo federal.

128 . O grupo que está sendo chamado informalmente de *novo centro* reúne, além de uma parcela dos deputados não suspensos do PSL, antiga legenda de Bolsonaro, cerca de 160 deputados também espalhados por: MDB, DEM, PSDB, SD, Podemos, Cidadania, Novo e PV (FARIA, 2020).

129 . A maior parte do *antigo* ou *velho centrão* está se alinhando com o presidente. Esse bloco estaria conformado com a maior parte dos deputados do PSL (se incluir os que estão sob suspensão) e mais nove legendas: PP, PL, PSD, Republicanos, PTB, Pros, PSC, Avante e Patriotas. Somam cerca de 203 deputados, podendo chegar a 223, se incluir metade dos ainda filiados ao PSL (FARIA, 2020).

Paraná); industriais; lideranças do agronegócio tradicional; parte das elites financeiras; lideranças pentecostais; classes médias mais radicalizadas; trabalhadores informais e setores empobrecidos beneficiários dos auxílios de emergência; forças de choque que articulam civis e militares retirados; milícia; polícias militares e corpo de bombeiros; baixos escalões das forças armadas e setores do alto oficialato em ativa e retirados; mídias tradicionais controladas pelos evangélicos e um amplo leque de seguidores nas mídias sociais. Junto a esse novo antagonismo, permanece e se reproduz — ainda que em menor intensidade — o antagonismo desse polo entorno do presidente contra a esquerda, petista ou não, herdado da contenda eleitoral e que, agora, tem na primeira linha a maioria dos governadores do Nordeste — com Dino como uma figura de destaque — parlamentares do PT, PSOL, PSB e parcialmente do PDT, ex-presidentes (Lula e Dilma) e candidatos como Haddad e Boulos, lideranças de movimentos sociais e sindicais, com apoio de parte da classe média e de setores populares. Tanto a força deste polo de esquerda, como deste antigo antagonismo está secundarizada. Destaca-se ainda algumas iniciativas suprapartidárias de união, com a formação de uma Frente Ampla em defesa da Democracia e contra o atual governo, a exemplo do movimento "#Somos70PorCento". A iniciativa se espalhou nas redes sociais a partir da análise do economista Eduardo Moreira sobre pesquisa indicando que 70% da população brasileira avalia como regular, ruim ou péssima o atual governo.

Recapitulando a caracterização do discurso científico

Como já temos apontado em vários momentos de nossa pesquisa, o olhar para pandemia da Covid-19 enquanto acontecimento nos permite vislumbrar a oportunidade de mudança política que se abre com a suspensão da hegemonia através da disputa entre discursos sobre a própria pandemia: o discurso *negacionista* e o discurso *científico*. Nas páginas precedentes, com o apoio metodológico da análise política de discurso e da abordagem de marcos interpretativos, temos caracterizado os principais elementos de um desses discursos mestres, o que denominamos de *científico*.

Este discurso se encontra presente na prática discursiva de uma diversidade muito ampla e majoritária de porta-vozes: desde lideranças políticas de países estrangeiros, autoridades religiosas e instituições internacionais até, no plano nacional, governadores, parlamentares, ex-ministros e ex-presidentes, partidos, instituições de pesquisa, consórcios de cientistas, organizações da sociedade civil, mídias tradicionais e sociais entre outros. Desse amplo leque, para os fins deste texto, no plano internacional fizemos uma caracterização sumária de porta-vozes como a Organização Mundial da Saúde, o Papa e presidentes e primeiros ministros de Argentina (Fernández), Nova Zelândia (Ardern), Rússia (Putin), China (Xi Jinping), Chile (Piñera) e no plano nacional da Fundação Oswaldo Cruz, governadores de Maranhão, São Paulo, Rio de Janeiro e Goiás, Comitê Científico do Nordeste e o presidente da Câmara de Deputados além de mídias tradicionais.

O diagnóstico do problema deste discurso destaca a pandemia da Covid-19 como uma *ameaça à vida, saúde e segurança da população*. Mas ao mesmo tempo se considera que é um *risco a economia global*. Porém, colocar a economia em primeiro lugar como faz o discurso *negacionista*, reforçaria a *cultura do descarte* adotada no mundo das finanças. Esse diagnóstico destaca como injustiças *a desigualdade econômica, social e de gênero*, a *falta de responsabilidade global,* as *demissões em larga escala* em países em desenvolvimento e os grupos vulneráveis que já sofrem o *desemprego e a fome*. No plano nacional, o diagnóstico do problema acrescenta *o tumulto político* representado pelo *posicionamento do presidente* que estimula as pessoas a *saírem às ruas e convoca manifestações que atentam contra as instituições e a saúde da população*; divulga *fake news* sobre o tema. Assim, *no Brasil*, *estamos lutando contra o coronavírus e contra o Bolsonarovírus*. É o vírus do *extremismo,* cujo pior efeito é *ignorar a ciência* e *negar a realidade*.

No que diz respeito ao tom, cabe refletir sobre o peso da razão e da paixão (ou do emocional) neste discurso. Como identificamos na sua caracterização, o tom que assume as práticas discursivas — com variantes entre os porta-vozes — não fica só restrito ao técnico ou racional. Apesar de que o técnico e o racional são dimensões centrais na descrição do problema, do prognóstico sobre o mesmo e das propostas e soluções para enfrentar a pan-

demia, o tom do discurso científico — superando um possível paradoxo com sua ênfase no *cuidado e sustentabilidade da vida* — também deixa espaço para a empatia, a emoção e a paixão. Este espaço, ao invés de diminuir, pelo contrário, fortalece o discurso. Com efeito, a importância desta dimensão emocional ou da paixão é fundamental para entender a eficácia do discurso científico na construção de uma empatia com as injustiças que o diagnóstico denúncia, de identificação com a fronteira que estabelece em termos do antagonismo entre a identidade do *eles* e do *nós*, e com a capacidade de mobilizar aderentes e aliados em defesa das soluções propostas[130].

Em termos de soluções e propostas no discurso científico destaca-se que os governos*, seguindo as orientações da OMS*, devem tomar *medidas de isolamento social* assim como o f*ornecimento de meios para que a população possa ficar em isolamento*. Também se apontam a *solidariedade* e uma *amplia articulação* da *cooperação internacional* com a ajuda a *países que sofrem com a falta de recursos* para lidar com a pandemia. Em termos nacionais, *tem que fazer escolhas*: é preferível que as fábricas *estejam vazias porque seus trabalhadores estão em quarentena* e não porque *possam ter se contagiado* ao irem a trabalhar, *adoecer ou morrer*. Dessa forma com a quarentena *o que estamos ganhando é saúde e vidas*. Com a crise, se requer um *Estado forte e presente*. Mas tem que ser um *esforço de todos*, *regras claras e a colaboração do setor privado, dos empresários e do setor público*. Aí *entra a política com P maiúsculo*: para vencer o momento de instabilidade no Brasil, agravado pela pandemia, se necessita a defesa da democracia e do Estado Democrático de Direito, a partir da *união*, da atuação de uma Frente Ampla que engloba *todos aqueles que defendem a normalidade democrática no Brasil, o direito dos mais pobres com* ações do Núcleo do bom senso, integrado pelo Judiciário, pelo Ministério Público, pelo Congresso, pelos governadores, pelos prefeitos, entre outros.

130 . Vale aqui lembrar novamente a Mouffe quando aponta criticamente que na filosofia política, o racionalismo e o individualismo que estão no cerne do liberalismo, enquanto tendência dominante, não permitem compreender o papel central que as paixões desempenham na política, isto é a dimensão afetiva e emocional que é mobilizada na criação de identidades políticas. Tudo aquilo que implica uma dimensão coletiva é considerado como arcaico, como algo também irracional que já não deveria existir nas sociedades modernas (MOUFFE, 2011; ROMANO, 2018).

Na prática discursiva de porta-vozes internacionais e nacionais a cadeia de equivalência do *eles* se forma em torno do ponto nodal *individualismo* articulando elementos como *grupos negacionistas que minimizam a Covid-19;* irresponsáveis que estimulam um *falso conflito entre saúde e economia*; desrespeitando as medidas orientadas pela OMS, como a quarentena. Bem como, também integram essa cadeia o *liberalismo* e sua lógica de *individualismo egoísta* que inibe a cooperação internacional; os que *demitiram na crise*; os que promovem *ataques à imprensa* e espalham *fake news*; aqueles que, a fim de usar a pandemia para fazer política, *promovem o ódio* e ataques a cientistas e especialistas em saúde pública; e os *que mantêm os interesses pessoais acima do bem comum*.

Por sua vez, no plano internacional e nacional, o *nós* articula uma cadeia de equivalências cujo ponto nodal é a *solidariedade* e é composta por elementos como a importância da *cooperação internacional* e de uma resposta *multilateral* para enfrentar a emergência global; a necessidade de uma *vacina para todos*; valorizando o *cuidado de "cada um e todos"*; o reconhecimento do papel fundamental desempenhado por um *Estado ativo* nesse momento; bem como, da *imprensa confiável, que arrisca a própria saúde* para informar a população; reivindica-se que a prioridade seja a *preservação da vida*, a saúde e a segurança da população ao mesmo tempo em que busca-se *preservar empregos* e dar assistência às empresas; por fim, a cadeia equivalencial também é constituída por aqueles que têm *responsabilidade* e agem com empatia, *respeitando o isolamento social* e demais *recomendações científicas*.

Cabe destacar que o discurso científico congrega num *nós* uma série de atores com posições diversas e até antagônicas em diversas questões políticas, econômicas, sociais e culturais. Por exemplo, no espaço latino-americano, os presidentes Fernández de Argentina e Piñera de Chile; ou no contexto nacional, os governadores Doria de São Paulo e Witzel do Rio de Janeiro com o governador Dino de Maranhão. Manifesta-se como aponta Laclau em seus escritos, uma exterioridade constitutiva do grupo expressa no *eles*. A identidade do *nós* — com a articulação de demandas, atores e valores diversos — é construída a partir do antagonismo com o *eles*. Essa

identidade não é produto de uma essência anterior ao antagonismo. Ela é contingente, resultado da exterioridade do *eles*. A reconfiguração de identidades e grupos que se manifesta com a disputa de discursos políticos sobre a pandemia, pode de forma contingente se manter ou estender para outras disputas políticas. Assim podem se conformar novos blocos de poder articulando atores que estavam anteriormente em campos diversos ou até antagônicos. O acontecimento pandemia, com a suspensão da hegemonia, abre esta possibilidade.

REFERÊNCIAS

ALVES, Raoni. Witzel recebe família de Marielle e pede desculpa por ato com placa quebrada na campanha eleitoral. **G1 Rio**, Rio de Janeiro, 13 mar. 2019. Disponível em: g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2019/03/13/witzel-recebe-familia-de-marielle-e-pede-desculpa-por-ato-com-placa-quebrada.ghtml. Acesso em: 01 ago. 2021.

'A POLÍCIA vai mirar na cabecinha e... Fogo', afirma Wilson Witzel. **O Povo Online**, 01 nov. 2018. Disponível em: opovo.com.br/noticias/politica/ae/2018/11/a-policia-vai-mirar-na-cabecinha-e-fogo-afirma-wilson-witzel.html. Acesso em: 01 ago. 2021

ARBEX, Thais. 'Não vale garantir a economia com perda de vidas', diz Rodrigo Maia. **O Globo online**, 18 mar. 2020. Disponível em: oglobo.globo.com/brasil/nao-vale-garantir-economia-com-perda-de-vidas-diz-rodrigo-maia-24311636. Acesso em: mar. 2021.

ARDERN, Jacinda. **A few messages as life becomes very different over the next wee while.** Wellington. Instagram: jacindaardern. Disponível em: instagram.com/tv/B-JmCmCgeeE/. Acesso em: 08 jun. 2020.

BARREIRA, Gabriel. Witzel fala em 'ordem' para não sair de casa: 'Daqui a pouco vamos ter que começar a levar para a delegacia'. **G1 RIO**, Rio de Janeiro, 30 mar. 2020. Disponível em: g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/03/30/governador-do-rj-detalha-renovacao-de-medidas-restritivas-contra-o-coronavirus-no-estado.ghtml. Acesso em: 01 ago. 2021.

BARREIRA, Gabriel; SATRIANO, Nicolás. Tribunal aprova por unanimidade impeachment de Witzel, que fica inelegível por 5 anos. **G1 Rio**, Rio de Janeiro, 30 abr. 2021. Disponível em: g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2021/04/30/tribunal-especial-abre-a-sessao-para-decidir-impeachment-de-witzel-1.ghtml. Acesso em: 01 ago. 2021.

BECK, Júlia. "A misericórdia não abandona quem fica para trás", afirma Papa. **Canção Nova. Notícias.** 19 abr. 2020a. Disponível em: noticias.cancaonova.com/especiais/pontificado/francisco/misericordia-nao-abandona-quem-fica-para-tras-afirma-papa/. Acesso em: 15 ago. 2020.

BETIM, Felipe. Flávio Dino: "Bolsonaro não dirige nem o Governo dele. Quer demitir Guedes, Moro e Mandetta e não pode". **El país**, 07 abr. de 2020. Disponível em: brasil.elpais.com/brasil/2020-04-07/flavio-dino-bolsonaro-nao-dirige-nem-o-governo-dele-quer-demitir-guedes-moro-e-mandetta-e-nao-pode.html. Acesso em: 27 set. 2020.

BIBLIOTECA DEL CONGRESO NACIONAL DE CHILE. Legitimidad de Asunción de Señor Augusto Pinochet Ugarte como senador vitalicio. **BCN**, 1998. Disponível em: bcn.cl/laborparlamentaria/wsgi/consulta/verParticipacion.py?idParticipacion=1626093&idPersona=404&idDocumento=666468&idAkn=akn666468-ds32-ds43. Acesso em: 20 jun. 2020.

BIBLIOTECA NACIONAL DE CHILE. "Las siete modernizaciones"", en: Conformación de la ideología neoliberal en Chile (1955-1978). **Memoria Chilena**. Disponível em: memoriachilena.gob.cl/602/w3-article-93006.html . Acesso em: 20 jun. 2020.

BRASIL, F. M. "É muito fácil propor roleta russa com a cabeça dos outros", diz Caiado. **O Antagonista**, 22 abr. 2020. Disponível em: oantagonista.com/brasil/e-muito-facil-propor-roleta-russa-com-a-cabeca-dos-outros-diz-caiado/. Acesso em 26 abr. 2020.

BRASIL 247. Marqueteiro, Doria se veste de gari no primeiro dia. **Brasil 247**, 20 maio. 2019. Disponível em: brasil247.com/geral/marqueteiro-doria-se-veste-de-gari-no-primeiro-dia. Acesso em: 28 jul. 2021.

BETIM, Felipe.João Doria e arcebispo de São Paulo: "Pobre não tem hábito alimentar, pobre tem fome". **El País**, São Paulo, 18 out. 2017. Disponível em: brasil.elpais.com/brasil/2017/10/18/politica/1508347385_718583.html. Acesso em: 01 ago. 2021.

BROWN; MALPAS. Moscow Lockdown to End as Russia Eases Anti-Virus Measures. **The Moscow Times**, 8 jun. 2020. Disponível em: themoscowtimes.com/2020/06/08/moscow-lockdown-to-end-as-russia-eases-anti-virus-measures-a70510. Acesso em: 28 jul. 2021.

CATRACA LIVRE. Witzel comemora morte de sequestrador na ponte Rio-Niterói. **Catraca Livre**, 11 set. 2019. Disponível em: catracalivre.com.br/cidadania/witzel-comemora-morte-de-sequestrador-na-ponte-rio-niteroi/. Acesso em: 01 ago. 2021.

CAIADO, R. (Ronaldo Ramos Caiado). **A crise existe e será tratada. No momento certo, saberemos flexibilizar as restrições. É inadmissível o presidente tratar a pandemia que já matou quase 20 mil pessoas em todo o mundo, como "resfriadinho". Insensibilidade que fere familiares de vítimas. Sou médico e não aceito isso**. Brasil, 25 mar. 2020. Twitter: @ronaldocaiado. Disponível em: twitter.com/ronaldocaiado/status/1242852233911435264. Acesso em 25 abr. 2020.

CAIADO, R. (Ronaldo Ramos Caiado). **A atitude evidencia a sua falta de empatia, além de um grande egoísmo e desrespeito pela vida. Como governador, nunca fiz contas de quantas pessoas já atendi nem o seu local de origem. Defendo a vida, acima de tudo**. Brasil, 23 fev. 2021. Twitter: @ronaldocaiado. Disponível em: twitter.com/ronaldocaiado/status/1364347321824268292. Acesso em: 27 fev. 2021.

CARTA CAPITAL. Crise política e a pandemia do coronavírus: entrevista com Flávio Dino. **YouTube**. 27 abr. 2020. Disponível em: youtu.be/2cUhvnOnXKI. Acesso em: 14 set. 2020.

CASA ROSADA. **Discurso del presidente Alberto Fernández al encabezar la apertura del periodo 138 de sesiones ordinarias del Congreso de la Nación**, Buenos Aires. 01 mar. 2020a. Disponível em: bit.ly/3wYDQDa Acesso: 22 maio. 2020.

CASA ROSADA. **Entrevista al Presidente de la Nación, Alberto Fernández, conducida por Rosario Lufrano, en la Televisión Pública**. 26 mar. 2020b. Disponível em: casarosada.gob.ar/informacion/conferencias/46796-entrevista-al-presidente-de-la-nacion-alberto-fernandez-conducida-por-rosario-lufrano-en-la-television-publica Acesso: 22 maio. 2020.

CASA ROSADA. **Palabras del Presidente de la Nación, Alberto Fernández, en la presentación de la "Cuenta DNI"**, del Banco Provincia, La Plata. 08 abr. 2020c. Disponível em: casarosada.gob.ar/informacion/discursos/46819-palabras-del-presidente-de-la-nacion-alberto-fernandez-en-la-presentacion-de-la-cuenta-dni-del-banco-provincia-la-plata Acesso: 22 maio. 2020.

CILO, Hugo. A piada sem graça de Weintraub. **Isto é Dinheiro**, 10 abr. 2020. Disponível em: istoedinheiro.com.br/a-piada-sem-graca-de-weintraub/. Acesso em: 02 ago. 2021.

COMITÊ CIENTÍFICO DE COMBATE AO CORONAVÍRUS, 2020a. Disponível em: comitecientifico-ne.com.br/comit%C3%AA#h.wvqpc2545jkl. Acesso em: 20 jun. 2020.

COMITÊ CIENTÍFICO DO CONSÓRCIO NORDESTE. Boletim 01. Brasil, 01 maio. 2020b. Disponível em: comitecientifico-ne.com.br/imprensa. Acesso em: 20 jun. 2020.

COMITÊ CIENTÍFICO DO CONSÓRCIO NORDESTE. Boletim 02. Brasil, 03 abr. 2020c. Disponível em: comitecientifico-ne.com.br/imprensa. Acesso em: 20 jun. 2020.

COMITÊ CIENTÍFICO DO CONSÓRCIO NORDESTE. Boletim 03. Brasil, 09 abr. 2020d. Disponível em: comitecientifico-ne.com.br/imprensa. Acesso em: 20 jun. 2020.

COMITÊ CIENTÍFICO DO CONSÓRCIO NORDESTE. Boletim 04. Brasil, 16 abr. 2020e. Disponível em: comitecientifico-ne.com.br/imprensa. Acesso em: 20 jun. 2020.

COMITÊ CIENTÍFICO DO CONSÓRCIO NORDESTE. Boletim 05. Brasil, 24 abr. 2020f. Disponível em: comitecientifico-ne.com.br/imprensa. Acesso em: 20 jun. 2020.

COMITÊ CIENTÍFICO DO CONSÓRCIO NORDESTE. Boletim 06. Brasil, 05 mai. 2020g. Disponível em: comitecientifico-ne.com.br/imprensa. Acesso em: 20 jun. 2020.

COMITÊ CIENTÍFICO DO CONSÓRCIO NORDESTE. Boletim 07. Brasil, 21 maio. 2020h. Disponível em: comitecientifico-ne.com.br/imprensa. Acesso em: 20 jun. 2020.

COMITÊ CIENTÍFICO DO CONSÓRCIO NORDESTE. Boletim 08. Brasil, 01 jun. 2020i. Disponível em: comitecientifico-ne.com.br/imprensa. Acesso em: 20 jun. 2020.

CONTRALORÍA GENERAL DE LA REPÚBLICA DE CHILE. **Declaración Jurada**. Chile, 2020. Disponível em: declaracionjurada.cl/sistema/patrimonio.web.publico/pu/index.html?sid=1. Acesso em: 20 jun. 2020.

CHINA. Xi Jinping Urges Unremitting Efforts in Epidemic Control and Coordinated Economic and Social Development. **Ministry of Foreign Affairs of the People's Republic of China**. 2020a. Disponível em: fmprc.gov.cn/mfa_eng/topics_665678/kjgzbdfyyq/t1748790.shtml. Acesso em: 19 jul. 2021

CHINA. Fighting COVID-19: China in Action. **China 's State Council Information Office**. 2020b. Disponível em: covid19.chinadaily.com.cn/a/202006/08/WS5edd8bd6a3108348172515ec.html. Acesso em: 19 jul. 2021.

DZC (EFE, AFP). Piñera: "Estamos en guerra contra un enemigo poderoso". **DW**, 21 out 2020. Disponível em: dw.com/es/pi%C3%B1era-estamos-en-guerra-contra-un-enemigo-poderoso/a-50910426 Acesso em: 19 jun. 2020

DIAS, Julia. Covid-10: Fiocruz participa de reunião da OMS para combate à pandemia. **Fiocruz,** 03 abr. 2020a. Disponível em: portal.fiocruz.br/noticia/covid-19-fiocruz-participa-de-reuniao-da-oms-para-combate-pandemia. Acesso em: 08 abr. 2020.

DIAS, Julia. Fiocruz integra coalizão para acelerar pesquisa sobre Covid-19. **Fiocruz,** 03 abr. 2020. Disponível em: portal.fiocruz.br/noticia/fiocruz-integra-coalizao-para-acelerar-pesquisa-sobre-covid-19. Acesso em: 08 abr. 2020

DORIA, João. **Em SP, nunca trabalhamos com a falsa polêmica entre saúde e economia. As duas coisas andam juntas. Salvar vidas é nossa prioridade, mas sempre garantimos o funcionamento do maior número de atividades possível. Aqui nunca houve o lockdown que foi necessário em países da Europa.** 23 abr. 2020a. Twitter: @jdoriajr. Disponível em: twitter.com/jdoriajr/status/1253348930227765248. Acesso em: 01 ago. 2021.

DORIA, João. **Tudo sendo feito com o apoio de economistas e especialistas na área que foram unânimes ao dizer que a quarentena, ao salvar vidas e preservar a saúde dos nossos trabalhadores, também será fundamental para a recuperação econômica do nosso Estado. #GovernoSP.** 16 abr. 2020b. Twitter: @jdoriajr. Disponível em: twitter.com/jdoriajr/status/1250805772856053767. Acesso em: 01 ago. 2021

DW. Papa pede prudência durante isolamento. **DW**, 28 abr. 2020. Disponível em: dw.com/pt-br/papa-pede-prud%C3%AAncia-durante-isolamento/av-53270171. Acesso em: 07 out. 2020.

EL AGORA DIGITAL. Coronavirus: Alberto Fernández preocupado porque Jair Bolsonaro evita la cuarentena en Brasil. **Youtube.** 2020. Disponível em: youtube.com/watch?v=7DRrvABI1PQ . Acesso em: 30 set. 2020.

EL DISCURSO completo de Alberto Fernández para anunciar la cuarentena. **Página12.** 19 mar. 2020. Disponível em: pagina12.com.ar/254113-el-discurso-completo-de-alberto-fernandez-para-anunciar-la-c . Acesso em: 30 set. 2020.

EL PRESIDENTE fue duro con empresarios por despidos y apeló a un video del Papa. **PERFIL.** 29 mar. 2020. Disponível em: perfil.com/noticias/politica/el-presidente-critico-duramente-los-primeros-despidos-y-apelo-a-un-video-del-papa.phtml . Acesso: 03 jun. 2020.

ERPEN, Jackson. Papa: a solidariedade é o caminho para sair melhores da crise. **Vatican news. Papa**, 02 set. 2020. Disponível em: vaticannews.va/pt/papa/news/2020-09/papa-francisco-audiencia-geral-2-setembro-2020.html. Acesso em: 11 set. 2020.

ESTADÃO. Papa diz que indiferença e egoísmo são vírus piores que covid-19. **Estadão**, 19 abr. 2020. Disponível em: brasil.estadao.com.br/noticias/geral,papa-diz-que-indiferenca-e-egoismo-sao-virus-piores-que-covid-19,70003276288. Acesso em: 04 jul. 2021.

ESTADO DE MINAS. Internacional. Papa pede solidariedade. **Estado de Minas**, 20 abr. 2020. Disponível em: em.com.br/app/noticia/internacional/2020/04/20/interna_internacional,1140191/papa-pede-solidariedade.shtml. Acesso em: 04 jul. 2021.

FARIA, Tales. Com "Novo Centro", Maia resiste a Bolsonaro e ninguém mais tem maioria... **Notícias Uol**, 14 maio. 2020. Disponível em: noticias.uol.com.br/colunas/tales-faria/2020/05/15/com-novo-centro-maia-resiste-a-bolsonaro-e-ninguem-mais-tem-maioria.htm?cmpid=copiaecola. Acesso em: 26 jul. 2021.

FERNÁNDEZ: "Entre la economía y la salud, yo elegí la salud". **El Economista.** 25 mar. de 2020a. Disponível em: eleconomista.com.ar/2020-03-fernandez-entre-la-economia-y-la-salud-yo-elegi-la-salud/. Acesso: 30 set. 2020.

FERNÁNDEZ, Alberto. Cuidar lo conseguido. 2020b. **Alberto Fernández.** Disponível em: alferdez.com.ar/cuidar-lo-conseguido/ Acesso: 03 jun. 2020.

FERNÁNDEZ, Alberto. **“Este mediodía intercambiamos ideas con mis amigos del Grupo de Puebla, con quienes coincidimos en la necesidad de trabajar para impedir que la tragedia de la pandemia se profundice y compartimos, además, visiones sobre el mundo que debemos construir cuando todo esto pase.”** 10 abr. 2020c. Twitter: @alferdez. Disponível: twitter.com/alferdez/status/1248807568262287360. Acesso: 03 jun de 2020.

FIOCRUZ. **História**. [entre 2000 e 2019]. Disponível em: portal.fiocruz.br/historia. Acesso em: 09 abr. 2020.

FORBES. #1064 Sebastian Piñera & family. **Forbes**, 2021. Disponível em: forbes.com/profile/sebastian-pinera/?sh=6fe002157a75. Acesso em: 20 jun. 2020.

FOREIGN Ministry Spokesperson Zhao Lijian’s Regular Press Conference on April 7, 2020. **The South China Sea Issue**, 07 abr. 2020. Disponível em: fmprc.gov.cn/nanhai/eng/fyrbt_1/t1767006.htm. Acesso em: 02 ago. 2021.

FRACCALVIERI, Bianca. Papa na mensagem de Páscoa: deixar-se contagiar pela esperança de Cristo. **Vatican News**, 12 abr. 2020. Disponível em: vaticannews.va/pt/papa/news/2020-04/papa-francisco-mensagem-pascoa-contagio-esperanca-coronavirus.html. Acesso em: 03 jun de 2020.

FRANCISCANOS. Notícias. Papa Francisco: Abraçar o Senhor para abraçar a esperança. **Franciscanos**, 27 mar. 2020. Disponível em: franciscanos.org.br/noticias/papa-francisco-abracar-o-senhor-para-abracar-a-esperanca.html#gsc.tab=0. Acesso em: 08 jun. 2020.

FRANCISCO, Papa. **Carta Encíclica Fratelli Tutti.** Coleção: Voz do Papa. São Paulo: Editora Paulinas, 2020a.

FRANCISCO, Papa. **“Não é o tempo do teu juízo, mas do nosso juízo: o tempo de decidir o que conta e o que passa, de separar o que é necessário daquilo que não o é. É o tempo de reajustar a rota da vida rumo a Ti, Senhor, e aos outros.”**, 28 mar. 2020b. Disponível em: twitter.com/Pontifex_pt/status/1243898916040564737. Twitter: @Pontifex_pt. Acesso em 11 jan. 2021.

FRANCISCO, Papa. **Vida após a pandemia.** Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2020c.

FRANCISCO, Papa. **Devemos procurar uma fraternidade real, baseada na origem comum de Deus. O desejo de #paz está profundamente inscrito no coração do homem e não devemos resignar-nos com nada que seja menos que isso.** Vaticano, 21. set. 2020d. Twitter: @pontifex_pt.

Disponível em: twitter.com/pontifex_pt/status/1267750301554970627.Acesso em: 21 set. 2020.

GALVÁN, I. E. **La lucha por la hegemonía durante el primer gobierno del MAS en Bolivia (2006-2009)**: un análisis discursivo. Madrid: Universidad Complutense, tesis de doctorado. (Doutorado em Ciência Política) – Programa de doctorado Conflicto político y procesos de pacificación, Departamento de Ciencia Política y de la Administración II, Universidad Complutense de Madrid. Madrid, 2012.

GLOBONEWS. Entrevista com Miriam Leitão. Programa de TV, 09 mar. 2020. Disponível em: canaisglobo.globo.com/assistir/globonews/globonews-miriam-leitao/v/8386419. Acesso em 11 jan. 2021.

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO. Coletiva de Imprensa: Novas medidas para intensificar o combate ao coronavírus (COVID-19) 06/04/2020. **YouTube**, 06 abr. 2020. Disponível em: youtube.com/watch?v=d5SNc1IR2FA. Acesso em: 12 jul. 2021.

GOMES, Luiza. Covid-19: Fiocruz lança ações de apoio a populações vulneráveis. **Agência Fiocruz de Notícias,** 09 abr. 2020. Disponível em: agencia.fiocruz.br/covid-19-fiocruz-lanca-acoes-de-apoio-populacoes-vulneraveis. Acesso em: 10 abr. 2020.

GRAHAM-MCLAY, Charlotte. New Zealand budget: 'no playbook' for Covid-19 economic recovery, says Ardern. Inglaterra. **The Guardian**, 2020. Disponível em: theguardian.com/world/2020/may/13/new-zealand-budget-no-playbook-for-covid-19-economic-recovery-says-ardern. Acesso em: 10 jun. 2020.

GUTIÉRREZ, Rodolfo. Carta de Buenos Aires: Alberto Fernández: ¿Si Brasil va a hacer lo que quiere, para qué sirve el Mercosur? **Carta Maior.** 2020. Disponível em: cartamaior.com.br/?/Editoria/Cartas-do-Mundo/Carta-de-Buenos-Aires-Alberto-Fernandez-%BFSi-Brasil-va-a-hacer-lo-que-quiere-para-que-sirve-el-Mercosur-/45/47338 Acesso: 30 set.2020.

HAN, Byung-Chul. La emergencia viral y el mundo de mañana. *In*: AGAMBEN, Giorgio; et al. **Sopa de Wuhan.** Pensamiento contemporáneo en tiempos de pandemia. ASPO, 2020.

HAN, Byung-Chul. **Psicopolítica.** Belo Horizonte: Ayne, 2018.

JORNALISMO TV CULTURA. Papa Francisco pede para que a economia não seja colocada acima da vida das pessoas. **Youtube**, 01 jun. 2020. Disponível em: youtube.com/watch?v=EntJibsc9UQ. Acesso em: 31 jul. 2020

KHAN, M Ilyas. Ardern and Bhutto: Two different pregnancies in power. Islamabad, 21 jun. 2018. **BBC News**. Disponível em: bbc.com/news/world-asia-44568537. Acessado em: 04 jun. 2020.

KREMLIN. Address to the Nation. **Official Internet Resources of the President of Russia**, 25 mar. 2020a. Disponível em: en.kremlin.ru/events/president/news/63061. Acesso em: 24 abr. 2020

KREMLIN.G20 Summit. **Official Internet Resources of the President of Russia**, 26 mar. 2020b. Disponível em: en.kremlin.ru/events/president/news/63070. Acesso em: 24 abr. 2020

KREMLIN. Meeting with Government members. **Official Internet Resources of the President of Russia**, 17 mar. 2020c. Disponível em: en.kremlin.ru/events/president/news/63001. Acesso em: 20 abr. 2020

KREMLIN. 75th session of the UN General Assembly. **Official Internet Resources of the President of Russia**, 22 set. 2020d. Disponível em: en.kremlin.ru/events/president/news/64074. Acesso em: 28 jul. 2021

KREMLIN. Address to the Nation. **Official Internet Resources of the President of Russia**, 23 jun. 2020f. Disponível em: en.kremlin.ru/events/president/news/63548. Acesso em: 25 jun. 2020

LA TERCERA. Piñera evoca a Prat en discurso del 21 de mayo y llama a la unidad frente al coronavirus. **YouTube**, 21 maio. 2020b. Disponível em: youtube.com/watch?v=ZNxfNzgci9g Acesso em: 14 jun. 2020.

LACLAU, E. **Los fundamentos retóricos de la sociedad**. Buenos Aires: FCE, 2014.

LAKOFF, George. **No pienses en un elefante:** Lenguaje y debate político. Editorial Complutense, Madrid, 2007.

LEW, Linda. Missing Chinese citizen journalists highlight risks of telling Wuhan's story during coronavirus outbreak. **South China Morning Post**, 15 fev. 2020. Disponível em: bit.ly/3d3jXzB. Acesso em: 25 set. 2020.

LIRIO, Sergio. Comunista, cristão e paraíba: descubra o governador Flávio Dino. **Carta Capital**. 05 ago. 2019. Disponível em: cartacapital.com.br/politica/comunista-cristao-e-paraiba-descubra-o-governador-flavio-dino/. Acesso em: 02 ago. 2021.

MAIA, Rodrigo. **A situação fiscal do Brasil hoje requer união, diálogo e equilíbrio. Sem as reformas, o país entrará numa crise econômica muito grave. A partir de amanhã, precisamos retomar os trabalhos em torno da agenda de reformas, que não vai parar independentemente das eleições municipais.** Brasil, 05 out. 2020a. Twitter: @RodrigoMaia. Disponível em: twitter.com/RodrigoMaia/status/1313295152153325568. Acesso em abril de 2021.

MAIA, Rodrigo. **O momento que o Brasil está passando pede que estejamos todos juntos, com um mesmo pensamento. O Parlamento não tem medido esforços para que possamos passar pelo coronavírus sem maiores danos.** Brasil, 22 mar. 2020b. Facebook: Rodrigo Maia. Disponível em: pt-br.facebook.com/RodrigoMaiaRJ/posts/2649945021782431. Acesso em março de 2021.

MAIA, Rodrigo. **A economia mundial desacelera rapidamente; a economia brasileira sofrerá as consequências diretas. O Presidente da República deveria estar no Palácio coordenando um gabinete de crise para dar respostas e soluções para o país.** Brasil, 15 mar. 2020c. Twitter: @RodrigoMaia. Disponível em twitter.com/RodrigoMaia/status/1239326115505811456. Acesso em março de 2021.

MAIA, Rodrigo. **Por aqui, o Presidente da República ignora e desautoriza o seu ministro da Saúde e os técnicos do ministério, fazendo pouco caso da pandemia e encorajando as pessoas a sair às ruas. Isso é um atentado à saúde pública que contraria as orientações do seu próprio governo.** Brasil, 15 mar. 2020d. Twitter: @RodrigoMaia. Disponível em twitter.com/RodrigoMaia/status/1239326115505811456. Acesso em março de 2021.

MAIA, Rodrigo. **O mundo inteiro está unido contra o coronavírus. No Brasil, temos de lutar contra o corona e o vírus do autoritarismo. É mais trabalhoso, mas venceremos. Em nome da Câmara dos Deputados, repudio todo e qualquer ato que defenda a ditadura, atentando contra a Constituição.** Brasil, 19 abril. 2020e. Twitter: @RodrigoMaia. Disponível em twitter.com/RodrigoMaia/status/1251997329999179778. Acesso em março de 2021.

MAIA, Rodrigo. **O momento que o Brasil está passando pede que estejamos todos juntos, com um mesmo pensamento. O Parlamento não tem medido esforços para que possamos passar pelo coronavírus sem maiores danos.** Brasil, 22 mar. 2020f. Facebook: Rodrigo Maia. Disponível em: pt-br.facebook.com/RodrigoMaiaRJ/posts/2649945021782431. Acesso em março de 2021.

MAIA, Rodrigo. **Cabe aos brasileiros seguir as normas determinadas pela OMS e pelo Ministério da Saúde em respeito aos idosos e a todos que estão em grupo de risco.** Brasil, 20 de março 2020g. Twitter: @RodrigoMaia. Disponível em: twitter.com/RodrigoMaia/status/1242627208604254209. Acesso em março de 2021.

MAIA, Rodrigo. **Neste momento, é fundamental garantir condições para que estados e municípios possam continuar trabalhando e enfrentando a crise sem comprometer o equilíbrio fiscal no futuro.** Brasil, 08 de abril 2020h. Twitter: @RodrigoMaia. Disponível em: twitter.com/RodrigoMaia/status/1247974696987082755. Acesso em março de 2021.

MAIA, Rodrigo. **Contra o coronavírus, o Congresso age, não discute.** Brasil, 18 abril 2020i. Facebook: Rodrigo Maia. Disponível em: facebook.com/RodrigoMaiaRJ/photos/a.465741783536110/2708998642543735/?type=3. Acesso em março de 2021.

MAIA, Rodrigo. **DUZENTAS MIL MORTES de brasileiros pela COVID-19. Não são apenas números, são famílias que perderam seus entes queridos, presto aqui minha solidariedade. Nesta mesma data, um sopro de esperança veio de SP por meio da CoronaVac.** Brasil, 07 jan. 2021. Twitter: @RodrigoMaia. Disponível em: twitter.com/RodrigoMaia/status/1347302675952631808. Acesso em março de 2021.

MÍDIA NINJA. Governador do Maranhão Flávio Dino conversa com Carina Vitral. **Youtube.** 8 maio. 2020. Disponível em: youtube.com/watch?v=FkiC9oA2STA&feature=youtu.be. Acesso em: 14 set. 2020.

MOUFFE, Chantal. **En torno a lo político**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2011.

MURPHY, Tim. What Jacinda Ardern wants. Auckland, 01 ago. 2017. **Newsroom**. Disponível em: web.archive.org/web/20170816062218/newsroom.co.nz/2017/07/31/40717/what-jacinda-wants. Acessado em: 04 jun. 2020.

NEW ZEALAND LABOUR. **#WATCH: Prime Minister Jacinda Ardern announced today that New Zealand will move into Alert Level 3 from 11.59pm Monday 27th April. Until then, we remain in Alert Level 4**. Wellington, 20 abr. 2020a. Twitter: @nzlabour. Disponível em: twitter.com/nzlabour/status/1252165580854976512. Acesso em: 05 jun. 2020.

NEW ZEALAND LABOUR. **"Everything you will all give up for the next few weeks, all of the lost contact with others, all of the isolation, and difficult time entertaining children – it will literally save lives."** @jacindaardern Find out more about the new COVID-19 Alert Level bit.ly/2WBWBfV. Wellington, 23 mar. 2020b. Twitter: @nzlabour. Disponível em: twitter.com/nzlabour/status/1242008521152987136. Acesso em: 05 jun. 2020.

OLIVEIRA, Caroline. Comissão Interamericana de Direitos Humanos condena PM por massacre de Paraisópolis. **Brasil de Fato**, São Paulo, 07 dez. 2019. Disponível em: brasildefato.com.br/2019/12/07/comissao-interamericana-de-direitos-humanos-condena-pm-por-massacre-de-paraisopolis. Acesso em: 01 ago. 2021.

PAPA reza só e concede indulgência plenária por pandemia de coronavírus. **G1. Mundo**. 27. mar. 2020. Disponível em: g1.globo.com/mundo/noticia/2020/03/27/papa-reza-so-e-concede-indulgencia-plenaria-por-pandemia-de-coronavirus.ghtml. Acesso em: 19 abr. 2020.

POPOVA, A. Federal Service for Surveillance on Consumer Rights Protection and Human Wellbeing. **ROSPOTREBNADZOR**, 2021. Disponível em: rospotrebnadzor.ru/en/. Acesso em: 28 jul. 2021

PORTAL VERMELHO. **Flávio Dino quer frente ampla em defesa da democracia e dos direitos.** Facebook: Portal vermelho, 28 fev. 2020a. Disponível em: vermelho.org.br/2020/02/28/flavio-dino-quer-frente-ampla-em-defesa-da-democracia-e-dos-direitos/. Acesso em: 25 jul. 2021.

PORTAL VERMELHO. **Flávio Dino fala sobre os desafios da conjuntura atual**. Brasil, 21 jul. 2020b. Facebook: Portal Vermelho. Disponível em: facebook.com/pcdob65/videos/vb.203326359677581/3335702956473408/?type=2&theater. Acesso em: 14 set. 2020.

REVISTA FÓRUM. Após piadas, assessoria de Doria pede que ele não seja fotografado enquanto come. **Revista Fórum**, 22 ago. 2016. Disponível em: revistaforum.com.br/noticias/apos-piadas-assessoria-de-doria-pede-que-ele-nao-seja-fotografado-enquanto-come/. Acesso em: 01 ago. 2021.

ROMANO, Jorge (Org.). **Paixão e razão:** Os discursos políticos na disputa eleitoral de 2018. São Paulo: Veneta, 2018.

SATTER, Raphael. U.S. accuses China-linked hackers of stealing coronavirus research. **Reuters**, 13 maio. 2020. Disponível em: reuters.com/article/us-health-coronavirus-china-cyber/u-s-accuses-china-linked-hackers-of-stealing-coronavirus-research-idUSKBN22P2CS. Acesso em: 25 jul. 2021.

SEGRILLO, A. de O. Europa ou Ásia? **A questão da identidade russa nos debates entre ocidentalistas, eslavófilos e eurasianistas**. 2016. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

SNOW David; BENFORD, Robert. Ideology, Frame Resonance and Participant Mobilization. *In*: KLANDERMANS, Bert; KRIESI, Hanspeter; TARROW, Sidney (eds.). **From Structure to Action: Comparing Social Movement Research across Cultures.** Greenwich: JAI Press, 1988.

TREVETT, Claire. Jacinda Ardern, Chris Hipkins and Jonathan Young. Nova Zelândia, 09 jan 2009. **Nzherald.** Disponível em: nzherald.co.nz/nz/inew-voicesi-jacinda-ardern-chris-hipkins-and-jonathan-young/GB5SOF6T7ITRQNJVQNSIQTQ7GQ/. Acesso em: 04 jun. 2020.

UOL. Estamos lutando contra o coronavírus e o 'Bolsonarovírus', diz Doria. **UOL**, São Paulo, 16 abr. 2020. Disponível em: noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/04/16/estamos-lutando-contra-o-coronavirus-e-o-bolsonarovirus-diz-doria.html. Acesso em: 29 jul. 2021.

UNITED NATIONS. **Report Socio-economic impact of Covid-19. SHARED RESPONSIBILITY, GLOBAL SOLIDARITY.** (United Nations). Disponível em: unsdg.un.org/sites/default/files/2020-03/SG-Report-Socio-Economic-Impact-of-Covid19.pdf . Acesso em: 10 maio. 2020.

VATICANO. Dicastério para os Leigos: "Idosos, na solidão, o coronavírus mata mais". **Vatican News**, 07 abr. 2020. Disponível em: vaticannews.va/pt/vaticano/news/2020-04/dicasterio-leigos-idosos-solidao-coronavirus-mata-mais.html. Acesso em: 29 jul. 2021.

VEJA. Papa Francisco: 'A indiferença egoísta é uma crise pior que a pandemia'. **Veja**, 19 abr. 2020. Disponível em: veja.abril.com.br/religiao/papa-francisco-a-indiferenca-egoista-e-uma-crise-pior-que-a-pandemia/. Acesso em: 29 jul. 2021.

WITZEL, Wilson. **Concedi entrevista para @bandnews_fm e falei sobre o lamentável descompasso do Governo Federal em relação àquilo que o mundo está fazendo. O governo federal tem que apresentar soluções econômicas. Os empresários estão em situação desesperadora**. 23 mar. 2020. Twitter: @wilsonwiltzel. Disponível em: twitter.com/wilsonwitzel/status/1242084948649168896. Acesso em: 01 ago. 2021.

XINHUA. Full text of Xi's remarks at Extraordinary G20 Leaders' Summit. **Xinhua**. 2020. Disponível em: xinhuanet.com/english/2020-03/26/c_138920685.htm. Acesso em: 16 jul. 2021.

XI, Jiping. Xi's words of support for countries battling coronavirus. **ChinaDaily**, 2020. Disponível em: chinadaily.com.cn/a/202003/27/WS5e7d5752a310128217282642_1.html. Acesso em: 19 jul. 2021.

ZIEL, Arjen van der . Doortastend en ontwapenend leidt premier Ardern Nieuw-Zeeland de coronacrisis uit. Países Baixos. **Trouw**, 08 jun. 2020a. Disponível em: trouw.nl/buitenland/doortastend-en-ontwapenend-leidt-premier-ardern-nieuw-zeeland-de-coronacrisis-uit~bd5bd1a8/. Acesso em: 09 jun. 2020.

4 . Pandemia, as mídias e a digitalização da política

Jorge Osvaldo Romano, Paulo Augusto André Balthazar, Renan Alfenas de Mattos, Thais Ponciano Bittencourt, Liza Uema, Eduardo Brittos Santos, Annagesse de Carvalho Feitosa, Paulo Petersen, Juanita Cuéllar Benavides, Daniel S. S. Borges, Daniel Macedo Lopes Vasques Monteiro, Ana Carolina Aguiar Simões Castilho, Caroline Boletta de Oliveira Aguiar, Érika Toth Souza, Larissa Rodrigues Ferreira, Myriam Martinez dos Santos, Vanessa Barroso Barreto [1]

O acontecimento pandemia e a globalização

O acontecimento pandemia de Covid-19 reforçou a percepção de que vivemos em uma sociedade planetária. Além disso, junto com o isolamento social e a paralisia econômica (seletiva porque no topo da pirâmide lucro e concentração se ampliam)[2], também ficaram expostas as conexões entre catástrofe ecossistêmica e neoliberalismo financeirizado e globalizado.

Para entender essa globalização hoje, e do ponto de vista do sul global, propomos voltar a 2011 e visitar a Argentina, quando o grupo editorial Página 12 convidou o juiz da suprema corte Eugenio Zaffaroni para produzir um dossiê

1 . Pesquisadores e alunos do Grupo de Pesquisa "Discurso, Redes Sociais e Identidades Sócio-Políticas (DISCURSO)" vinculado ao Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento Agricultura e Sociedade e ao Curso de Relações Internacionais do DDAS/ICHS da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

2 . Agronegócio e distribuição de alimentos, serviços de entrega, infraestrutura de home office e grandes corporações digitais: Amazon, Apple, Microsoft, Google, Facebook *In:* segs.com.br/mais/agro/240056-agronegocio-acumula-ganhos-mesmo-em-tempos-de-pandemia e também in: forbes.com.br/forbes-insider/2020/04/pesquisa-revela-os-setores-que-estao-se-dando-bem-na-crise-causada-pela-pandemia/.

sobre o que seria um projeto de sociedade democrática e sem violência. Em *La Cuestion Criminal* (ZAFFARONI, 2011) defendeu que debates sobre justiça e democracia continuariam sem solução se organizados em torno de personagens, instituições e problemas apenas locais, quando envolvem dimensões globais em uma arena comunicacional também globalizada. Naquele momento, algo dito sobre a ordem jurídica interna de um país soberano por um juiz da suprema corte poderia impactar o senso comum. Hoje, tornou-se obviedade: Trump, Bolsonaro e Brexit parecem resultar de guerras comunicacionais que não reconhecem fronteiras para converter em ativistas políticos uma diversidade de sujeitos, subjetividades e práticas cotidianas que até então transitavam entre a alienação e o distanciamento. Porém, o sentido e os termos dessas novas formas de inserção política com reconfigurações do público e do privado, seus limites e potenciais parecem opacos e controversos.

A guerra cibernética

Ao retroceder até 2004, no México, e ainda a partir do sul global, Pablo Gonzáles Casanova já apontava a dimensão política da revolução tecnocientífica que se projetava para o século 21 segundo modos de dominação e exploração hegemônicos (CASANOVA, 2004). As estratégias de guerra cibernética desenvolvidas nos centros de inteligência militar das potências centrais foi um dos tópicos de suas pesquisas. Nelas localizou o *pandemônio*[3]: uma estratégia de luta e dominação pelo uso de inteligência artificial. No *pandemônio* existem demônios e escravos (máquinas inteligentes e humanos tolos) pelos quais estruturas cibernéticas (como as mídias digitais) são utilizadas como armas de guerra ideológica e de informação. O *pandemônio* é a capital imaginária do mundo infernal: *um lugar onde há muita gritaria, confusão, agitação, [...] dominado por sistemas de controle descentralizados e adaptativos* (CASANOVA, 2004, pág. 143). Casanova revelava assim estratégias tecnológicas (robôs) que antecipam o movimento dos inimigos: demô-

3 . Metodologicamente, ao longo do texto, colocamos em itálico palavras ou significados tanto expressos nas práticas discursivas dos porta-vozes como aquelas que achamos adequadas pelo trabalho analítico e que gostaríamos de destacar.

nios traidores (robôs a serviço do inimigo) ou escravos rebeldes (humanos insurgentes). Estruturas programadas para produzir fluxos de informação e desinformação que domesticam e parametrizam o debate e a luta ideológica nas suas dimensões subjetivas e objetivas, para antecipar e modelar cenários políticos antes mesmo que estes se consolidem no senso comum.

E uma articulação entre redes digitais e política parece ter convertido os espaços públicos do debate político em algo similar ao pandemônio imaginado por Casanova. Em 2018, no Brasil, candidatos se pautaram e foram pautados por redes digitais. Em especial, por *fake news* que ocuparam *timelines* de celulares e computadores de eleitores, sem que estes contassem com um repertório semiótico para a decodificação e avaliação de fluxos massivos de informação produzida, publicada e compartilhada de forma subterrânea e sofisticada (CESARINO, 2020). Essa articulação entre política e estruturas cibernéticas digitais também já era antecipada por Laymert Garcia dos Santos em 2001, quando anunciava os novos sentidos e resultados de uma informação estruturada em fragmentos recombinantes (bits) dentro de pacotes abertos à reedições e republicação descentralizadas e aparentemente não determinadas (SANTOS, 2001). Laymert previa um novo cenário político compatível com os conteúdos digitais direcionados para grupos de compartilhamento público e privado que após a eleição de Trump nos EUA adquiriram visibilidade no cenário político global:

> *Aceitando o pressuposto de que há uma revolução tecnológica e de que é preciso pensar sua articulação com a luta pelo socialismo, minha intervenção não pretende trazer respostas e soluções, mas sim problematizar as relações entre tecnologia e política na sociedade contemporânea e apontar questões que, a meu ver, não estão sendo tratadas com a devida atenção pela esquerda brasileira. (SANTOS, 2001, pág. 9).*

Parametrizados para perfis individualizados via redes digitais, esses conteúdos circularam nas redes de compartilhamento privado como Whatsapp,

e mistos ou abertos como Facebook, Instagram, Twitter e Youtube (VIJAYARAGHAVAN; MUKHERJEE, 2018. s/p). O que produziu fluxos de engajamentos instrumentalizados para *curtir* e *compartilhar* conteúdos, que agora se sabe, impulsionados também por robôs em escala exponencial.[4] Um cenário semiótico onde compartilhar, impulsionar, mitar e lacrar ganham novos sentidos nas suas relações com discursos, personagens e práticas políticas. Um cenário comunicacional e cibernético visto do sul global por Zaffaroni, Casanova e Laymert que dialoga com a ampliação das práticas de polarização, intolerância e a emergência de lideranças de viés fascistas ao longo da década 2010/2020. Um cenário disruptivo que ganha potência quando tecnologias 3G (agora 5G) se acoplam a celulares gerando smartphones que articularam web, georreferenciamento e *big data* para produzir feedbacks de controle, mineração e correlação de dados.[5] Há indicativos de que essa guerra cibernética articule o vale do silício, Wall Street e agências estatais de inteligência (SNOWDEN, 2013), e estaria no centro do debate em torno das chamadas guerras híbridas (KORYBKO, 2018).

Um cenário complexo que relaciona o fenômeno tecnológico a processos geopolíticos locais e globais. E, quando inserido em dimensões históricas mais amplas, articula tecnologia e globalização neoliberal com processos que antecedem e impactam as formas assumidas por redes sociais digitais nesse início de século vinte e um. O objetivo deste artigo é explorar as relações entre informação, tecnologia e globalização no contexto da pandemia de Covid-19 a partir das disputas entre os discursos negacionista e científico nas mídias. E contribuir, em alguma medida, para o esforço de redução da opacidade nas articulações entre algoritmos e política.

4 . Esse tema foi abordado pelos jornais DW (O PODER...,2018) e BBC (GRAGNANI, 2017).

5 . ibidem 4

A polarização do debate político, o populismo conservador e a globalização neoliberal

Ao historiar o tratamento da informação política nas mídias tradicionais, Ribeiro e Ortellado encontraram evidências de continuidade entre padrões tradicionais e digitais, apesar das transformações operadas pelo digital nos fluxos, e no próprio fenômeno informacional (RIBEIRO; ORTELLADO, 2019). Estudos sobre os meios de comunicação de massa nos últimos 20 anos revelaram um tipo de jornalismo de combate praticado pelas grandes corporações de mídia, reproduzindo um modelo originado nos EUA ainda nos anos 1990. Esse modelo se estabelece no Brasil após os anos 2000, quando se multiplicam factoides e uma desconexão ostensiva entre fato e versão nos veículos de comunicação impressa e eletrônica, abrindo espaços para radicalizações fundamentalistas (Ibidem). Um modelo comunicacional que polariza o debate e promove um ambiente linguístico e emocional de negação da diferença, desqualificação da ciência, e obstrução do diálogo antagonista no cotidiano.

Ao mesmo tempo, o fenômeno das *fake news* que tem marcado as redes digitais também têm uma longa história nos meios de comunicação, ainda que ganhem características específicas no atual contexto tecnológico. Para Ribeiro e Ortellado, a pesquisa histórica revela a inserção das *fake news* no quadro de hiper-partidarização das mídias, onde o que importa na notícia não é ser falsa ou verdadeira, mas ser uma informação de combate. Dessa forma, ao comparar o debate político nas mídias digitais entre 2014 e 2016 e as práticas das mídias tradicionais, Ribeiro e Ortellado concluíram que o fenômeno extrapola o contexto brasileiro, se relaciona com padrões de polarização do debate que antecedem a emergência das redes digitais (RIBEIRO; ORTELLADO, 2019). Assim, hiper-partidarização das mídias, jornalismo de guerra, informação de combate, e polarização do debate político surgem interconectadas ou, no mínimo, contemporâneas à aceleração da globalização neoliberal. Uma polarização que, para Ribeiro e Ortellado, sintetiza-se na redução do debate político a narrativas opostas, porém, o que nos parece da maior relevância: com pautas igualmente pré-formatadas por essas mesmas mídias (Ibidem).

As análises de Ribeiro e Ortellado indicaram que não foram as redes sociais digitais que deram início ao atual contexto polarizado do debate político, mas processos relacionados à globalização da agenda neoconservadora americana desde os anos 1990, promovido por grandes corporações midiáticas transnacionais. Mas ao mesmo tempo, uma reconfiguração do debate político midiático nos anos 1990 que se dá de forma contemporânea e convergente com transformações no mundo das finanças, no mercado e nas comunicações promovidas pela cibernética (CASTELLS, 2008, págs. 142 a 151), com o poder de acelerar e integrar processos de ação e retroação humana sobre o mundo (PINTO, 2013, págs. 5 a 37).

O popular nas redes digitais

A rede social digital WhatsApp (assim como a rede Facebook, em 2016, na eleição de Trump), teve destaque na eleição de Bolsonaro no Brasil em 2018. Em um espaço digital de grupos familiares, religiosos, profissionais e das mais diversas sociabilidades privadas, Cesarino identificou um modelo organizado de comunicação e mobilização política (CESARINO, 2020). E em 2020, no contexto da pandemia de Covid-19, a pesquisa que subsidiou esse artigo também indicou a rede WhatsApp como reduto midiático dominado por posições negacionistas.

A partir de uma pesquisa realizada entre 2017 e 2018, analisando conteúdos compartilhados por grupos bolsonaristas através do WhatsApp, Cesarino utilizou as categorias que Laclau e Mouffe produziram para estruturar o campo político, e as articulações políticas populistas em especial (CESARINO, 2020), e propôs a hipótese de que essa abordagem teórica e seus elementos articulatórios teriam sido apropriadas e organizadas para produzir efeitos políticos no contexto cibernético (CESARINO, 2020). Ao levantar a hipóteses de uma instrumentalização organizada para articular politicamente os usuários das redes digitais, Cesarino convoca um cenário convergente com o pandemônio (CASANOVA, 2004), com os debates sobre guerras híbridas (KORYBKO, 2018), e com as denúncias de atuação das agências de informação estadunidenses (SNOWDEN, 2013). Uma descrição de dis-

topias presentes nas relações entre redes digitais e política exploradas produtivamente por diversos autores segundo ópticas e focalizações também diversas, como a própria Cesarino (2020a, 2020b, 2020c, 2019), Souza et ali (2019), Silveira (2016) e (2014), Eubanks (2019), Bruno et ali (2018), Zuboff (2018), Rouvroy e Berns (2018), Pasquinelli (2009), Cardon (2016), Madsen (2016), Rose e Miller (2012), Cheney-Lippold (2011), Lion (2018), entre outros.

A argumentação de Cesarino, a partir dos dados coletados, apoia-se em recorrências semióticas que, compartilhadas nas redes, reiteraram elementos como: (1) a articulação de uma identidade comum onde as diferenças são excluídas em favor de um símbolo ou palavra de ordem que articula toda uma heterogeneidade de demandas num elemento ao qual se aglutina à figura de um líder; (2) uma relação antagônica nós/eles, ou amigo/inimigo; (3) o caráter antagônico dessa exterioridade constitutiva em torno de uma demanda que se apresenta como ponto nodal vocalizada pela liderança; (4) recursividade de uma estética associada àquelas sociabilidades onde equivalem-se emotividade e racionalidade, como as do futebol, programas radiofônicos, jornalismo policialesco, etc.; (5) prevalência de símbolos e argumentos que fogem ao padrão estabelecido para o debate político: a paródia e o humor como arma retórica privilegiada; (6) a oposição entre alto e baixo muitas vezes escatológica e simplista; (7) a grosseria como valor de pureza e sinceridade (CESARINO 2020).

Os elementos enumerados por Cesarino reforçaram sua hipótese de uma estratégia digital articulada a um projeto reacionário global. E as recorrências no material empírico coletado evidenciaram a dominância de retóricas e referências semióticas associadas à estética popular, o que tem levado Cesarino, assim como diversos pesquisadores, a considerarem que o debate político estaria comprometido por uma *epistemologia popular* (metáfora sintetizada por Cesarino), incompatível com a esfera pública que, até a emergência das redes digitais, era organizada pelas mídias profissionais, seus porta vozes e sistemas de peritos (CESARINO, 2020b). Essa desorganização da esfera pública pela emergência de sujeitos, valores e talvez epistemologias, como propôs Cesarino, merece uma problematização preliminar pelas

relações que estabelece com questões centrais, colocadas desde o século passado por diversos campos das ciências humanas, da estética ao pensamento político e social.

Parece haver evidências da convergência entre redes digitais e retórica popular, porém uma estética não obrigatoriamente excluída do que seria a esfera pública liberal, seguindo o Habermas dos anos 1970:

> *[...] a mudança estrutural da esfera pública ocorre mais uma vez com o surgimento dos meios de comunicação de massa eletrônicos, com a nova relevância da propaganda, com a crescente fusão do entretenimento e informação, centralização mais acentuada de todas as áreas, decadência das associações liberais [...] (HABERMAS, 2011, p. 57).*

Mas há diferenças acentuadas entre o debate político mediado pelos meios eletrônicos e pelos meios digitais, com a emergência de novos padrões semióticos, como a pesquisa de Cesarino evidenciou (CESARINO, 2020). Os elementos reunidos por Cesarino indicam um padrão semiótico que estaria opondo a esfera pública habermasiana a uma *praça pública* onde predominam elementos do *realismo grotesco* associados por Bakhtin ao gosto e estética popular desde a antiguidade, passando pela idade média e chegando a modernidade: (1) a abolição das relações hierárquicas, comunicação liberados das regras de etiqueta e decência; prevalência de formas paródicas, bobos e bufões; uso de máscaras e ridicularização das identidades; (2) predominância semiótica das imagens; (3) a experiência de um mundo que ignora a fronteira entre real e imaginário; (4) a simbiose entre jogo e vida real; (5) ausência de fronteira entre palco e plateia; (6) naturalização de retóricas e visões de mundo escatológicas (BAKHTIN, 1987).

Essa inserção de sujeitos populares é um tema central na teoria política, por exemplo, no pensamento de Laclau:

> *[...] Iniciamos nossa reflexão enumerando as estratégias discursivas mediante as quais o populismo foi ora descartado, ora subestimado; como fenômeno político, porém, jamais foi pensado em sua especificidade como um meio legítimo, entre outros meios de estruturação do vínculo político [...] a razão para o descarte do populismo não está totalmente desconectada daquelas invocadas naquilo que denominei a desqualificação das massas. Em ambos os casos, estamos diante das mesmas acusações de marginalidade, transitoriedade, pura retórica, vaguidão, manipulação e assim por diante [...] em ambos os casos o descarte é ligado a um procedimento idêntico, isto é, o repúdio ao meio indiferenciado que é a multidão ou o povo em nome da estruturação social e da institucionalização. (LACLAU, 2013, p. 111).*

A reflexão de Laclau sobre a desqualificação das massas dialoga também com a análise de Martín-Barbero sobre práticas hegemônicas dos meios de comunicação impressos e eletrônicos, e os padrões institucionalizados pelas democracias liberais que reproduzem aquilo que identificou com uma contradição central da modernidade: estar *contra as tiranias em nome da vontade popular,* e, ao mesmo tempo, *contra o povo em nome da razão* (MARTÍN-BARBERO, 2015, p. 34). A mesma contradição que levou Habermas a perceber na esfera pública burguesa uma opinião pública e interesse universal que se equivalem, desde que resultantes de uma razão como privilégio dessa mesma classe em ascensão (HABERMAS, 2011, p. 236).

O que se propõe é que o contexto cibernético, e a redução da opacidade das relações entre algoritmos e política, implicaria refletir em termos históricos amplos, tanto sobre as relações entre debate político e praça pública, a que denominamos de *carnavalização da política* (BALTHAZAR, 2019), como também sobre os fatores sociais e políticos que excluem e privam sujeitos populares de ferramentas semióticas para um debate qualificado nos termos daquela razão que, privilégio de grupos dominantes, opera como instrumento

de dominação. Um debate feito durante os anos 1960/70 por Raymond Williams em torno dos meios eletrônicos (WILLIAMS, 2016), seus potenciais e limitações para a construção do que chamava então de uma cultura comum (poderíamos dizer: uma democracia semiótica), o que Williams considerava condição para a permanência e o avanço do projeto democrático (WILLIAMS, 1958, p. 16-18) e (CEVASCO, 2001, p. 69-75).

O populismo, as emergências fascistas e a digitalização da política: aproximações e distanciamentos dentro de um contexto cibernético

Os dados e análises acima indicaram que as mídias digitais introduziram novos fluxos de informação, eliminaram fronteiras entre espaço público e privado, e mobilizaram sujeitos e narrativas até então ausentes do debate político. Mas indicam também que esse fenômeno se ancorou a um debate já polarizado pelas mídias eletrônicas tradicionais, com um viés conservador, pelo menos desde os anos 1990. E de forma convergente, intensificou um populismo de direita que se expandia também desde os anos 1990. Ambos os processos ganham maior inteligibilidade articulados a crise das democracias liberais, como, por exemplo, vem sendo explorado por Eatwell e Goodwin (2018), Castells (2018), Runciman (2018), Levitsky e Ziblatt (2018) ou Mounk (2018).

Assim, a opção colocada para enfrentar a opacidade que encobre os vínculos entre politica e mídias digitais prioriza a convergência entre fenômenos distintos e conexos como a globalização em suas relações com a polarização do debate político e a emergência do populismo de direita, articulados a uma crise das formas liberais de representação. E a hipótese é que esses elementos estariam interagindo com o atual padrão informacional cibernético, que transcende e engloba internet e redes sociais digitais. Nesse sentido, Ernesto Laclau e Chantal Mouffe tem oferecido categorias teóricas e analíticas produtivas para explorar o fenômeno: tanto em seus desdobramentos relacionados ao populismo de direita (LACLAU, 2013) como nas suas articulações com a digitalização da política, como foi em parte explorado por Cesarino (CESARINO, 2020).

A elaboração teórica de Laclau é marcada por dois objetivos: ajustar-se às articulações contingentes e conotativas dos processos políticos, sem submeter a realidade da periferia do mundo capitalista à categorias como *desvio*, *arcaico* ou *incompleto*; e integrar na teoria social e política a diversidade de atores, movimentos e matizes ideológicas dessa periferia e do mundo contemporâneo (Laclau, 1979, p. 11-17). A partir dos anos 1980, Laclau e Mouffe elaboram uma concepção de sujeitos políticos como resultantes de lutas discursivas contingentes e derivadas de um antagonismo presente em todas as relações sociais, tendo na hegemonia e na ideologia forças integradoras dessas relações (LACLAU; MOUFFE, 2014).

Por meio de uma radicalização das posições gramscianas sobre o papel da ideologia e da hegemonia na estruturação social, Laclau irá construir uma concepção dos sujeitos políticos onde:

> *[...] la relación entre estas diferentes posiciones [del sujeto] está lejos de ser obvia y permanente; es más bien el resultado de construcciones políticas complejas que se basan en la totalidad de las relaciones sociales y que no pueden derivarse en forma unilateral de las relaciones de producción [...] (LACLAU, 1985: 28-29).*

Para Laclau, sujeitos políticos resultam de uma diversidade de sobre-determinações não redutíveis às posições de classe, onde o populismo se configura como um modo de articulação política entre outras. E admitirá tanto configurações reacionárias quanto progressistas:

> *¿Qué debe entenderse exactamente por populismo? No es una ideología, sino un modo de construcción de lo político; modo que se funda en dividir a la sociedad en dos campos, y en apelar a la movilización de "los de abajo" frente al poder existente. Hay populismo siempre que el orden social es vivido en esencia como injusto, y se llama a construir un nuevo sujeto de la acción colectiva — el pueblo — capaz de reconfigurar ese orden desde sus mismos fundamentos [...] (LACLAU, 2014, p. 253-266).*

Em Laclau, a Teoria do Discurso opera com os pressupostos de que: toda descrição ou narrativa do social e dos seus conflitos é politicamente significante e operativa; o político sempre *se estrutura de forma antagônica* pela produção dinâmica de um *nós* e de um *eles*; a luta política é *uma luta pelo sentido*, isto é, tem uma *relação constitutiva com o discurso,* o que inclui linguagem, performances e todo campo simbólico/semiótico envolvido na produção de sentido; as práticas políticas têm como fundamento a produção de *uma ordem hegemônica* que se pretende consensual, necessária e definitiva, mas que nas suas práticas concretas *sempre permanece conflitiva, contingente e aberta à contestações e disputas* (LACLAU, 2013).

É nesse contexto que os elementos encontrados por Cesarino nos conteúdos compartilhados na rede digital WhatsApp entre 2017 e 2018 se relacionam com aquilo que no corpo teórico elaborado por Laclau e Mouffe se entende como *momento populista*: a centralidade da *dimensão antisistêmica* onde demandas sociais se acumulam e o campo hegemônico e as institucionalidades políticas existentes não conseguem integrar essas demandas; a *formação de uma cadeia de equivalências* entre as demandas não satisfeitas em torno de uma delas, que funciona como um ponto nodal capaz de demarcar uma fronteira que dicotomiza o espaço político; uma aglutinação dessa cadeia de equivalências em um *significante vazio* que produz uma nomeação que permite referenciar toda a cadeia formada por múltiplas e até contraditórias demandas, que se articula a uma *nova identidade popular* (um sujeito político particular que assume de forma discursiva, provisória e con-

tingente a posição de sujeito universal); a *fixação dos significantes flutuantes* por parte do significante vazio, que passa a funcionar como *ponto nodal* capaz de organizar discursivamente toda uma diversidade de significantes; estabelece-se uma tensão entre particular e universal, quando uma plebe (particularidade) reclama a condição de povo (universalidade) com legitimidade para refundar a ordem política e resolver as injustiças condensadas pelo significante vazio (LACLAU; MOUFFE, 2014), (LACLAU, 2013), (GALVAN, 2012), (MENDONÇA, 2009).

E ao analisar o fascismo, Laclau também adotou como ponto de partida um dos marcos da *teoria do discurso* posteriormente desenvolvida em parceria com Chantal Mouffe: *povo* como produção de uma *articulação política contingente*, e não determinado por estruturas pré-existentes (LACLAU; MOUFFE, 2014). Assim, em qualquer expressão populista que poderá ser reacionária ou progressista, um *povo* e uma *liderança* serão resultantes de um modo de articulação política contingente. Um *momento populista* se viabiliza sempre que haja uma acumulação de demandas sociais não incorporáveis pela ordem política institucionalizada (LACLAU, 2013).

Mas, para Laclau, no fascismo ocorre uma articulação dessas demandas por grupos vinculados à própria ideologia hegemônica, cujos interesses também se encontram na origem das contradições antisistêmicas. Em síntese, na sua análise do nazifascismo, Laclau propôs que uma articulação autoritário/conservadora das demandas antisistêmicas produzidas por grupos sociais que se consideravam não reconhecidos, ou desatendidos em seus direitos ou valores, foi consequência da combinação de dois fatores: (1) uma contingente incapacidade dessas demandas serem articuladas pelo campo contra-hegemônico, que operava dentro de uma articulação política restrita à agenda produtiva/economicista; (2) demandas antisistêmicas incorporadas pelo próprio grupo hegemônico, por meio de uma nova articulação política capaz de tratar essas demandas, e ao mesmo tempo preservar os interesses desse grupo (LACLAU, 1979, p. 87-148).

Com essas considerações, a relação entre algoritmos e política se mostra mais complexa e aberta a novas reconfigurações na medida que tanto

polarização política como potencial antisistêmico não estão na estrutura do digital, mas numa crise societária relacionada à globalização e financeirização neoliberal, associadas à emergência de um contexto cibernético estrutural (CASTELLS, 2008, p. 142-151) que opera no sentido de agudizar e reconfigurar quantitativa e qualitativamente a totalidade dos processos sociais, ao acelerar e ampliar os modos de representação da realidade e de ação do homem sobre o mundo (PINTO, 2013, p. 5 -37) — processos cibernéticos de representação que sempre expressam a opinião de grupos sociais hegemônicos (WIENER, 1961, p. 131-161). Nesse sentido, a digitalização da política via redes digitais e a própria internet ganham maior inteligibilidade quando compreendidas como parte de um complexo de fenômenos onde a conversão cibernética das finanças, dos mercados e dos meios de comunicação formam um conjunto integrado, atualmente organizado em torno das representações de mundo e visões societárias da agenda neoliberal globalizada. Além disso, pelo que foi exposto acima, para Laclau e Mouffe um *momento populista* não será uma articulação obrigatoriamente autoritária e reacionária nem progressista e democrática. E também não será expressão de uma disfunção da esfera pública ou do debate político, mas uma das formas de articulação do campo político, que sempre se estrutura em alguma dimensão antagônica (LACLAU, 2013) e (LACLAU; MOUFFE, 2014).

Portanto, será com as premissas acima apresentados, que entendemos possível explorar de forma consistente a emergência histórica e contingente de um povo associado a um populismo, com subjetividades, práticas cotidianas e narrativas até então excluídas do debate político, associados ao contexto cibernético (que integra e transcende a internet e redes sociais digitais), com seu potencial para amplificar tanto as formas de dominação como as de transformação social. E da mesma forma, interpretar o modo pelo qual os discursos negacionista e científico vem se estruturando nas mídias tradicionais e digitais, relacionando política, informação, tecnologia e globalização no contexto da pandemia de Covid-19.

A Pandemia de Covid-19 nas mídias tradicionais e digitais

Como propomos acima, compreender os usos das redes digitais implica também em identificar suas articulações com as mídias preexistentes, as continuidades e descontinuidades que se estabelecem entre elas. Para Machado e Miskolci é preciso analisar essa *convergência tecnológico-midiático-política* como mais do que mera disseminação dos conteúdos das antigas mídias pelas novas, ou seja levar em conta a mútua interação que rege os processos de inovação, assimilação e incorporação entre estruturas tecnológicas e práticas culturais preexistentes e emergentes (MACHADO; MISKOLCI, 2019).

O que a análise histórica indicou, segundo Ribeiro e Ortellado foi o contexto comunicacional de polarização política e globalização de pautas neoconservadoras desde os anos 1990, ou seja, contemporânea ao processo de globalização neoliberal, (RIBEIRO; ORTELLADO, 2019). Uma agenda globalizada que articula privatização, redução de impostos, tolerância zero e repressão policial, ajustes fiscais, banco centrais independentes e redução do Estado, que produz sujeitos descartáveis em escala global e cujo potencial disruptivo vem sendo explorado por autores como Dardot e Laval, (2019) Achille Mbembe (2016) ou Wendy Brown (2019).

Nesse sentido, a hipótese base deve ser de integração dos processos de inovação digital com esse contexto abrangente, e da existência de interações entre os diferentes suportes midiáticos voltados para a manutenção ou o fortalecimento dessa integração. E a análise das relações entre mídias tradicionais e mídias digitais com a pandemia Covid-19 favoreceu essa hipótese. Para isso, contamos com dispositivos de monitoramento das mídias brasileiras reativados em fevereiro de 2020 para acompanhar a cobertura da pandemia da covid-19. Por meio desses dispositivos, foi possível acessar a evolução quase diária das narrativas sobre a pandemia nas mídias tradicionais e nas mídias digitais. [6]

6 . São esses dispositivos: A Sala de Democracia Digital da Diretoria Análise de Políticas Públicas da FGV que analisa as mídias digitais *in*: observademocraciadigital.org/timeline; o Manchetômetro que faz a cobertura da grande mídia sobre temas de economia

As mídias tradicionais na pandemia de Covid-19

Nas mídias tradicionais encontramos um alinhamento dos veículos corporativos com o discurso científico, enquanto nas mídias digitais esse alinhamento se fragmenta e polariza, e práticas discursivas negacionistas ganham visibilidade com dominância no WhatsApp, que associado ao YouTube, um dos principais destinos dos redirecionamentos de links postados no WhatsApp. Assim, configuram um ecossistema digital (VAN DIJK, 2016), que envolve também sites de notícias, blogs de opinião e perfis de outras redes digitais como Facebook e Instagram, e que até recentemente tinha nos algoritmos do YouTube a matriz geradora dos discursos de ódio nas redes sociais, como demonstrado por Córdova (2019) em artigo para o Intercept.

Na grande mídia impressa, nos primeiros meses da pandemia, observou-se uma guinada editorial em bloco, que adotou em uníssono o discurso científico. Num primeiro momento, a grande mídia impressa, representada pelos grupos Globo/Folha/Estadão, focava apenas impactos econômicos do vírus na economia. Até março, a saúde pública aparecia vinculada à má gestão estatal, e o jornal O Globo publicava nos editoriais dos dias 2 e 11 de março de 2020 críticas ao SUS. Porém, no editorial do dia 17 de março, a Folha de São Paulo marca essa virada (em seguida reproduzida pelos outros grandes grupos): *Presidente confinado: Na crise do vírus, melhor deixar tarefas com capazes e Bolsonaro com bizarrices.* Nesse editorial, a Folha adotou um discurso que inclui termos como: *Os mais vulneráveis à debacle, seja na saúde, seja na renda, exigem socorro prioritário. A asfixia econômica também requererá ações para que o mergulho passageiro não deflagre uma onda de falências*[7]. No dia 30 de março, o jornal O Globo publicou elogios ao SUS e seus editoriais passaram a assumir a defesa das instituições como o SUS, em oposição ao negacionismo do presidente Bolsonaro. Essas transformações coincidiram com a oficialização da pandemia pela OMS, com a Europa se

e política produzido pelo Laboratório de Estudos de Mídia e Esfera Pública, sediado no Instituto de Estudos Sociais e Políticos (IESP) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), *in*: manchetometro.com.br; e o Projeto Comprova monitora *fake news*, *in*: projetocomprova.com.br

7 . VEJA...,2020.

tornando o centro da crise e com a chegada da Covid-19 no Brasil e nos EUA. Essas tendências se mantiveram durante o mês de abril, com maior intensidade após a demissão do Ministro Mandetta.

A partir de maio de 2020, o tema pandemia de Covid-19 passa a dividir espaço com a crise política do governo Bolsonaro. Os editoriais do grupo Globo mantiveram a defesa do isolamento social, opondo-se à retomada das atividades econômicas apoiando-se no discurso científico. E ampliou as críticas ao governo Bolsonaro, dando espaço à saída de Moro do Ministério da Justiça, à divulgação da gravação da reunião ministerial, às interferências na polícia federal e às crises com os governadores. A essa diretriz de oposição ao governo federal acrescentou o tópico econômico, centrado no controle dos gastos estatais, e nas ameaças que políticas sociais representariam para o futuro econômico do país. O Estado de S. Paulo foi mais agressivo nas críticas ao governo Bolsonaro e suas articulações no congresso, e ao mesmo tempo mais relativista na abordagem científica ao dar maior espaço para temas sobre os efeitos econômicos da pandemia. A Folha, por sua vez, retomou seu viés economicista, deixando a pandemia em segundo plano para destacar as reformas econômicas, mas também ampliou as críticas a Bolsonaro destacando a saída de Moro e a divulgação da reunião ministerial. No final de maio, os três veículos convergem para a temática da defesa da democracia propondo a união das forças contra ameaças à liberdade representadas por Bolsonaro.

A televisão ampliou sua credibilidade na crise da Covid-19. Em pesquisa Datafolha entre 19 e 20 de março de 2020, ela alcançou 61% de confiança nos seus conteúdos, na frente da imprensa com 58% de confiança. A audiência da Globo ultrapassou todas as outras emissoras somadas. A linha editorial cobrou do governo liderança no combate à pandemia, criticou sua omissão, e defendeu o aumento dos gastos públicos. O ex-ministro Mandetta era apresentado como voz consciente em oposição a Bolsonaro. Em março, o principal telejornal da Globo criou uma seção para desconstruir argumentos contrários ao isolamento. A neutralidade habitual dos âncoras deu lugar a uma apresentação mais emotiva das notícias com a atualização diária

das mortes por Covid-19. A cobertura da TV Record se diferenciou, focando dramas pessoais dos afetados pela doença, e apesar da defesa do governo Bolsonaro, também veiculou informações científicas.

De forma sintética, podemos apontar as seguintes tendências nas mídias tradicionais: (1) um movimento em bloco; (2) negação do campo político oposto às agendas que defende, ou seja, não abre espaço para o debate antagônico, produzindo a *inexistência* da pluralidade na política; (3) a defesa em bloco das posições científicas a partir da metade de março de 2020; (4) ampliação em bloco das crítica ao governo Bolsonaro, com defesa da agenda econômica conservadora; (5) a partir da metade de março o SUS, a ação estatal, políticas sociais e medidas emergenciais na economia passam a ser aceitas; (6) narrativas polarizadas entre *heróis sanitaristas*: profissionais de saúde, ex-ministro Mandetta, governadores e *vilões negacionistas*, como Bolsonaro e Trump; (6) a pandemia fortalece as mídias tradicionais como veículos confiáveis; (7) o alinhamento automático entre Bolsonaro e Trump passa a ser objeto de crítica; (8) a cobertura internacional da pandemia é incipiente, e invisibiliza governos não alinhados aos padrões liberais.

A análise das mídias tradicionais corrobora a tese de hiper-partidarização. Por exemplo, pela restrição ao acesso de pautas não alinhadas à agenda liberal e pela inviabilização da pluralidade que caracteriza as sociedades democráticas. No entanto, o contexto da pandemia alterou padrões discursivos que, pelo menos temporariamente, deixaram em segundo plano as agendas anti-estatais. O alinhamento corporativo entre os veículos foi indicativo da hiper-partidarização, mas ganhou relevância o impacto da pandemia com a adoção do discurso científico nesses espaços de reverberação do pensamento liberal conservador.

As mídias digitais na pandemia de Covid-19

O Diretório de Análise de Políticas Públicas – DAPP, da Fundação Getúlio Vargas – FGV, têm realizado um monitoramento do debate público nas mídias sociais *a partir de um conjunto de metodologias e procedimentos de pesquisa, fazendo a articulação entre as áreas de Linguística, Sociologia, Comunicação,*

Estatística e Tecnologia da Informação [8]. As análises são realizadas a partir de grandes volumes de dados que são coletados de acordo com eventos relevantes para o debate público.

As mídias digitais se apresentam como espaço de divulgação e reprodução priorizado pelos porta-vozes do discurso negacionista. O Twitter é o principal meio de comunicação direta do presidente com seus apoiadores. Diariamente, pelo menos uma *tag* relacionada ao governo consegue alcançar os *Trending Topics*. Às quintas-feiras o presidente realiza uma *live* transmitida em seu canal oficial do Youtube, onde fala sobre assuntos que ocorreram ao longo da semana. E nas redes digitais, identifica-se o reforço da polarização em publicações impulsionadas de forma simétrica ao isolamento político de Bolsonaro. Num primeiro momento, declarada a pandemia e adotadas as medidas de isolamento, observou-se uma aproximação entre os discursos nas redes digitais e nas mídias tradicionais (FGV-DAPP, 2020c).

No dia 12 de abril de 2020, um post publicado pelo DAPP informava: *"Análise de rede: medidas contra a pandemia preocupam mais do que seu impacto econômico"* [9]. Porém, após a demissão de Mandetta, saída de Moro e divulgação da reunião presidencial, o núcleo bolsonarista aumentou a sua participação nas redes, e de forma simultânea ocorreu nelas uma queda do tema pandemia. Esse movimento se repete em sintonia com as crises e movimentos do governo Bolsonaro, o que garantiu ao longo do mês de maio diversos momentos de supremacia dos grupos alinhados com o discurso negacionista, sendo que o momento de maior presença de perfis pró-Bolsonaro foi no episódio das ações policiais contra as *fake news*: *Investigações contra blogueiros e aliados do presidente geram forte movimento de defesa no Twitter, levando grupo bolsonarista a reunir 27% do debate público no país, maior percentual desde o início da pandemia de Covid-19*[10].

8 . DAPP-FGV, 2012.

9 . DAPP-FGV, 2020b.

10 . idem 9

No entanto, mesmo no Twitter a interação entre uma maioria politicamente indefinida e a base de oposição ao governo garantia uma dominância das abordagens científicas, opostas ao governo Bolsonaro e seu negacionismo. Apenas no WhatsApp persistiu a dominância de *fake news* pró-negacionismo e a defesa do governo Bolsonaro. As publicações mais acessadas no YouTube, por outro lado, tinham recorte científico, a maioria gerada pelos grupos corporativos das mídias tradicionais. No Facebook, o perfil dos conteúdos se mostrou mais articulado com a perspectiva científica. No Instagram, houve uma significativa presença de perfis pró-Bolsonaro seguido de uma diversificação equilibrada entre perfis institucionais, de lideranças políticas e *influencers* de viés científico.

Apesar dos esforços da base Bolsonarista, e mesmo com picos esporádicos que essa base gera a cada crise governista que se sucede, a tendência prevalente ao longo do mês de junho de 2020 foi de ampliação da oposição ao governo Bolsonaro e ao negacionismo:

> *Na última semana, observa-se grande centralidade de influenciadores virtuais em três dos cinco diferentes grupos que se mobilizaram contra o governo federal. Os youtubers Felipe Neto e Átila Iamarino se destacaram entre os perfis que criticaram a alteração da divulgação de dados sobre a Covid-19 e o humorista Whindersson Nunes mobilizou perfis não alinhados em tuítes bem humorados com críticas ao governo federal. Entre os atores políticos, houve baixo engajamento, com destaque para lideranças de partidos de esquerda, como o PSOL e o PT. (FGV DAPP, 2020a).*

Buscando identificar o perfil das informações enganosas compartilhadas nas redes digitais ou por aplicativos de mensagens[11], e a partir de uma amostra

11 . Cabe destacar que as mídias sociais têm realizado algumas ações para combater *fake news* durante a pandemia. O Instagram ocultou uma publicação com conteúdo falso nos *stories* da conta oficial do presidente Bolsonaro, enquanto o Twitter colocou sugestões para checagem de fatos publicados por Donald Trump. E a iniciativa global *sleep giants,* um movimento de denúncia das grandes corporações que financiam sites, blogs e perfis

levantada por 24 diferentes veículos de comunicação[12], acessamos a natureza das *fake news* mais difundidas e suas articulações com os discursos políticos sobre a pandemia. O que se destacou nessa análise foi a massiva articulação entre *fake news*, discursos negacionistas e fatos políticos relacionados ao presidente Bolsonaro e apoiadores. No WhatsApp, cloroquina e China foram as pautas centrais, com destaque para *fake news* contrárias ao isolamento:

> *médico responsável por superdosagem de cloroquina que matou paciente é petista/ a China vai se lascar de verde e amarelo / Brasil descobre remédio com 94% de eficácia no combate à Covid-19¸ diz MCTIC / India arrasta China a tribunal internacional pela guerra biológica da Covid-19 / Economista-chefe da FAO alerta para o risco de escassez de alimentos em função de medidas de quarentena (PROJETO COMPROVA¸ 2020)* [13]

Compreendendo o período da pesquisa, identificamos as seguintes tendências nas mídias digitais: (1) ampliação dos modelos editoriais que integram mídias tradicionais e mídias digitais; (2) a prevalência de conteúdos com abordagens científicas, mais acessadas e compartilhadas no YouTube e no Facebook; (3) Na rede WhatsApp dominância de fluxos comunicacionais de *fake news* com narrativas negacionistas e bolsonaristas; (4) No Instagram, a presença de conteúdos negacionistas em *influencers* ligados ao bolsonarismo, e conteúdos científicos em perfis diversificados; (5) polarização impulsionada por perfis bolsonaristas, sempre associada às crises governistas; (6) uma diferenciação dos territórios digitais, onde o negacionismo vai se consolidando em espaços populares como Whatsapp, com prevalência de *fake news* em formatos de paródias e memes; (7) YouTube como um campo

12 . Essa amostra foi levantada por jornalistas do Projeto Comprova, projetocomprova.com.br.

13 . idem 12

dividido por publicações científicas e negacionistas, mas com tendência de maior acesso às postagens de mídias tradicionais e de instituições científicas de referência.

A disputa dos discursos científico e negacionista nas pesquisas de opinião divulgadas pelas mídias

As disputas de discursos políticos, com suas narrativas, remetem a uma confrontação entre diferentes práticas e projetos. Diante de situações que saem da normalidade, como as que envolvem a pandemia, as soluções e propostas para enfrentá-la implicam em escolhas por parte de suas lideranças não só de saúde pública, mas políticas. Tais escolhas, para além dos componentes técnicos ou administrativos, expressam também as disputas antagônicas do político — e dos discursos políticos em particular — com sua capacidade de reconfigurar as identidades contingentes de sujeitos políticos para os quais se orientam as ações. Essa reconfiguração das identidades políticas, ao fazer crescer ou diminuir a adesão às lideranças e aos seus projetos, expressa a mudança das correlações de força entre os atores e blocos de poder com seus projetos de sociedade em disputa. Assim, a disputa entre os discursos negacionista e científico (com suas falas, ações, propostas e performances) é política, e seus impactos na reconfiguração das identidades políticas dos brasileiros pode ser acompanhada também nos resultados das pesquisas de opinião divulgadas pelas mídias sobre o desempenho, apoio ou rejeição dos governantes.

No Brasil, os resultados das pesquisas variaram ao longo da pandemia. Cabe deter-se inicialmente na pesquisa da Vox Populi, realizada entre 18 e 26 de abril de 2020, com resultados por estratificações de regiões, escolaridade e renda. Nela a aprovação do presidente aumentou em todas as regiões pesquisadas, como no Nordeste, local em que ele possuía uma maior rejeição: sua reprovação diminuiu para 41%, ao passo em que a aprovação subiu 15 pontos, alcançando um total de 27%. No Centro Oeste e Norte, a aprovação aumentou, chegando a 43%, mas a reprovação também, alcançando os 31%. No Sul o aumento da aprovação foi significativo, chegando a 45%, mantendo-se a reprovação em 32%. No Sudeste, a aprovação aumentou para 34%

e a reprovação diminuiu, chegando a 41%. Já em relação à escolaridade, houve uma polarização dos resultados segundo as faixas. No grupo com apenas Ensino Fundamental a aprovação aumentou para 42%, revertendo a tendência anterior, enquanto a reprovação, que crescia, diminuiu para 30%. No grupo com ensino médio, a aprovação aumentou para 33% enquanto a reprovação subiu 14 pontos, chegando aos 40%. Entre os que têm ensino superior, a aprovação desceu para 24% e a reprovação disparou, alcançando 55%. Em relação à renda familiar, a reprovação entre os de renda baixa diminuiu para 38%, enquanto a aprovação aumentou para 24% (existindo uma correlação com a tendência do grupo de escolaridade até o ensino fundamental). De forma similar, o grupo de renda média acompanha a tendência dos escolarizados com ensino médio: a reprovação se mantém em 38%, mas a aprovação aumenta para 36%. No grupo de renda alta – diferentemente dos que possuem ensino superior – cresce tanto a rejeição, para 43%, como também a aprovação, com 37%.

Assim, uma leitura mais detalhada dos dados da pesquisa da Vox Populi de abril de 2020, permitiria identificar que, após a instalação da pandemia, haveria uma mudança na base eleitoral do presidente. Parte da classe média (grupos de maior renda e mais escolarizados) teria rejeitado o discurso negacionista do presidente. Porém, esse discurso — junto com o auxílio emergencial liberado — teria ganhado eco nos setores populares. É bem significativa a diminuição da rejeição no NE, que integra a base do lulismo. Seria parte de um *subproletariado*, isto é, membros das classes E, D e C, com condições econômicas limitadas num contexto de agravamento do desemprego. Nesse contexto difícil, ante os impactos da pandemia de Covid-19, ficaram mais sensíveis às práticas discursivas do presidente que priorizam eixos como renda, *corona voucher* e a volta ao trabalho.

Posteriormente, em junho de 2020, durante o crescimento da pandemia, observando pesquisas de avaliação do governo realizadas por diferentes institutos — como Datafolha, XP/Ipespe, Atlas, e Data Poder 360 — podemos visualizar que a polarização em torno das avaliações ótima/boa e ruim/péssima aumentou, devido à uma migração dos que consideravam o governo regular e dos que "não sabiam". A polarização em curso, no contexto da globalização neoliberal, articula-se à uma lógica de redução do debate ao

embate entre duas narrativas opostas, mas igualmente pré-estabelecidas. Além dessa polarização, em maio e nas três primeiras semanas de junho de 2020, em geral, podemos considerar que o apoio ao presidente tende a se estabilizar, apesar das variações que as diferentes pesquisas apresentam.

Ao final de junho e início de julho de 2020 (25/06-03/07), foi realizada uma nova pesquisa da Vox Populi, com resultados por estratificações de regiões, escolaridade e renda. Em relação à pesquisa anterior, realizada em abril, a aprovação do presidente aumentou somente no Nordeste, chegando a 32% depois de crescer 5 pontos, local em que Bolsonaro possuía uma maior rejeição. Apesar disso, sua reprovação na região aumentou de 41% para 44%. Em todas as outras regiões, se constatou um aumento da reprovação e uma diminuição da aprovação. O presidente perdeu mais apoio no Sudeste, a região com maior número de vítimas da Covid-19, onde a aprovação caiu 10 pontos, chegando a 24%, e a reprovação também subiu 10 pontos, chegando a 51%. As taxas de aprovação e reprovação no Sudeste atingiram o menor e maior percentuais, respectivamente, quando comparamos com outras regiões. O Sul se mostrou a região onde o presidente possui o maior índice de aprovação, apesar da queda de 45% para 41%, ao passo que, mesmo no Sul, a reprovação subiu 4 pontos, chegando a 36%. Já no Centro Oeste e Norte, a aprovação caiu 8 pontos, chegando aos 35%, enquanto a reprovação subiu de 31% para 34%.

Em relação à escolaridade, a aprovação do presidente só melhorou entre os que têm Ensino Superior, subindo 6 pontos e chegando aos 30%. Já a reprovação caiu 4 pontos e chegou aos 51%. Apesar da melhora nos índices, foi entre esse estrato de escolaridade que o presidente obteve o menor índice de aprovação e maior reprovação. No grupo com apenas Ensino Fundamental, a aprovação diminuiu 9 pontos, chegando aos 33%, ao passo que a reprovação chegou aos 40%, com crescimento de 10 pontos. No grupo com Ensino Médio, a aprovação diminuiu 5 pontos chegando aos 33%, enquanto a reprovação subiu 6 pontos, chegando aos 46%.

Já em relação à renda familiar, no grupo de renda alta, acompanhando a tendência do grupo com Ensino Superior, a aprovação do presidente aumentou de 37% para 41%, enquanto a reprovação caiu 2 pontos, chegando a 41%. A

aprovação diminuiu mais entre os de renda baixa, alcançando 26% após cair 8 pontos, enquanto a reprovação subiu 5 pontos, chegando aos 43%. Já o grupo de renda média foi o que mais reprovou o presidente: alcançou 48% após subir 10 pontos. A reprovação aqui caiu 6 pontos, chegando aos 30%.

Relacionando todas as variáveis, teríamos que a base do presidente continuasse forte na região Sul do país e aumentasse no Nordeste. Porém em termos de escolaridade e renda, nota-se uma nova variação dessa base. As camadas médias com ensino médio e superior continuam insatisfeitas, porém, as camadas de baixa renda e ensino fundamental revertem a tendência de apoio crescente e passam a demonstrar sua insatisfação com o desempenho do presidente. Ao passo que, apesar de se sentirem insatisfeitas, ele recuperou apoio nas camadas de alta renda e ensino superior.

Cabe destacar que, além dos discursos sobre a pandemia e dos eventos relacionados à ela, como as demissões de Luiz Mandetta, no dia 16 de abril de 2020, e de Nelson Teich, no dia 15 de maio, outros fatos contribuíram para o crescente aumento das avaliações negativas, como a demissão de Sérgio Moro, no dia 24 de abril, a divulgação do vídeo da reunião ministerial, no dia 22 de maio de 2020, e a prisão de Fabrício Queiroz, no dia 18 de junho.

Essa tendência de aumento da rejeição e sua diversidade de causas fica mais nítida nas mídias sociais. Segundo análise de tweets realizada pelo Núcleo Jornalismo, dos dias 17 de março a 4 de abril de 2020, 71% de todas as interações foram realizadas em tweets negativos ao presidente, ao passo que apenas 20,5% foram positivas. Um levantamento realizado pela DAPP/FGV mostra que a demissão de Moro gerou amplo repúdio contra o governo no Twitter, alcançando quase 70% dos perfis engajados no debate nas redes e dividindo a própria base de apoio do presidente Bolsonaro, superando a demissão de Mandetta, que chegou a mobilizar 60% dos perfis.

A participação do presidente em algumas manifestações e carreatas que pediam um novo AI 5, o fechamento do Congresso Nacional e do STF, também parece ter contribuído para o aumento da avaliação negativa. Em pesquisa sobre Democracia x Ditadura realizada pelo Instituto Datafolha nos dias 23 e 24 de junho de 2020, a resposta “Democracia é sempre melhor do que qualquer forma de governo” atingiu os 75%, o maior percentual desde

sua primeira realização, em 1989. As respostas "tanto faz se é uma democracia ou uma ditadura" e "em certas circunstâncias é melhor uma ditadura do que um regime democrático", atingiram 12% e 10%, respectivamente, alcançando também os menores percentuais desde 1989. A tendência é de que a avaliação regular migre ainda mais para o polo negativo, tendo em vista diversos eventos ainda em curso com potencial de ferir ainda mais a imagem do governo, como o inquérito aberto pelo STF sobre *fake news*, a aproximação com o *Centrão* associado à corrupção, o aumento diário do número de mortes por Covid-19, o aumento do desemprego e a piora das condições de vida.

Observando-se os resultados de 8 pesquisas realizadas pelo Instituto Datafolha desde abril de 2020 até maio de 2021 se constata que o governo de Jair Bolsonaro tem seu pior momento de aprovação na pesquisa mais recente (DATAFOLHA, 2021).

Em abril, na primeira pesquisa após o início da pandemia, Jair Bolsonaro possuía 38% de avaliação ruim/péssima, 33% de avaliação ótima/boa e 26% de avaliação regular. A partir de agosto de 2020, o presidente reverteu sua tendência de queda de popularidade e melhorou seus índices de aprovação. Em dezembro, obteve 32% de avaliação ruim/péssima, 37% de avaliação ótima/boa e 29% de regular, alcançando seus melhores resultados na pandemia. Porém, a partir de janeiro de 2021, sua popularidade passou a cair, o que foi comprovado pelas três pesquisas realizadas no ano. Em maio de 2021, o presidente obteve apenas 24% de avaliação ótima/boa, 45% de avaliação ruim/péssima, e 30% de avaliação regular.

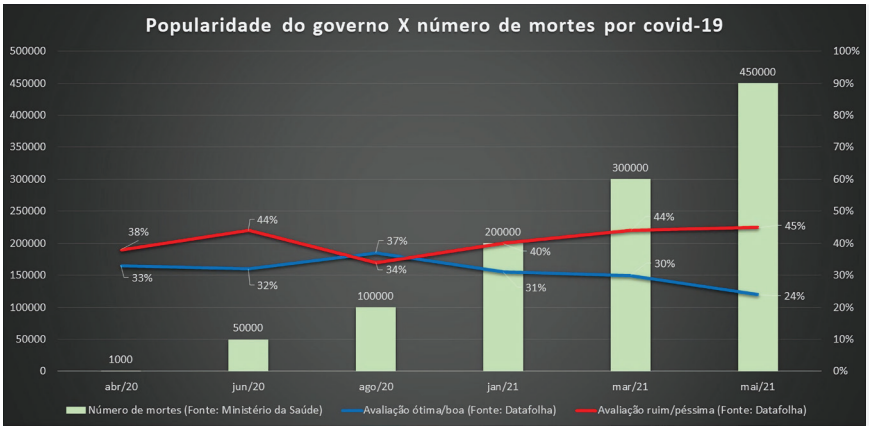
Segundo pesquisa Datafolha realizada em maio de 2021, o governo Bolsonaro é, proporcionalmente, mais aprovado entre homens (29%) do que mulheres (21%). Entre os mais jovens, apenas 13% consideram a gestão do presidente ótima ou boa, índice que também fica abaixo da média no Nordeste 17% e entre brasileiros que se declaram pretos (18%). A reprovação fica acima da média entre os mais escolarizados (57%), mais ricos (63%) e funcionários públicos (58%). Em regiões metropolitanas, incluindo capitais,

50% reprovam o governo, índice que fica em 41% nas cidades do interior do país. Na parcela evangélica da população, 35% consideram o governo Bolsonaro ruim ou péssimo, e para 33% ele é bom ou ótimo.

Podemos dizer que durante a pandemia a aprovação do presidente variou em forma de *ondas:* em um primeiro momento, ainda no início da pandemia, ocorreu um aumento de avaliações polarizadas, ou seja, as avaliações ótima/boa e ruim/péssima cresceram, enquanto as avaliações regulares e de indecisos diminuíram.

Em um segundo período, de março a julho de 2020, houve uma baixa variação dos que consideravam o governo ótimo/bom, ou seja, da base de apoiadores do presidente, enquanto a avaliação ruim/péssima cresceu ao menos 6 pontos percentuais segundo o Instituto Datafolha. Isso sugere afirmar que, apesar da pandemia, Bolsonaro manteve o apoio dos seguidores mais fiéis, ao passo que sua rejeição cresceu. De agosto a dezembro temos uma mudança dessa tendência devido à ocorrência de um aumento da avaliação positiva e uma diminuição na avaliação negativa, sendo o melhor momento do governo no quesito aprovação desde que a pandemia começou.

A partir de janeiro de 2021, a tendência se altera novamente e a avaliação de Jair Bolsonaro piora, atingindo seu resultado mais baixo na última pesquisa, em maio de 2021. Apesar de multicausal, a piora nas avaliações do presidente Jair Bolsonaro, que se intensifica em 2021, ocorre durante os piores momentos da pandemia no país, como podemos visualizar no gráfico abaixo:



Fonte: Elaboração própria a partir de dados do Ministério da Saúde (2021) e Datafolha (2021)

O primeiro óbito por Covid-19 no Brasil foi registrado no dia 17 de março de 2020. Depois de 149 dias, em 8 de agosto, foram registrados 100 mil óbitos. Os 200 mil óbitos foram constatados 152 dias depois. Já os 300 mil ocorreram depois de 76 dias. Após somente 36 dias, o país alcançou 400 mil óbitos. E depois de 51 dias, em 19 de junho de 2021, 500 mil óbitos foram divulgados (DATAFOLHA, 2021). No mês de maio de 2021, quando o Brasil alcançava 450 mil óbitos, Jair Bolsonaro alcançava seu pior resultado em popularidade numa pesquisa Datafolha enquanto presidente.

Como a adesão ou não de Bolsonaro é multicausal, não podemos associar sua queda de popularidade exclusivamente à pandemia. Porém, seu discurso *negacionista* certamente é uma das razões para o aumento de sua rejeição. As eleições municipais de 2020 podem ser vistas como forma de mensurar a aprovação do presidente, com as ressalvas de que as disputas locais possuem dinâmicas diferentes das eleições nacionais. Nesse sentido, dos treze candidatos à prefeitura apoiados e recomendados pelo presidente, somente dois se elegeram: em Ipatinga–MG e Parnaíba–PI. Nas capitais, nenhum candidato apoiado por Bolsonaro venceu.

No dia 8 de março de 2021, Luiz Edson Fachin, Ministro do Superior Tribunal Federal, determinou a anulação de todas as decisões tomadas pela 3ª Vara Federal de Curitiba (PR) nas ações penais contra o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, anulando todas as condenações proferidas. No dia 14 de abril, o Plenário do STF confirmou a decisão de Fachin. No dia 23 de junho, o julgamento iniciado em abril foi concluído, declarando parcialidade do ex-juiz Sérgio Moro no julgamento de Lula, e assim, tornando o ex-presidente elegível. Como Lula liderava a corrida presencial em 2018, de acordo com pesquisas de opinião, quando foi preso de forma ilegal, a possibilidade de disputar o próximo pleito presidencial tem o potencial de influenciar uma reconfiguração política nos próximos anos.

Em 2021, o DAPP publicou um estudo sobre a influência nas mídias sociais dos possíveis presidenciáveis em 2022[14]. O acompanhamento de longo

14 . DAPP FGV, 2021.

prazo realizado entre os dias 01 de janeiro de 2020 e 27 de abril de 2021 constatou que Jair Bolsonaro, com 58% do engajamento total, é o presidenciável com maior número de interações em todas as plataformas, contra 8% de Guilherme Boulos, 7% de Luciano Huck e 6% de Lula. Já quando a análise levou em conta o número de publicações no Facebook, YouTube e Instagram, Guilherme Boulos teve 28%, seguido de João Doria com 15%, Bolsonaro com 13% e Ciro Gomes com 11%. Boulos cresceu em engajamento devido às eleições de 2020.

Destaca-se na análise o baixo engajamento de Lula no período, tendo em vista que o ex-presidente tem sido frequentemente apontado como o presidenciável favorito em diversas pesquisas de opinião. Apesar disso, somente no dia 15 de abril de 2021, as condenações de Lula foram anuladas pelo STF, e assim, ele se tornou livre para disputar eleições novamente. As anulações tardias entram na equação que mostra um desempenho fraco nas redes quando a análise é realizada desde o início de 2020. Se em 2018, uma ampla presença nas mídias foi decisiva para a vitória de Jair Bolsonaro no pleito, há de se observar o comportamento da base online de apoio a Lula. Em pesquisa de intenções de voto realizada pelo Datafolha em maio de 2021, Lula liderava a corrida presidencial com 41%, seguido de Jair Bolsonaro, com 23%. Em um provável segundo turno entre os dois, Lula teria 55% e Bolsonaro, 32%.

Algumas considerações sobre os discursos científico e negacionista, a digitalização da política e o contexto cibernético da globalização neoliberal

A análise das mídias tradicionais na pandemia apontou uma atuação em bloco na defesa da agenda neoliberal globalizada, polarizada e sem espaços para espelhar a dimensão antagônica do político, ou seja, indicou que atuam como porta-vozes do campo neoliberal financista globalizado. Porém, a pesquisa também indicou que a pandemia alterou padrões discursivos, preservando a agenda conservadora na economia mas abrindo espaços para defesa da ação estatal e medidas emergenciais no contexto pandêmico, com adesão em bloco ao discurso científico. Nas mídias digitais a pesquisa indicou uma tendência de segmentação das redes e ampliação de espaços

corporativos que integram mídias tradicionais e mídias digitais, com valorização de conteúdos com abordagens científicas em todas as redes, menos na rede WhatsApp dominada por fluxos comunicacionais negacionistas.

Dessa forma, a análise dos discursos negacionista e científico nas mídias brasileiras fortaleceu a hipótese do acontecimento pandemia Covid-19 impactar as relações hegemônicas. E fez isso, primeiro, expondo à visibilidade e à crítica aos padrões hegemônicos de dominação: as continuidades entre mídias tradicionais e mídias digitais; a forma como as mídias tradicionais se comportam como um bloco único; a manutenção nos espaços digitais de um padrão comunicacional que reduz ou elimina potenciais dialógicos e criativos, redutor dos espaços para a emergência de projetos de sociedade e visões de futuro diversas e inovadoras.

Mas o acontecimento pandemia Covid-19 não só tornou mais evidente esse bloco de reverberação conservadora como também gerou brechas numa configuração discursiva e ideológica até então monolítica: abriram-se nos aparelhos de reverberação dos dogmas neoliberais novas possibilidades de articulações político/discursivas em torno da primazia da vida sobre os interesses de mercado; sobre a importância da ciência e do planejamento estatal; sobre o papel do Estado na universalização e na garantia de direitos; e em diversas dimensões, recuperou ou fortaleceu o tema da igualdade no debate político, acadêmico e em outros espaços institucionalizados.

Ao mesmo tempo, a análise dos discursos científico e negacionista nas mídias digitais evidenciou a necessidade de integrar as redes sociais e a digitalização da política que nelas se dá como um contexto cibernético já consolidado nas finanças, nos mercados e nos meios de comunicação desde os anos 1990. Um contexto digital que desarranja os modelos de controle da opinião e rompe as fronteiras que isolavam e domesticavam a retórica e a participação do popular no debate político. Mas ao mesmo tempo, um contexto que acelera e viabiliza novas dinâmicas de construção, desconstrução, mobilização e desmobilização de sujeitos políticos. Uma aceleração e dinamicidade que se reflete na profusão e na plasticidade das pesquisas de opinião, e nas reconfigurações políticas que se transformam em matéria

prima informacional de mobilização e desmobilização política, onde as identidades políticas não são representadas, mas construídas no campo político, dentro de uma lógica relacional, contingente e antagônica, que nesse momento tem nos efeitos materiais da pandemia de Covid-19 a centralidade política/discursiva indicada no gráfico 1.

É nesse sentido que a presença nas redes digitais de elementos organizados por Laclau e Mouffe em torno da Teoria do Discurso apontaram para um *momento populista*, como indicado na pesquisa de Cesarino (CESARINO, 2020), que se configura quando prevalecem na sociedade potenciais antissistêmicos e disruptivos (LACLAU, 2013). Por isso, nos parece mais produtivo abordar a digitalização da política nas suas articulações com o contexto cibernético emergente num plano histórico mais amplo que engloba e transcende a própria internet. Como reforçado por Vieira Pinto (2013) e Wiener (1961) desde os anos 1960 e 1970, ou seja nos seus primórdios ainda no século passado, a cibernética já se insere para reconfigurar os processos de representação, ação e retroação do homem sobre o mundo, acelerar, integrar e potencializar esses processos tanto nas suas dimensões de escravização como de emancipação, não por bits ou algoritmos, mas pelo próprio homem, ou seja, reconfigurações mediadas pela política.

Por tudo isso, o conceito de *informação* precisa ser repensado na sua dimensão técnica, política e cultural, e dialoga com noções fundamentais e interconstituintes como *tradição* e *identidade*. Uma (se não a maior) das prerrogativas de uma formação hegemônica é controlar a tradição e suas relações com a produção de identidades, isto é: definir o que é relevante e o que é irrelevante, como os fatos e a história serão narrados e interpretados, quem, e o que, será lembrado e valorizado, e quais serão os esquecidos e excluídos (CEVASCO, 2001, pág.72) (WILLIAMS, 1958). Assim, quando a cibernética acelera e desestabiliza esses processos, desarticula e torna simultâneos, cambiáveis ou indefiníveis os lugares de produção e consumo da informação, acaba por colocar em evidência a dimensão política e histórica de todos esses processos, e atualiza a problemática sintetizada por

Williams quando as mídias eletrônicas iniciavam sua jornada gloriosa na segunda metade do século passado, e com a qual encerramos esse artigo sobre o momento atual e as possibilidades nele existentes:

> *Vai ser bem difícil, mas não acredito que somos tão pouco inventivos que tenhamos apenas duas alternativas ruins: ou a continuação dessa mamata de mascates, nas quais as noticias e as opiniões estão inextrincavelmente ligadas às barganhas de mercado, que trazem consigo a escravidão e a nova prostituição de venda de personalidades; ou então um sistema mesquinho, monolítico e controlado no qual as notícias e opiniões são um presente dos que detém o poder. Deveríamos estar pensando agora em como arcar com nossos serviços em comum e garantir uma liberdade adequada àqueles que efetivamente são os provedores desses serviços, e ao mesmo tempo os proteger, e a nós também, da dominação de uma minoria, seja financeira, seja política. (WILLIAMS, 1958, p. 17)*

REFERÊNCIAS

BALTHAZAR, P. A. A Populismo de direita e carnavalização da política: O popular em meio a distopia. **Le Monde Diplomatique Brasil**. 2019. Disponível em: diplomatique.org.br/89471-2/. Acesso em: 21 jul. 2021.

BROWN, W. **Nas ruínas do neoliberalismo:** a ascensão da política antidemocrática no Ocidente, São Paulo: Politeia, 2019.

BRUNO, F., CARDOSO B., KANASHIRO, M., GUILHON L., MELGAÇO L, (orgs.) **Tecnopolíticas da Vigilância:** perspectivas da margem, São Paulo: Boitempo, 2018.

CARDON, D. "Deconstructing the algorithm: four types of digital information calculations" (pp. 95-110), *in*: ROBERGE, Jonathan; SEYFERTH, Robert. (Orgs). **Algorithmic Cultures: e**ssays on meaning, performance and new technologies. Routledge, 2016.

CÁRDOVA, Yasodara. Como o youtube se tornou um celeiro da nova direita radical. **The Intercept**. 2019. Disponível em: theintercept.com/2019/01/09/youtube-direita/. Acesso em: 21 jul. 2021.

CASANOVA, P. G., **As novas Ciências e as Humanidades:** da academia à política, São Paulo: Ed. Boitempo, 2004.

CASTELLS, M. **A Era da Informação:** Economia Sociedade e Cultura Volume 1: A Sociedade em Rede, São Paulo: Ed. Paz e Terra, 2008.

CASTELLS, Manuel. **Ruptura:** A crise da democracia liberal. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

CESARINO, Letícia. Identidade e representação no bolsonarismo. Corpo digital do rei, bivalência conservadorismo-neoliberalismo e pessoa fractal. **Revista de Antropologia**, USP, v. 62, n.3, 2019.

CESARINO, Letícia. Como vencer uma eleição sem sair de casa: a ascensão do populismo digital no Brasil, **Internet & Sociedade** n.1, v.1, fevereiro, p. 91-120, in: revista.internetlab.org.br/wp-content/uploads/2020/02/Como-vencer-uma-eleição-sem-sair-de-casa.pdf, 2020a

CESARINO, Letícia. Coronavírus como força de mercado e o fim da sociedade. **Antropológicas Epidêmicas**, [s.l.], v. 2, 2020b. Disponível em: antropologicas-epidemicas.com.br/post/coronavírus-como-força-de-mercado-e-o-fim-da-sociedade. Acesso em: 13 jul. 2020.

CESARINO, Letícia. When Brazil's Voters Became Followers. **Anthropology News**, 14 set. 2020c. Disponível em: anthropology-news.org/articles/when-brazils-voters-became-followers-2/. Acesso em: 25 jul. 2021.

CEVASCO, M. E. **Para ler Raymond Williams**. São Paulo, Paz e Terra, 2001

CHENEY-LIPPOLD, J. A New Algorithmic Identity: Soft Biopolitics and the Modulation of Control. **Theory, Culture & Society** vol. 28(6): 164-181. 2011.

DAPP FGV. **"Nova oposição" reúne centro político, esquerda tradicional, youtubers e novos grupos antirracismo**. 2020a. Disponível em: bit.ly/3xW9S2F. Acesso em: 21. jul. 2021.

DAPP FGV. **Análise de rede: medidas contra a pandemia preocupam mais do que seu impacto econômico**. 2020b. Disponível em: observademocraciadigital.org/posts/analisis-de-redes-medidas-contra-la-pandemia-preocupan-mas-que-su-impacto-economico-2/. Acesso em: 25 jul. 2021.

DAPP FGV. **Bolsonaro é responsável por 58% das interações em posts de presidenciáveis; Twitter é a rede com maior equilíbrio entre possíveis candidatos**. 2021. Disponível em: observademocraciadigital.org/posts/bolsonaro-e-responsavel-por-58-das-interacoes-em-posts-de-presidenciaveis-twitter-e-a-rede-com-maior-equilibrio-entre-possiveis-candidatos/. Acesso em: 25. jul 2021.

DAPP FGV. **Metodologia.** 2012. Disponível em: observademocraciadigital.org/metodologia/. Acesso em 17. jul. 2021.

DAPP FGV. **Timeline**. 2020c. Disponível em: observademocraciadigital.org/timeline. Acesso em: 21. jul. 2021.

DARDOT, P. LAVAL, C. **A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal**. São Paulo: Boitempo, 2016.

DATAFOLHA. **Avaliação Presidente Jair Bolsonaro.** 2021. Disponível em: media.folha.uol.com.br/datafolha/2021/05/13/574c277a171a64f166dee28d083f08cfavbc.pdf. Acesso em 03. jul. 2021.

EATWEEL, R. GOODWIN, M. **National Populism:** The Revolt Against Liberal Democracy. London: Pelican, 2020.

FULLER, Mathew. "Introduction", *in*: FULLER, Mathew (org.). **Software Studies:** a lexicon. The MIT Press, 2008.

GALVÁN, I. E. **La lucha por la hegemonía durante el primer gobierno del MAS en Bolivia (2006-2009): un análisis discursivo**. Madrid: Universidad Complutense, tesis de doctorado. 2012. (Doutorado em Ciência Política) – Programa de doctorado Conflicto político y procesos de pacificación, Departamento de Ciencia Política y de la Administración II, Universidad Complutense de Madrid. Madrid, 2012.

GRAGNANI, Juliana. Exclusivo: investigação revela exército de perfis falsos usados para influenciar eleições no Brasil. **BBC News**, Brasil. 2017. Disponível em: bbc.com/portuguese/brasil-42172146. Acesso em: 21. jul. 2021.

HABERMAS, J. **Mudança estrutural da esfera pública**, São Paulo: Editora UNESP. 2011.

KORYBKO, A. **Guerras Híbridas:** das revoluções coloridas aos golpes. São Paulo: Expressão Popular, 2018.

LACLAU, E. **A Razão Populista**. São Paulo, Ed. Três Estrelas, 2013.

LACLAU, Ernesto. Discourse. *In*: GOODIN, Robert; PETTIT, Philip (eds.). **The Blackwell Companion to Contemporary Political Thought**. London: Blackwell, 1993.

LACLAU, Ernesto. **La Razón populista**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2007.

LACLAU, Ernesto. **Los fundamentos retóricos de la sociedad**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2014.

LACLAU, Ernesto. **Política e Ideologia na Teoria Marxista – Capitalismo, Fascismo e Populismo**. Rio de janeiro: Paz e Terra, 1978.

LACLAU, Ernesto. Populismo: que nos disse el nombre. *In*: PANIZA, Francisco (org.). **El populismo como espejo de la democracia.** Buenos Aires: Fondo de Cultura Econômica, 2009

LACLAU, Ernesto; MOUFFE, Chantal. **Hegemonia y estratégia socialista: Hacia una radicalización de la democracia**. Madrid: Siglo XXI, 2014.

LEVITSKY, Steven; ZIBLATT, Daniel. **Como as democracias morrem**. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

LION, D. Cultura da Vigilância: envolvimento, exposição e ética na modernidade digital. *In*: BRUNO, Fernanda et. al. (Ed.). **Tecnopolíticas da Vigilância:** perspectivas da margem, São Paulo: Boitempo, 2018.

MACHADO, Jorge; MISKOLCI, Richard. Das Jornadas de junho à cruzada moral: o papel das redes sociais na polarização política brasileira. **Sociologia & Antropologia**, v. 9, p. 945-970, 2019.

MADSEN, A.; FLYVERBOM, M.; HILBERT, M.; RUPPERT, E. "Big Data: Issues for an International Political Sociology of Data Practices". **International Political Sociology**, v.10, n.3, 2016, p. 275–296.

MARTIN-BARBERO, J. **Dos Meios às Mediações:** comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001.

MBEMBE, A. Necropolítica. **Arte & Ensaios** 32: 2016, 123-151.

MENDONÇA, Daniel de. A teoria da hegemonia de Ernesto Laclau e a análise política brasileira. **Ciências Sociais Unisinos**, v. 43, 2007, p.249-58.

MENDONÇA, Daniel de. Com o olhar "político" a partir da teoria do discurso. **Revista Brasileira de Ciência Política**, Brasília, n.1, 2009, p.153-69.

MOUFFE, Chantal. **Agonística.** Pensar el mundo politicamente. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2014.

MOUFFE, Chantal. For an Agonistic Model of Democracy. *In*: MOUFFE, Chantal. **The Democratic Paradox**. London: Verso, 2000.

MOUFFE, Chantal. **La Paradoja Democrática**: El Peligro del Consenso en la Política Contemporánea. Barcelona: Gedisa, 2003.

MOUFFE, Chantal. **Sobre o político**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2015.

MOUFFE, Chantal; GALVÁN, Iñigo Errejón. **Construir um povo**. Por uma radicalização da democracia. Paris: Éd

MOUNK, Yascha. **The People vs. Democracy: Why Our Freedom Is in Danger and How to Save It**. Cambridge: Harvard University Press, 2018.

O COMPORTAMENTO da TV durante a crise do coronavírus. [Locução de]: FERES JÚNIOR, João et. al. Local: Rio de Janeiro. **Podcast do Manchetômetro**, 3. abr. 2020. Podcast. Disponível em: anchor.fm/manchetometro/episodes/1-Podcast-do-Manchetmetro-o-comportamento-da-TV-durante-a-crise-do-coronavrus-ecbkk6. Acesso em: 21. jul. 2021.

O PODER do Whatsapp de manipular eleitores. **DW.** 2018. Disponível em: dw.com/pt-br/o-poder-do-whatsapp-de-manipular-eleitores/a-44916271. Acesso em: 21. jul. 2021.

PASQUINELLI, Matteo. Google's PageRank algorithm: A diagram of cognitive capitalism and the rentier of the common intellect. *In*: BECKER, Konrad; STALDER, Felix (eds). **Deep Search:** The Politics of Search Beyond Google, London:Transaction Publishers: 2009.

PINTO, A. V. **O Conceito de Tecnologia Volume II**, Rio de Janeiro: Contraponto, 2013.

RIBEIRO, Márcio Moretto; ORTELLADO, Pablo. O que são e como lidar com as notícias falsas**. SUR– Revista Internacional de Direitos Humanos**, São Paulo, n. 27, 2018. Disponível em: sur.conectas.org/wp content/uploads/2018/07/sur-27-portugues-marcio-moretto-ribeiro-pablo-ortellado.pdf. Acesso em: 25 jul. 2021.

ROSE, N. e MILLER, P. "Poder politico além do Estado: problemáticas de governo". **Governando o presente**. São Paulo: Paulus, 2012

ROUVROY, Antoinette; BERNS, Thomas. Governamentalidade algorítmica e perspectivas de emancipação: O Díspar como condição de individuação. *In*: BRUNO, Fernanda et. al. (Ed.). **Tecnopolíticas da Vigilância:** perspectivas da margem, São Paulo: Boitempo, 2018.

RUNCIMAN, David. **Como a democracia chega ao fim**. São Paulo: Todavia, 2018.

SANTOS, L. G**. Revolução Tecnológica Internet e Socialismo**, São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2003.

SILVEIRA, S. A. Governo dos Algoritmos. **Revista de Políticas Públicas**, EDUFMA. São Paulo.v. 21, n. 1, 2016, p. 267.281. DOI*:* dx.doi.org/10.18764/21782865

SILVEIRA, S. A., Para analisar o poder tecnológico como poder político, *In:* SILVEIRA, S. A., BRAGA, S., PENTEADO, C. **Cultura Política e Ativismo nas Redes Digitais**, São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2014

SNOWDEN, E. **Eterna Vigilância**, São Paulo: Ed. Planeta do Brasil, 2019.

SOUZA, J. AVELINO, R. SILVEIRA, S. A. **A Sociedade de Controle:** manipulaçãoo e modulação nas redes digitais. São Paulo: Ed. Hedra, 2019.

VAN DIJCK, J. **La cultura de la conectividad**. Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 2016

VEJA as manchetes e editoriais dos principais jornais hoje (17/03/2020). **Cidadania23**. 2020. Disponível em: cidadania23.org.br/2020/03/17/veja-as-manchetes-e-editoriais-dos-principais-jornais-hoje-17-03-2020/. Acesso em: 21. jul. 2021.

VIJAYARAGHAVAN, Abinaya; MUKHERJEE, Supantha. Cambridge Analytica, do caso Facebook, registra falência e muda de nome. **Brasil247**. Geral. 2018. Disponível em: brasil247.com/pt/digiclub/digiclub/355391/Cambridge-Analytica-do-caso-Facebook-registra-falência-e-muda-de-nome.htm. Acesso em: 21. jul. 2021.

WIENER, N. **Cybernetics or Control and Communication in the Animal and The Machine**, Cambridge: The MIT Press, 1962.

WILLIANS, R. **Culture and Society**, London: The Hogarth Press1958

WILLIANS, R. **La larga revolucion**. Buenos Aires: Nueva Vision, 2003

WILLIANS, R. **Televisão: tecnologia e forma cultural**. São Paulo: Boitempo, 2016

ZAFFARONI, Eugenio Raúl. La cuestión criminal. **Página 12**, Fascículos 1 al 8, 26 mai. 2011. Disponível em: pagina12.com.ar/especiales/archivo/zaffaroni_cuestion_criminal/1-8.la_cuestion_criminal.pdf. Acesso em: 25 jul. 2021.

ZUBOFF. Shoshana. “Big Other: Capitalismo da vigilância e perspectivas para uma civilização da informação” . *In*: BRUNO, Fernanda et. al. (Ed.). **Tecnopolíticas da Vigilância:** perspectivas da margem, São Paulo: Boitempo, 2018

5 . A eternização do presente e o futuro pós-pandemia[1]

Jorge O. Romano, Eduardo Britto Santos, Thais Ponciano Bittencourt, Liza Uema, Paulo Augusto André Balthazar, Annagesse de Carvalho Feitosa, Daniel S.S. Borges, Daniel Macedo Lopes Vasques Monteiro, Juanita Cuéllar Benavides, Paulo Petersen, Renan Alfenas de Mattos, Ricardo Dias, Ana Carolina Aguiar Simões Castilho, Caroline Boletta de Oliveira Aguiar, Érika Toth Souza, Juana dos Santos Pereira, Larissa Rodrigues Ferreira, Myriam Martinez dos Santos, Pamella Silvestre de Assumpção, e Vanessa Barroso Barreto[2]

Olhar para a pandemia da Covid-19 como acontecimento (HAN, 2020) — como apontávamos no primeiro capítulo deste livro — por um lado, permite enfatizar as dimensões não previstas da pandemia. Por exemplo, a de criar fissuras e até romper com as regularidades e com as padronizações envolvidas na capacidade de projetar e gerir o mundo a partir de mudanças nas disputas hegemônicas de discursos, abrindo, assim, espaços para diferentes futuros. Ao se relacionar com o singular, com o desvio e com o imponderável, o acontecimento permite romper com a política foucaultiana enquanto

1 . Uma primeira versão deste texto foi divulgada através do Le Monde Diplomatique Brasil online, na série Populismo e Crise: Disponível em: diplomatique.org.br/especial/populismo-e-crises/.

2 . Os autores são pesquisadoras e pesquisadores do grupo de pesquisa "Discurso, Redes Sociais e Identidades Sócio-Políticas (DISCURSO)" vinculado ao Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento Agricultura e Sociedade e ao Curso de Relações Internacionais do DDAS/ICHS da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, registrado no CNPq e com apoio de ActionAid Brasil.

gestão biopolítica de corpos e de populações abrindo as portas para o político laclauniano[3] como criação coletiva — e contingente — de novas articulações políticas e identitárias.

Mas, ao mesmo tempo, esse olhar como acontecimento também aponta para um fenômeno de decalque nas dinâmicas que organizam e estruturam as relações sociais. Decalcar é produzir uma cópia, transferir uma imagem de um plano para outro. No caso da pandemia, essa operação de decalcar transfere do plano historicamente ocultado, socialmente normalizado e ideologicamente naturalizado ao nível manifesto da disputa hegemônica as relações estruturantes das dinâmicas sociais. Isto é, as relações que produzem as desigualdades econômicas, políticas, geopolíticas, de gênero, de raça e todas as demais que organizam e regem de forma sistêmica a existência dos países, das sociedades e seus relacionamentos. O decalque criaria condições de vislumbrar a natureza profunda, as fontes e valores dessas dominações que colocam em movimento as sociedades. Um acontecimento como a pandemia, ao decalcar esse real entrelaçado e interdependente, coloca na ordem do dia a disputa hegemônica entre projetos para o futuro de nossas sociedades.

Um conjunto de intelectuais e de lideranças de movimentos sociais alargam o debate público sobre o conteúdo desse futuro pós-pandemia, sobre o que e como reproduzi-lo ou reformá-lo. Este é o tema que será abordado neste capítulo.

Começaremos por discutir a extensão do tempo da pandemia a partir do que chamamos aqui de *pré-futuro* ou eternização do presente. Seja em alguns países, por nunca terem saído desse momento diante do predomínio hegemônico do discurso negacionista[4] — o que está levando à continuidade dos contágios e das mortes sem um horizonte claro de reversão (apesar das falas otimistas ou descontextualizadas dos governantes). Seja por novos

3 . Lembrando que o político tem a ver com o nível ontológico, enquanto dimensão do antagonismo constitutiva das sociedades humanas. A política tem a ver com o nível ôntico, enquanto o conjunto de práticas e instituições através das quais se cria uma determinada ordem, organizando a coexistência humana no contexto da coletividade derivada do político (MOUFFE, Chantal. **En torno a lo político**. Buenos Aires, Fondo de Cultura Económica, 2011)

4 . Incluindo não só falas, mas também práticas e ações no sentido de Laclau.

surtos de contaminação em outros países, onde, predominando o discurso científico de isolamento social e outras medidas de preservação da vida, inicialmente se conseguiu reverter substancialmente as curvas de contágio e mortes, mas hoje vivenciam a volta ao presente eterno da pandemia com o cansaço da população e/ou o relaxamento antecipado do isolamento.

Pré-Futuro ou eternização do presente: Alô COVIIIIID!!!

A *gripezinha,* o *e daí?*[5] e outros comentários recentes do presidente do Brasil, assim como as aglomerações de pessoas sem máscaras de proteção desrespeitando o distanciamento social em várias cidades do país foram noticiadas amplamente por diferentes meios de comunicação. Essas cenas não são exclusivas do Brasil, se reproduzem em diversos países, assim como as falas e performances equivalentes — ainda que talvez não tão depreciativas — de outras lideranças negacionistas, sejam as que ocupam os principais cargos governamentais (como o presidente de Estados Unidos) ou as que fazem parte de grupos e setores oposicionistas, desde neonazistas na Alemanha e apoiadores do Vox na Espanha, até signatários da Fundação Internacional para a Liberdade (FIL), como Vargas Llosa, Macri e críticos do isolamento que criticam as *atitudes desmedidas de governos latino-americanos* por *restringirem indefinidamente liberdades e direitos individuais*.

Assim, não seria estranho ouvir durante o pré-futuro o refrão irônico de um samba carnavalesco *Alôooo COVIIIIID!!* diante do tratamento irresponsável negacionista dado por governos e pelo comportamento desleixado e debochado de grupos de auto-*desconfinados* durante a pandemia. Esse possível refrão, assim como o concreto *e daí?* têm, de fato, uma intencionalidade política. O deboche e a minimização da tragédia procuram ocultar a incapacidade de oferecer um futuro, vendendo um passado que prega a volta à normalidade econômica pré-existente (BLUM, 2020) .

5 . Metodologicamente, ao longo do texto pusemos em itálico palavras ou significados tanto expressos por atores específicos em textos, mídias tradicionais e mídias sociais como aquelas que achamos adequadas, em termos de significado, pelo trabalho analítico e que gostaríamos de destacar.

Porém, essa minimização intencional da pandemia e de suas consequências pelo discurso negacionista dos governos têm tornado mais longa a presença do vírus e a tragédia sanitária que assolam os países. Se por um lado o cansaço do confinamento afeta a percepção das pessoas sobre os riscos de desrespeitarem os protocolos de segurança, como o distanciamento social e o uso de máscaras de proteção e álcool em gel ou álcool líquido 70% de concentração, esse comportamento imprudente e indiferente também é um produto político. O discurso negacionista da minimização — habitado no caso brasileiro na expressão *e daí*? do presidente — ganhou espaço e foi incorporado em parcelas significativas das respectivas sociedades, seja do Brasil, dos EUA e até de países como a Argentina, onde o negacionismo é reproduzido por grupos de oposição ao governo e não pelas autoridades. Em todos esses países, é comum encontrarmos nas mídias sociais comparações com outras doenças graves, como o número crescente de assassinatos para justificar que a pandemia não é tão grave assim, que há um exagero nas políticas de isolamento social até mesmo justificado no perfil das mortes que atinge em sua maioria a população idosa. Conforme Laclau (2007), sendo a política contingente, o discurso político muda e se ajusta aos contextos[6].

No caso brasileiro, após o *e daí*?, entre outras afirmações do mesmo gênero de menosprezo, o presidente, ao assinar documento que libera recursos para a compra de uma vacina, afirmou que *temos como dizer que fizemos o possível e o impossível para salvar vidas — da Covid-19 — apesar daqueles que teimam em dizer o contrário*. Essa atualização do discurso que se quer hegemônico não pretende ser fiel à verdade — *fizemos o possível e o impossível* —, nem apagar os atos recentes de estímulo às aglomerações e as performances de levantar a caixa de cloroquina — um remédio ainda controverso e sem comprovação científica quanto à sua eficácia no tratamento para a Covid-19 — diante de uma multidão de apoiadores como se estivesse em um culto, ou para uma ema que habita os jardins do Palácio da Alvorada. Mas ele procura

6 . Os discursos podem ocupar uma posição dominante em um determinado contexto, e em outro, não, por isso, a necessidade de uma permanente atualização do seu significado para que a hegemonia de um projeto político específico se mantenha na dianteira, e consiga se impor frente às alternativas opostas.

encobrir que após meses de pandemia foram destinados apenas um terço dos recursos previstos para o seu combate nos Estados, sendo que os hospitais carecem de recursos financeiros; além da demissão de ministros que tinham um discurso oposto — o *científico* no enfrentamento da pandemia. A marca de 100.000 mortes é banalizada: é preciso tocar a vida. E a obrigação do governo de garantir a saúde pública não é assumida quando o presidente aconselha às pessoas que busquem uma maneira de *se safar da doença.* Ao mesmo tempo, a estratégia discursiva procura transferir a responsabilidade pelo desemprego e os problemas econômicos gerados pela eternização do presente pandêmico com o negacionismo, aos governadores que adotaram o discurso científico e as ações recomendadas de salvaguarda da vida para garantir pessoas saudáveis que possam dinamizar a economia.

Esses ajustes e atualizações no discurso político negacionista, ora mais agressivo, ora menos agressivo, são expressão prática de um projeto hegemônico particular que tem por conteúdo simbólico a banalização da morte, como escreve o filósofo Vladimir Safatle (2020). Para ele, no caso brasileiro, o desenvolvimento foi fundado no apagamento dos genocídios indígenas, das mortes encobertas da ditadura e da violência da escravidão. Esse apagamento é a base para a construção de uma engenharia da indiferença, cuja principal força reside na indiferença à morte: *cozinhar os afetos sociais no fogo brando da indiferença é a base de toda uma engenharia social; não há fundamento mais forte da produção da indiferença do que a indiferença à morte*. É a desafeição do combustível que queimaria toda forma de solidariedade voltada para a construção de um projeto inclusivo social e economicamente. Impedir o reforço de laços transversais de solidariedade — fortalecendo o individualismo do *safar da doença* — é parte central do discurso negacionista com sua banalização da morte, fundada na engenheira da indiferença construída ao longo do tempo no país.

Ao mesmo tempo, como afirma Safatle, se a banalização da morte faz parte de um projeto político, então temos uma decisão política cuja aparência é a de uma não decisão, já que nenhum governante irá declarar publicamente que tomou a decisão de banalizar a morte dos seus governados. A aparente inoperância técnica ou o despreparo político do atual governo, pro-

clamado por alguns de seus adversários, não seria um paradoxo. Segundo Gabriela Lotta — seguindo uma máxima da ciência política formulada por Peter Bachrach e Morton S. Baratz em 1963 —, em política, *a não decisão é também uma forma específica de decisão política*. Isto é, *quando um governo decide se omitir sobre determinado assunto público, ele está tomando uma decisão de não aplicar recursos ou dar direcionamento para a questão*. A omissão não é trivial, já que pelo geral acarreta graves consequências sobre os governados[7]. O atual governo brasileiro deu primorosas lições sobre a não decisão como uma forma de decisão. A primeira delas — e a mais clássica — é quando o governo não define metas e não dá diretrizes. Isso seria uma forma de não tomar decisões sobre o futuro. A segunda forma de não decisão é protelar decisões sobre processos que dependem apenas e exclusivamente da anuência do governo, o que acarreta atrasos na execução de planos e programas, paralisando toda a cadeia decisória. A não liberação de recursos para programas essenciais é uma dessas decisões deliberadas (SAFATLE, 2020). Assim, as não decisões presentes na estratégia negacionista no enfrentamento à pandemia de Covid-19 fazem parte de um projeto político hegemônico. E no cotidiano, quem sofre com essa não decisão, são os usuários dos serviços de saúde de estados e municípios que ficam com o pires na mão esperando recursos federais que não chegam, assim como os milhares de mortos e contaminados resultado tanto de políticas intencionalmente não realizadas como do negacionismo de governantes e de seus seguidores.

O fim deste presente eterno da pandemia estaria dado pela produção e, sobretudo, pelo acesso das populações dos diversos países a uma vacina que crie a imunização necessária para enfrentar a Covid-19. Ao mesmo tempo, a corrida pela vacina que atualmente se manifesta envolve os principais atores geopolíticos. O uso político dessa corrida pelos governos em seus próprios países e a definição e acesso da vacina como um bem universal ou privado também são indicadores, no pré-futuro, do porvir que se avizinha.

7 . LOTTA, 2020.

Um indicador no pré-futuro: a vacina, bem universal ou privado?

Após meses de duração da pandemia e a partir da confirmação oficial feita pela Organização Mundial da Saúde — expressivos 21 milhões de casos e mais de 776 mil mortes confirmadas (DONG; DU; GARDNER, 2019) — um fator permanece constante neste presente que se vivencia como eterno: a ameaça da pandemia para a saúde e segurança internacionais enquanto não houver uma vacinação massiva para conter sua propagação. Assim, a corrida para desenvolver essa tecnologia é um reflexo do que uma mudança capaz de determinar a direção resultante ou, ao menos, uma tendência em meio às incertezas e disputas ocasionadas pelo acontecimento pandêmico podem representar. No entanto, cabe questionar se esse advento seria a esperança dos ideais de cooperação internacional ou um catalisador da mudança hierárquica de poder[8].

Partindo dessa perspectiva, o discurso científico se insere em prol da cooperação internacional como defendido pela OMS e por países como China e França, que incentivam que *a vacina deve ser um bem público global*[9]. À primeira vista, essa lógica pode ser entendida como *solidariedade,* mas, para além disso, também representa preocupação com a segurança internacional, pois compreende-se que uma propagação de epidemias em qualquer país põe em risco toda a espécie humana[10]. Por conseguinte, a vacina toma um grau de importância a nível internacional que não só pode ser usada como um bem comum, mas também como uma demonstração de poder pelos países que são capazes de produzir essa tecnologia em suas indústrias farmacêuticas nacionais, assim como entre aqueles que podem financiar pesquisas e comprar lotes exclusivos em fase de teste, a exemplo da aquisição de todas as vacinas dos laboratórios Pfizer e BioNTech pelo governo esta-

8 . Segundo a teoria realista de relações internacionais, os Estados buscam a manutenção e maximização em termos de poder no sistema internacional e, para isso, alguns elementos de poder nacional são desejáveis pelas grandes potências para demonstração de poderio, como a capacidade industrial e tecnologia, sobretudo para fins bélicos. Entretanto, não se deve desconsiderar a ampliação do uso tecnológico na atual conjuntura e suas possíveis aplicações. Ver: MORGENTHAU, Hans. **A política entre as nações:** a luta pelo poder e pela paz. Brasília, UnB, 2003 [1948] e MEARSHEIMER, John. **A tragédia da política das grandes potências**. Lisboa: Editora Gradiva, 2007.

9 . G1, 2020.

10 . HARARI, 2020.

dunidense (GAYER, 2020). Logo, a vacina pode ser utilizada tanto em nome da universalização quanto da privatização do conhecimento científico para beneficiar a *América primeiro* ou quem puder pagar.

Ademais, a pandemia também evidenciou o acirramento das tensões geopolíticas pré-existentes, sobretudo entre Estados Unidos, China e Rússia. Isso porque guerras comerciais, desconfiança na transparência dos governos e disputas pela tecnologia 5G já estavam em curso e eram inerentes ao contexto de competição pela influência dentro da comunidade internacional. Em consonância, o pioneirismo no desenvolvimento ou detenção da vacina poderia alterar o equilíbrio de poder, sobretudo ao ocorrer no Oriente. Para a China, a profilaxia poderia mudar a imagem de desconfiança acerca da origem e condução do novo coronavírus e auxiliar a narrativa de solidariedade por meio da capacidade de pesquisa do sistema chinês (KIRBY, 2020). Para a Rússia, o desenvolvimento da vacina é, segundo Kirill Dmitriev — diretor de um fundo soberano russo financiador do suprimento — *Um momento Sputnik*, uma vez que, *os americanos ficaram surpresos quando ouviram os sons do Sputnik*[11]. É o mesmo com a vacina, a Rússia tem chegado lá primeiro, evidenciando na atual conjuntura a existência de concorrência em termos demonstração de poder, como nos episódios de corrida espacial da Guerra Fria. No início de agosto de 2020, a Rússia anunciou o êxito no descobrimento da vacina e começou a sua produção em larga escala, mesmo antes da divulgação dos testes finais. Isso levou a questionamentos por parte das potências ocidentais sobre a veracidade e efetividade dos resultados alcançados. No caso dos Estados Unidos, a obtenção da vacina o quanto antes poderia significar uma atenuação, tanto da crise sanitária instaurada no país líder de casos no mundo, quanto da crise política, caso Trump conseguisse exclusividade para os cidadãos norte-americanos e uma oportunidade de reabertura econômica para o *país mais poderoso economicamente do mundo*.

Dessa forma, a vacina demonstra uma vantagem geopolítica ao país produtor sem excluir a possibilidade de ganhos econômicos a quem mono-

11 . SANT'ANNA, 2020.

polizar essa tecnologia. O que justifica o conflito perante as acusações de espionagem digital feitas pelos serviços de inteligência dos Estados Unidos, Canadá e Reino Unido (NCSC, 2020) contra supostos hackers russos que quase *certamente fazem parte dos serviços de inteligência russos*. Sob pretexto semelhante, os Estados Unidos também fecharam o consulado chinês em Houston[12] no final de julho para *proteger a propriedade intelectual e as informações privadas dos americanos* e, em contrapartida, o governo chinês fechou o consulado estadunidense em Chengdu[13]. Tais atitudes levantam questionamentos perante a possível fragilidade acerca da narrativa da vacina enquanto bem comum universal, e aqui cabe evocar o conceito de comum como algo compartilhado por uma comunidade e contra a lógica cada vez mais privatizada do paradigma neoliberal (SAVAZONI, 2018) que não estaria imune aos precedentes impasses diplomáticos e nem à lógica capitalista de lucro.

Para além da questão geopolítica, em torno de 392 vacinas contra a Covid-19 estão sendo pesquisadas em todo mundo. Dentre elas, 21 foram aprovadas para uso — ainda que emergencial — e aproximadamente 130 estão em fase de ensaio clínico — ou seja, já estão sendo testadas em seres humanos.[14] No Brasil, até julho de 2021, 6 desses imunizantes têm o aval da ANVISA para aplicação: CoronaVac, produzida pelo o Instituto Butantan em parceria com empresa chinesa Sinovac; AstraZeneca, desenvolvida pelo laboratório anglo-sueco juntamente com a Universidade de Oxford e sendo produzida pela Fiocruz; Pfizer, fruto da colaboração entre a farmacêutica americana com a empresa alemã BioNTech; Janssen, da americana Johnson & Johnson; Sputnik V, do Instituto Gamaleya da Rússia; e Covaxin, da empresa indiana Bharat Biotech (PEIXOTO, 2021).

12 . G1, 2020.

13 . UOL, 2020.

14 . MCGILL COVID19 VACCINE TRACKER TEAM, 2021.

(Foto: Agência de Notícias Xinhua)

Dadas as incertezas ainda vigentes, tendo em vista que o sistema internacional é marcado por discrepâncias no acesso aos direitos básicos de saúde, principalmente nos países periféricos, não só a propagação da Covid-19, mas também o acesso à sua vacina obedeceria à *redistribuição desigual da vulnerabilidade*[15]. Dessa maneira, a desigualdade é outro fator que pode ser potencializado pela disputa hegemônica porque distinguiria as grandes potências detentoras de poder econômico para investir nas vacinas dos demais países que dependeriam da solidariedade das organizações internacionais.

O acontecimento da pandemia tende a deixar a hegemonia em suspense e a vacina pode retratar uma inclinação de saída dessa incerteza em termos de futuros possíveis. Contudo, apesar das perspectivas mencionadas anteriormente, como as disputas ainda estão em curso, ainda não haveria condições de afirmar qual cenário será definido com exatidão. O futuro continua em aberto. Nos pontos seguintes, procuramos recuperar um leque de olhares diversos que vão desde a consolidação da dominação neoliberal através do Estado de exceção e a biopolítica digital, passando por soluções reformistas de um novo Estado de bem-estar social ou um socialismo participativo, até a recriação do comunismo.

15 . MBEMBE, 2020.

O futuro em aberto: da exacerbação da dominação neoliberal ao socialismo participativo

Um vírus partiu de um meio social local, se expandiu em escala planetária e atingiu quase a totalidade dos países do globo. David Harvey (2020) atribui a essa rápida expansão o atual estágio do capitalismo global, em que há uma mobilidade por meios rápidos de transporte que promoveu uma integração acelerada entre os países para fortalecer o consumismo instantâneo — marca central da circulação de uma parte dos capitais da acumulação capitalista. Além disso, não havia estudos em desenvolvimento para prevenir uma pandemia desse tipo devido à falta de interesse da indústria farmacêutica, já que não é lucrativo investir em prevenção e gastar centenas de milhões de dólares em pesquisas de novos patógenos para desenvolver vacinas e remédios. Através de uma releitura da teoria do sistema-mundo de Wallerstein (1974), Grosfoguel (2020) sugere que existem dois mundos, um antes e um depois da pandemia. Isto é, a pandemia teria acelerado o processo de mudança do centro hegemônico do sistema-mundo capitalista. Nesse sentido, valendo-se também da teoria proposta por Arrighi, defende que atualmente a China assume a posição de hegemon antes ocupada pelos Estados Unidos (GROSFOGUEL, 2021 apud ARRIGHI, 2007). A queda da bolsa de valores em 2020 e a atitude chinesa de comprar todas as ações de grandes empresas transnacionais, exemplificam essa mudança, e indicam um processo de terceiromundialização dos Estados Unidos, que, em resposta, potencializariam o risco militar em escala global — principalmente na América Latina. Assim sendo, cabe ressaltar a necessidade do surgimento de novas categorias de análise, uma vez que os impérios ocidentais agiam com uma lógica de empobrecimento dos demais países, o que difere da política chinesa. Para Grosfoguel (2020), o futuro guarda um novo capitalismo global que não será neoliberal, mas um modelo em que os Estados terão influência direta na gestão econômica. A partir disso surgiriam dois possíveis cenários: O primeiro contaria com os movimentos sociais como vencedores, e resultaria em um sis-

tema mundo mais igualitário; Já o segundo, seria fruto das demandas das elites capitalistas, gerando um sistema pior que o atual. A definição do que o pós-pandemia nos guarda, dependeria de quem vencerá essa luta.

Para Ignácio Ramonet, apesar da velha normalidade ter gerado a pandemia, o *mainstream* neoliberal procurará recuperar esse normal pelos efeitos do que Naomi Klein aponta como *capitalismo do shock* através do aprofundamento da dominação neoliberal, financeira e predatória, manipulando a crise para criar mais desigualdades, mais exploração e mais injustiças[16]. As medidas de controle estabelecidas pela China, Cingapura e outros países asiáticos foram rígidas. Testagem massiva, confinamento extremo e controle da mobilidade dos indivíduos por rastreamento dos sinais de celulares e punições (com prisões) aos que desrespeitassem as regras estabelecidas. Esse modelo de controle, também utilizado de forma mais branda na Europa, foi objeto de críticas. Giorgio Agamben[17] alerta para o que está subjacente a ele: experimentar a implementação do estado de exceção pela expansão do controle das liberdades individuais. Todo indivíduo, sendo um potencial *infestador*, é motivo para se alastrar, pelo medo, pela comoção e por políticas de restrição próprias de um estado de exceção. O modelo do Estado chinês como polícia digital, dado ao seu sucesso no combate à pandemia, poderia ser espalhado para outras regiões do globo, se estabelecendo como uma nova política de controle estatal. Um novo normal pós-pandemia.

O filósofo esloveno Slavoj Zizek (2020) vai em direção contrária. Em artigo de nome sugestivo, intitulado *Coronavírus é um golpe no capitalismo ao estilo "Kill Bill" e pode conduzir a uma reinvenção do Comunismo*, ele usa como metáfora um golpe mítico do Kung Fu aplicado em uma cena do filme de Tarantino *Kill Bill* para ilustrar o efeito radical que teria a pandemia no capitalismo. O golpe chama-se a técnica do coração explosivo da palma da mão em 5 pontos:

16 . RAMONET, 2020

17 . AGAMBEN, 2020.

> *O que torna esse golpe tão fascinante é o tempo entre ser atingido e o momento da morte: posso ter uma conversa agradável enquanto me sinto calmo, mas tenho consciência de todo esse tempo que, no momento em que começo a andar, meu coração vai explodir. E eu cairei morto. (ZIZEK, 2020)*

Assim, as mudanças advindas dessa pandemia teriam o efeito desse golpe. Não se poderia mais viver da forma como vivíamos. Se a pandemia colocou na ordem do dia ideologias nazifascistas, propiciará também o surgimento de propostas alternativas de sociedade baseadas na solidariedade e na cooperação global. O impacto que se sentirá na economia indicará o caminho para essa mudança de pensamento e a construção de novas bases de uma sociedade solidária. Já que o vírus atinge todos, todos estariam no mesmo barco. Na vida cotidiana, outras catástrofes estão ocorrendo, como aquecimento global, secas, ondas de calor e tempestades. Essas catástrofes nos impulsionariam a pensar, por exemplo, em um sistema solidário de saúde global; a indústria automobilística em crise nos levaria a apontar saídas para uma vida sem poluição do ar, sem uso de combustíveis fósseis e, para além disso, uma reorganização da economia global não sujeitada aos ditames das regras de um mercado animista: *o mercado está nervoso!*. Citando o primeiro-ministro húngaro Viktor Orban que recentemente declarou que *não existe liberal. Um liberal nada mais é do que um comunista com um diploma,* Zizek conclama àqueles que ainda se identificam com o comunismo a defenderem as liberdades em crise: *se designarmos como liberais todos aqueles que se preocupam com nossas liberdades e como comunistas aqueles que sabem que só podemos salvar essas liberdades com mudanças radicais à medida que o capitalismo global se aproxima de uma crise,* ele propõe então um comunismo renovado com uma espécie de coordenação global para se construir uma sociedade alternativa[18].

18 . ŽIZEK, 2020

Byung-Chul Han (HAN, 2020) considera que Zizek está errado: *isso não acontecerá*. O vírus não irá transformar as sociedades garantindo mais liberdades sob uma nova forma de comunismo. A pandemia não foi só combatida por virologistas, mas juntamente com profissionais da computação e especialistas em *big data*: *não só os profissionais da saúde salvam vidas, os do mundo digital também*. Em países asiáticos, as companhias de telefonia móvel e internet partilharam seus dados confidenciais dos usuários com as autoridades sanitárias. Ainda segundo Han, na China, o *Estado sabe onde estou, com quem estou, o que faço, o que procuro, o que penso, o que como, o que compro, para onde vou.* Assim *é possível que no futuro o Estado também controle a temperatura corporal, peso, nível de açúcar no sangue, etc.* Essa dinâmica estaria dando nascimento a *uma biopolítica digital que acompanha a psicopolítica digital que controla ativamente as pessoas*. Em diversos países, a vigilância digital já estava instalada antes mesmo da pandemia, através de câmeras nas grandes cidades que chegam a identificar os indivíduos pela sua forma de andar (pois a forma de andar é como uma digital, é única). Ou de tecnologias utilizadas para monitorar as emoções dos trabalhadores da indústria e assim controlar soluções com vistas ao aumento da produtividade[19]. A vigilância digital também se manifesta na China através do crédito social, um sistema de pontos que visa avaliar — e padronizar — comportamentos de indivíduos e empresas. Quanto melhor ajustado for o comportamento desses indivíduos e empresas aos critérios determinados pelo Estado, mais pontos e mais benefícios eles ganham (LIY, 2016). Para Han, se esse sistema se expandir na Europa com a mesma eficiência que existe na China, então, Giorgio Agamben terá razão, pois o estado de exceção se tornaria a situação normal[20].

Com efeito, para Daren Acemoglu (ACEMOGLU, 2020), economista do M.I.T., esse modelo de controle desenvolvido pelo Estado chinês pode se expandir para outros países. Acemoglu considera que a instabilidade profunda pode

19 . Para Shoshana Zuboff (2018), o capitalismo de vigilância seria a nova forma de acumulação do capital. Extrair dados, analisá-los e transformá-los em ativos digitais representaria uma quarta mercadoria fictícia: o comportamento. A própria realidade está passando pelo mesmo tipo de metamorfose fictícia — destacada por Polanyi — porque passaram as pessoas, a natureza e a troca, sendo agora subjugada à mercantilização e renasce como comportamento.

20 . HAN, 2020

eliminar mudanças institucionais sem que se saiba com certeza a direção delas. Cada tipo de sociedade, dependendo das estruturas de poder, de suas instituições, de suas lideranças políticas, entre outras variáveis, dará diferentes direções a essas mudanças. Ele chama a situação atual de *conjuntura crítica*. São quatro os cenários que essa conjuntura sugere.

O primeiro deles é chamado de *negócios trágicos como sempre*. Ele afirma que *parafraseando Karl Marx, a história do presente disfuncional simplesmente se repete*. Nesse cenário, não fazemos nenhum esforço sério para reformar nossas instituições em falência ou abordar as desigualdades econômicas e sociais que se tornaram endêmicas. Este seria um cenário muito provável já que ao não dar força ao *papel da especialização e da ciência em tomada de decisões*, as sociedades aceitam a polarização existente, o que levaria ao colapso da confiança no que é público. A herança da crise atual seria marcada pelo aumento do poder dos governos sem condições ou vontade política para resolver outras emergências públicas de mesma amplitude. O descrédito desses tipos de governo, expresso pela lacuna entre a expectativa das pessoas e a capacidade de atendê-las, poderia desintegrar a democracia e dar espaço ao surgimento de formações políticas *ainda piores* do que os *nacionalismos populistas*[21].

O segundo cenário possível seria o de uma renovação com características chinesas ou *China-lite (China Leve)*. Segundo Acemoglu, vivemos na atual conjuntura crítica um momento *hobbesiano*. Hobbes *acreditava que qualquer população humana requer um estado todo-poderoso para manter os indivíduos a salvo uns dos outros*. A sociedade *prosperaria se submetesse sua vontade ao Leviatã*. Em tempos *de profunda incerteza, quando há necessidade de coordenação e liderança de alto nível, o primeiro instinto de muitas pessoas é recorrer novamente às soluções hobbesianas*[22]. A China é o caso emblemático desse cenário. O discurso atual é de que suas estruturas tecnológicas de vigilância da vida social, pré-existentes à pandemia, foram exitosas no controle do vírus. Os cidadãos de outros países avançados poderiam renun-

21 . ACEMOGLU, 2020

22 . Ibidem 21

ciar à privacidade de seus dados em nome dessa eficiência para garantir uma governança capaz de lidar com desafios de mesma monta. Mas há outra tese, igualmente central neste cenário proposto, de que na experiência das duas guerras mundiais do século XX, os impostos e os altos gastos do governo quando se expandem, tendem a se manter nesses níveis. O exemplo citado é o poder estatal de vigilância nos EUA, delegado às agências como o FBI e a CIA, permanentemente ampliados, apesar de crises pontuais. Sua expansão maior se deu após os ataques do 11 de setembro[23].

O terceiro cenário é o que ele chama de *domínio da tecnologia ou a servidão digital.* Em razão do fracasso do presidente Trump em combater a pandemia, a sociedade dos EUA poderia perder a confiança no governo e em suas instituições e teria como alternativa legitimar a necessidade de uma coordenação generalizada para a gestão de novas crises. Essa coordenação poderia ser exercida por empresas privadas (como Apple e Google, que já propuseram parceria para o rastreamento de pessoas por meio de seus dispositivos IOS e Android), para o gerenciamento de testes e outras ações de controle. Para além do gerenciamento e controle desse tipo de crise, as empresas privadas de tecnologia estão desenvolvendo alternativas baseadas na inteligência artificial e automação para manterem as atividades econômicas funcionando durante o período de duração das medidas de isolamento social e confinamento. Se essa tendência for indispensável*, as empresas privadas por detrás delas acumularão mais poder e na ausência de uma alternativa viável baseada no Estado, o público pode expressar poucas objeções.* As empresas de controle digital *continuarão a coletar dados pessoais e a manipular o comportamento dos usuários.* E o governo *se tornaria numa espécie de servo do Vale do Silício*. Uma consequência desse cenário seria a exigência de mais governos eletrônicos por parte dessas empresas, assim como o estabelecimento de uma renda universal para mitigar as desigualdades provenientes de uma economia cada vez mais descolada de suas bases materiais e de pouco uso de mão-de-obra. O descontentamento social cresceria, já que os

23 . Ibidem 21

recursos dessa renda seriam insuficientes e a ausência de uma perspectiva de mobilidade socioeconômica é certa. Para Acemoglu, a longo prazo, esse *terceiro caminho chegaria ao mesmo destino distópico dos dois primeiros*[24].

A saída seria o quarto cenário, *um Estado de bem-estar 3.0*. Diferentemente das duas primeiras versões do Estado de bem-estar surgidas após a grande depressão e a segunda guerra mundial (sendo a primeira versão a que institui políticas de proteção social e a segunda onde essas políticas são progressivamente precarizadas), a terceira versão deveria ser marcada pelo fortalecimento das responsabilidades do Estado, da participação democrática e das instituições. Teria como exemplo o que que foi a Suécia, nos anos 30, e em seguida no resto da Escandinávia, Europa Ocidental e EUA, onde o *Estado assumiu mais responsabilidades e cresceu, mas a democracia se aprofundou e a participação política popular se expandiu.* Essa proposta pode ser ilusória, uma letra de intenções, pois não é nada fácil construir esse novo Estado nos tempos atuais. Entretanto, assinala Acemoglu, *em um momento de polarização sem paralelo, de normas democráticas em colapso e de capacidade institucional em declínio, um Estado de bem-estar reformado e renovado é uma tarefa difícil.* Porém, *como a geração da Segunda Guerra Mundial, não haveria outra escolha senão tentar*[25].

Entretanto, para outros intelectuais, o cenário do Estado de Bem Estar 3.0 não seria suficiente. Thomas Piketty manifesta sua decepção com a social-democracia. Assim como Acemoglu, ele recupera o seu êxito em reduzir significativamente as desigualdades, em especial na Suécia, a partir da década de 30, mas também e talvez em menor grau, em outras partes do mundo. No entanto, a social-democracia do tipo escandinavo estaria ameaçada pela liberalização dos fluxos de capital e das reformas iniciadas nos anos 90, após a crise bancária, como a redução de impostos em geral e a eliminação do imposto sobre grandes fortunas. Isso poderia trazer fragilidades ao regime sueco no longo prazo. Para Piketty, o problema principal é que a socialdemocracia não pensou em uma transição para o socialismo, ou seja:

24 . Ibidem 21

25 . Ibidem 21

não se pensou a globalização de maneira socialista. Os partidos de centro esquerda seriam uma *esquerda brâmane* constituída de uma elite instruída que estaria desfrutando dos benefícios da tradicional *direita comercial,* o que provocaria resistências em avançar na construção de uma sociedade mais igualitária. A sua proposta é a de um *socialismo participativo*. Para superar o capitalismo, é necessário *estabelecer a propriedade social e a participação nas decisões*. Em parte, isso já existe na Europa, particularmente na Alemanha e na Suécia, onde até 50% do direito de voto é destinado aos representantes dos operários. Isso permite maior participação e engajamento nas empresas. Ele propõe a expansão desse sistema a todos os países. A sua tese é a de que o mundo não precisa de pessoas com muitos bilhões de euros. A distribuição de uma herança mínima de 120 mil euros para todos aos 25 anos dinamizaria a economia, pois nas sociedades com alta concentração de renda, não é verdadeira a hipótese de que elas produzem mais crescimento e inovação, ao contrário da distribuição permanente de renda. Para Piketty, além das importantes implicações que tem a política na produção das desigualdades, a ideologia seria o principal fator determinante delas. Assim, para construir uma ideologia formadora de sociedades mais justas é necessária uma mobilização política e ideológica[26].

Ao longo deste texto, identificamos visões e cenários que poderiam ser organizados num debate sobre o futuro. Por exemplo: a reinvenção do comunismo vs. uma virada autoritária do capitalismo neoliberal através da normalização do Estado de exceção e/ou a utilização de tecnologias de controle e manipulação dos indivíduos expressos nos conceitos de biopolítica, psicopolítica e capitalismo de vigilância. Ou das propostas de caráter mais reformista dos sistemas, como a construção de um Estado de bem-estar social 3.0 vs. o socialismo participativo com amplo engajamento dos trabalhadores na dinâmica das instituições e permanente distribuição de renda.

Para além desses debates, há outras questões e olhares no campo discursivo sobre o futuro pós-pandemia que abrem caminhos de renovação ou

26 . MOREIRA, 2020

até de transformação do sistema existente. No próximo capítulo, trataremos dessas possibilidades, assim como da disputa hegemônica necessária para transformar os futuros possíveis em realidade pós-pandemia.

REFERÊNCIAS

ACEMOGLU, D. The Post Covid State. **Project Syndicate**, 05 jul. 2020. Disponível em: project-syndicate.org/onpoint/four-possible-trajectories-after-covid19-daron-acemoglu-2020-06?barrier=accesspaylog. Acesso em: 04 ago. 2020.

ADVISORY: APT29 targets COVID-19 vaccine development. **NCSC**, 16 jul. 2020. Disponível em: ncsc.gov.uk/news/advisory-apt29-targets-covid-19-vaccine-development. Acesso em: 04 ago. 2020.

AGAMBEN, Giorgio. Reflexiones sobre la peste. *In:*AGAMBEN, G; et al. **Sopa de Wuhan**: Pensamiento contemporáneo en tiempos de pandemias. [s.i]: Editorial ASPO (Aislamiento Social Preventivo y Obligatório). 31 p.

BLUM, Eliane. #liberteofuturo. **El País**, 05 jul. 2020. Disponível em: brasil.elpais.com/brasil/2020-07-05/liberteofuturo.html. Acesso em: 04 ago. 2020.

CHINA retira bandeira e fecha consulado dos Estados Unidos em Chengdu. **UOL**, 27 jul. 2020. Disponível em: noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/afp/2020/07/27/china-retira-bandeira-e-fecha-consulado-e-dos-estados-unidos-em-chengdu.htm. Acesso em: 04 ago. 2020.

DONG E; DU; H, GARDNER L. An interactive web-based dashboard to track COVID-19 in real time. **Lancet Infect** *Dis*; published online Feb 19. doi.org/10.1016/S1473-3099(20)30120-1. Acesso em: 04 ago. 2020.

FRANCE Presse. Vacina contra coronavírus deve ser 'bem público global', diz chefe de saúde dos EUA. **G1**, 20 maio. 2020. Disponível em: g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/05/20/vacina-contra-coronavirus-deve-ser-bem-publico-global-diz-chefe-de-saude-dos-eua.ghtml. Acesso em: 04 ago. 2020.

GAYER, E. Covid-19: EUA compram por R$ 10 bi todas as vacinas de Pfizer e BioNTech. **UOL**, 22 jul. 2020. Disponível em: noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/estado/2020/07/22/eua-compram-todas-as-vacinas-contra-covid-19-da-pfizer-e-biontech-em-2020.htm?utm_source=facebook&utm_medium=social-media&utm_campaign=noticias&utm_content=geral&fbclid=IwAR2YYSOdv8-Uu9uEP9JQbPzSvveyQhB2C6QKZGcoJ94oqN3R-jPrX4cTqnY. Acesso em: 04 ago.2020.

GROSFOGUEL, Ramon; FIGUEIREDO, Angela. Entrevista: Geopolítica, Capitalismo Global e o Impacto Da Pandemia Da Covid-19 No Mundo. **Novos Olhares Sociais.** Vol. 3 – n. 1. Bahia. 2020.

G1. EUA mandam a China fechar consulado em Houston. **G1**: 22 jul. 2020. Disponível em: g1.globo.com/mundo/noticia/2020/07/22/china-diz-que-eua-mandaram-fechar-seu-consulado-em-houston.ghtml. Acesso em: 04 ago. 2020.

G1. Mundo tem 166 candidatas a vacina contra a Covid em desenvolvimento; 24 são testadas em humanos. **G1**, 22 jul. 2020. Disponível em: g1.globo.com/bemestar/vacina/noticia/2020/07/22/mundo-tem-166-candidatas-a-vacina-contra-a-covid-em-desenvolvimento-24-sao-testadas-em-humanos.ghtml. Acesso em: 04 ago. 2020.

HAN, Byung-Chul. La emergencia viral y el mundo de mañana. *In:* AGAMBEN, G; et al **Sopa de Wuhan**: Pensamiento contemporáneo en tiempos de pandemias. [s.i]: Editorial ASPO (Aislamiento Social Preventivo y Obligatório). 97 p.

HARARI, Yuval Noah**. Na batalha contra o coronavírus, faltam líderes à humanidade** (Breve Companhia). Companhia das Letras. Edição do Kindle.

HARVEY, David. Política anticapitalista en tiempos de coronavírus, *In*: AGAMBEN, G; et al. **Sopa de Wuhan**: Pensamiento contemporáneo en tiempos de pandemias. [s.i]: Editorial ASPO (Aislamiento Social Preventivo y Obligatório). 79 p.

KIRBY, J. The global risk of "vaccine nationalism". **Vox**, 27 jul. 2020. Disponível em: vox.com/21327487/covid-19-vaccine-coronavirus-trump-us-china-competition. Acesso em: 04 ago. 2020.

LACLAU, E. **La Razón Populista**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2007.

LIY, M.V. China vai usar dados pessoais para catalogar cidadãos e empresas. **El País**, 23 out. 2016. Disponível em: brasil.elpais.com/brasil/2016/10/20/internacional/1476970091_757096.html. Acesso em: 04 ago .2020.

LOTTA, G. O que acontece quando a falta de decisão é o método do governo. **NEXO**, 27, jan. 2020. Disponível em: nexojornal.com.br/ensaio/debate/2020/O-que-acontece-quando-a-falta-de-decis%C3%A3o-%C3%A9-o-m%C3%A9todo-de-governo. Acesso: em 04 ago. 2020.

MCGILL COVID19 VACCINE TRACKER TEAM. Vaccines candidates by trial phase. **COVID19 Vaccine Tracker**, 26 jul. 2021. Disponível em: covid19.trackvaccines.org/vaccines/. Acesso em: 31 jul. 2021

MEARSHEIMER, John. **A tragédia da política das grandes potências**. Lisboa: Editora Gradiva, 2007.

MOREIRA, A. Elite brasileira comete erro histórico ao não impulsionar distribuição de renda. **Jornal Valor**, 17 jul. 2020. Disponível em: valor.globo.com/eu-e/noticia/2020/07/17/elite-brasileira-comete-erro-historico-ao-nao-impulsionar-distribuicao-de-renda-diz-piketty.ghtml. Acesso em: 04 ago. 2020.

MORGENTHAU, Hans. **A política entre as nações:** a luta pelo poder e pela paz. Brasília: UnB, 2003 [1948].

MOUFFE, Chantal. **En torno a lo político**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2011.

MBEMBE, Achille. **Le droit universel à la respiration.** Analise Opinion Critique - AOC, 2020. Disponível em: aoc.media/opinion/2020/04/05/le-droit-universel-a-la-respiration/?loggedin=true. Tradução – **O direito universal à respiração.** Disponível em: ihu.unisinos.br/78-noticias/598111-o-direito-universal-a-respiracao-artigo-de-achille-mbembe. Acesso em: 04 ago. 2020.

PEIXOTO, Guilherme. COVID-19: como funcionam as seis vacinas aprovadas para uso no Brasil. **Estado de Minas**, 05 jun. de 2021. Disponível em: em.com.br/app/noticia/nacional/2021/06/05/interna_nacional,1273824/covid-19-como-funcionam-as-seis-vacinas-aprovadas-para-uso-no-brasil.shtml Acesso em: 37 jul. 2021

RAMONET, Ignacio: La pandemia y el sistema mundo. **Le Monde Diplomatique em español**, 25 abr. 2020. Disponível em: mondiplo.com/la-pandemia-y-el-sistema-mundo. Acesso em: 04 ago. 2020.

SAFATLE, Vladimir. O Brasil e sua engenharia da indiferença. **El País**, 02 jul. 2020.Disponível em: brasil.elpais.com/opiniao/2020-07-02/o-brasil-e-sua-engenharia-da-indiferenca.html. Acesso em: 04 ago. 2020.

SANT' ANNA, L. Rússia diz que terá vacina aprovada contra Covid-19 em duas semanas. **BBC**, 28 jul. 2020. Disponível em: cnnbrasil.com.br/internacional/2020/07/28/russia-diz-que-tera-vacina-aprovada-contra-covid-19-em-duas-semanas. Acesso em: 04 ago. 2020.

SAVAZONI, R. **O comum entre nós:** da cultura digital à democracia do século XXI. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2018, p.38.

ŽIZEK, Slajov. El coronavirus es un golpe al capitalismo a lo Kill Bill. Giorgio Agamben, et alli. *In*: AGAMBEN, S. et al. (orgs). **Sopa de Wuhan**: Pensamiento contemporáneo en tiempos de pandemias. [s.i]: Editorial ASPO (Aislamiento Social Preventivo y Obligatório). 21 p.

ZUBOFF, Shoshana. Big Other: capitalismo de vigilância e perspectivas para uma civilização da informação. In BRUNO, F. et al. (orgs). **Tecnopolítica da vigilância:** perspectivas da margem. São Paulo: Boitempo, 2018. p. 17-68.

6 . Tempo de Pachakuti[1]: o que será do nós e o que será do eles?[2]

Jorge O. Romano, Liza Uema, Thais Ponciano Bittencourt, Eduardo Britto Santos, Juana dos Santos Pereira, Larissa Rodrigues Ferreira, Pâmella Silvestre de Assumpção, Paulo Petersen, Annagesse de Carvalho Feitosa, Daniel S. S. Borges, Daniel Macedo Lopes Vasques Monteiro, Juanita Cuéllar Benavides, Paulo Augusto André Balthazar, Renan Alfenas de Mattos, Ricardo Dias, Ana Carolina Aguiar Simões Castilho, Caroline Boletta de Oliveira Aguiar, Érika Toth Souza, Myriam Martinez dos Santos e Vanessa Barroso Barreto[3]

No capítulo anterior, recuperamos um conjunto de visões e cenários que apontavam para o aprofundamento das dominações existentes ou para a reforma do sistema. Por exemplo, uma virada autoritária do capitalismo neoliberal, com a normalização do Estado de exceção, o capitalismo de vigilância, a transformação da biopolítica em psicopolítica *vs.* a reinvenção do comunismo. Ou das propostas de caráter mais reformista dos sistemas, como a construção de um Estado de bem-estar social 3.0 *vs.* o socialismo participativo. Neste capítulo, tratamos de questões e olhares no campo dis-

1 . *Pachakuti* é um conceito andino, na língua indígena quéchua, que se refere ao momento de reviravolta do tempo e do espaço, que pode ser catastrófico ou significar uma renovação. Significa a transformação do todo, uma mudança geral da ordem, um grande movimento de inversão.

2 . Uma primeira versão deste texto foi divulgada através do Le Monde Diplomatique Brasil online, na série Populismo e Crise: Disponível em: diplomatique.org.br/especial/populismo-e-crises/.

3 . Os autores são pesquisadoras e pesquisadores do grupo de pesquisa "Discurso, Redes Sociais e Identidades Sócio-Políticas (DISCURSO)" vinculado ao Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento Agricultura e Sociedade e ao Curso de Relações Internacionais do DDAS/ICHS da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, registrado no CNPq e com apoio de ActionAid Brasil.

cursivo sobre o futuro pós-pandemia que abrem caminhos de renovação e de transformação do sistema existente, como a política da natureza, a política da terra, a reterritorialização dos sistemas agroalimentares e as visões que resultam dos olhares feministas, indígenas e decoloniais.

O futuro em aberto: política da natureza, política da terra, bem comum como valor público e reterritorialização dos sistemas alimentares.

Bruno Latour retoma o convite para refletirmos sobre uma *política da natureza* (LATOUR, 2004) cujo eixo central é pensar o desenvolvimento sem a separação entre natural e social, do humano e do não humano. Descentraliza a ideia de produtividade, predadora do que chamamos de meio ambiente, visando garantir a preservação dos recursos naturais e das gerações futuras, mudando a compreensão da nossa relação com a natureza, pois seríamos todas *coletividades interligadas*, natureza e sociedade. Os seres não humanos, como os recursos naturais, não seriam sujeitados por modelos de desenvolvimento catastróficos, mas antes, considerados como atores, *actantes* que estão inteiramente presentes e são necessários à vida do planeta. Tendo este referencial, Latour destaca dois grandes méritos da crise sanitária provocada pela pandemia. Primeiro, ter conseguido – rapidamente e em todo o mundo — uma *transformação radical e duradoura de nossas condições de vida* em uma escala — em termos de *magnitude do desastre, forças mobilizadas e vítimas* — só equivalente às duas últimas guerras mundiais. Estamos *constatando que a ordem mundial,* que nos diziam ser impossível de mudar, *tem uma plasticidade espantosa* e que coletivamente, dependendo da capacidade de *resistir ao retorno à ordem anterior*, *os seres humanos não estão indefesos*. A segunda característica do vírus é que *está conseguindo tudo isso sem ir além do contágio de pessoa a pessoa, um contágio que cada um de nós pode interromper ou, pelo contrário, facilitar*. Um vírus *vindo da China, por si só, e que viaja boca a boca, pode perfeitamente derrubar a ordem estabelecida*. Fica como lição: *não existe sistema capaz de resistir à viralidade da ação política, basta colocá-la em prática com os instrumentos adequados*[4].

4 . LATOUR, 2020a.

Por sua vez, Philippe Descola convida a pensar uma *política da Terra*[5], como sendo o planeta uma casa comum e não mais reservada exclusivamente aos humanos. A pandemia serviu para revelar que os humanos são o *vírus do planeta*. O sistema capitalista tem o mesmo tipo de comportamento com o planeta que o vírus tem com o corpo de quem ele afeta. Ele se espalhou como uma pandemia matando as condições de vida no planeta à longo prazo. Uma outra relação com a natureza é necessária. Uma *cosmopolítica da Terra*, não no sentido do estabelecimento de regras universais e uniformizantes, mas no sentido literal, como uma *política do cosmos*, onde cada particularidade é respeitada. Como ilustração, ele afirma que quando os povos indígenas da Amazônia conseguem impedir que garimpeiros e desmatadores da floresta entrem em seus territórios, trazendo diversas doenças, eles estão sendo *muito mais acolhedores aos não humanos* de quem eles são muito mais familiarizados. O seu cosmos é protegido. Uma *política da Terra* que não reserva privilégio apenas aos humanos *implica uma revolução do pensamento político da mesma magnitude que a levada a cabo pela filosofia do Iluminismo e depois pelos pensadores do socialismo.* Já há vários coletivos que procuram pôr em prática essa nova visão quando consideram que é necessário ter *solidariedade entre as diversas espécies* que habitam o planeta, o respeito aos ritmos diferentes de vida ou à tipos diferentes de apropriação privada da terra. É sobre essa base que se deve pensar novos modos de *viver na mesma casa*, o planeta Terra.

E é precisamente sobre a ideia do *comum ou dos comuns* que a economista ítalo-americana Mariana Mazzucato (RODRÍGUEZ, 2020) inova na abordagem para pensar o papel do Estado e da produção de valor como um bem comum não atrelado à ideia de preço. Para ela, o choque provocado pela pandemia produziu três crises: *a econômica,* com o aumento das vulnerabilidades e desigualdades existentes; *a da saúde*, constatadas as inúmeras fragilidades dos sistemas de saúde; e *a climática,* cujas conhecidas causas nos levam a refletir que não é possível continuar *com os negócios de sempre.* Integrante da equipe reunida pelo Papa Francisco para pensar uma *outra economia*

5 . DESCOLA, 2020.

para o mundo, ela propõe que os governos incorporem o conceito de *bem comum como um valor público,* cujo princípio é alinhar os interesses das corporações a um projeto inovador e inclusivo de sociedade, concentrado *na preservação das relações de trabalho durante a crise e na manutenção da capacidade produtiva da economia, evitando a extração de fundos para os mercados financeiros e remuneração de executivos.* A longo prazo*, trata-se de garantir que os modelos de negócios levem a um crescimento mais inclusivo e sustentável.* Para isso, é necessário investimento público ancorado na produção de valor como um bem comum e uma relação público-privada reformada, orientada para um *projeto não predatório* das condições sociais e ambientais. É na energia renovada que trazem os movimentos sociais, como o *Black Lives Matter*, que se poderá pressionar por mudanças fundamentais na direção de um projeto mais justo.

Na agricultura, o movimento agroecológico coloca que a crise da Covid-19 escancara as contradições e os limites dos sistemas agroalimentares globalizados atualmente hegemônicos, abrindo novos horizontes políticos para que *novas geografias alimentares* sejam estabelecidas, encurtando as distâncias físicas e sociais entre a produção e o consumo de alimentos (PETERSEN, 2020).Trata-se, segundo a perspectiva agroecológica, da necessidade da *democratização dos sistemas agroalimentares*, com a superação do regime agroalimentar corporativo, ou seja, do ordenamento sociotécnico que se impôs mundialmente sob a égide do neoliberalismo, transferindo para um grupo restrito de corporações transnacionais o poder de regulação e desenvolvimento dos padrões de produção, beneficiamento, distribuição e consumo de alimentos. Ao atribuírem a essa configuração dominante de organização da agricultura e da alimentação um papel central no agravamento das desigualdades sociais e do colapso do ambiente natural, incluindo aí as mudanças climáticas, a crítica agroecológica defende a *reterritorialização dos sistemas agroalimentares* como condição urgente e indispensável para a superação estrutural da crise civilizatória que distingue o presente período histórico. *Reterritorializar* implica *refundamentar* a produção alimentar nas dinâmicas ecológicas dos ecossistemas. Por outro lado, implica reconectar os processos de distribuição e consumo alimentar nas economias e cul-

turas regionais. Nesse sentido, o enfoque agroecológico para a construção das futuras realidades agroalimentares — o plural é essencial — mantém coerência conceitual e política com os movimentos de defesa da Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional e de garantia ao Direito Humano à Alimentação Adequada.

O olhar de intelectuais feministas para o futuro

No segundo capítulo (*O vírus não é democrático: a pandemia da Covid-19 como acontecimento e a disputa de discursos*) destacamos os impactos desiguais da pandemia e seus efeitos perversos na vida das mulheres e das populações negra e indígena, ou, conforme enfatizou a escritora brasileira Conceição Evaristo, aqueles que, *ao morrerem, não fazem falta* nem para a sociedade e nem para o capitalismo. Pensando em um mundo pós-pandemia, Conceição acredita que *existirão novas relações humanas* nos âmbitos político, econômico e social. Mas como seria possível pensar em mudanças nas relações humanas com um viés mais ecológico se a nossa base continuar sendo o capitalismo? Para ela, dificilmente a ideologia capitalista — traduzida na afirmação de que *a economia não pode parar* — desaparecerá e, ao pensar o mundo pós-pandemia, reflete sobre qual lugar as coletividades mais periféricas irão ocupar (EVARISTO, 2020).

A filósofa estadunidense Judith Butler também prevê um cenário doloroso, no qual existirá uma divisão entre as pessoas que deveriam ser *protegidas contra a morte a todo o custo* e aquelas cujas vidas não serão levadas em consideração. Por si mesmo, o vírus não discrimina, mas a humanidade certamente o faz, entrelaçada em conceitos como nacionalismo, xenofobia, racismo e capitalismo. Ao mesmo tempo, há uma incapacidade dos Estados em lidar com as consequências da pandemia e a vontade de capitalizarem-se a partir dos efeitos da doença, o que acelera as formas de reprodução e fortalecimento da desigualdade racial, da violência contra mulheres, pessoas *queer* e trans e da exploração capitalista. Como uma possível saída esperançosa, *o ideal de um sistema de saúde universal* e comprometido com todas as vidas deve estar vivo nos movimentos sociais, que estão mais inte-

ressados no futuro e nas consequências da atualidade. Essas visões, rejeitadas e banalizadas pelo capitalismo, resultam em um desejo inovador de um mundo diferente e que pode ser mantido vivo a partir de um trabalho em conjunto e fundamentado na visão social de assistência à saúde universal na luta contra *doenças morais e virais*[6].

As sucessivas crises no mundo capitalista que são exacerbadas com a Covid-19 trouxeram para o centro das discussões não apenas a necessidade de pensar o futuro pós-pandemia a partir de laços de solidariedade e de universalização dos sistemas de saúde. Articuladas a essas demandas urgentes, essas crises nos obrigam a pensar e a discutir a respeito da interseccionalidade, do papel do feminismo e da reprodução da vida e dos cuidados na criação de novos valores e práticas.

Nessa perspectiva desafiadora, Angela Davis afirma que a crise está revelando a natureza do *capitalismo racial*, que pode ser observado desde a crescente xenofobia direcionada à população asiática até a falha em providenciar kits médicos para hospitais e clínicas em bairros negros nos Estados Unidos. A ex-pantera negra ressalta a necessidade de organização contra o racismo estrutural e institucional juntamente com a criação de organizações feministas, já que muitas das pessoas que atuam na linha de frente no enfrentamento da pandemia e que estão no centro da crise são as mulheres. Um tipo de organização que aprimore a noção de solidariedade internacional, retirando a ilusão autocentrada na potência estadunidense e que resulte na solidariedade e na união internacional, onde pessoas com questões comuns possam se articular e se unir a movimentos sociais (DAVIS, 2020).

A escritora e professora italiana Silvia Federici também coloca as mulheres na linha de frente, ao recuperarem as medidas mais básicas de reprodução que permitem garantir a dignidade humana, o que põe no centro do debate a importância da reprodução. *Reprodução*, nesse sentido, é cuidar, criar, cozinhar, acompanhar pessoas doentes e o cuidado com a natureza — onde as mulheres são as primeiras trabalhadoras de uma agricultura que não termina

6 . BUTLER, 2020.

no lucro, mas no sustento de sua família. Deste modo, a reprodução é um terreno estratégico e fundamental para a construção de um futuro e de uma sociedade. Vivemos em um sistema capitalista cujo problema fundamental — e insustentável — é que ele sistematicamente se estrutura sobre a *subordinação da reprodução da vida.* É na subordinação das vidas e do nosso futuro que se baseia o lucro individual das grandes companhias e corporações. É o capitalismo no qual todas as medidas políticas e econômicas postas em ação estão conformadas para essa finalidade de subordinação da nossa reprodução. E são as mulheres que estão à frente dessa luta, sendo os movimentos de mulheres estrategicamente importantes para *recuperar a medida mais básica de nossa reprodução*, seja a riqueza social que temos produzido, seja a terra, o controle sobre a água e sobre as florestas. É necessário criar uma forma de organização, fortalecer os laços entre as redes de mulheres e não apenas a capacidade de resistência ao Estado. Assim, será possível criar formas de reprodução mais solidárias e impor outro tipo de sociedade em que a vida esteja ao centro (FEDERICI, 2020).

Para a antropóloga brasileira Débora Diniz, a pandemia impulsionou uma circulação dos valores de *cuidado* e da *reprodução da vida* para fora dos círculos feministas como nunca ocorreu anteriormente. Atualmente, esses valores já podem ser vistos como presentes no campo formal da política e da economia, como o próprio auxílio emergencial oferecido pelo governo brasileiro. Entretanto, Diniz nos atenta que para pensar num mundo pós-pandemia, será preciso garantir que a interdependência e os cuidados estejam de fato presentes nos mecanismos coletivos de amparo e de proteção social. Nos cabe assegurar que os questionamentos a respeito dos mais vulneráveis e de como vamos nos proteger não caiam no esquecimento (DINIZ, 2020).

Por sua vez, a argentina Maristella Svampa afirma que o Coronavírus nos coloca diante da tarefa de pensar o futuro da civilização à beira do colapso sistêmico, cuja crise deve servir como contraexemplo para optar por propostas inovadoras e democráticas que visem *a igualdade* e *a solidariedade*. A solução, então, passa por colocar na agenda pública as causas ambientais da pandemia para, dessa forma, responder ao desafio da humanidade: *a crise climática*. Como têm insistido o ecofeminismo e os feminismos populares

na América Latina, é necessário instalar um *novo paradigma dos cuidados*, bem como uma *estrutura sociocognitiva* para implementar um *grande pacto ecossocial e econômico* em escala nacional e global. Essa ação transformadora deverá partir das narrativas emancipatórias e utopias concretas já existentes na América Latina, que estão associadas ao Bem Viver e aos direitos da natureza, aos comuns, à ética do cuidado e à justa transição socioecológica, presentes nos movimentos ecoterritoriais — rurais, urbanos, indígenas, camponeses, multiculturais e mobilizações de jovens pela justiça climática — e na agroecologia (SVAMPA, 2020).

Já a boliviana de origem indígena aymara, Silvia Rivera Cusicanqui, complementa que todas essas crises têm nos ensinado que após cada crise, sobrevém uma exacerbação daqueles fatores que a conduziram, como o desmatamento, os incêndios florestais e a ampliação da fronteira agrícola. Em meio a esses *tempos de catástrofe* (STENGERS, 2015) surge um *grande mensageiro da Terra*, um organismo *tão pequenino, tão diminuto, invisível, mutante e versátil* que acabou gerando condições extraordinárias de parar o mundo. Um ínfimo bichinho capaz de fazer o que inúmeras conferências, cúpulas e reuniões científicas e políticas das nações sobre mudanças climáticas para frear o aquecimento global não conseguiram. Com a pandemia, a crise sanitária nos levou a um nível básico de consciência no qual o que interessa é simplesmente a *reprodução do dia a dia*, e o grande ensinamento dessa crise é a ideia de que é necessário *voltar ao elementar*, que são o alimento, a saúde mental e material, a restauração do afeto e do valor da palavra. A pandemia também trouxe essa possibilidade da volta aos ciclos e valorização dos circuitos comerciais locais, propiciando, por exemplo, o consumo de alimentos colhidos de acordo com as estações e a recuperação da consciência de produzir alimentos na própria cidade (CUSICANQUI, 2020). Dessa forma, nos encontramos diante da possibilidade de *reconstruir tecidos comunitários* em escala local e de boicotar os circuitos de consumo globais, evitando tudo aquilo que nos vincula aos produtos de grandes empresas alimentares internacionais, como as empresas de alimentos transgênicos. Para os *grandes males, pequenos remédios*. Nos cabe, então, construir pequenas *bolhas de resistências*, de rearticulação ética do tecido social. Este é um

momento de *Pachakuti*[7], de reviravolta do tempo e do espaço que pode ser catastrófico ou pode significar uma renovação e que nos obriga a refletir com profundidade na busca de compreender como podemos reconstruir uma forma de viver que permita superar a atual e as futuras crises. *Pachakuti* é, sobretudo, feminino. A pandemia converte os trabalhos rotineiros em tarefas de bem comum, de bem social, que são a vida e a saúde, traduzidos nos saberes curativos, nas ervas medicinais e nas medidas caseiras de prevenção e de fortalecimento do sistema imunológico. Essa capacidade de *dar a vida e de cuidar da vida* que está nas mãos das mulheres deve se estender ao conjunto da sociedade para que possamos reconstruir espaços e territorialidades habitáveis alternativas, pequenas, intimamente interconectadas por uma ética da vida, da reprodução e da *cura da pacha* (STENGERS, 2015).

O olhar decolonial dos povos originários e tradicionais do Brasil

O cenário de crise humanitária que vivenciamos hoje reforça o que lideranças intelectuais, políticas e xamânicas indígenas há muitos anos nos alertam: *estamos derrubando o céu*, segundo o xamã Davi Kopenawa[8]. Liderança do povo Yanomami, Kopenawa alerta para a invasão de seu território pela *epidemia do ouro* (*oru xawara*) que é a atividade extremamente degradante e ilegal do garimpo em terras indígenas. O problema se agravou com a pandemia da Covid-19, visto que os invasores podem ter levado a doença para dentro do território Yanomami[9].

7 . Na concepção de Silvia Cusicanqui, *Pachakuti*, como muitos outros conceitos andinos, pode ter dois sentidos divergentes e complementares — e até mesmo antagônicos em certas circunstâncias: o sentido de catástrofe ou o sentido de renovação. Assim, passado e futuro são elementos que estão contidos no tempo presente, trazendo dessa forma a experiência da contemporaneidade que se move em ciclos e espirais a partir de uma contínua retroalimentação do passado sobre o futuro. As práticas e saberes de resistência coletiva que se elaboram de forma variada se expandem a partir das fissuras da história e conjugam memórias coletivas nas quais o passado de luta não apenas está presente, mas sobretudo potencializa os projetos contemporâneos de emancipação. In: **Ch'ixinakax utxiwa**. Una reflexión sobre prácticas y discursos descolonizadores. Buenos Aires: Tinta limón, 2010. Ver também nota 1.

8 . KOPENAWA; ALBERT, 2015. No livro, Davi Kopenawa relata ao etnólogo Bruce Albert a história do povo Yanomami e o contato conflituoso com o mundo dos *brancos* desde a década de 60. O livro também conta o que seria uma profecia do povo Yanomami, em que a devastação da floresta amazônica representa a própria morte dos xamãs, ocasionando a queda do céu e culminando com o fim do mundo.

9 . Segundo pesquisa elaborada pelo Instituto Socioambiental (Isa) e a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), a Terra Indígena Yanomami é a mais vulnerável ao coronavírus entre as regiões indígenas da Amazônia. A Hutukara, principal associação do povo Yanomami, denuncia os riscos de contaminação pela Covid-19 associado às invasões ilegais. Estima-se que há cerca de 20 mil garimpeiros atuando ilegalmente naquele território com a *epidemia do ouro* (*oru xawara*). O povo Yanomami diz não querer que *extraiam os minérios que Omama escondeu debaixo da terra* porque não quer que *as fumaças de epidemia xawara* se alastre por sua floresta: *[os brancos] tem que saber que por causa da fumaça maléfica dessas coisas que eles tiram da terra estamos morrendo*

Para Célia Xakriabá[10], os povos originários enfrentam a herança do que chama de *Covid-1500,* relacionando a pandemia da Covid-19 com os impactos da colonização, que inclui vários ciclos de epidemias e o confinamento desses povos em *ilhas territoriais* no que hoje se tornaram as terras indígenas. Ela alerta para o avanço do desmatamento, em que cada árvore derrubada representa também a perda de uma parte da cultura indígena e da respiração do mundo. De forma equivalente, cada morte entre indígenas representa também a morte de uma identidade, tradição e das narrativas indígenas. Um velho ancião que parte antecipadamente, leva consigo toda uma *biblioteca* da cultura indígena, as histórias dos avós que são *o primeiro livro que se lê*, é menos *uma mão que sacode o maracá*[11].

Assim, os povos originários partem do diagnóstico de que são os *corpos escolhidos* como alvo para morrer desde o *pesadelo da colonização*. Na atualidade, os dados do relatório *Defendendo o amanhã* da ONG britânica *Global Witness*[12] reforçam que o Brasil é o terceiro país mais letal para ambientalistas no mundo. Cerca de 90% desses assassinatos ocorreram na região amazônica e várias dessas ocorrências se relacionam a indígenas. São pessoas *na linha de frente da crise climática*, que *colocam seus corpos* contra a violência da força de destruição do neo-extrativismo que continua operando e avança sobre seus corpos e territórios. Esse seria o projeto de arrancar os índios de suas terras (*essa gente que cisma em viver da Terra, nas beiradas*) e transformá-los em *pobres*[13].

todos, um atrás do outro!. O clima de tensão e violência é similar ao chamado Massacre de Haximu, ocorrido em 1993, em que 16 indígenas foram mortos por garimpeiros. Haximu é o primeiro caso reconhecido como genocídio pela Justiça brasileira. Destaca-se também que a primeira morte indígena por Covid-19 confirmada pela Secretaria Especial de Saúde Indígena (Sesai) no Brasil foi de um jovem Yanomami residente na cidade de Boa Vista - Roraima. Estudo disponível em: acervo.socioambiental.org/acervo/publicacoes-isa/o-impacto-da-pandemia-na-terra-indigena-yanomami-foragarimpoforacovid.

10 . Célia Xacriabá é mestra em Desenvolvimento Sustentável pela Universidade de Brasília (UnB) e atualmente cursa o doutorado em Antropologia pela UFMG. É professora e ativista indígena do povo indígena Xacriabá, integrando a Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (APIB) onde mobiliza a Articulação Nacional das Mulheres Indígenas.

11 . XAKRIABÁ, 2020.

12 . GLOBAL WITNESS, 2020.

13 . VIVEIROS DE CASTRO, 2016.

As terras indígenas e dos povos e comunidades tradicionais têm sido construídas como zonas de morte da necropolítica, entendida por Achille Mbembe como aquelas onde a morte se torna o último exercício de dominação do poder soberano, mas também da principal forma de resistência (MBEMBE, 2020b). No contexto brasileiro, a necropolítica se reatualiza com o acontecimento da pandemia de Covid-19, acelerando o processo que lideranças denunciam como genocídio. Para Ailton Krenak, o Brasil teria se engajado no projeto político de matar os povos originários ao *abrir a porteira, ir pra cima da mata, apoiar o garimpo nas terras indígenas: é uma declaração de guerra, que consiste em eliminar aqueles cujas vidas não são úteis*[14].

Diante desse contexto em que estão situados os povos originários e comunidades tradicionais no Brasil, para falar de futuro é necessário desconstruir a necropolítica e deter essa guerra. Mas isso não é suficiente. Há que mudar a ideia que temos de normalidade. Se a normalidade da humanidade representa um *divórcio da natureza, devastando o planeta e cavando um fosso de desigualdades entre povos e sociedade*, não podemos voltar ao normal. Na visão indígena tudo é natureza, até o que pensamos, concebendo a Terra como um organismo vivo. Assim, é preciso imaginar e construir o futuro pós-pandêmico a partir da perspectiva decolonial como a (re)existência dos povos originários e tradicionais no Brasil persistem em nos mostrar.

Primeira mestra de seu povo, Célia Xakriabá se coloca como parte de uma geração de primeiras mulheres indígenas com *mãedato*, junto com Sônia Guajajara — primeira candidata à Vice-Presidência da República — e Joenia Wapichana — primeira parlamentar eleita ao Congresso Nacional. Célia considera que existe um *racismo das ausências*, em que os povos indígenas são invisibilizados desde a origem da sociedade brasileira. Para ela, os indígenas devem ser considerados não em termos numéricos, mas pela *força de sua resistência e ancestralidade*. Só haverá futuro se houver uma *reconexão com a ancestralidade*. É preciso remontar às origens e repensar o Brasil a partir da presença dos povos originários e, especialmente, a partir da pre-

14 . EPSJV - FIOCRUZ, 2020.

sença das mulheres indígenas, que *pariram os primeiros brasileiros*. Remete à ancestralidade a partir dos ensinamentos *dos antigos*, transmitidos pelos seus avós, *o primeiro livro que leu*. Relaciona a pandemia com um tempo já anunciado pelos ancestrais, que falavam de um tempo em que *a Terra não iria mais suportar*. As pessoas teriam perdido a conexão de entender a Terra como parente e por isso não conseguem ouvir *o chamado do útero da Terra*. Mas a Terra seria nossa *mãe, irmã, tia, avó – a mãe de todas as mães*.

O quilombola Antônio Bispo (o Nêgo Bispo) destaca se seriam os *auto intitulados seres humanos* os próprios responsáveis pela pandemia ao *jogar veneno na terra e nas águas, jogar fumaça no ar*. Questiona quantas pandemias teríamos causado para outras espécies vivas, visto que quanto *mais longa a vida dos humanos, menos curta parece ser a vida dos demais seres vivos*[15].

Voltando a Ailton Krenak em suas reflexões sobre o futuro (KRENAK, 2019; 2020a; 2020b), ele ressalta que a pandemia da Covid-19 teria colocado a humanidade na lista de extinção, nos fazendo questionar se somos, de fato, *uma* humanidade. Haveria uma *sub humanidade que vive numa grande miséria, sem chance de sair dela e isso foi naturalizado*. Assim, com um olhar decolonial questiona a ideia de uma humanidade homogênea, que parte da premissa de que haveria *um jeito determinado de estar na Terra*, um pacote que considera uma *narrativa globalizante*, *superficial*, que conta as mesmas histórias. Haveria um *tipo ideal de progresso*, de modelo de bem-estar no mundo, imposto pelos *donos da grana* no planeta. A humanidade seria, então, uma espécie de *clube seleto*, cuja premissa é a separação da humanidade do *organismo vivo que é a Terra*. O *clube da humanidade* seria uma *abstração civilizatória, que suprime a diversidade, nega a pluralidade das formas de vida, de existência, de hábitos*. Limita as capacidades de criação de novas existências, novos modos de ser e estar na Terra e, ainda assim, *muita gente insiste* em entrar para esse clube exclusivo. Esse clube não aceita novos sócios, onde ele e tantas outras pessoas *que ainda consideram que precisam se*

15 . Ibid., 13.

manter agarrados e *insistem em viver da Terra* estariam excluídos. Essa seria a *sub humanidade* – índios, quilombolas, caiçaras, aborígenes – *os esquecidos pelas bordas do planeta*, nas margens de rios em continentes como a América Latina, África e Ásia.

Krenak destaca que o vírus é mais um organismo do planeta e, até onde sabemos, *está discriminando a humanidade – o vírus não mata pássaros, ursos, nenhum outro ser, apenas humanos*. Os únicos seres em pânico seriam os humanos e *seu mundo artificial*, cujo modo de funcionamento entrou em crise. O vírus seria uma resposta ao *pensamento doentio dos humanos*, como um *ataque à forma de vida insustentável que adotamos por livre escolha*. Assim, para ele, o futuro passa por *abandonarmos o antropocentrismo*, considerando que *há muitas outras formas de vida além da gente*, que *não fazemos falta na biodiversidade*, pelo contrário, seríamos *piores que a Covid-19*. Não seríamos o *sal da Terra*: há muita gente mais interessante na Terra, tal como os indígenas, que *chegam ao século XXI ainda esperneando, reivindicando e desafinando o coro dos contentes*[16].

O futuro deve ser decolonial considerando que há centenas de narrativas de povos vivos, que nos ensinam que *não somos as únicas pessoas interessantes no mundo*. Para Krenak, se pudermos contar mais uma história, estaremos sempre *adiando o fim do mundo*. Assim, a narrativa do mundo deve ser plural e diversa, de modo que o fim do mundo não seria absoluto: *há muitos mundos e há mundos por vir*. A resistência indígena se dá através da ampliação de suas subjetividades, sendo necessário enriquecer nossas subjetividades, objeto de consumo dos atuais tempos do neoliberalismo — *devorador de mundos*[17].

Precisamos *libertar o futuro* que nos foi *sequestrado por uma força de destruição* que representa a hegemonia hostil vigente, tal como nos coloca Eliane Brum, jornalista e apoiadora do movimento indígena. Deste modo,

16 . KRENAK, 2020c.

17 . Ibid., 15.

torna-se imperativo olhar para o colonialismo que, junto com o racismo, é a espinha dorsal fundadora da sociedade brasileira. Ainda segundo Brum, como tínhamos apontado anteriormente, a hegemonia do *e daí?* não teria um futuro a nos oferecer e esse seria justamente seu ponto frágil, onde imaginar um futuro se torna um ato de resistência. Para ela, é preciso deslocar o pensamento e a linguagem de matriz branca ocidental e ouvir mais a matriz afro indígena. O futuro deve ser multicêntrico, deslocando também a ideia que temos de centro e periferia (BRUM, 2020).

Assim, os povos originários nos colocam que para que se tenha futuro, é necessário remontar às raízes, reconectarmos com nossa ancestralidade e pensar o Brasil a partir de seus povos originários — *o futuro é ancestral*. A perspectiva de futuro pós-pandemia dos povos indígenas nos diz que é preciso superar o racismo e o colonialismo estrutural em nossas sociedades e *indigenizar os corações*. A cura estaria em nossa capacidade de *reativar nosso princípio de humanidade*, de modo que é preciso ampliar a concepção que temos de humanidade e considerar também a Terra como *parente*. A cura está no princípio ativo do afeto, do coração, da solidariedade.

O desafio de enfrentar a necropolítica

Achille Mbembe destaca que para aqueles que vivem em zonas do mundo nas quais o sistema de saúde foi devastado por conta da negligência, a situação pode piorar. Países lidam com a ausência de leitos hospitalares, máquinas respiratórias, testes, máscaras de proteção, álcool e outros mecanismos de proteção. Infelizmente, pode-se prever que muitos *não passarão pelo buraco da agulha*. Vivemos num momento no qual *tememos o próprio fim*, permeado de *brutalismo*, definido como o processo contemporâneo na qual o poder é constituído, se reproduz e é caracterizado por uma *redistribuição desigual da vulnerabilidade*[18]. A *necropolítica* — zonas onde a morte se torna o último exercício de dominação do poder soberano — aparece nesse cenário atual pelo fato do vírus não atingir a todos da mesma forma. Existe um debate

18 . GLOBAL WITNESS, 2020.

acerca da necessidade de priorizar o tratamento a jovens e de deixar os idosos falecerem, ou seja, governos e hospitais estão escolhendo quem vai viver e quem vai morrer. Além disso, o discurso negacionista insiste na ideia que a *economia não pode parar*, mesmo que alguns precisem morrer para que isso ocorra. O que nos leva a outro dilema também em termos de necropolítica: qual deveria ser a prioridade política nesse cenário: *salvar a economia ou à população*? Ao olharmos para o neoliberalismo, que pode ser chamado de *necroliberalismo* segundo Mbembe, veremos que há uma noção de que *quem não tem valor pode ser descartado*. No entanto, os mais atingidos *são as mesmas raças, os mesmos gêneros e as mesmas classes sociais de sempre*[19].

Após a pandemia, Mbembe prevê que *as espécies não serão santificadas*, e sim, um novo período de brutalidade emergirá, e a lógica do poder e da força prevalecerão. Por conta da ausência de uma infraestrutura comum, haverá maior separação, como a *fortificação de fronteiras* para proteção de externalidades. No sul do mundo e principalmente no continente Africano, a expansão agrícola, a extração e a predação de vendas de terras continuarão ainda mais intensamente. *Manter o mundo à distância* se tornará a norma, apenas para eliminar riscos de todos os tipos do exterior. A maneira como lidamos e olhamos para o nosso corpo vai mudar com essa pandemia, visto que *agora temos o poder de nos matar por meio dele*, pois, ao sair de casa, é possível pegar ou transmitir o vírus. Nosso corpo passou a ser uma ameaça para os outros e para nós mesmos. Dessa forma, o *poder de matar foi democratizado* (BRUM, 2020).

Para além do vírus, a humanidade já estava *ameaçada de asfixia*. A luta não deve ser direcionada a um vírus específico, mas sim a um sistema que já *condenava o direito universal à respiração*. O capitalismo segmentou populações e as condenou à uma respiração difícil e sem fôlego, à uma *vida pesada* (sendo necessário entender *respiração* para além dos termos biológicos).

19 . MBEMBE, 2020a.

O *direito universal à respiração* não pode ser apropriado, muito menos restrito, sendo um direito universal não apenas para os humanos, como para os seres vivos como um todo (GLOBAL WITNESS, 2020).

Os perigos para a humanidade são cada vez mais intensos, seja por ataques à razão, pela destruição da biosfera, pelo surgimento de determinismos ou pela prisão de mentes pela tecnociência. A humanidade e a biosfera estão completamente ligadas, uma não existe sem a outra. Mas *será possível redescobrir esse pertencimento e vínculo com toda a vida*? A resposta é pessimista. Da próxima vez *será muito pior* do que essa pandemia e, se a levarmos a sério, veremos que ela está nos mostrando que *não há garantias* de que estaremos na Terra para sempre. Assim, é preciso perceber que a possibilidade da vida continuar sem a gente, essa é *a questão-chave deste século* (BRUM, 2020).

Tempo de *Pachakuti*: a disputa hegemônica para transformar os futuros possíveis em realidade pós-pandemia.

Como Silvia Cusicanqui aponta, a pandemia da Covid-19 nos coloca num momento de *Pachakuti*, de reviravolta do tempo e do espaço que pode ser catastrófico ou pode significar uma renovação[20]. Estamos, assim, em meio à uma disputa hegemônica para transformar os futuros possíveis em realidade pós-pandemia. Nas páginas precedentes recuperamos algumas das principais visões e propostas sobre os futuros que estariam em disputa.

Por exemplo, cenários catastróficos: negócios trágicos como sempre com a recuperação do normal do *mainstream* neoliberal através do capitalismo do choque, guinada autoritária do capitalismo neoliberal, capitalismo de vigilância, servidão digital, psicopolítica digital, normalização do Estado de exceção, capitalismo racial, violência sobre corpos e territórios, necropolítica ou necroliberalismo, novo período de brutalidade e a apropriação pelo capitalismo do direito universal de respirar.

20 . CUSICANQUI, S. 2020.

(Foto: Alex Pazuello)

Mas também aparecem caminhos de renovação como o Estado de bem-estar 3.0, outra economia com o bem comum como um valor público, socialismo participativo e reinvenção do comunismo. Ou de transformação no olhar sobre os futuros, como política da natureza, política da Terra, reterritorialização dos sistemas agroalimentares, justa transição socioecológica, grande pacto ecossocial e econômico, Bem Viver, reforço de laços de solidariedade internacional, universalização dos sistemas de saúde, novo paradigma do cuidado, reprodução solidária da vida, reconstrução de tecidos comunitários em escala local interconectados por uma ética da vida, reconexão com a ancestralidade, abandono do antropocentrismo, libertar o futuro sequestrado por uma força de destruição, reativar nosso princípio de humanidade, superar o racismo e o colonialismo estrutural em nossas sociedades, indigenizar os corações e redescobrir o pertencimento e vínculo com toda a vida.

Nesta disputa, cenários catastróficos não faltam. Mas também abundam visões de renovação e até de transformação apontando para processos emancipatórios. Se antes do Covid-19 o neoliberalismo seguia sua trajetória de recriação de novas *cepas* ou variantes, atualizadas nas crises como a de 2008, fazendo do *não alternativas* uma profecia autorrealizável, o acontecimento pandemia, com a suspensão da hegemonia, teria reaberto espaço ao pensamento crítico com a construção de novas utopias.

Retomando nosso mantra que valoriza o caráter de agência dos atores: o futuro está em aberto. A reviravolta do tempo e do espaço, que é o *pacha-kuti* que vivenciamos com o acontecimento pandemia, reafirma que o futuro é contingente: depende de todos nós que seja distópico ou de realização de utopias.

REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith. Capitalism has its limits. **Verso Books**, 2020. Disponível em: versobooks.com/blogs/4603-capitalism-has-its-limits. Acesso em 10 jul, 2020.

BRUM, Eliane. Imaginando Futuros. **Youtube**, 2020. Disponível em: youtube.com/watch?v=AMr8V6PjGm4. Acesso em 03 set. 2020.

CUSICANQUI, Silvia Rivera. Resistencias, insurgencias y luchas por la vida en tiempos de exterminios. **Youtube,** 2020. Disponível em: youtube.com/watch?v=VQ08llpL9YM. Acesso em 07 jun, 2020.

DESCOLA, Philippe. Nous sommes devenus des vírus pour la planète. **Le Monde – França**, 2020. Disponível em: lemonde.fr/idees/article/2020/05/20/philippe-descola-nous-sommes-devenus-des-virus-pour-la-planete_6040207_3232.html. Acesso em: 30 jul. 2020.

DAVIS, Angela. **Construindo movimentos:** uma conversa em tempos de pandemia. Youtube, 2020. Disponível em: youtube.com/watch?v=mIwEP5pXcSg. Acesso em 12 ago 2020.

DINIZ, Débora. Um mundo mais feminista? **Ecoa-UOL**, 2020. Disponível em: uol.com.br/ecoa/reportagens-especiais/o-mundo-pos-covid-19-2---comportamento-por-debora-diniz/#page1. Acesso em 10 jun, 2020.

Diálogo de saberes. Coronavirus devela crisis del capitalismo. **Youtube**, 2020. Disponível em: youtube.com/watch?v=--vbJKD3HMI. Acesso em 07 jun, 2020.

EVARISTO, Conceição. **Pandemia e pós pandemia:** desafios para a humanidade. Facebook, 2020. Disponível em: facebook.com/waldeckcarneiro/videos/1179440905741485/. Acesso em 10 jul, 2020.

EPSJV - FIOCRUZ. Participações em sessão virtual Caminhos para construção do mundo que queremos: o que aprender com a Pandemia? Escola Nacional de Saúde Pública/ENSP e Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio/EPSJV – **Youtube**, 2020. Disponível em: youtube.com/watch?v=HELi9GGVtIk Acesso em 17 jun, 2020.

FEDERICI, Silvia. Capitalismo, Reproduccíon y Cuarentena. **Lobo Suelto**, 2020. Disponível em: lobosuelto.com/capitalismo-reproduccion-y-cuarentena-silvia-federici/. Acesso em 10 jun, 2020.

GLOBAL WITNESS. Defending Tomorrow. **Global Witness**, 2020. Disponível em: globalwitness.org/en/campaigns/environmental-activists/defending-tomorrow/. Acesso em 07 jun, 2020.

INTI RAYMI. 2020: Celebración en tiempos de distanciamento. **Facebook**: INTI RAYMI, 2020. Disponível em: facebook.com/WambraEC/videos/vb.973959955962085/693488604820816/?type=2&theater. Acesso em: 07 jun, 2020.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL. O impacto da pandemia na Terra Indígena Yanomami: #ForaGarimpoForaCovid. **Instituto Socioambiental**, 2020. disponível em: acervo.socioambiental.org/acervo/publicacoes-isa/o-impacto-da-pandemia-na-terra-indigena-yanomami-foragarimpoforacovid. Acesso em 07 jun, 2020.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Cia das Letras, 2019.

KRENAK, Ailton. **O amanhã não está à venda**. São Paulo: Cia das Letras, 2020a.

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. São Paulo: Cia das Letras, 2020b

KRENAK, Ailton. Entrevista à série Vozes da Floresta – A aliança dos Povos da Floresta de Chico Mendes a nossos dias. **Le Monde Diplomatique Brasil**, 2020c. Disponível em: diplomatique.org.br/tv/vozes-da-floresta-ailton-krenak/. Acesso em 03 set. 2020.

LATOUR, Bruno. **Politiques de la nature Comment faire entrer les sciences en démocratie**. Paris: Éd. La Découverte, 2004.

LATOUR, Bruno. La crise sanitaire incite à se préparer à la mutation climatique. **Le Monde**, 2020a. Disponível em: lemonde.fr/idees/article/2020/03/25/la-crise-sanitaire-incite-a-se-preparer-a-la-mutation-climatique_6034312_3232.html. Acesso em: 30 jul. 2020.

LATOUR, Bruno. Não existe sistema capaz de resistir à viralidade da ação política. **El País** - Brasil, 2020b. Disponível em: brasil.elpais.com/cultura/2020-07-24/bruno-latour-nao-existe-sistema-capaz-de-resistir-a-viralidade-da-acao-politica.html. Acesso em: 30 jul. 2020.

LILI SCHWARCZ. Lilia Shwarcz Entrevista – Ideias para adiar o fim do mundo. **Youtube**, 2020. Disponível em: youtube.com/watch?v=GIz0hRuRXqc. Acesso em 03 set. 2020.

MBEMBE, Achille. Le droit universel à la respiration. Analise Opinion Critique - **AOC**, 2020a. Disponível em: aoc.media/opinion/2020/04/05/le-droit-universel-a-la-respiration/?loggedin=true. Acesso em 17 jun, 2020.

MBEMBE, Achille. Entrevista Pandemia democratizou poder de matar. **Folha Online**, 2020b. Disponível em: www1.folha.uol.com.br/mundo/2020/03/pandemia-democratizou-poder-de-matar-diz-autor-da-teoria-da-necropolitica.shtml. Acesso em 03 set. 2020.

PETERSEN, Paulo. A crise do coronavírus escancara os limites do capitalismo. **Brasil de Fato**, 2020. Disponível em: brasildefatope.com.br/2020/08/10/petersen-a-crise-do-coronavirus-escancara-os-limites-do-capitalismo. Acesso em 13 ago, 2020.

PASSOS, ÚRSULA. Mundo pós-pandemia terá valores feministas no vocabulário comum, diz antropóloga Debora Diniz. **Folha Online**, 2020. Disponível em: www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/04/mundo-pos-pandemia-tera-valores-feministas-no-vocabulario-comum-diz-antropologa-debora-diniz.shtml?fbclid=IwAR3xgGAHpVniQTA8wmDnszhK-jcDDmIkgx9e_OKFizGeW_DIbyJZ4Y82POE. Acesso em 10 jun, 2020.

RODRÍGUEZ, Margarita. A economista que defende uma mudança radical do capitalismo para o mundo pós-pandemia. **UOL**, 2020. Disponível em: economia.uol.com.br/noticias/bbc/2020/08/08/a-economista-que-defende-uma-mudanca-radical-do-capitalismo-para-o-pos-pandemia.htm. Acesso em: 30 jul. 2020.

SVAMPA, Maristella. Reflexiones para un mundo post-coronavirus. **Elefante Editora**, 2020. Disponível em: editoraelefante.com.br/reflexoes-para-um-mundo-pos-coronavirus/. Acesso em 10 mai, 2020.

STENGERS, Isabelle. **No Tempos das Catástrofes**. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Os Involuntários da Pátria – elogio do subdesenvolvimento do antropólogo. **Aula pública realizada durante o ato Abril Indígena**, Cinelândia, Rio de Janeiro, 2016.

XAKRIABÁ, Célia. Participação no evento virtual Latinidades 2020. **Youtube,** 2020. Disponível em: youtube.com/watch?v=b2dSCP86lj4. Acesso em 07 jun, 2020.

Conclusão: O acontecimento pandemia de Covid-19 como espelho que amplifica desafios e antecipa futuros

Jorge O. Romano, Annagesse de Carvalho Feitosa, Liza Uema, Paulo Augusto André Balthazar, Renan Alfenas de Mattos, Thais Ponciano Bittencourt, Juana dos Santos Pereira, Daniel S. S. Borges, Daniel Macedo Lopes Vasques Monteiro, Eduardo Britto Santos, Juanita Cuéllar Benavides, Paulo Petersen, Ricardo Dias, Ana Carolina Aguiar Simões Castilho, Caroline Boletta de Oliveira Aguiar, Érika Toth Souza, Larissa Rodrigues Ferreira Myriam Martinez dos Santos Pâmella Silvestre de Assumpção e Vanessa Barroso Barreto[1]

O acontecimento pandemia de Covid-19 poderia ser visualizado como um espelho lupa que amplifica — e em grande medida antecipa — as desestruturações, crises e reconfigurações que fazem parte da própria reprodução do neoliberalismo. Essa ampliação de crises se dá desde as transformações do mundo do trabalho até a representação política, particularmente nas democracias liberais, sendo perpassada pela potencialização das desigualdades de classe, raça, gênero, sexualidade e geração, assim como as desigualdades de e entre territórios e nações. Neste momento final do primeiro livro, procuramos chamar a atenção para o conjunto dessas amplificações e reconfigurações: o recrudescimento das

1 . Os autores são pesquisadoras e pesquisadores do grupo de pesquisa Discurso, Redes Sociais e Identidades Sócio-Políticas (DISCURSO), vinculado ao Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento Agricultura e Sociedade e ao Curso de Relações Internacionais do DDAS/ICHS da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, registrado no CNPq e com apoio de ActionAid Brasil.

desigualdades; o aumento da insegurança alimentar e da fome; a reprodução das desigualdades no acesso à educação; o aumento da depressão, do cansaço, do narcisismo e da luta pela sobrevivência; a expansão do uso das mídias sociais e suas consequências contraditórias e, finalmente, a eternização do presente da pandemia e o futuro como tempo de *pachakuti*. Isto é, um tempo de aprofundamento das dominações (o pior será pior) ou um tempo de mudanças através de pistas do recrudescimento e/ou de uma redução das dominações e até mesmo de um avanço nas emancipações (o melhor será melhor).

Como sinais de que o pior será pior em termos de dominações, destacamos a potencialização do capitalismo de vigilância, a exacerbação da precarização do trabalho e a agudização do necroliberalismo com o aumento das pessoas que são *descartáveis*[2]. Por sua vez, como sinais de que o melhor será melhor, apontamos a possibilidade de uma nova onda reformista, a centralidade do cuidado e a redescoberta democrática da soberania popular.

1. Pandemia e recrudescimento das desigualdades. Apontamos no capítulo 1 que o vírus não é democrático e gostaríamos de destacar aqui o recrudescimento das desigualdades. O acontecimento da pandemia de Covid-19 alcançou países que já eram extremamente desiguais e trouxe à tona como os sistemas colonialistas, racistas e patriarcais afetam regiões e grupos específicos, como as mulheres, a população negra, as comunidades indígenas e tradicionais, deslocados e refugiados. Tornou explícitas as fraturas sociais e políticas já existentes e desencadeou respostas discriminatórias afetando comunidades marginalizadas em todo o mundo.

Enquanto cerca de 40 milhões de trabalhadores e trabalhadoras perderam seus empregos e o total de pessoas vivendo na pobreza pode ter aumentado entre 200 e 500 milhões durante o ano de 2020, somente no período entre março e dezembro de 2020, a riqueza dos bilionários de todos os países do mundo aumentou em 3,9 trilhões de dólares. Na América Latina, esse acréscimo foi de 48 bilhões de dólares – o equivalente a mais de cinco

2 . Metodologicamente, ao longo do texto, pusemos em itálico palavras ou significados tanto expressos nas práticas discursivas dos porta-vozes como aquelas que achamos adequadas, em termos de significado, pelo trabalho analítico e que gostaríamos de destacar.

vezes o montante necessário para evitar que durante um ano 12,4 milhões de pessoas caíssem na pobreza extrema na região.[3] No Brasil, em janeiro de 2021, o número de bilionários havia saltado de 45 para 65 pessoas, com um montante acumulado de 21,2 bilhões de dólares, o que corresponde a R$ 1,2 trilhão e a 9,6% da fortuna total desses bilionários brasileiros que, juntos, detêm um patrimônio consolidado de 219,1 bilhões de dólares[4].

As desigualdades também são aprofundadas e exacerbadas quando se observa a produção e o acesso à vacina contra a Covid-19. Entre os países, um pequeno grupo de nações ricas comprou mais da metade do suprimento dos principais produtores de vacina e no final de abril de 2021, quase 900 milhões de doses de vacinas haviam sido distribuídas globalmente, sendo que mais de 81% foram para países ricos, enquanto os países de menor renda receberam apenas 0,3%[5]. Conforme apontamos no capítulo 1, estudos e pesquisas têm evidenciado que os impactos devastadores da pandemia no Brasil estão afetando particularmente as populações negra, indígena e as mulheres de territórios urbanos e rurais.

Além da retomada da taxa de pobreza em níveis próximos aos da década de 1990, da volta do país ao mapa da fome[6] e do recorde no número de pessoas desempregadas, constatou-se que, em 2020, dos 10,6 milhões de brasileiros e brasileiras que estavam sem nenhuma renda e dependiam apenas do auxílio emergencial, 67% eram negros[7].

3 . OXFAM. Pandemia e desigualdades: super-ricos recuperam perdas em tempo recorde, os mais pobres terão que esperar mais de uma década. **OXFAM Brasil**, 24 jan. 2021. Disponível em: oxfam.org.br/publicacao/pandemia-e-desigualdades/. Acesso em: 03 maio. 2021.

4 . CALAIS, B. Brasil tem 10 novos bilionários no ranking de 2021. **Forbes**, 10 abr. 2021. Disponível em: forbes.com.br/forbes-money/2021/04/brasil-tem-10-novos-bilionarios-no-ranking-de-2021/#foto2. Acesso em: 03 maio. 2021.

5 . RTP. Covax: OMS denuncia desigualdade na distribuição de vacinas. **AGÊNCIA BRASIL**, 23 abr. 2021. Disponível em: agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2021-04/covax-oms-denuncia-desigualdade-na-distribuicao-de-vacinas. Acesso em: 03 maio. 2021.

6 . REDE PENSSAN. **Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da Covid-19 no Brasil**. Brasil, 2021. Disponível em: olheparaafome.com.br/VIGISAN_Inseguranca_alimentar.pdf. Acesso em: 03 maio. 2021.

7 . PRATES, I. et. al. Desigualdades raciais e de gênero no mercado de trabalho em meio à pandemia. Informativo Desigualdades raciais e Covid-19. **CEBRAP**, fev. 2021 #7. Disponível em: cebrap.org.br/wp-content/uploads/2021/02/Informativo-7-Desigualdades-raciais-e-de-ge%CC%82nero-no-mercado-de-trabalho-em-meio-a%CC%80-pandemia.pdf. Acesso em: 03 maio. 2021.

Como é a população negra que mais se expõe em trabalhos informais e presenciais que exigem deslocamento e uso de transporte público nas grandes cidades, o índice de contaminação e de óbitos pelo coronavírus também é maior para esse segmento. Mesmo com excesso de subnotificações e a ausência de informações com o quesito raça/cor e etnia no SUS, constata-se que negros morrem em maior número, são mais diagnosticados com comorbidades e menos vacinados que brancos. Assim, a "vítima padrão" da Covid-19 no Brasil tem gênero, raça e classe social: é *homem, pobre e negro*[8].

Essa continuidade do *pesadelo da colonização* e da escravidão experimentada pela população negra é igualmente vivenciada pelos povos originários, e se agrava ainda mais pelo negacionismo e políticas governamentais anti-indígenas, como a não utilização dos recursos públicos disponíveis para enfrentar a pandemia em territórios indígenas, o aumento exponencial do contágio decorrente de desmatamentos e garimpos ilegais[9] e a elevada taxa de subnotificação de casos de infecções e óbitos por Covid-19[10].

A desigualdade marcada pelo colonialismo e o racismo estrutural também se revela quando observamos a condição de vulnerabilidade das mulheres. O aumento da pobreza e da extrema pobreza na pandemia foi reproduzido e vivenciado principalmente pelas mulheres negras[11], que seguem mais

8 . MARINHO, F. et. al. Disparidades raciais no excesso de mortalidade em tempos de Covid-19 em São Paulo. **CEBRAP**, mar. 2021 #8. Disponível em: cebrap.org.br/wp-content/uploads/2021/03/Informativo-8-Disparidades-raciais-no-excesso-de-mortalidade-em-tempos-de-Covid-19-em-Sa%CC%83o-Paulo_final.pdf. Acesso em: 03 maio. 2021.

MUNIZ, B. et. al. Brasil registra duas vezes mais pessoas brancas vacinadas que negras. **Pública**, 15 mar. 2021. Disponível em: apublica.org/2021/03/brasil-registra-duas-vezes-mais-pessoas-brancas-vacinadas-que-negras/. Acesso em: 03 maio. 2021.

9 . LAUDARES, H. e GAGLIARDI, P.H. Is Deforestation Spreading COVID-19 to the Indigenous Peoples? **IEPS WP**, n. 8., nov. 2020. Disponível em: ieps.org.br/wp-content/uploads/2020/11/IEPS_WP8.pdf; g1.globo.com/rr/roraima/noticia/2020/11/19/coronavirus-avanca-250percent-em-tres-meses-na-terra-yanomami-e-relatorio-cita-total-descontrole.ghtml. Acesso em: 15 maio. 2021.

10 . MINISTÉRIO da Saúde notifica menos da metade das mortes de indígenas na Amazônia. **ISA**, 23 abr. 2021. Disponível em: socioambiental.org/pt-br/blog/blog-do-monitoramento/ministerio-da-saude-notifica-menos-da-metade-das-mortes-de-indigenas-na-amazonia. Acesso em: 03 maio. 2021.

FELLOWS, M. et. al. Under-Reporting of COVID-19 Cases Among Indigenous Peoples in Brazil: A New Expression of Old Inequalities. **Frontiers in Psychiatry,** Vol. 12. Article 638359, 12 apr. 2021. Disponível em: frontiersin.org/articles/10.3389/fpsyt.2021.638359/full. Acesso em: Acesso em: 03 mai. 2021.

11 . Um estudo realizado pelo Centro de Pesquisa em Macroeconomia das Desigualdades da Universidade de São Paulo (Made-USP) constatou que antes da pandemia, 33% das mulheres negras já se encontravam abaixo da linha da pobreza e em 2021, mesmo com acesso ao auxílio emergencial, essa taxa aumentou em 38%. A extrema pobreza, que atingia 9,2% das mulheres negras em 2019, subiu para 12,3% dessa população. Para homens brancos, essa taxa foi de 3,4% para 5,5% nesse mesmo intervalo. Fonte: ROUBICEK, M. **Nexo Jornal**, 25 abr. 2021. Disponível em: . nexojornal.com.br/expresso/2021/04/25/Desigualdade-de-g%C3%AAnero-e-ra%C3%A7a-o-perfil-da-pobreza-na-crise. Acesso em: 03 maio. 2021.

expostas na linha de frente e em posições subalternas nas equipes de saúde[12]. O isolamento necessário como medida sanitária intensificou a violência contra meninas e mulheres e se tornou ainda mais presente e invisível.

A pandemia tornou evidente não apenas a crise sanitária global, mas, sobretudo, uma crise do cuidado. Ocupando o centro da sustentabilidade da vida, os trabalhos de cuidado se intensificaram, deixando ainda mais explícito como as desigualdades raciais e de renda marcam a vida e a sobrecarga do trabalho das mulheres. Muito antes desse acontecimento, a organização do cuidado sempre esteve ancorada na exploração do trabalho de mulheres negras e no trabalho não remunerado das mulheres[13].

2. Aumento da insegurança alimentar e da fome. O advento da pandemia tornou-se um novo óbice aos menos favorecidos, expondo e ampliando todas as fragilidades de nosso sistema, seja no Brasil ou em outros países. Com vistas a calcular os potenciais impactos causados pelo novo coronavírus em todo o mundo, no início da pandemia, em 2020, foi produzido pela Organização das Nações Unidas (ONU) um documento cujos dados apontavam que mais de 130 milhões de pessoas estariam em situação de insegurança alimentar até o final daquele ano[14].

No caso brasileiro, a situação de insegurança alimentar, que anos atrás esteve em vias de ser superada, agravou-se nos últimos 5 anos, e atualmente acomete grande parte da população da federação. Durante o biênio 2017/2018, já se tinha sido registrado o maior índice de insegurança alimentar no país

12 . Estas, além de seguirem ocupando posições subalternas nas equipes, relataram sentir mais medo (84%), desconfiança (28%) e tristeza (53%), além de declararem mais sensação de despreparo (59%) em relação a mulheres brancas e homens brancos e negros. Fonte: FERREIRA, L. e SILVA, V.R. 2020: o ano da pandemia e seu impacto nas mulheres, pessoas negras e LGBT+. **Gênero e Número**, 22 dez. 2020. Disponível em: generonumero.media/retrospectiva-2020/. Acesso em: 03 maio. 2020.

13 . Ao longo dos meses de abril e maio de 2020, metade das mulheres brasileiras (50%) passaram a cuidar de alguém na pandemia e no caso das mulheres rurais e mulheres negras, esse número alcançou 62% e 52%, respectivamente. Entre as responsáveis pelo cuidado de crianças, idosos ou pessoas com deficiência, 72% afirmaram que aumentou a necessidade de monitoramento e companhia. Fonte: FERREIRA, L. et. al. Metade das mulheres brasileiras passou a cuidar de alguém durante a pandemia. **Gênero e Número**, 30 jul. 2020. Disponível em: generonumero.media/metade-mulheres-passou-cuidar-pandemia/. Acesso em: 07 jun. 2020.

14 . GALINDO, E. et. al. Efeitos da pandemia na alimentação e na situação da segurança alimentar no Brasil. 2021. Food for Justice Working Paper Series n. 4, Berlin: **Food for Justice:** Power, Politics, and Food Inequalities in a Bioeconomy, 2021. Disponível em: refubium.fu-berlin.de/bitstream/handle/fub188/29813/WP_%234_final_version.pdf?sequence=2&isAllowed=y. Acesso em: 07 jun. 2020.

desde que o IBGE começou a fazer o levantamento, em 2004[15]. Logo no início do governo Temer foi extinto o Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA), responsável pela promoção e implementação da promoção da agricultura familiar, entre outras políticas de desenvolvimento rural. A extinção dessas políticas não foi restrita a este ministério, mas atingiu também outros órgãos ligados às políticas sociais de segurança alimentar, como o então Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS), impactando diretamente diversas famílias brasileiras. Após contribuir para a ampliação do cenário de precariedade, sob o discurso de mitigar o problema da fome via ampliação de empregos e atração de investimentos, o governo Temer adotou duas medidas que potencializaram a insegurança alimentar: a implementação da reforma trabalhista e a promulgação da Emenda Constitucional 95[16], formalizando a redução dos investimentos às políticas sociais por vinte anos. A ineficácia dessas ações para redução do quadro da fome são flagrantes, posto que em 2018, por exemplo, quase 25% da população vivia em situação de pobreza, enquanto os casos extremos beiravam os 12%. Observa-se, ainda, que 36,7% das famílias brasileiras vivenciavam dificuldades para se alimentarem nesse período, enquanto que 10,3 milhões de pessoas passavam fome (IBGE, p. 28)[17].

Essa tendência continuou recrudescendo com a ascensão de Bolsonaro ao poder, uma vez que o presidente eleito não demonstrou ser a segurança alimentar uma preocupação de seu governo. Além disso, sua gestão promoveu uma sumária desarticulação de programas sociais fundamentais para segurança alimentar e o apoio à agricultura familiar, como o desmantelamento do Programa de Aquisição de Alimentos da Agricultura Familiar (PAA)

15 . FERNANDES, S. Redução de programas sociais levaria Brasil à fome mesmo sem pandemia. **De Olho nos Ruralistas**, 10 nov. 2020. Disponível em: deolhonosruralistas.com.br/2020/11/10/reducao-de-programas-sociais-levaria-brasil-a-fome-mesmo-sem-pandemia/ Acesso em: 07 jun. 2020.

16 . BRASIL. **Constituição (1988)**. Constituição da República Federativa do Brasil: versão atualizada até a Emenda n.95/2016. Disponível em : www2.camara.leg.br/legin/fed/emecon/2016/emendaconstitucional-95-15-dezembro-2016-784029-publicacaooriginal-151558-pl.html Acesso em: 5 jun. 2021.

17 . IBGE. **Pesquisa de orçamentos familiares 2017-2018**: análise da segurança alimentar no Brasil. Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101749.pdf. Acesso em: 5 jun. 2021.

e a extinção do Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (Consea). Para o presidente recém eleito, o problema da fome não passaria de um "discurso populista" [18].

O acontecimento Covid-19, associado a essas orientações do governo antecessor e ao desmonte de políticas públicas sociais, agudizou ainda mais a situação de insegurança alimentar e de fome. O "Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da Covid-19 no Brasil", pesquisa da Rede PENSSAN que focou nos últimos três meses de 2020, apontou que mais da metade dos domicílios brasileiros (55,2%), ou seja, mais de 116,8 milhões de pessoas, conviveram com algum grau de insegurança alimentar e que 9% deles — 19 milhões de pessoas — vivenciaram insegurança alimentar grave, ou seja, passavam fome. A pesquisa revela um processo de intensa aceleração da fome no país, com um crescimento que passa a ser de 27,6% ao ano entre 2018 e 2020. No período entre 2013 e 2018, o aumento era de 8% ao ano. Dessa forma, no contexto da pandemia, a catástrofe da fome espelha o tradicional quadro de desigualdade, atingindo especialmente mulheres e a população negras, do Norte e Nordeste do país[19].

3. Reprodução da desigualdade no acesso à educação. O acesso à educação é historicamente desigual e durante a pandemia tornou-se ainda mais excludente. No caso do Brasil, cerca de 82% dos alunos da Educação Básica deixaram de frequentar as escolas desde o início da pandemia. Nesse contexto, mitigar os prejuízos do processo de escolarização e do acirramento das desigualdades são os principais desafios que se impuseram[20].

Distintas instituições, tanto públicas quanto privadas, adotaram alternativas diversas para lidar com o impasse, como a utilização do ensino remoto e, em

18 . FERNANDES, *op.cit*.

19 . O Inquérito utilizou a mesma metodologia adotada pelo IBGE desde 2004, classificando a população brasileira conforme suas condições de segurança e insegurança alimentar. Enquanto as três primeiras pesquisas, realizadas pelo IBGE em 2004, 2009 e 2013, descreveram uma trajetória de significativos avanços – crescendo o número de domicílios em segurança alimentar com a consequente queda das diversas formas de insegurança –, a pesquisa do IBGE referente a 2018 já revelava um veloz retrocesso, e a da Rede PENSSAN realizada em 2020 mostra o aumento do problema. Fonte: REDE PENSSAN, *op.cit*., 2021.

20 . REDE CONHECIMENTO SOCIAL. **Retratos da Educação no Contexto da Pandemia do Coronavírus:** perspectivas em diálogo. agosto de 2020. Disponível em: movinovacaonaeducacao.org.br/wp-content/uploads/2020/12/Pesquisa-Retratos-da-educacao-no-contexto-da-pandemia-de-coronavirus.pdf. Acesso em: 07 jun. 2021.

alguns casos, até mesmo o fornecimento de material impresso (atividades) aos alunos para executarem as lições em casa e empreenderem a devolução na escola em seguida. É necessário enfatizar, no entanto, que grande parte das famílias/alunos não dispõem de meios (aparelhos celulares, computadores, internet satisfatória, familiaridade com a linguagem digital etc.) necessários à viabilização do ensino remoto[21].

Em países como Brasil, para muitos alunos o espaço escolar significa também a oportunidade de realizar ao menos uma refeição por dia. Assim, o fechamento das escolas impactou estudantes e suas famílias e não apenas nos aspectos educacionais. A publicação "Retratos da educação no contexto da pandemia do coronavírus"[22] expõe dados que evidenciam alguns dos desafios enfrentados no contexto educacional pela população brasileira, como, por exemplo, dificuldades para avançar no aprendizado, sobrecarga, ansiedade e estresse - que afetam desde educadores como jovens do ensino médio e crianças do ensino fundamental — e riscos de abandono escolar por parcelas representativas de estudantes, em todos os níveis de ensino. Os estudos destacam também as desigualdades no acesso às atividades propostas para serem realizadas em casa, associadas às desigualdades preexistentes da sociedade brasileira[23].

4. Reprodução e ampliação da depressão, do cansaço, do narcisismo e da luta pela sobrevivência. Cada época tem suas doenças emblemáticas. As doenças neuronais que provocam depressão eram e são o sintoma patológico do início do século XXI na sociedade do cansaço e promovida com a hegemonia do neoliberalismo. O novo coronavírus sobrecarrega a atual sociedade do cansaço[24]. A fadiga não só afeta quem se infectou por Covid-

21 . ROSAS, H. Panorama da Educação no Brasil em 2020 e os desafios de 2021. Futura, 22 mar. 2021. Disponível em: futura.org.br/educacao-brasileira-na-pandemia-em-2020-e-os-desafios-de-2021/. Acesso em: 07 jun. 2021.

22 . REDE CONHECIMENTO SOCIAL, *op. cit*., 2021.

23 . Ibid.

24 . HAN, Byung Chul. Teletrabalho, Zoom e depressão: o filósofo Byung-Chul Han diz que exploramos a nós mesmos mais do que nunca. **El País Brasil**, 22 mar. 2021. Disponível em: brasil.elpais.com/cultura/2021-03-23/teletrabalho-zoom-e-depressao-o-filosofo-byung-chul-han-diz-que-nos-exploramos-mais-que-nunca.html . Acesso em: 18 mai 2021.

19, mas afeta a todas as pessoas. A eternização do presente da pandemia, com a renovação de suas ondas, produz um esgotamento generalizado da população e potencializa as doenças neuronais do neoliberalismo.

Ao mesmo tempo, o teletrabalho poderia ser visto como a expressão do campo neoliberal de trabalhos forçados (Han, 2021), pela demanda permanente de otimização com a expansão dos horários de trabalho, em que a exaustão seria o limite. O ser humano tornou-se o explorador de si mesmo por seu próprio desejo excessivo de competição e sucesso, vivido como realização pessoal. Os indivíduos se exploram até o colapso. O sistema neoliberal foi internalizado até o ponto em que já não precisa de coação externa para existir. E por essa razão, o sintoma do nosso tempo é a fadiga. Com a pandemia, se generaliza e se estende o *home office*, ao mesmo tempo em que se radicalizam as demandas por otimização tanto pela auto-exploração nos empreendedores como pela exploração pelos patrões de terceirizados e trabalhadores formais. A exaustão estende seus limites afetando todas e todos, e também se intensifica com o isolamento e a falta de contato físico corporal com o outro, potencializado pela exclusividade da comunicação digital unilateral e descorporizada (Han, 2021).

O vírus acelera outro elemento destrutivo do neoliberalismo: o desaparecimento dos rituais e, consequentemente, a erosão da comunidade. Com efeito, Han compreende os rituais como significantes de ações simbólicas que permitem que uma comunidade reconheça neles seus sinais de identidade (Han, 2020a)[25]. Com a perda dos rituais sociais decorrentes do neoliberalismo, o que predomina é uma comunicação unilateral e sem comunidade e, atualmente, com o imperativo da fluidez da comunicação, os rituais são percebidos como um obstáculo obsoleto e dispensável. O seu desaparecimento progressivo leva à erosão da comunidade e à desorientação do indivíduo. A doença da depressão não ocorre em uma sociedade definida por rituais, mas em uma sociedade que os perdeu (Han, 2020a). E com o isolamento imposto pela pandemia, se potencializa a perda dos poucos rituais

25 . HAN, Byung Chul. **La desaparición de los rituales:** una topología del presente. Burzaco PBA: Herder, 2020a.

individuais que as pessoas ainda praticavam, como os encontros com amigos em lugares públicos, visitas a parentes, peladas de futebol e outros esportes conjuntos, reuniões para assistir a jogos e torneios, idas ao cinema, bailes e espetáculos artísticos.

O neoliberalismo havia recrudescido a expulsão do diferente, isto é, a proliferação do idêntico e do igual com uma atribuição de perigo ao diferente. A diminuição e até a eliminação do outro eram uma tendência crescente na sociedade da transparência e na sociedade da positividade promovidas pelo neoliberalismo (Han, 2017)[26]. Com a pandemia, o outro se tornou um potencial portador do vírus, do qual se deve manter ainda mais distância. O vírus radicaliza, assim, a expulsão do diferente e ao mesmo tempo potencializa o culto ao narcisismo que já havia se manifestado quando o outro era banido com a alteridade engolfada pelo eu (Han, 2014)[27]. As *lives* permanentes obrigam a nos olharmos o tempo todo na tela/espelho e, dessa forma, a pandemia potencializa o narcisismo na forma de videonarcismo (Han, 2021). E com a ausência do outro promovida pela pandemia, o narcisismo exacerbado neoliberal leva o sujeito narcisista-depressivo a colapsar em si mesmo.

Finalmente, cabe lembrar que com o neoliberalismo, a exacerbação do medo e da dor implicou numa crescente histeria pelo controle da saúde, com a quantificação do eu através do registro total de nosso corpo por meio de *smartwatches* específicos. Esse controle se potencializa com a radicalização viral que se manifesta na luta encarniçada pela sobrevivência durante a pandemia. A sociedade atual avançaria, assim, para uma sociedade da sobrevivência[28] (Han, 2020b), na qual se secundariza a capacidade de valorizar a qualidade de vida[29].

26 . HAN, Byung Chul. **Sociedade da Transparência**. Petrópolis: Vozes, 2017.

27 . Han, Byung Chul. **La agonía del Eros**. Burzaco: PBA, 2014.

28 . Han Byung Chul. **A Sociedade paliativa**. Lisboa: Relogio D´Agua, Lisboa: 2020b.

29 . Cabe lembrar que autores como Latour já apontaram para a angústia vivida em mundos diferentes com o neoliberalismo.
Fonte: LATOUR, B. **Down to Earth:** Politics in the New Climatic Regime. Cambridge: Polity Press, 2018.
TV BOITEMPO. Neoliberalismo e sofrimento psíquico // Christian Dunker. **Youtube**, 25 abr. 2016. Disponível em: youtube.com/watch?v=uR5CXgSrrt8. Acesso em: 18 mai. 2021.

5. Negacionismo e discurso científico nas mídias, o contexto cibernético e a digitalização da política. A análise das mídias tradicionais na pandemia apontou a sua atuação em defesa da agenda neoliberal globalizada e polarizadora do debate com pouco ou nenhum espaço para refletir sobre a dimensão antagônica do político. Ou seja: as mídias tradicionais se comportam como porta-vozes do campo neoliberal financista e globalizado. Porém, a pesquisa também indicou que a pandemia da Covid-19 alterou padrões discursivos. Por exemplo, no caso brasileiro, se por um lado houve a preservação da agenda conservadora na economia, por outro, além de um fortalecimento da rejeição ao governo Bolsonaro, se abriu espaço para a defesa da ação estatal, de políticas sociais e medidas emergenciais no contexto pandêmico, com adesão ao discurso científico em oposição ao negacionismo.

Nas mídias digitais, a pesquisa indicou uma tendência de segmentação dos perfis nas redes sociais, associada à ampliação de espaços editoriais corporativos que integram mídias tradicionais e mídias digitais. De uma forma geral, houve uma ampliação de acessos e valorização de conteúdos com abordagens científicas em todas as redes, com exceção na rede WhatsApp, dominada por fluxos comunicacionais negacionistas e bolsonaristas e com impulsionamentos simétricos e convergentes com o posicionamento bolsonarista nas sucessivas crises governistas. Também se manifestou a consolidação do Twitter como espaço público do debate político onde a pandemia e o negacionismo operaram.

A análise dos discursos negacionista e científico sobre a pandemia da Covid-19 nas mídias brasileiras fortaleceu a hipótese de que esse acontecimento impacta as relações hegemônicas. Um indício desse potencial está nos movimentos das grandes corporações de mídia que atuam em um modelo de hiper-partidarização e polarização, ao operarem como bloco único e transnacional de reverberação dos dogmas neoliberais. Um modelo de integração complementar ao padrão cibernético incorporado nas finanças, nos mercados e nos meios de comunicação e que vem sendo viabilizado pela globalização neoliberal de forma acelerada desde os anos 1990.

Um efeito preliminar do debate entre discursos negacionistas e científicos foi a ampliação da visibilidade às continuidades entre mídias tradicionais e mídias digitais, pela reconfiguração dos modelos de negócio das grandes corporações de mídia que ampliam seus territórios digitais e pela manutenção nos espaços digitais de um padrão comunicacional de confinamento do debate político a um campo binário, polarizado e pré-formatado que reduz ou elimina potenciais dialógicos e criativos presentes em sociedades complexas e plurais. Essa reconfiguração traz como consequência a redução dos espaços que possibilitam a emergência de projetos de sociedade e visões de futuro diversas e inovadoras, como discutido e evidenciado por Ribeiro e Ortellado (2018)[30].

Mas o acontecimento pandemia de Covid-19 não só tornou mais evidente esse bloco de reverberação conservadora como também abriu brechas numa configuração discursiva e ideológica até então monolítica e associada à globalização neoliberal. Com a pandemia, abriram-se, nesse aparelho de reverberação, novas possibilidades de articulações discursivas e políticas em torno da primazia da vida sobre os interesses de mercado; sobre a importância da ciência e do planejamento estatal; sobre o papel do Estado na universalização e na garantia de direitos e, em diversas dimensões, se recuperou ou se fortaleceu o tema da igualdade nos debates político e acadêmico.

Ao mesmo tempo, a análise dos discursos científico e negacionista nas mídias digitais confirmou sua articulação com contextos políticos, econômicos e culturais que transcendem a dimensão tecnológica (como o modelo polarizador dos debates políticos e a crise dos modelos liberais de representação política). Também evidenciou a necessidade de integrar as redes sociais e a digitalização da política que nelas se dá com o contexto cibernético já consolidado nas finanças, nos mercados e nos meios de comunicação desde os anos 1990. Um contexto digital que desarranja os modelos de controle da opinião pública (Habermas, 2011)[31] e rompe as fronteiras que

30 . RIBEIRO, M.M.; ORTELLADO, P. O que são e como lidar com as Notícias Falsas. **SUR 27,** v.15, n.27, 2018, p.71-83. Disponível em: sur.conectas.org/wp-content/uploads/2018/07/sur-27-portugues-marcio-moretto-ribeiro-pablo-ortellado.pdf. Acesso em: 05 maio. 2021.

31 . HABERMAS, J. **Mudança estrutural da esfera pública**. Editora Unesp, 2011.

isolavam e domesticavam a retórica e a participação do popular no debate político, como apontado por Cesarino (Cesarino, 2020)[32]. Mas, ao mesmo tempo, um contexto que acelera e viabiliza novas dinâmicas de construção, desconstrução, mobilização e desmobilização de sujeitos políticos.

É nesse sentido que a presença nas redes digitais de elementos organizados por Laclau e Mouffe em torno da Teoria do Discurso nos parece significativa (Laclau e Mouffe, 2014)[33]. Se esses elementos apontam para um *momento populista*, como indicado na pesquisa de Cesarino (Cesarino, 2020)[34] é porque esse é o modo de articulação política que se configura quando prevalecem na sociedade potenciais anti-sistêmicos e disruptivos (Laclau, 2013)[35], mais do que por estruturas tecnológicas presentes nos algoritmos ou por ação estruturada de agentes infiltrados nas redes, ainda que a presença desses agentes tenha sido comprovada no escândalo da Cambridge Analytics, entre outros episódios recentemente desvelados.

O que mostra mais poder explicativo da presença de elementos populistas nas mídias digitais, como na sociedade política global em *pari passu* com o avanço do projeto neoliberal, ou seja, desde os anos 1980, é o próprio potencial disruptivo do neoliberalismo, vem sendo explorado produtivamente por autores como Dardot e Laval (2019)[36], Achille Mbembe (2016)[37] ou Wendy Brown (2019)[38]. Por isso, nos parece mais produtivo abordar a digitalização da política em suas articulações com o contexto cibernético emergente num plano histórico mais amplo que engloba e transcende a internet. Um contexto integrador e acelerador dos processos de produção, circulação e mercanti-

32 . CESARINO, L. Como vencer uma eleição sem sair de casa: a ascensão do populismo digital no Brasil, **Internet & Sociedade** n.1, v.1, fev. 2020, p. 91-120. Disponível em: revista.internetlab.org.br/wp-content/uploads/2020/02/Como-vencer-uma-eleição-sem-sair-de-casa.pdf. Acesso em: Acesso em: 05 maio. 2021.

33 . LACLAU. E.; MOUFFE, C. **Hegemonía y estrategia socialista. Hacia una radicalización de la democracia**. Madrid: Siglo XXI, 2014.

34 . Ibidem 32.

35 . LACLAU, E. **A Razão Populista.** Ed. Três Estrelas: São Paulo, 2013.

36 . DARDOT, P.; LAVAL, C. **A Nova Razão do Mundo:** ensaio sobre a sociedade neoliberal., Ed. Boitempo: São Paulo, 2016.

37 . MBEMBE, Achille. Necropolítica. **Arte & Ensaios** n. 32, UFRJ, 2016, p. 123-151. Disponível em: revistas.ufrj.br/index.php/ae/article/view/8993/7169. Acesso em: 09 maio. 2021.

38 . BROWN, Wendy. **Nas ruínas do neoliberalismo:** a ascensão da política antidemocrática no Ocidente. Politeia, 2019.

lização de bens materiais e simbólicos que não poderia deixar de impactar, tanto nas suas dimensões quantitativas como qualitativas, os processos de construção e mobilização de sujeitos políticos. Como reforçado por Vieira Pinto (2013)[39] e Wiener (1962)[40], desde os anos 1960 e 1970, a cibernética se insere na relação do homem com o mundo para reconfigurar os processos de representação, ação e retroação do homem sobre o mundo, acelerando, integrando e potencializando esses processos tanto nas suas dimensões de escravização como de emancipação, não por *bits* ou algoritmos, mas pelo próprio homem, ou seja, nas suas dimensões políticas.

6. A eternização do presente da pandemia e o futuro como tempo de pachakuti: tempo de aprofundamento das dominações ou tempo de mudanças? Existe um enorme cansaço das pessoas devido à eternização do presente da pandemia. As expectativas de chegar a um término desse acontecimento que quebrou as regularidades do cotidiano vão ficando represadas e postergadas pelas novas ondas de contágio, novas cepas que se reproduzem pela falta de universalização das vacinas, atitudes negacionistas e dificuldades de seguir as medidas de cuidado, como as de isolamento, recomendadas pelo discurso científico.

As pessoas apostam e esperam a volta do normal. Mas que *normal* é este? O normal anterior ao surgimento da pandemia? A expansão dos governos autoritários de direita, dos fundamentalismos, do racismo, do patriarcado? A exacerbação das desigualdades e a concentração da riqueza nas mãos de uns poucos (menos do 1%)? A proliferação da violência e sua naturalização? A aceleração da destruição do meio ambiente e as mudanças climáticas? Ou, como diz Naomi Klein, voltaremos à crise antes da crise[41]?

Nos vemos, dessa forma, diante da obrigação de repensar o normal. Ou, ao menos, de tentar identificar os sinais do que está se construindo como novo normal para nosso presente e nosso futuro. É um campo de disputa profundo,

39 . PINTO, A. V. **O Conceito de Tecnologia.** Volume II, Contraponto, Rio de Janeiro, 2013.

40 . WIENER, N. **Cybernetics or Control and Communication in the Animal and The Machine**. The MIT Press: Cambridge, 1962.

41 . CARTA MAIOR. Naomi Klein: Por que voltar à crise de antes da crise? **Outras Palavras**, 01 mar. 2021. Disponível em: outraspalavras.net/outrasmidias/naomi-klein-por-que-voltar-a-crise-de-antes-da-crise/. Acesso em: 09 maio. 2021.

que envolve poderosas forças, atores e trajetórias diversas. Assim, neste eterno presente pandêmico, encontramos sinais divergentes da resolução das desestruturações, crises e reconfigurações que fazem parte da própria reprodução do neoliberalismo e foram ampliadas com o acontecimento da pandemia. Nossa hipótese é de que se teria produzido uma suspensão da hegemonia que aponta tanto para o recrudescimento das dominações como para a sua redução e até mesmo para um avanço nas emancipações.

A partir da leitura desses sinais, o que intuímos é que não haveria uma volta ao *normal* anterior. Isto é, estaríamos num tempo de *pachakuti*: o tempo de aprofundamento das dominações ou o tempo de mudanças e superações[42]. No novo normal, o pior será pior, mas também há a possibilidade de que o melhor possa vir a ser melhor[43].

7. Sinais de que o pior será pior. Entre os sinais de que o pior será pior, podemos destacar a potencialização do capitalismo de vigilância, a exacerbação da precarização do trabalho e a agudização do necroliberalismo com o aumento dos descartáveis.

A potencialização do capitalismo de vigilância. No contexto anterior à pandemia, o capitalismo de vigilância se configurava como uma nova forma de acumulação do capital e de controle. Através da análise e transformação de dados extraídos da realidade cotidiana, estaria se conformando uma quarta mercadoria fictícia: o comportamento. Assim, a própria realidade estaria passando pelo mesmo tipo de metamorfose fictícia — destacada por Polanyi — pelas quais passaram as pessoas, a natureza e a troca, sendo agora subjugada à mercantilização e renascendo como comportamento. A parceria entre grandes corporações das mídias sociais com os Estados configura um sistema sofisticado de controle da vida das pessoas, fundada em uma servidão voluntária sob a aparência de liberdade. Ou seja, as informações

42 . Relembrando, *pachakuti* é um conceito andino, na língua indígena quéchua, que se refere ao momento de reviravolta do tempo e do espaço, que pode ser catastrófico ou significar uma renovação. Significa a transformação do todo, uma mudança geral da ordem, um grande movimento de inversão.

43 . FEBBRO, E. Michel Wieviorka: "En este momento, el poder está desbordado". **Página 12**, 03 maio. 2020. Disponível em: pagina12.com.ar/263433-michel-wieviorka-en-este-momento-el-poder-esta-desbordado. Acesso em: 05 jun. 2021.

e registros de seu cotidiano que as pessoas colocam de forma autônoma nas mídias sociais são transformados em algoritmos que constroem não apenas o controle, mas a orientação de seus comportamentos[44].

Somado a isso, em diversos países, a vigilância digital já estava instalada antes mesmo da pandemia, através de câmeras nas grandes cidades, do uso de dados produzidos pelos celulares[45], entre outros. Com o advento da pandemia, alguns países lançaram mão da tecnologia com vistas a controlar a proliferação do vírus, tais como China, Cingapura, Coreia do Sul, Irã, Israel[46], França, Itália[47], Irlanda, e Brasil. As autoridades chinesas armazenam grande quantidade de dados da população do país. Embora alguns aplicativos funcionem sem a anuência dos cidadãos, por vezes parece não haver incômodo que seu itinerário seja monitorado, sobretudo durante a pandemia, sob o argumento do *sacrifício da vida privada em prol da saúde*. No caso chinês, alguns aplicativos utilizam a tecnologia da geolocalização[48] e outros solicitam aos usuários dados mais específicos, como número de documentos pessoais e até mesmo fotografias. Utilizam também um aplicativo que determina o risco de contágio a partir de um código de cores que pode levar à restrição de circulação da população[49].

Em Cingapura, assim como na França, a tecnologia utilizada é o bluetooth. Na Coreia do Sul, os telefones, dados de cartão de crédito, entre outros, são utilizados com vistas a elaborar um mapa das pessoas infectadas, casos

44 . ZUBOFF, Shoshana. Big Other: capitalismo de vigilância e perspectivas para uma civilização da informação. *In*: BRUNO, F. et al. (orgs). **Tecnopolítica da vigilância:** perspectivas da margem. São Paulo: Boitempo, 2018. p. 17-68.

45 . DIAS, T. Vigiar e lucrar. **The Intercept Brasil**, 13 abr. 2020. Disponível em: theintercept.com/2020/04/13/vivo-venda-localizacao-anonima/. Acesso em: 05 jun. 2021.

46 . TIDY, J. Coronavírus leva governo de Israel a se dar 'poderes especiais' de espionagem. **BBC NEWS Brasil**. Disponível em: bbc.com/portuguese/geral-51938946 . Acesso em: 05 jun. 2021.

47 . 5 PAÍSES que usam os celulares para rastrear a pandemia de coronavírus. Época NEGÓCIOS, 27 mar. 2020. Disponível em: epocanegocios.globo.com/Tecnologia/noticia/2020/03/5-paises-que-usam-os-celulares-para-rastrear-pandemia-de-coronavirus.html#:~:text=Cingapura,minutos)%20de%20pacientes%20com%20coronav%C3%ADrus. Acesso em: 05 jun. 2021.

48 . PRESSE, F. Na China, aplicativos de rastreamento do coronavírus estão em toda parte. **G1**, 13 maio. 2020. Disponível em: g1.globo.com/mundo/noticia/2020/05/13/na-china-aplicativos-de-rastreamento-do-coronavirus-estao-em-toda-parte.ghtml. Acesso em: 05 jun. 2021.

49 . SCHREIBER, M. Coronavírus: uso de dados de geolocalização contra a pandemia põe em risco sua privacidade?. **BBC NEWS Brasil**, 21 abr. 2020. Disponível em: bbc.com/portuguese/brasil-52357879#:~:text=No%20Brasil%2C%20um%20uso%20de,a%20orienta%C3%A7%C3%A3o%20de%20permanecer%20em. Acesso em: 05 jun. 2021.

suspeitos, pessoas com as quais tiveram contato e os locais onde estiveram[50]. No Irã, além do uso de um aplicativo específico, passaram a rastrear os telefones dos cidadãos. Em Israel, segundo o primeiro-ministro Benjamin Netanyahu, adotaram medidas que eram utilizadas contra "terroristas"[51]. A Irlanda utiliza uma tecnologia da Apple e da Google, e avalia a exposição de contato em um aplicativo chamado Covid Tracker[52].

O Estado brasileiro também criou um aplicativo para monitorar os casos de Covid-19, o Coronavírus-SUS. Quando iniciou a pandemia, o aplicativo era apenas informativo, mas em agosto de 2020 o Ministério da Saúde passou a usar a tecnologia da Apple e da Google via bluetooth nos aparelhos celulares, para verificar e informar aos usuários sobre a proximidade de pessoas infectadas. No entanto, esse aplicativo não foi amplamente divulgado e menos de 1% da população brasileira lançou mão deste recurso[53]. Independente da esfera federal, alguns estados e municípios também fizeram uso desse tipo de tecnologia, tais como São Paulo, Rio de Janeiro, Alagoas, Amapá, Amazonas, Ceará, Maranhão, Goiás, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Piauí, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, além das prefeituras de Recife, Teresina e Aracaju[54]. O monitoramento foi realizado em parceria com empresas de telefonia, mas alguns deles contaram com os dados da empresa In Loco, uma startup pernambucana. Vale destacar que no Brasil o uso dessas tecnologias de monitoramento ocorreu num momento de grandes debates sobre a Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais (LGPD)[55], que dispõe sobre o tratamento de dados dos cidadãos.

50 . Ibidem.

51 . 5 PAÍSES..., *op. cit*.

52 . TAGIAROLI, G. App do SUS que monitora avanço da covid fracassa por falta de uso. **Uol**, 14 abr. 2021. Disponível em: uol.com.br/tilt/noticias/redacao/2021/04/14/falta-de-politica-nacional-faz-app-do-sus-flopar-no-rastreamento-de-contato.htm?cmpid=copiaecola. Acesso em: 05 jun. 2021.

53 . Ibidem.

54 . SCHREIBER, M., *op. cit*, 2021.

55 . BRASIL. Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais (LGPD). Disponível em: planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2018/lei/l13709.htm. Acesso em: 05 jun. 2021.

As medidas de controle estabelecidas foram rígidas sobretudo nos países asiáticos, cujo confinamento e controle da mobilidade dos indivíduos e casos de desrespeito às normas estabelecidas poderiam resultar em punições. Vale salientar que alguns desses países não possuem leis ou regulamentos com vistas à proteção de dados e alguns dos que possuem não limitam o acesso ao uso de dados pelos governos.

Com a pandemia, o uso que vários governos fizeram deste tipo de informações para controlar e evitar os contágios supõe uma utilização positiva. Entretanto, em um contexto pós pandêmico, esse controle pode vir a assumir uma feição negativa, de aumento da vigilância dos comportamentos críticos ou questionadores dos próprios governos. Além disso, as corporações do mundo digital podem potencializar o negócio da Big Data, abrindo novas frentes de exploração comercial e gerarem lucro a partir de uma nova onda de informações registradas e disponibilizadas pela população de forma voluntária e não voluntária no período pandêmico.

Assim, o acontecimento Covid-19, abre a possibilidade de uma virada autoritária do capitalismo neoliberal através da normalização do Estado de exceção e da utilização de tecnologias de controle e manipulação dos indivíduos, potencializando, assim, a conformação do capitalismo de vigilância.

A exacerbação da precarização do trabalho. No normal anterior assistimos ao aumento da precarização das relações de trabalho, ancorada sobre um processo dinâmico de transição tecnológica. O advento da pandemia acentuou e acelerou os aspectos nefastos dessa precarização, demonstrando que as possibilidades de futuro das pessoas que foram atingidas diretamente por esses processos serão muito piores.

Tomando como ilustração o caso brasileiro, num contexto de crise financeira e econômica que o país já não se mostrava apto a enfrentar, em 2017, sofremos uma reforma trabalhista sob o discurso da flexibilização das relações no ambiente laboral e da autonomia dos trabalhadores. Esse processo gerou o aumento de uma gama de trabalhadores e trabalhadoras sem vínculo e em situação de extrema precarização, movimento que favorece exclusivamente as empresas.

Quando a pandemia teve início no Brasil, o país contava com classes historicamente diferenciadas e desiguais, condições precárias de moradia, de saneamento, entre outras situações de precariedade que seriam urgentemente necessárias para implementação e manutenção de medidas de contenção da propagação do vírus. Além disso, a população menos favorecida deparou-se com o desemprego. Apenas nos três primeiros meses após o início da pandemia, houve uma redução de 1 milhão e 487 mil empregos formais.[56] A pandemia também ampliou as situações de trabalho informal por meio do fenômeno de *uberização*. Essa situação foi facilitada principalmente — mas não exclusivamente — a partir da iniciativa de estabelecimentos comerciais que se viram compelidos a admitir apenas os serviços de entrega. Muitos postos de trabalho e pequenos negócios foram fechados pela pandemia sem condições de reabrirem.

O *home office* é outra modalidade de trabalho que exige nossa atenção. Durante o processo de aprovação da reforma trabalhista, admitiu-se ao empregador a possibilidade de alterar o regime de trabalho de seus funcionários independententemente de acordos individuais ou coletivos[57]. Essa experiência pode ser percebida pelas empresas como uma oportunidade de redução de custos significativa (como os custos com o transporte e aluguéis, por exemplo), o que implica a possibilidade de sua adoção como algo permanente no futuro pós-pandêmico. Em matéria publicada pela revista Exame[58], no final de 2020, já eram apresentados os resultados de pesquisas que apontavam o desejo, no futuro pós pandêmico, de flexibilização do trabalho nas empresas que incluía o *home office* algumas vezes por semana, permanecendo, dessa forma, um modelo híbrido de modalidade de trabalho.

Embora as condições e o fornecimento de equipamentos necessários para o exercício laboral em *home office* devam ser acordadas entre empregador

56 . MILITÃO, B. Pandemia da covid-19 acentuou precarização das relações de trabalho**. Jornal da USP**, 20 jul. 2020. Disponível em: jornal.usp.br/atualidades/pandemia-da-covid-19-acentuou-precarizacao-das-relacoes-de-trabalho/. Acesso em: 08 maio. 2021.

57 . Com o advento da pandemia foi editada a Medida Provisória 927, extinta em julho de 2020, determinando ao empregador a possibilidade de alterar o regime de trabalho de seu funcionário independente de acordos individuais ou coletivos.

58 . SENA, V Afinal, qual será o tamanho do home office no pós-pandemia? Depende. **Revista Exame**, 21 dez. 2021. Disponível em: exame.com/carreira/afinal-qual-sera-o-tamanho-do-home-office-no-pos-pandemia-depende/ . Acesso em: 08 maio. 2021.

e funcionário, ainda há a possibilidade de transferência de custos para os trabalhadores, que inclui a utilização de energia elétrica, internet, equipamentos próprios, adaptação de seu ambiente de modo a torná-lo ergonômico, indefinição de horários ou excesso de horas de horas de trabalho, etc. Nesse sentido, que profissões e cargos poderão ser submetidos a essa modalidade por tempo indeterminado? Qual o nível de escolaridade exigida para os ocupantes desses cargos? Como ficarão os relacionamentos interpessoais desses trabalhadores e trabalhadoras? Esses são alguns aspectos que ensejam ainda alguma reflexão.

O que fica claro é que o acontecimento pandêmico acelerou e acentuou a precarização das relações de trabalho e o futuro pós pandêmico poderá se desenvolver em piores condições, agravando-as ainda mais. Com a ampliação da informalidade, considerando a reduzida oferta de trabalhos estáveis, haverá ainda a consequente redução de contribuição previdenciária desses trabalhadores, o que poderá acarretar também na redução ou extinção de aposentadorias.

A agudização do necroliberalismo com o aumento dos descartáveis. Da mesma forma que escancarou e aprofundou as facetas mais sombrias das desigualdades entre e dentro dos países, a pandemia reforçou a visão neoliberal da existência de *descartáveis* e da possibilidade de transformar em mercadoria tudo aquilo que pode produzir valor econômico, além de terra, trabalho e dinheiro. Os descartáveis foram globalmente ampliados para além de classes sociais ou grupos racializados, e se estenderam para nações e continentes. A desigual distribuição da vacina contra a Covid-19 no mundo reflete essa lógica do descarte, já que os países capitalistas do Norte Global concentram a produção e o acesso às vacinas e defendem a propriedade intelectual de suas corporações farmacêuticas, ampliando ainda mais as brechas existentes em relação ao Sul Global e o número de descartáveis[59].

59 . Das 12,5 bilhões de doses planejadas para produção de vacinas em 2021, 5,4 bilhões já haviam sido encomendadas pelos países ricos. Fonte: THE EIU's latest vaccine rollout forecasts. **The Economist**, 28 abr. 2021. Disponível em: eiu.com/n/eiu-latest-vaccine-rollout-forecasts/. Acesso em: 08 maio. 2021.

Segundo Harvey (2011), no projeto neoliberal, em momentos de crise econômica, a responsabilidade do Estado não é salvar vidas, mas as instituições financeiras por meio de políticas de fortalecimento da classe capitalista que privatizam os lucros e socializam os riscos. Nesse sentido, o neoliberalismo pós-pandêmico poderá agudizar ainda mais a sua característica de necroliberalismo, ou seja: um neoliberalismo que gera, produz e se auto-reproduz da morte e, portanto, do descarte dos indesejáveis do sistema — como ocorre no extermínio de pessoas negras e pobres da periferia das grandes cidades, no genocídio dos povos indígenas, na destruição ambiental, no encarceramento em massa, bem como na superexploração da força de trabalho, que indigna, miserabiliza, exclui e mata (Frota, 2021)[60].

8. Sinais de que o melhor será melhor. A consolidação e articulação dos sinais de que o pior será pior, como os exemplos emergentes de formas de reprodução e reconfiguração de processos de exploração, expropriação, colonialidade e multiplicação de dominações diversas aponta para futuros distópicos e para uma obrigação política e moral de evitá-las.

Conforme aponta Han, o vírus é também uma crise no sentido etimológico de *krisis*, que significa *ponto de inflexão*[61]. Ou seja, num tempo de *pachakuti*, estamos sendo chamados para mudanças do nosso modo de vida com uma revisão de nossas sociedades de forma a substituir futuros distópicos por futuros utópicos que permitam a construção de emancipações[62].

60 . FROTA, F. L. A. A pandemia, o trabalho e a política da morte. **Justificando**, 29 abr. 2021. Disponível em: justificando.com/2021/04/29/a-pandemia-o-trabalho-e-a-politica-da-morte/. Acesso em: 09 maio. 2021.

61 . HAN, BC. La emergencia viral y el mundo de mañana. *In*: Giorgio, A. et. al. **Sopa de Wuhan:** Pensamiento contemporáneo en tiempos de pandemias. Ed.: ASPO, 2020. pp. 97-112. Disponível em: dialektika.org/wp-content/plugins/algori-pdf-viewer/dist/web/viewer.html?file=https%3A%2F%2Fdialektika.org%2Fwp-content%2Fuploads%2F2020%2F04%2FSopa-de-Wuhan-ASPO.pdf. Acesso em: 22 jan. 2021.

62 . Ernesto Laclau procura, com sua política radical, deixar de lado a concepção da plena presença da emancipação como uma que pode abarcar todo o social como tal. Ao invés dessa *ideia metafísica*, o que temos são demandas emancipatórias diferenciais, de diversas índoles e que supõem o enfrentamento e a superação de relações de opressão determinadas. Reconhecer essa diversidade não implica negar que a superação e liberação dessas opressões possam se dar pela articulação — historicamente contingente — dessas demandas num *povo* que, através de lutas pela igualdade, procura a desarticulação de relações de dominação expressadas no universo simbólico hegemônico. Ver: LACLAU, E. **Emancipación y diferencia**. Buenos Aires: Ariel, 1996. E também: BIGLIERI, P. Populismo y emancipaciones. La política radical hoy. Una aproximación (con variaciones) al pensamiento de Ernesto Laclau. **Revista Mexicana de Ciencias Políticas y Sociales.** Universidad Nacional Autónoma de México, Nueva Época, Año LXII, núm. 229, enero-abril de 2017, p. 245-262.

Os sinais para uma transformação são diversos e implicam um desafio para analistas e políticos, no sentido de saber distinguir no novo aquilo que é germe ou semente de transformação das diversas relações de dominação consolidadas pelo capitalismo e pelo neoliberalismo. Esse exercício de decifra-mento assemelhado à da esfinge *decifra-me ou te devoro* implica que é preciso ampliar o nosso olhar para as diferentes dimensões da realidade com foco nas potencialidades de transformação.

Nos capítulos 5 e 6 deste livro, detalhamos alguns cenários que intelectuais, políticos e militantes vêm "decifrando" e construindo sobre o futuro pós pandêmico. Nesta conclusão, gostaríamos de destacar alguns sinais de transformação: uma nova onda reformista, a centralidade do cuidado e a redescoberta democrática da soberania popular.

Uma nova onda reformista. A eleição do presidente Joe Biden nos Estados Unidos aponta para uma volta do neoliberalismo em que os direitos humanos constituem peça importante não só na construção de sua hegemonia, mas também em sua lógica de reprodução a partir da mercantilização de direitos, sejam estes humanos ou ambientais. Essa *cepa* de neoliberalismo passa a conviver de forma tensionada com uma valorização do Estado e dos serviços públicos de saúde e com a adoção de uma taxação progressiva das grandes fortunas, inclusive das operações financeiras globais, possibilitando atingir o coração do capitalismo financeiro, mas sem destroça-lo.

Essa convivência do neoliberalismo com o que se tem denominado de "Estado de Bem-estar Social 3.0"[63], tanto em países centrais como em alguns países em desenvolvimento, permite a construção de um cenário que poderíamos denominar de reformista, acarretando em melhorias nas situações de vida de um setor considerável da população. O modelo também implica em políticas compensatórias ou redistributivas que podem diminuir o número de *descartáveis* incluindo-os de alguma forma no sistema, ainda que apenas como beneficiários de políticas assistencialistas.

63 . A respeito ver: DARON, A. The Post Covid State. **Project Syndicate**, 5 jun. 2020. Disponível em: project-syndicate.org/onpoint/four-possible-trajectories-after-covid19-daron-acemoglu-2020-06?barrier=accesspaylog. Acesso em: 05 abr. 2021.

A centralidade do cuidado. A pandemia também trouxe para o centro das atenções a importância do cuidado, seja de pessoas doentes ou com sequelas da Covid-19, com com deficiência ou de crianças ou pessoas idosas. Apesar dos reforços negacionistas empenhados pelo projeto necroliberal, ficou evidente a necessidade de valorizar e defender os serviços públicos que considerem os cuidados como questão pública e não privada e que tradicionalmente recai sobre as mulheres.

A valorização do cuidado pode se potencializar com uma antiga demanda dos movimentos ambientalistas, ecologistas, indígenas e decoloniais, que compreende a necessidade de cuidado da natureza — a Mãe Terra, Pacha Mama — como elemento fundamental para construir o caminho para o bem viver.

Além disso, colocar o cuidado no centro das atenções é também uma resposta tanto ao patriarcado, à privatização dos serviços públicos como à mercantilização da natureza, sinalizando um cenário positivo onde é possível superar os problemas estruturais e históricos do nosso mundo pré-pandêmico. Essa centralidade do cuidado, com sua ética correspondente, deixa de ser considerada como o eixo de uma moralidade renovada, e passa a ser o centro de qualquer ação política emancipatória[64].

Outra janela de oportunidade que se abre é a força do movimento de mulheres e feminista interseccional, um feminismo *radical e plebeu*[65] que vinha crescendo antes da pandemia, se constituem como bastão de resistência — como a histórica Marcha das Mulheres Indígenas no Brasil em 2019 e o movimento Black Lives Matter, iniciado nos EUA e que contribuiu para a não continuidade da era Trump — e aumentam o esperançar desse futuro promissor.

A redescoberta democrática da soberania popular. Outro sinal da possibilidade de um futuro transformador aponta para a volta do princípio e a prá-

64 . GAGP, V. **La razón neoliberal. Economías barrocas y pragmática popular**. Buenos Aires: Tinta Limón, 2014.

65 . STOESSEL, S.; RETAMOZO, M. Neoliberalismo, democracia y subjetividad: el pueblo como fundamento, estrategia y proyecto. **REVCOM**. Revista científica de la red de carreras de Comunicación Social, n. 10, Universidad Nacional de La Plata: Argentina, 2020.

tica da soberania popular como pivô para a redemocratização, não só do Estado, mas também da sociedade e inclusive do mercado. O poder disciplinar do capitalismo industrial e a ênfase no gerenciamento de mercado como modelo de governamentabilidade sob a égide do neoliberalismo tentaram aniquilar a soberania popular como base de um mundo democrático e reforçaram o autoritarismo.

A superação real do autoritarismo só virá com o retorno e a valorização da soberania popular como princípio articulador de uma real democracia. Entretanto, essa soberania popular deverá contemplar o reconhecimento e respeito das diferenças e da diversidade, o que implica uma verdadeira reinvenção da própria concepção corrente de soberania popular.

A tarefa é difícil, mas a recuperação dos movimentos sociais de práticas participativas, democráticas e dotados de novas formas de consulta e diálogo com os diversos setores da população — também possibilitadas pelas mídias digitais — são sinais de que cabem serem articulados nessa reinvenção da soberania popular no futuro pós-pandêmico[66]. A eleição no Chile para a convenção constituinte ocorrida em maio de 2021 representa uma importante mudança política e cultural da nova clivagem entre neoliberalismo a anti-neoliberalismo com o triunfo majoritário tanto da *lista del pueblo* como da esquerda partidária, é um exemplo desta redescoberta democrática de soberania popular.

As perguntas centrais que se colocam são: como potencializar esses sinais articulando-os de forma a construir opções de transformação mais duradouras e não conjunturais? Como construir sinergias entre uma possível nova onda reformista, a centralidade do cuidado e a redescoberta democrática da soberania popular a partir da volta dos valores de solidariedade, fraternidade e cooperação, secundarizando o individualismo e a concorrência, tão caros ao neoliberalismo? Como transformá-los em elementos centrais ou norteadores de novas relações culturais, econômicas, sociais e políticas?

66 . Ibidem 65.

No início destas conclusões, apontamos que o acontecimento pandemia poderia ser visualizado como um espelho que amplifica e antecipa as desestruturações, crises e reconfigurações do neoliberalismo. Assim, cabe ressaltar que uma das mensagens mais importantes dessa viagem pelo espelho de Alice é que não é possível mudar o passado, mas sim aprender com ele, no sentido de disputar o presente para construir o futuro que queremos. O acontecimento pandemia, com a disputa política entre os discursos negacionista e científico e a recriação de fronteiras políticas a partir de velhos e novos antagonismos, assinala a volta do político e a possibilidade da criação de vontades coletivas que possam propiciar um aceleramento da construção de emancipações, transformando a utopia em realidade. Nessa perspectiva, o futuro está em aberto.

Grupo de Pesquisa
Discurso, Redes Sociais e Identidades Sócio-Políticas

CONTATO

FACEBOOK
@gpdiscurso

INSTAGRAM
@gpdiscurso

WEBSITE
gpdiscurso.com

TWITTER
@gpdiscurso

YOUTUBE
gpdiscurso

E-MAIL
gpdiscurso@gmail.com

JORGE O. ROMANO (ORG.)

· ANA CAROLINA AGUIAR S. CASTILHO ·
· ANNAGESSE DE CARVALHO FEITOSA ·
· CAROLINE BOLETTA DE O. AGUIAR ·
· DANIEL S. S. BORGES ·
· DANIEL MACEDO L. V. MONTEIRO ·
· EDUARDO BRITTO SANTOS ·
· ÉRIKA TOTH ·
· JUANA DOS SANTOS PEREIRA ·
· JUANITA CUÉLLAR BENAVIDES ·
· LARISSA FERREIRA ·
· LIZA UEMA ·
· MYRIAM MARTINEZ DOS SANTOS ·
· PÂMELLA SILVESTRE DE ASSUMPÇÃO ·
· PAULO A. A. BALTHAZAR ·
· PAULO PETERSEN ·
· RENAN ALFENAS DE MATTOS ·
· RICARDO DIAS DA SILVA ·
· THAÍS P. BITTENCOURT ·
· VANESSA BARRETO ·

APOIO:

actionaid

GRUPO DE PESQUISA

DISCURSO,REDES SOCIAIS E IDENTIDADES SÓCIO-POLÍTICAS

WWW.GPDISCURSO.COM
@GPDISCURSO
GPDISCURSO@GMAIL.COM